

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

**IDENTIDADE CULTURAL DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA A
PARTIR DE DEPOIMENTOS (1950-2000)**

Silvia Regina Vieira da Silva

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – Área de concentração em Ensino e Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosófico-Científicos, para a obtenção do Título de Doutora em Educação Matemática

Rio Claro (SP)

2004

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza.....

Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica

Prof. Dr. Antonio Miguel

Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna.....

Prof^a Dra. Miriam Godoy Penteado.....

Aluna: Silvia Regina Vieira da Silva.....

Rio Claro-SP, ... de de

Resultado:

Ao meu marido, Paulo, e à minha filha,
Camila, sem os quais a minha existência não
seria plena.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o apoio de alguém com o qual aprendi a ver a vida e as pessoas com outros olhos: o prof. Antonio Carlos Carrera de Souza, meu orientador.

Às pessoas ligadas à pós-graduação da Unesp, com as quais tive um contato maior: Ana Maria, Sylvio, Déinha, Neide, a professora Laurizete, Gilli, Patrícia, Regina, “Chatô”.

Ao pessoal do grupo de pesquisa “História Oral e Educação Matemática”, do qual faço parte desde agosto de 2002: Gilda, Michela, Helenice, Carlos Vianna, Vicente, Ivete, Rosinéte, Heloísa, Emerson, Luzia, Ednéia, Ivani, Zionice e Marisa.

Ao meu sogro e sogra (*in memoriam*); às cunhadas e cunhados que, ao cuidarem da minha filha, deram infra-estrutura para que o meu trabalho progredisse.

Aos amigos Rogério, Sônia, Renato César, Adriana, Geraldinho e Ieda, pelos momentos de descontração nos quais pudemos trocar experiências.

À equipe da Escola Infantil “Fazendo Arte”, onde pude desfrutar, junto com a minha filha, do convívio de pessoas fenomenais, uma verdadeira família.

Em especial, aos meus entrevistados, pessoas que aprendi a admirar, com as quais pude refletir sobre a minha vida profissional e pessoal e sem as quais este trabalho não teria sido possível. São elas: Clara Betanho Leite, Améris De Lourdes Viti Betti, Clodoaldo Pereira Leite, Regina (codinome)¹, Sérgio Pedroso, Maria Lígia Venturi Giannotti, Maria Silvia Isler, Sidnei Luís Riani Seneme, Patrícia Rosana Linardi, Carlos Alberto Francisco.

À professora Eliete Marly D’Onofrio, com a qual tive o prazer de reviver os tempos de colégio – quando ela foi minha professora – nas várias vezes em que discutimos as correções de Português deste trabalho.

À professora Jurema, minha professora de Desenho Geométrico do colegial, pelo auxílio na busca por entrevistados.

Aos funcionários da UNESP, de uma forma geral; em especial, aos funcionários do Departamento de Matemática e do Departamento de Educação.

Ao PICDT/Capes, pelo apoio financeiro.

¹ A professora, em questão, sentiu-se mais à vontade omitindo o seu verdadeiro nome.

(...) porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, p. 109, 2000)

IDENTIDADE CULTURAL DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA A PARTIR DE DEPOIMENTOS (1950-2000)

Resumo

Nesta pesquisa promovemos uma discussão a respeito da identidade cultural do professor de Matemática – aquela que surge da “pertença” à cultura escolar. Para isso, entrevistamos dez professores de Matemática da rede de ensino público de Rio Claro – dois professores em cada década, no período compreendido entre 1950-2000 – que, através de suas narrativas permitiram a utilização da História Oral, como um procedimento de pesquisa. A memória foi suscitada através de entrevistas que, depois de transcritas, por nós, e validadas pelos entrevistados, serviram de base para a confecção das textualizações que motivaram a elaboração de quatro tendências históricas. Estas sugerem que o sujeito professor de Matemática passou por vários descentramentos que levaram à fragmentação da sua identidade. Isso significa que o “sujeito professor de Matemática” é oblíquo, transversal e parcial em suas crenças e verdades; a sua identidade é constituída a partir disso. As tendências mostram que, apesar dos descentramentos, algumas características permaneceram, embora parcialmente. A identidade apenas deixou de ser una, estável, previsível; tornando-se uma “*celebração móvel*”: formada e transformada continuamente em relação às suas práticas docentes e posições sociais. Assim, estudamos as formas pelas quais os professores são representados ou interpelados no sistema cultural em que vivem.

Palavras-chave: Professor, Educação Matemática, Identidade Cultural, História Oral, Fragmentação.

CULTURAL IDENTITY OF THE MATHEMATICS TEACHER BASED ON DEPOSITIONS (1950-2000)

Abstract

In this study, we promote a discussion regarding the cultural identity of the mathematics teacher – that which arises from “belonging” to the school culture. We interviewed ten mathematics teachers from the public school system in Rio Claro, São Paulo, Brazil – two teachers from each decade in the period 1950-2000. Their narratives were used as a basis for using Oral History as a research methodology. Memories were aroused through the interviews which, after transcribed, and later validated with the interviewees, served as a basis for creating the texts that lead to the elaboration of four historical tendencies. These suggest that the “subject mathematics teacher” went through various *descentramentos* (sensations of disconcertion or disorientation), that lead to the fragmentation of their identity. This means that the “subject mathematics teacher” is oblique, transversal, and partial in his/her beliefs and truths; it is the basis for the constitution of his/her identity. The trends show that, in spite of the *descentramentos*, some characteristics remain, albeit partially. The identity is simply no longer one, stable, predictable, becoming a “mobile celebration”, continuously formed and transformed in relation to his/her teaching practices and social position. Thus, we studied the ways in which the teachers are represented or questioned within the cultural system in which they live.

Key words: teachers, mathematics education, cultural identity, oral history, fragmentation.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo 1 – Inquietações e procedimentos metodológicos.....	13
Capítulo 2 – História Oral e Identidade Cultural.....	25
Capítulo 3 – Prelúdios.....	43
Capítulo 4 – Vidas e professores.....	60
Clara Betanho Leite.....	61
Améris De Lourdes Viti Betti.....	75
Clodoaldo Pereira Leite.....	88
Regina.....	102
Sérgio Pedroso.....	117
Maria Lígia Venturi Giannotti.....	129
Maria Silvia Isler.....	149
Sidnei Luís Riani Seneme.....	162
Patrícia Rosana Linardi.....	182
Carlos Alberto Francisco.....	202
Capítulo 5 – Tendências.....	228
Capítulo 6 – Considerações finais.....	251
Referências bibliográficas	255
Anexos e Material Scaneado	260

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa promovemos uma discussão a respeito da Identidade Cultural do Professor de Matemática. Para tanto, utilizamo-nos dos procedimentos da História Oral, entrevistando 10 professores da rede de ensino público de Rio Claro e pretendendo “obter enunciações em perspectiva dos entrevistados”¹, tendo como tema a identidade cultural, utilizamo-nos, essencialmente, do discurso² de cada um deles. Ou seja, tomando como referencial Hall (2002), trabalharemos com os aspectos das identidades que surgiram da “pertença” de alguns sujeitos à cultura escolar, enquanto professores de Matemática do ensino fundamental e/ou médio de Rio Claro-SP – um tipo de identidade cultural. Assim, em cada discurso, em forma de textualização, buscaremos como cada sujeito (no processo de identificação com o magistério via Matemática) se identificou como professor(a) de Matemática. A partir daí, elaboraremos uma História Oral amparada, teoricamente, em Ariès (1990) – tendências.

Como educadores matemáticos que utilizam procedimentos da História Oral faz-se necessário deixarmos explícita a nossa concepção de História Oral. Pensando em História, enquanto Clássica, e tomando como referencial as fontes utilizadas, entendemos que existem três procedimentos de pesquisa distintos que dão origem, respectivamente à História: Documental, Monumental e Oral.

Os historiadores orais, através das falas, dos discursos, dos silêncios ou da linguagem, têm como ferramenta a memória, que não se presta somente ao armazenamento de lembranças. Segundo Bosi (1992), a memória articula-se na vida social através da linguagem e vive do tempo que passou, mas, dialeticamente, supera-o pois, através da reversibilidade temporal, promove a simultaneidade.

Foi através da entrevista (oralidade) que chegamos à memória, porém existem historiadores orais que se utilizam de outras fontes – fotos, imagens, biografias, diários, documentos oficiais, etc. – numa tentativa de enriquecimento dos depoimentos coletados. Entretanto, no Brasil, segundo Meihy (2000, p. 95), “os esforços mais progressistas consistem em promover a história oral “pura”, ou seja, a que propõe

¹ Frase proferida pelo professor Antonio Vicente Garnica (UNESP-Bauru), no I Seminário de Pesquisa em História Oral e Educação Matemática, realizado em Bauru, nos dias 26 e 27 de agosto de 2003.

² Neste trabalho, os termos narrativa e discurso serão livremente utilizados, pois cada entrevistado teve a chance de contar a sua versão da história e, posteriormente, nas várias correções, pôde organizar o material que será apresentado no corpo da tese (textualização).

diálogo com outras fontes orais e menos com a história oral “híbrida”, ou ainda aquela que cruza documentos variados”.

Tendo em mãos o material coletado, o historiador oral, amparado teoricamente em conceitos históricos, poderá, então, fornecer uma História baseada em depoimentos. Ou seja, ao propor uma História Oral, não podemos e não devemos abrir mão da teoria histórica já construída, pois só assim poderemos fornecer uma “enunciação em perspectiva” histórica, baseada nos depoimentos, a qual, assim como na História Documental ou na Monumental, não se constitui em uma verdade pronta e acabada; é uma versão dos acontecimentos a ser acrescentada às já existentes.

O nosso trabalho, como já mencionamos, é baseado na teoria histórica proposta por Ariès (1990), em que encontramos argumentação para fundamentar tendências históricas de mudança e conservação.

Consideramos a fita K-7, ou de vídeo, ou, ainda, o MD, documentos da História Oral, uma vez que neles podemos encontrar a oralidade que envolveu a entrevista. Contudo, alguns historiadores, ao invés da divulgação desses documentos, optam pela divulgação das transcrições literais das entrevistas, que contêm “erros” de oralidade; outros optam por uma versão da transcrição que já foi corrigida pelo entrevistado; outros, ainda, disponibilizam somente a edição final da entrevista. Enfim, em qualquer dos casos, a divulgação só deve ser realizada em comum acordo entre entrevistador e entrevistado.

No nosso caso, particular, como algumas das transcrições, que já tinham sido corrigidas pelos entrevistados, continham assuntos que foram, posteriormente, cortados, quando efetivada a correção da textualização (edição final da entrevista), entendemos por bem não divulgar as transcrições. Acreditamos que o nosso trabalho não fica prejudicado pelo fato de não publicarmos a fita e as transcrições (corrigidas, ou não). Muito pelo contrário, ao fazermos valer o acordo firmado, desde o primeiro dia da entrevista, de não publicarmos falas não autorizadas, fortalecemos o trabalho como um todo. Nada impede, no entanto, que, num trabalho posterior, em comum acordo com os entrevistados, nós disponibilizemos as fitas e as transcrições para um centro de memória.

Compartilhando da idéia desenvolvida em Augrass (1997), ainda gostaríamos de ressaltar que a História Oral, por envolver o encontro entre, pelos menos, duas pessoas

– entrevistado e entrevistador – inclui a dimensão da intersubjetividade. Os personagens envolvidos, desde o primeiro contato, interagem e juntos constroem o testemunho³, então, devemos levar em conta a subjetividade do entrevistado, assim como, a do entrevistador⁴. Dessa forma não podemos deixar de considerar a História Oral como intersubjetiva.

Explicitadas as nossas concepções, antes de descrevermos como nosso trabalho foi organizado, faz-se necessária a menção do que obtivemos ao efetivarmos revisões bibliográficas, envolvendo o tema identidade e educação: “Memória e identidade: a travessia de velhos professores através de suas narrativas orais”. Trata-se da tese de Doutorado de Nerli Nonato Ribeiro Mori, defendida, em 1995, na USP, no Departamento de Psicologia. Nesse trabalho, a partir da análise das memórias de sete professores primários – entre 62 e 75 anos –, que atuaram no interior norteparanaense, a autora discute a construção da identidade individual e grupal do magistério primário. Para isso, utilizou-se de categorias encontradas nas edições das histórias de vidas e depoimentos dos entrevistados; a autora considera técnicas a história de vida e o depoimento.

Se não bastasse a descrição anterior para mostrarmos as diferenças entre os nossos trabalhos, mencionaríamos, ainda, que a autora não faz uma História Oral dos professores envolvidos.

Vale a pena salientarmos que a tese encontrada – assim como outras pesquisas que foram desenvolvidos na época – sofreu influência do trabalho de Ecléa Bosi, “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”; considerado um marco na História Oral.

O trabalho que elaboramos a partir de uma perspectiva em que vão sendo tecidas tanto teoria, quanto vidas, no qual pretendemos propor uma reflexão sobre a identidade cultural do professor de Matemática, não uma generalização a partir de entrevistas, está dividido da seguinte maneira:

³ Os termos entrevista, depoimento e testemunho, também, serão utilizados livremente, pois, cada entrevistado, através das entrevistas que foram realizadas, teve a chance de organizar a sua narrativa, contando acontecimentos que vivenciou.

⁴ Eu, Silvia, como personagem envolvida, gostaria de, resumidamente, descrever a minha formação. Sempre estudei em escolas públicas; terminei a Licenciatura em Matemática na UNESP-Rio Claro, em 1991 e, em 1992, iniciei o mestrado em Matemática, na USP-São Carlos, vindo a concluí-lo somente em 1995. Trabalhei dois anos em uma escola estadual e seis meses em uma municipal, ambas em São Carlos. Desde 1996, sou professora de um curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

No capítulo 1, “Inquietações e procedimentos metodológicos”, descrevemos, detalhadamente, a trajetória da nossa pesquisa; todas as mudanças ocorridas no projeto inicial, as etapas percorridas para a execução das entrevistas, explicitamos as nossas opções, inquietações, ressalvas, enfim, descrevemos todos os passos percorridos depois de nos indagarmos sobre o nascimento da profissão do professor de Matemática no Brasil.

No capítulo 2, “História Oral e identidade”, apresentamos um panorama envolvendo História, História Oral e Identidade Cultural, buscando mostrar algumas relações entre elas; em particular, o momento em que a História Oral encontrou maiores condições para o seu desenvolvimento.

Assumimos que a História Oral é intersubjetiva, então, não poderíamos deixar de explicitar a nossa percepção com relação à trajetória de Paschoal Lemme, uma vez que a mesma teve influência na execução das entrevistas. Dessa forma, no capítulo 3, “Prelúdios”, pela descrição da sua trajetória de vida, explicitamos a nossa percepção com relação ao processo de identificação de Paschoal Lemme com a Educação, via magistério (passando pela Matemática).

No capítulo 4, “Vidas e professores”, apresentamos o fruto das nossas entrevistas – as textualizações – que proporcionam ao leitor o acesso às histórias de tempos e vidas de professores de Matemática peculiares, que, normalmente, não constam de manuais ou livros de História da Educação e que se teriam perdido, caso não tivessem sido documentadas.

No capítulo 5, “Tendências”, tomando como referencial as textualizações apresentadas no capítulo 4 e a teoria histórica proposta por Ariès (1990), fornecemos, através da descrição das tendências selecionadas, uma história baseada em depoimentos.

Finalmente, no capítulo 6, “Considerações finais”, promovemos uma reflexão envolvendo identidade cultural e professor de Matemática, que nos leva a perceber que, nos tempos atuais, teremos que aprender a conviver com o diferente, caso contrário, corremos o risco de nos transformarmos em “monstros” e, assim, morrermos como sujeitos professores de Matemática. [Voltar sumário](#)

CAPÍTULO 1

INQUIETAÇÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir do momento em que cada um explicita claramente seus pressupostos, seus objetivos e seu método, sem que ninguém esteja convencido de que o seu é o único método que chega a verdade, será possível um diálogo... (JOUTARD, 2000, p.38)

Primeiros passos

Durante a leitura de Gramsci (1985), em que o autor se ocupa com o papel dos intelectuais na sociedade, surgiu-nos uma dúvida: quando teria sido criada a profissão de professor de Matemática no Brasil?

Interessante que, fazendo-nos tal pergunta, não levamos em conta o fato – que poderia ser natural – de a profissão ter sido criada com o surgimento de cursos especializados.

Tentando responder à pergunta suscitada por Gramsci(1985), passamos primeiramente, por Cunha (1980), Pinto (1986), Gianotti (1986), Nagle (1974), Xavier (1980), para, depois, chegar a Prado Jr (2000), Prado Jr (1969), Sodré (1972), Azevedo (1976), Mattos (1958), Haidar (1972), Holanda (1995), Paiva (1987), Xavier (1994) e Fausto (1995).

A primeira idéia foi tentar elaborar uma caracterização do que seria, ou do que se esperava que fosse, um profissional em Educação Matemática em nível fundamental e médio para, então, buscar quando e em que condições tal profissão se teria realmente efetivado. Mas a dificuldade na elaboração de tal caracterização fez com que buscássemos, nos autores citados, pelo menos, quem teria exercido a função de professor de Matemática até a época de especialização da função.

Surgiu, então, a idéia das entrevistas. A primeira intenção foi contactar professores para verificar como eles viam a questão da profissionalização e se realmente se sentiam profissionais, mas, como ainda não tínhamos um critério para a seleção dos entrevistados, não avançamos nessa parte, naquela época.

Continuamos as leituras e releituras e foi aí que percebemos que os livros selecionados dariam subsídios relacionados com a profissionalização do professor de Matemática, no período de 1549-2000.

Por que 1549? Porque os livros que tínhamos lido consideravam, ou subentendiam, que os jesuítas tinham sido os nossos primeiros educadores. E foi

em 1549 que os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil. Isso não implica que, antes, não tenha existido algum tipo de ensino.

Nessa época, surgiu o primeiro critério para a entrevista: selecionar professores de Matemática que teriam iniciado a carreira entre 1950 e 2000.

Por que 1950-2000? 1950, porque tínhamos perspectivas de encontrar professores vivos que tivessem começado a dar aula na década de 1950. Já a década de 1990 nos pareceu mais adequada, pois, estando em 2000, poderíamos conciliar os prazos (tempo de pesquisa, por exemplo) que nos são cobrados enquanto doutorandos, e a localização de entrevistados que já tivessem alguma experiência no magistério.

Com base nesse critério contatamos alguns professores, uns, que tinham dado aula em universidade, outros, no ensino fundamental e/ou médio. Mas, como ainda não estávamos totalmente seduzida pela situação, de novo, naquele momento, não avançamos nesse processo.

De qualquer forma, se as entrevistas abrangessem o período de 1950-2000, o período de 1549 a 1950 seria coberto pelo que tínhamos assimilado da literatura selecionada. Assim, teríamos abrangido o período de 1549-2000.

Numa tentativa de aperfeiçoamento da idéia das entrevistas, quase nos deixamos seduzir por uma pesquisa quanti-quali. Para isso, seriam utilizados os dados fornecidos, via "entrevistas qualitativas", por aqueles professores selecionados por décadas. Mas, nesse caso, os professores da rede também teriam voz através de "questionários quantitativos". O que ficou dessa "quase sedução" foi a possibilidade de ouvir só os professores da rede.

Nessa mesma época, motivada pela leitura de Xavier (1994), encontramos algumas citações que nos levaram às Memórias de Paschoal Lemme - uma coleção composta por cinco volumes. Assim, no dia da "busca" aos entrevistados, já estávamos impregnada de Paschoal Lemme.

Dia da busca

Por questões de facilidade, auxiliada pelo orientador, começamos a busca (via telefone) por Rio Claro. Primeiro, tentamos encontrar pessoas que nos pudessem indicar nomes de conhecidos que tivessem iniciado a carreira como professores de Matemática, nas décadas de 1950 e 1960, o que, ao nosso ver, seria a tarefa mais

difícil. Conseguimos localizar duas professoras da década de 1950 e uma da década de 1960.

Naquele dia, surgiu a possibilidade de podermos ouvir um homem e uma mulher em cada década, e isso nos animou, não porque quiséssemos satisfazer à academia, ou a qualquer regra estabelecida, mas porque seria interessante ouvir os dois sexos pelo simples motivo de termos professores e professoras dando aula de Matemática na rede. Assim, por que não ouvir a ambos?

Como a etapa que pensávamos ser a mais difícil estava encaminhada, antes de prosseguirmos as ligações, tentamos organizar um quadro com alguns nomes e percebemos que existia a possibilidade de localizarmos todos os entrevistados em Rio Claro, contemplando inclusive a questão de gênero. Entramos em contato com algumas pessoas e, naquele dia, só faltou confirmar a participação do professor da década de 1960 (não estava em casa), localizar um professor e uma professora da década de 1980 e confirmar a participação de uma professora da década de 1990.

No entanto as possibilidades de confirmação eram muito grandes, então só nos restaria localizar um professor e uma professora da década de 1980. Ou seja, em um dia, tínhamos conseguido entrevistados suficientes para iniciarmos as entrevistas e fecharmos um critério: a pessoa deveria ter iniciado a carreira como professor de Matemática, na rede pública (e permanecido nela), no ensino fundamental e/ou médio, na década em questão, sem ter necessariamente feito curso de licenciatura.

Por que professores da escola pública? Precisávamos de um critério para que a pesquisa iniciasse e, como tínhamos em mente nomes de professores da rede, efetivamos a opção. Além disso, fomos aluna de escolas públicas e, atualmente, somos professora de universidade pública.

E por que dez? Quando pensamos em uma pesquisa quanti-quali estávamos, no fundo, querendo aproximar-nos de um número maior de pessoas. Mas, depois de levarmos em consideração o tempo do qual teríamos que dispor para a execução da pesquisa, os prazos exigidos e a metodologia que pretendíamos seguir, chegamos à conclusão de que duas pessoas, em cada década, nos forneceriam material suficiente para encaminhamento das nossas questões. E, como conseguimos localizar professores a partir de 1950, chegamos a dez entrevistas.

E por que não exigir o curso de licenciatura? Porque, desde a primeira pergunta motivadora (quando teria sido criada a profissão de professor de

Matemática no Brasil?) não estávamos associando a profissão de professor de Matemática à criação de um curso que passou a autorizá-lo a continuar exercendo atividades que já exercia antes.

Ressalvas

Gostaríamos de ressaltar que, depois do dia do primeiro contato, tivemos uma certa dificuldade para localizar os professores da década de 1980. A professora selecionada para essa década iniciou a carreira em 1978, inclusive. Mas, tendo em vista as dificuldades de localização, o interesse da professora e a importância da sua história de vida, resolvemos considerá-la.

Além desta exceção, consideramos duas professoras na década de 1950, pois o professor que tinha sido indicado por uma das entrevistadas estava em tratamento médico.

Assim, com base nos critérios iniciais, adaptamo-nos à situação encontrada.

Roteiro da entrevista e Paschoal Lemme

Antes de efetivar os contatos, já vínhamos trabalhando no roteiro da entrevista, mas o mesmo só tomou forma final depois de definidas as pessoas. Além disso, como esse processo que envolve as entrevistas acabou acontecendo na mesma época da descoberta das Memórias do Paschoal Lemme, as "coisas" ficaram meio misturadas. Então, o roteiro acabou sendo uma mistura de expectativas, dúvidas, pitadas de influência de Paschoal Lemme e um pouco do que já tinha sido lido na época.

E, por falar em Paschoal Lemme... Depois daquele dia reservado para a localização dos entrevistados, devido às influências que motivaram o roteiro, uma idéia começou a seduzir-nos: considerar Paschoal Lemme como um entrevistado em potencial, ou seja, utilizar as suas Memórias, Lemme (1988), para dar as respostas "exigidas" pelo roteiro. Esse educador de renome, além de ter exercido a função de professor de Matemática desde 1923, numa época rica em acontecimentos, nos fornecia, naquele momento, histórias que já não podiam ser contadas por alguém "ao vivo e em cores", e que jamais poderiam ser relatadas num livro de História da maneira envolvente como ele o fez.

Esboço da pesquisa – antes da qualificação

Com a proposta de estar “olhando” a formação do professor de Matemática, desde 1549, através da profissionalização, a pesquisa, então, ficou delineada da seguinte maneira

- **1549 ⇒ 1920:** estaríamos compartilhando uma visão baseada nos acontecimentos históricos coletados através dos livros lidos
- **1921 ⇒ 1950:** "entrevista" com o professor Paschoal Lemme
- **1951 ⇒ 2000:** em cada década, no período considerado, entrevista com dois professores de Matemática do ensino fundamental e/ou médio da rede pública de Rio Claro, preferencialmente um de cada sexo, sendo que a década estaria relacionada ao ingresso do professor no magistério (independente de concurso).

Assim, com as entrevistas e os acontecimentos históricos relacionados com a profissionalização, pretendíamos responder às seguintes perguntas:

- Quando se deu a profissionalização do professor de Matemática?
- Quais as razões históricas que permitiram essa profissionalização?

E, mais especificamente, com relação às entrevistas, tentaríamos responder :

- Qual o tipo de profissional formado pela licenciatura em Matemática?

Entrevistas – antes da qualificação

Com relação à nossa postura, no primeiro dia de entrevista, pelo menos duas atitudes foram comuns a todas (as outras dependeram do contexto): uma explicação ao entrevistado sobre o projeto e, em seguida, uma explicação sobre os procedimentos que seriam utilizados.

Nenhum entrevistado pediu o roteiro antes da primeira entrevista. Um deles, no dia da entrevista, apenas lamentou não ter tido acesso com antecedência e foi só. Estávamos preparados para encaminhá-lo, caso alguém pedisse, mas confessamos ter gostado da maneira como aconteceu, espontaneamente. Acreditamos que, se eles tivessem lido com antecedência, perderíamos toda a emoção de perceber a reação de cada um deles ao se lembrarem de um acontecimento. E, apesar de não termos registrado essa emoção com uma câmera de vídeo (o que teria sido sensacional), foi ela que nos deu ânimo para o trabalho posterior (transcrição, textualização, análise).

O gravador viabilizou o registro em fita K-7. Mas, antes de iniciar a gravação, solicitamos a cada entrevistado que assinasse um termo de autorização. Todos assinaram o documento sem nenhuma resistência.

Além disso, o primeiro contato com todos os entrevistados foi direcionado por um único roteiro. Vale a pena salientar que a maioria dos entrevistados optou por fazer uma discussão sobre o roteiro antes de ser efetivada a gravação.

A existência de um roteiro não impediu a realização de outras perguntas. Percebendo algo a ser explorado, outras perguntas foram feitas e, caso essa percepção tivesse falhado, ainda havia a possibilidade de fazê-las num outro dia, numa segunda entrevista, mediante um roteiro individualizado.

Segunda entrevista

Desde que a idéia relacionada com as entrevistas amadureceu, já estava planejada a execução de uma segunda entrevista. Os entrevistados foram informados a respeito, inclusive, logo no primeiro dia. Assim, poderíamos aprofundar possíveis questões suscitadas na primeira entrevista. Mas esse segundo momento foi muito mais do que isso. Explicamo-nos.

Depois de gravada, a entrevista foi transcrita e submetida aos entrevistados para que eles pudessem fazer correções (inclusões, exclusões, etc.). Após um certo tempo, foi marcado um outro encontro para que essas correções fossem discutidas (todos manifestaram surpresa com os vícios de fala) e uma segunda entrevista realizada.

O roteiro dessa segunda entrevista era baseado na primeira transcrição, assim, acabou se tornando personalizado. Então, dependendo do que era dito na primeira entrevista, o segundo roteiro poderia conter quatro ou quinze questões. E, como da primeira vez, surgindo brecha para outras perguntas, elas foram feitas.

A elaboração deste segundo roteiro foi guiada, essencialmente, por tentativas de esclarecimentos e aprofundamento de determinadas questões, relacionadas com a pesquisa.

Em nenhum momento pensamos em refazer questões – salvo quando o gravador parou. Para nós, o que valia era o discurso realizado naquele dia. Se, por acaso, o entrevistado percebesse que algo poderia ser acrescentado, ou corrigido, ele mesmo tinha a possibilidade de executar correções nas tantas visitas que realizamos.

Por que então a segunda entrevista foi mais do que nos propuséramos? Primeiro, porque, em muitas das entrevistas, empolgados com as histórias contadas, esquecemo-nos de fazer algumas perguntas do roteiro. Então, numa segunda vez, esse deslize pôde ser reparado.

Segundo, porque algumas situações puderam ser amenizadas, como o caso do gravador que, sem que percebêssemos, parou de funcionar num determinado momento da primeira entrevista de uma das entrevistadas. Mesmo sabendo que, o que tinha sido dito no primeiro contato jamais poderia ser repetido da mesma forma, numa outra oportunidade, conseguimos efetivar o registro do depoimento, o que era imprescindível.

Além dessas vantagens, uma segunda entrevista pode estreitar o relacionamento entre as partes, o que possibilita que o entrevistador demonstre o seu compromisso e, assim, conquiste a confiança do entrevistado.

Tecnologias

O gravador – apesar daquela “parada” – foi indispensável para a execução da pesquisa. Os entrevistados que aparentaram incômodo com a gravação, pareciam estar mais à vontade na segunda entrevista, ou pela maior familiaridade com o aparelho, ou com a entrevistadora.

A transcrição das entrevistas foi realizada com o auxílio de um outro aparelho: o “transcriber”. Com ele, tivemos a possibilidade de testar a nossa coordenação motora. Ao mesmo tempo que ouvíamos (fone), digitávamos e comandávamos a posição da fita com os pés por meio de um pedal – um recurso sensacional, sem o qual não teríamos conseguido transcrever as entrevistas rapidamente.

Transcrição

As transcrições foram quase literais. Por que quase? Porque, desde o primeiro contato, tentamos deixar os entrevistados à vontade, para falarem o que lhes viesse à cabeça e, alguns deles, já no primeiro dia, pediram para excluir algumas falas, o que, no nosso entender era preciso respeitar por ser a vida deles, logo, cabia-lhes o direito de escolher o que queriam que aparecesse.

Além disso, alguns “erros” de oralidade, transcritos nas primeiras cinco entrevistas e vetados na primeira correção, acabaram sendo excluídos nas

transcrições posteriores, seja pela economia de trabalho, seja pelo cansaço que já se tinha instalado naquele momento.

Como a pesquisa se baseia nos discursos de cada entrevistado – não nos silêncios, exclusões ou na sua linguagem – o que não foi transcrito não invalida o material coletado – muito menos o seu discurso. Ao contrário, enriquece-os pois demonstra que prevaleceu o respeito entre ambos – entrevistado e entrevistador.

Redirecionamentos

Antes da qualificação com cinco, dos dez selecionados, já tínhamos efetivado as correções da transcrição da segunda entrevista e, com os outros cinco, a correção da transcrição da primeira entrevista. Com esse material e o que tínhamos avançado com relação ao primeiro esboço da pesquisa – uma mistura de História Oral, História da Educação Brasileira e Paschoal Lemme – efetivamos a qualificação.

Depois de digerirmos o que a banca tinha sugerido e efetivarmos a leitura de material relacionado com a História Oral, percebemos, primeiramente, que a utilização do termo *profissionalização* prejudicava o prosseguimento do trabalho, porque subentendia que tínhamos que inserir o que entendíamos a respeito e, ao invés disso, queríamos captá-lo das falas dos entrevistados.

Além disso, as perguntas que tinham direcionado a pesquisa até aquele momento estavam travando o andamento da pesquisa porque, ao lidar com pessoas, parecia mais sensato discutirmos sobre um tema e não respondermos a perguntas.

Recorremos à bibliografia e, em Joutard (2000), encontramos a seguinte citação: “a memória é um elemento constitutivo da identidade” (JOUTARD, 2000, p. 43). Assim, a História Oral pode ser uma forma de expressão da identidade de grupos, instituições ou nações.

Fomos, então, “autorizada”, teoricamente, a buscar a identidade de sujeitos, enquanto professores de Matemática, na fala dos próprios professores, via História Oral; identidade que é gestada em meio a uma identidade cultural imersa em uma identidade nacional.

Então, ao invés de *profissionalização*, passamos a utilizar o termo *identidade* – que pode ser buscada no discurso – que também passou a ser o tema das discussões. E, depois de lermos Hall (2002), adotamos o termo identidade cultural,

por estarmos lidando com os aspectos das identidades que surgiram da "pertença" de alguns sujeitos à cultura escolar, enquanto professores de Matemática do ensino fundamental e/ou médio de Rio Claro-SP.

Uma outra mudança foi a exclusão de um capítulo relacionado com o período compreendido entre 1549 e 1920. O tema, relacionado à identidade cultural e à História Oral ganhou tamanha força no trabalho, que um capítulo desse tipo perdeu o sentido.

Com relação a Paschoal Lemme, decidimos não considerá-lo como um entrevistado em potencial por vários motivos. Primeiro, porque não restava dúvida de que teríamos que dar um tratamento diferenciado ao material coletado, pois o mesmo não tinha sido obtido via entrevista presencial, logo, não poderia ser considerado como fonte em História Oral. Além disso, as intervenções, criadas para dar um aspecto de entrevista ao material contido nas memórias, poderiam, por exemplo, ser mal interpretadas. E, para completar, o nosso trabalho fortaleceu-se na questão da identidade cultural, via História Oral.

Entretanto, devido à influência que tinha exercido na pesquisa, Paschoal Lemme não poderia ser ignorado. Então, o que fazer?

A resposta veio depois de lermos o Augrass (1997) que, entre muitas outras coisas, afirma:

Se memória e identidade se constroem mutuamente através de um jogo de tensões sociais e pessoais, e são valores disputados pelos diversos grupos aos quais o indivíduo pertence, se até mesmo o encontro da fonte e sua participação na pesquisa são objetos de negociação em que intervém um sem-número de variáveis situacionais e pessoais, então é preciso assumir que a entrevista de história oral se situa no campo da intersubjetividade. (...) Todo encontro entre duas pessoas inclui essa dimensão(...) (AUGRASS, 1997, p. 31)

Então, assumindo que a entrevista em História Oral se situa no campo da intersubjetividade, não poderíamos deixar o Paschoal Lemme fora do nosso trabalho, pois ele teve influência vital no andamento das entrevistas e, conseqüentemente, na pesquisa, uma vez que também motivou a elaboração do roteiro principal.

Como o foco do nosso trabalho havia caminhado na direção da questão da identidade cultural, optamos pela apresentação da maneira como percebemos o processo de identificação desse mestre com a educação, via magistério, envolvendo

a Matemática. E, para isso, descrevemos-lhe a trajetória, contida nas suas Memórias.

Assim, além de serem explicitadas as influências, teremos um panorama relacionado com as pessoas que exerceram atividades como professores de Matemática, abrangendo um período maior.

Portanto, a nossa proposta atual é fazer uma História Oral de professores da rede de ensino pública de Rio Claro, tendo como foco a identidade cultural.

Textualizações

Depois da qualificação, com a transcrição da primeira e da segunda entrevistas de todos os entrevistados, iniciamos o processo de textualização.

O que entendemos por textualização? Um texto elaborado pelo entrevistador, na primeira pessoa, baseado nas transcrições das duas entrevistas, no qual o entrevistado deve reconhecer-se.

Assim, as textualizações não ficaram iguais, pois os recursos utilizados em cada texto dependeram da maneira como cada entrevistado reagiu à entrevista.

A textualização não é como a transcrição, um trabalho essencialmente braçal, apesar de exigir uma percepção apurada; deve ser cuidadosa para que não haja a descaracterização do entrevistado.

O primeiro passo foi ler e reler cada entrevista, tentando captar particularidades de cada entrevistado. Depois, tentamos agrupar as falas por assuntos que, possivelmente, tivessem sido repetidos, em momentos diferentes, na hora das entrevistas. Mas, esse recurso era inviabilizado quando o entrevistado tinha por hábito o ir e vir no tempo. Em seguida, estudamos o melhor momento e a melhor forma de inserir cada assunto.

A forma variou conforme o entrevistado. Em alguns casos, a conexão, entre os assuntos, era natural, encontrada na transcrição; em outros, ou nos utilizamos de vocábulos usados pelos entrevistados, ou inserimos perguntas na primeira pessoa (algo semelhante pode ser encontrado no Programa Ensaio, da Cultura, onde as perguntas são proferidas pelo próprio entrevistado).

Com a experiência adquirida com as três primeiras textualizações, conseguimos um ritmo melhor nas que restavam.

Gostaríamos de ressaltar o fato de acharmos que as textualizações não deveriam conter explicações, “cortando” o discurso dos entrevistados. Por mais que

quiséssemos esclarecer algo que, ao nosso ver, estivesse necessitando de uma explicação, nunca conseguiríamos satisfazer a todos; cada leitor pode suscitar uma dúvida e, como responder se nem as conhecemos? Assim, limitamo-nos a esclarecer siglas. Dessa forma, acreditamos estar valorizando o discurso do entrevistado e motivando a pesquisa aos leitores.

Além disso, optamos pela textualização, ao invés de utilizar uma versão da transcrição literal, por acharmos que a análise posterior fosse facilitada. A transcrição, conforme Gattaz (1996) descreve, foi descartada por acreditarmos que a forma literária estaria prejudicando a confecção do documento histórico. Mas, nada impede, depois de feito o documento, que nós (ou outras pessoas) reproduzamos as idéias contidas nas textualizações deste trabalho, via transcrição.

Tendências

A seleção das tendências foi baseada na textualização. Depois de várias leituras, selecionamos aspectos das identidades culturais dos professores entrevistados que se repetiram na maioria das textualizações e que eram relevantes para a Educação Matemática; só a repetição não foi suficiente. Em seguida agrupamos os aspectos selecionados em quatro tendências: Sociedade, Prática x teoria; Fragmentação do sujeito professor; Identidade magistério.

Desse modo, foi possível fazer uma descrição de cada tendência, ao longo do período considerado (1950-2000), explicitando os movimentos históricos.

Refletindo...

Tínhamos ficado encantados com as memórias de um educador já falecido e entramos num estado de satisfação plena ao ouvirmos as histórias de cada entrevistado. O contato com esses professores nos fez pensar sobre a professora que tínhamos sido antes de ingressar na pós. E conversas posteriores às entrevistas demonstraram que alguns dos entrevistados também refletiram a respeito das suas próprias vidas.

Assim, pudemos perceber que a memória não se presta somente ao armazenamento de acontecimentos; ela promove uma reflexão que viabiliza uma (re)significação envolvendo a construção da identidade.

Além disso, na História Oral, cada entrevistado, além de contribuir com alguma pesquisa, deixa registrada a sua história, o que possibilita uma nova versão dos acontecimentos.

[Voltar sumário](#)

CAPÍTULO 2

HISTÓRIA ORAL E IDENTIDADE CULTURAL

A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está sendo constantemente sendo “descentrada” ou deslocada por forças fora de si mesma.

(HALL, 2002, p. 17)

Neste capítulo, apresentamos um panorama envolvendo História, História Oral e Identidade Cultural, buscando mostrar algumas relações entre elas, em particular, o momento em que a História Oral encontrou maiores condições para o seu desenvolvimento. Joutard (2000) nos acompanha nesta caminhada, ao considerar a memória como um elemento constitutivo da identidade.

História

A História, enquanto Ciência, nasceu no século XIX e, segundo Ariès (1989), não tinha nenhum parentesco com as “histórias” do passado, que permaneceram apenas como textos literários, obras de arte, ou como matéria-prima, uma fonte documentária.

Ao status de Ciência, sucedeu a demonstração dos acontecimentos. Depois de estabelecidos, através de documentos e interpretações críticas, os acontecimentos – tidos como criadores das mudanças – eram ordenados de forma a reconstituir a continuidade da duração e, posteriormente, explicados. Mas, o trabalho final, proporcionado por essa maneira de conceber a História, era desprovido de conteúdo humano e fazia o presente refém do passado.

Até o século XIX, as “histórias” permaneceram associadas a assuntos políticos, que, na maioria das vezes, privilegiavam os elementos do alto escalão da sociedade – menosprezando a massa popular e os conflitos sociais. Além disso, os documentos (escritos) que eram manuseados pelos historiadores científicos não possibilitavam a busca por particularidades, inviabilizando uma melhor compreensão dos acontecimentos. Para completar o quadro, o historiador, apesar de ter sido tomado por

um sentimento de desenraizamento dos acontecimentos, era movido mais pela curiosidade do que pela busca das variações sociais ou das mentalidades. Ainda vale a pena ressaltarmos que a História recente era desconsiderada; segundo Fernandes (2003), os historiadores da época ocupavam-se fundamentalmente de acontecimentos ocorridos na Antigüidade ou na Idade Média, em detrimento da História recente. Para ser considerado histórico, o fato devia ter acontecido em períodos remotos. Porém, esta História como bloco monolítico sofreu algumas rupturas.

Primeira ruptura. Somente no século XX, depois da 1ª Guerra Mundial, por influência de alguns escritores (isolados ou ainda não reconhecidos) da época e um grupo de estudiosos associado a uma revista francesa, fundada em 1929, *Annales d'Histoire économique et sociale* – ou, como ficou conhecida, “Escola dos Annales” –, a História tomou novos rumos.

O positivismo da escola clássica tinha-a [a História] posto a parte dos grandes debates de idéias. O marxismo, o historicismo conservador a tinham anexado a filosofias da história, longe demais da preocupação existencial do homem contemporâneo. Estudiosos notáveis haviam de restituir-lhe sua posição, ou melhor, já que essa posição ela nunca tinha tido realmente, permitir-lhe responder ao interesse apaixonado que hoje o homem tem pelo homem, não pelo homem eterno, mas a certo homem, engajado em sua condição. (ARIÈS, 1989, p. 232)

Na História Nova¹ – como passou a ser chamada – o cotidiano passou a ser estudado — com toda a polifonia e imprevisibilidade do “ser humano”. Assim, ao lado da História das Instituições, surgiu a História das Mentalidades. Dessa forma, os monumentos e os testemunhos também passaram a ser considerados fontes documentais. Conseqüentemente, houve a busca de auxílio teórico em outras ciências, tais como: Economia, Arqueologia, Antropologia e Sociologia. Além disso, o espaço de tempo utilizado para estudar acontecimentos em épocas remotas (a Idade Média, por exemplo), antes reduzido, inviabilizando a percepção das diferenças dos tempos e dos lugares, foi ampliado – essa mudança, em especial, deve-se a uma outra associação: historiadores e geógrafos.

A história clássica do final do século XIX definia-se como ciência dos fatos e de sua sucessão lógica e cronológica. A história moderna se afirma como a ciência das estruturas, e tomaremos a palavra estrutura num sentido muito próximo do de *Gestalt*. Esta estrutura não é apenas um conjunto de fatos ligados por sua ordem no tempo e por seu

¹ Neste trabalho os termos História Nova e Nova História serão livremente utilizados.

encadeamento causal. Os fatos são somente o material. A estrutura, ou como preferem dizer os historiadores, o meio, é uma totalidade orgânica que agrupa fatos, mas segundo uma forma e uma luz – segundo uma estética – que lhe são próprias num momento do tempo e em um lugar do espaço. Uma mesma estrutura nunca se repetiu e não se repetirá jamais. A sua reconstituição arqueológica pelo historiador reencontra a consciência ingênua que o contemporâneo tem da particularidade do tempo que vive. (ARIÈS, p. 242, 1989)

Assim, os acontecimentos que, antes, eram buscados em determinados documentos e, numa sucessão, fundamentavam a História, foram revalorizados. E o historiador, agora com um problema inicial, pôde, então, comparar as estruturas transcendentais. Com tudo isso, os adeptos da Nova História pretendiam uma História profunda e total; “(...) a história [nova] não se contentou com abrir aqui e ali novos horizontes, novos setores para si. (...) Ela se afirma como história global, total, e reivindica a renovação de todo o campo da história.” (LE GOFF, 1988, p. 27)

Épocas que já tinham sido pesquisadas por historiadores tradicionais foram reestudadas, utilizando essa nova perspectiva, proporcionando uma nova versão aos acontecimentos.

Segunda ruptura. Depois da Segunda Guerra Mundial, ocorreram outras mudanças relacionadas com conceitos históricos e, de novo, o grupo associado à Revista *Annales* – que passou a ser chamada por outro nome – acabou simbolizando essa alteração.

Depois da Segunda Guerra Mundial, os “Annales” e os historiadores que gravitam em torno deles continuam, depois reavivam e fazem a história nova progredir de novo. A revista, que precisou mudar várias vezes de nome por causa das condições da guerra e da ocupação alemã, tem a partir de 1946 um novo título, que assinala a ampliação de seus horizontes. É, desde então, “*Annales. Economies. Sociétés. Civilisations*” [“Anais. Economias. Sociedades. Civilizações.”]. Primeiro o plural: “homens, não o Homem” (...) Depois, ao lado das economias e das sociedades que recordam os epítetos dos antigos “*Annales*”, o aparecimento do termo “civilizações” (...) unindo o material ao espiritual [espírito inventivo do homem](...) (LE GOFF, 1988, p. 32)

Os fundamentos anteriores foram reforçados, intensificou-se a proximidade com a Antropologia, iniciaram-se outras “aproximações” como, por exemplo, com a Psicanálise. Mas, com o passar do tempo, a aproximação estreita que existia entre História e Economia, foi reduzida, o mesmo acontecendo com a Geografia.

Em Le Goff (1988), podemos encontrar nomes de historiadores que viveram no século XVIII ou no século XIX, e já apresentavam projetos semelhantes ao da História Nova; encontramos também nomes de “não-franceses” que também se utilizaram dos novos conceitos, indicando que a História Nova não se restringia à França. Aliás, o autor apresenta duas hipóteses a respeito da associação da História Nova aos franceses: a tradição historiográfica diferenciada no país e a não-influência da Filosofia e do Direito.

A História Nova, apesar de ampliar as possibilidades de investigação – inserindo temas como o vestuário, a infância, a morte, a loucura – manteve grande interesse pelas fontes escritas e pela longa duração temporal. Além disso, não proporcionou uma nova erudição a respeito de conceitos históricos.

Em Le Goff (1986, 1988), encontramos indicações sobre alguns pontos que necessitam de uma nova erudição: o documento, a noção de tempo e os métodos de comparação.

Segundo o autor, a concepção de documento e a crítica feita a ele necessitam de alteração; somente avaliar se um documento é verdadeiro ou falso é insuficiente.

É preciso pesquisar, a partir da noção de *documento/monumento*, proposta por Michel Foucault em “Arqueologia do saber”. Ao mesmo tempo, é preciso delimitar as lacunas, os silêncios da história, e assentá-la tanto sobre esses vazios, quanto sobre os cheios que sobreviveram. (LE GOFF, 1988, p. 54)

A idéia de um tempo único, homogêneo e linear, segundo Le Goff (1986, 1988), deve ser demolida. O autor sugere o reconhecimento de uma multiplicidade do tempo, pois os diversos ambientes vivenciados têm tempos que lhes são próprios. E, ao definir essa multiplicidade, sugere que seja incluída a questão da memória. Os novos historiadores, apesar de terem percebido que as sociedades históricas também funcionam com base na memória, não levaram em conta que existem memórias que não podem ser datadas segundo a cronologia tradicional.

Com relação aos métodos de comparação, segundo o autor, os dois métodos existentes na época – um, que fazia coincidir brutalmente sociedades diversas, e o marxismo – entraram em crise, levando os historiadores a se perguntarem: o que comparar e como? O autor, então, propõe que sejam aperfeiçoados os métodos, para que seja possível “comparar apenas o que é comparável”.

Ainda vale a pena ressaltarmos, que, ao manter a longa duração, a História Nova dificulta a inserção da História Contemporânea.

(...) a penetração da história nova no setor da história contemporânea é limitadíssima. O prestígio da história fatural e da história política permanece grande nesse setor. A história do presente não raro é mais bem feita pelos sociólogos, os psicólogos, os politicólogos, certos grandes jornalistas, do que por historiadores de ofício. (LE GOFF, 1988, p. 50)

Mas, segundo Garnica (2004), na década de 1990, finalmente, a narrativa, a biografia e o evento passam por uma revalorização

Na década de 1990, voltam ao cenário a narrativa, a biografia e o evento, até então desprezados – mas, não ao todo desconsiderados – pela escola dos Annales. As narrativas, porém, intervêm como espírito novo. Agora, a narração ocupa-se da vida, dos sentimentos, do cotidiano não só de grandes e poderosos. Foucault e Ricoeur são chamados à cena para a consolidação desse projeto. Usam-se novas fontes: *“processos verbais de tribunais, processos criminais, e não só documentos escritos oficiais e políticos, diplomáticos e administrativos. /.../ a narração [intervém] sob a influência do romance moderno, que explora o inconsciente, é entrecortado e complexo; a narração não se interessa por uma pessoa, processo ou evento por eles mesmos, mas entra através deles na cultura e na sociedade”*.

E o tempo seguiu...

História Oral - Prelúdios

A oralidade, apesar de ter estado presente na historiografia desde os seus primórdios, não esteve necessariamente relacionada com uma teoria histórica. Somente no século XIX, alguns historiadores se utilizaram de depoimentos com uma preocupação histórica, mas tais iniciativas foram tolhidas pela história positivista, que se baseava em documentos escritos, oficiais.

Após a 1ª Guerra, surgiram outros estudos históricos baseados em depoimentos, mas, podemos dizer que a História Oral **“nasceu”** depois da 2ª Guerra Mundial, mais precisamente em 1948, depois de inventado o gravador, quando um historiador da Universidade de Colúmbia forneceu um documento relacionado às suas entrevistas: a fita K-7. Esse trabalho utilizou como estratégia colher os depoimentos de pessoas americanas importantes.

Porém, o uso da memória como evidência histórica, desde o nascimento da História Oral, foi alvo de críticas:

No centro das críticas à história oral no início dos anos 60 estava a convicção de que a memória seria distorcida pela deterioração física, na velhice, pela nostalgia, pelos preconceitos pessoais – tanto do entrevistador quanto do entrevistado – e pela influência das versões retrospectivas e coletivas do passado. (THOMSON, 2000, p. 52)

Os primeiros historiadores orais, em resposta aos seus opositores, desenvolveram – com o auxílio de antropólogos, psicólogos e sociólogos – diretrizes que possibilitassem a avaliação da confiabilidade da memória, ao mesmo tempo que passaram a denunciar limitações das fontes escritas.

Contudo, por volta de 1970, as críticas relacionadas à utilização da memória começaram a ser questionadas pelos oralistas, iniciando, assim, um processo de fortalecimento do testemunho, que envolveu pesquisas relacionadas com os silêncios, esquecimentos, hesitações, gestos ou expressões. Dessa forma, a História Oral passou a se fortalecer no que era considerado uma fragilidade, ou seja, as novas pesquisas que foram surgindo mostraram, por exemplo, que os lapsos que a pessoa, ao recordar, comete, podem revelar tanto quanto seus gritos ou sussurros.

A entrevista, que intermediava a obtenção da memória, também foi alvo de críticas; então, para atender às exigências de cientistas sociais positivistas e historiadores documentalistas tradicionais, foram lançados manuais que descreviam como deveriam proceder aqueles que se quisessem utilizar de entrevistas em suas pesquisas. Mas os historiadores orais achavam difícil entrevistar seguindo técnicas ou regras únicas:

Como escreveu, em 1970, Charles T. Morrissey, o pioneiro da história oral norte americana: “reduzir o ato de entrevistar a um conjunto de técnicas é ... como cortejar seguindo uma fórmula ... Há o perigo de se confiar demais nos instrumentos, e de menos na intuição, à antiga, sobre quais instrumentos usar em que situação ... as técnicas e outros aspectos da história oral variam conforme o tipo de pessoa que se estiver entrevistando.” Ainda assim, Morrissey resumiu a sua experiência (...) em conselhos práticos para entrevistadores da história oral (...) (THOMSON, 2000, p. 49).

Entretanto, na Conferência Internacional de História Oral, realizada em Nova York, em 1994, foi possível perceber avanços nesse sentido. Influenciados por antropólogos, alguns historiadores orais já se estavam dando conta de que não existem

regras estanques a serem utilizadas nas entrevistas, pois os indivíduos estão imersos em culturas diferentes.

Entretanto, ao nosso ver, existem alguns princípios e procedimentos político-metodológicos que parecem comuns às pesquisas já realizadas, como, por exemplo, utilizar a entrevista com um tema pré-definido envolvendo o tempo histórico, para dar voz a quem normalmente não a tem ou não a teve no momento histórico vivido – desde a segunda metade da década de 70, segundo Fernandes (2003), a História Oral passou a ser pensada como história dos “vencidos”, excluídos, ou silenciados.

Um tema, um roteiro ou uma imagem são recursos que podem iniciar uma entrevista. Depois, um ouvido apurado e um olhar atento se constituem em ferramentas indispensáveis na tentativa de resgatar tudo o que for possível. Surgem, ainda, alguns desafios ao entrevistador: nesse diálogo que se instaura, como permanecer inerte diante de um depoimento que pode ir além do roteiro? Como deixar de colocar uma opinião, apenas porque alguns acham que essa atitude poderia estar interferindo na fala do entrevistado? Como, objetivamente, tratar a questão da “memória involuntária” que desvia o “foco” da entrevista, da narrativa, por vezes trazendo à tona posições do sujeito que recorda?

Na História Oral, lidamos com pessoas e a intersubjetividade; felizmente, não existe um roteiro fixo ou possível de unificar. Então, cada uma acaba contribuindo tanto em questões gerais quanto individuais. Assim, o roteiro serve “apenas” como um norte nas futuras análises. E as narrativas extras, falas não programadas, (res)sentimentos aflorados, sensibilidades despertadas, recordações laterais ao tema, (des)caminhos narrativos feitos pelo entrevistado para o entrevistador, acabam servindo para o enriquecimento do trabalho de (re)constituição e a (res)significação da memória e da identidade da pessoa entrevistada.

Quanto às opiniões, abordagens, escolhas, roteiros, quebra-cabeças, mosaicos de que o entrevistador lança mão para iniciar o processo de diálogo com a pessoa que recorda, qualquer que seja o recurso utilizado ao propor a alguém que fale sobre a sua vida, tendo um tema como pano de fundo ou, simplesmente, a narrativa de uma trajetória histórica, já constitui uma interferência. Então, o que deve prevalecer sobre qualquer método e em qualquer situação é o respeito ao entrevistado. Quanto às

“interferências” do entrevistador, a descrição minuciosa da metodologia utilizada pode ser um meio de iniciar um outro diálogo que vai além da entrevista.

De qualquer forma, o momento da entrevista pode se constituir num aprendizado para ambos (entrevistador/entrevistado). Tudo vai depender da maneira como a relação for estabelecida. O entrevistado precisa sentir confiança no entrevistador para poder compartilhar as suas memórias. E o entrevistador, por sua vez, terá que estar disposto a relacionar-se com pessoas que, na maioria das vezes, desconhecia. Estabelecida a relação, várias podem ser as reações dos entrevistados diante da “invasão” promovida pelo entrevistador, assim como diversos podem ser os *tons* (melancólico, intimista, psicanalítico, metodológico, político) da narrativa.

Utilizando Heller (1989), entendemos *tom* como sendo uma característica do sujeito que é formada a partir do seu tipo de atividade e de pensamento (portanto, particular). Ele nos envolve e quem não o produz carece de individualidade, quem não o percebe é insensível a um aspecto fundamental das relações humanas. Todavia, Heller (1989) nos alerta sobre o perigo de nos prendermos a essa realidade tonal, pois corremos o risco de promover um preconceito “emocional” superior, avaliado negativamente, em vez de um juízo emocional da pessoa.

O importante a ressaltar é que tanto a diversidade quanto os pontos em comum – evitando polarizações – podem possibilitar-nos o traçado de um panorama relacionado com o tema proposto, fornecendo, assim, uma História baseada em pessoas.

Enfim, por meio da entrevista, o entrevistador pode refletir sobre a sua própria vida, e o entrevistado, além de reformular a sua identidade, pode-se perceber criador da História.

As entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe criador da história a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele pára e reflete sobre a sua vida – e este momento é acirrado pelas entrevistas ocorrendo com frequência – se vê como um ator social e criador da história”. (LE VEN, p. 220)

Em 1996, foi criada a Associação Internacional de História Oral e tudo o que foi realizado desde 1948 até 1998 indica, segundo Thomson (2000), que:

a História Oral combate perpetuamente qualquer tendência para isolar a prática e entendimento históricos da vida e das necessidades dos homens; mostra que as entrevistas fornecem mais que apenas um conjunto de documentos – são uma maneira de promover a conscientização, histórica e social; demonstra que, conquanto a maneira de entrevistar possa variar em culturas e circunstâncias diversas, os historiadores orais podem aprender com o intercâmbio internacional sobre questões e debates comuns; e revela a extraordinária capacidade que tem a história oral de interagir com outras iniciativas e disciplinas, da antropologia, à assistência na área de saúde, ou à cinematografia. Como historiadores orais, precisamos lembrar nosso passado recente e adaptar as lições aprendidas sobre memória e história – sobre a dimensão humana de nossa atividade. (THOMSON, 2000, p. 65)

Ou, seja, ainda são muitos os desafios a serem enfrentados; dentre eles, vale a pena salientarmos um, apontado por Alessandro Portelli, em 1998, no X Congresso Internacional de História Oral: o silêncio.

A tecnologia (gravador) proporcionou um documento para a História Oral e é ela, que vem fornecendo recursos, os quais têm facilitado o trabalho do historiador oral, seja na hora da entrevista, ao utilizar gravadores de última geração, seja na hora da transcrição, ao utilizar programas computacionais ou, ainda, o “transcriber” – um aparelho que auxilia a transcrição da fita para o papel, fazendo uso da audição (quando se ouve a fita por um fone) e do tato (quando se digita o material ouvido e se avança a fita, com os pés em um pedal). Portelli, porém, nos alerta que tudo isso seria inútil sem o discurso humano, que só pode ser viabilizado em determinadas condições:

(...) para ter uma comunicação oral, é preciso que as pessoas falem umas com as outras. Por isso, a essência do nosso desafio é renovar a questão do diálogo. Essa questão significa (...) a luta por igualdade. Não há diálogo quando não há igualdade. Assim, para ter diálogo, precisamos continuar a lutar por igualdade. E não há identidade onde não há igualdade. (PORTELLI, 1998, p. 70)

De que valerão os gravadores de última geração, os programas computacionais mais avançados, enfim, tudo que a tecnologia pode proporcionar, se as pessoas silenciarem? Com o silêncio, quais seriam as condições de subsistência da História Oral?

História Oral no Brasil

As primeiras sementes envolvendo a História Oral foram lançadas no Brasil, no século XX, mais precisamente na década de 70: algumas experiências não-

sistematizadas, como o caso do Museu da Imagem e do Som de São Paulo ou do Museu do Arquivo Histórico da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, outras, sistematizadas, sob o patrocínio de uma agência estrangeira (Fundação Ford) e o intermédio do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).

O CPDOC foi criado em 1973, com o objetivo de abrigar documentos relevantes para a história recente do país e desenvolver pesquisas históricas e, em 1974, foi criado o Grupo de Documentação em Ciências Sociais (GDCS), cujos objetivos eram: “contribuir para a preservação de documentos necessários aos estudos das Ciências Sociais no Brasil, promover, estimular e coordenar a difusão da documentação, e incentivar a cooperação entre especialistas e cientistas sociais no país e do exterior.” (FERREIRA, 1996, p. 11) O GDCS possuía subgrupos, entre eles, um de História Oral, coordenado pelo CPDOC.

Em 1975, foi criado, no CPDOC, o Programa de História Oral que, desde aquela época, arrecada depoimentos. Vale a pena ressaltarmos que os cientistas sociais brasileiros da época também se utilizavam de entrevistas orais como fonte de informação, mas a História Oral possuía um diferencial: a preocupação de produzir documentos provenientes de uma entrevista mediada pelo gravador.

Ainda em 1975, foi realizado, em Brasília, sob a organização do sub-grupo de História Oral do CPDOC e o patrocínio da fundação Ford e da Capes, o I Curso de História Oral. Contudo, os esforços e mesmo os frutos das primeiras investidas – cursos, encontros, alguns trabalhos publicados – não foram suficientes para o fortalecimento da História Oral, na época.

É fácil imaginar porque, apesar do patrocínio da norte-americana Fundação Ford, nos anos da ditadura brasileira, não se conseguiu superar os entraves gerais que inviabilizaram o progresso da história oral em nível amplo. Em um período em que “dar depoimentos” era algo perigoso, porque confundido com “prestar declarações, não seria possível realizar projetos que tinham como alvo primordial as narrativas pessoais e versões muitas vezes comprometedoras e incômodas. Por lógico, apenas dois tipos de registros se fariam viáveis, além das barras da censura: 1) estudos voltados ao passado remoto e com níveis de desconexões do presente, e 2) trabalhos sobre as elites instaladas no poder. (MEIHY, 1996, p. 05)

Como mencionamos anteriormente, o discurso humano só se efetiva sob certas condições e a ditadura inviabilizava a maioria deles. Assim, a História Oral acaba se constituindo de forma diferente no Brasil; enquanto, em nível internacional, surgiam inúmeros projetos em História Oral, éramos limitados pela ditadura.

Na década de 1980, depois da abertura política, a História Oral pôde ser mais difundida tanto fora quanto dentro das universidades, pois,

desde o momento da campanha pela anistia no fim dos anos 70 e, principalmente, depois da abertura política em 83, notava-se uma vontade grande de recuperar, face à história oral, o tempo perdido. Museus, arquivos, grupos isolados e, principalmente, a academia manifestavam certa ansiedade, expressa na busca de entendimento para promover debates em torno da oralidade. Presentemente [1996], há sem dúvida, um notável avanço, mantido inclusive em nível internacional, onde o Brasil passa a ocupar um lugar cada vez mais destacado como promotor de trabalhos de história oral. (MEIHY, 1996, p. 8)

Vale a pena ressaltar que a entrada da História Oral na academia não foi tranqüila; segundo Ferreira (1996), houve indiferença e resistência, tanto pela História quanto por outras áreas que, até aquela época, se utilizavam de entrevistas.

A fonte inspiradora dos primeiros trabalhos esteve associada a influências norte-americanas, depois a influências européias.

A mudança de opções inspiradoras – da exclusividade temática norte-americana para os modelos biográficos, mnemônicos e, principalmente, pelo radiante efeito da nova esquerda inglesa em suas proposições de dar voz aos vencidos – proporcionou uma nova realidade para a história oral brasileira. (MEIHY, 1996, p. 06)

Essa influência externa, que acabou se estendendo por muito tempo e de forma exagerada, levou Meihy a defender, em 1998, no X Congresso Internacional de História Oral – o primeiro a ser realizado no Brasil – a busca por uma diferenciação teórica latino-americana. Sem menosprezar a troca de experiências, Meihy argumentava que a História Oral brasileira tem especificidades que inviabilizam o uso exagerado de parâmetros teóricos adotados por pesquisas estrangeiras. Segundo Meihy (2000), a existência de uma cultura popular e de grupos sociais específicos leva à conclusão de que a história oral brasileira nasceu com o destino de ser uma voz diferente.

De qualquer forma, a década de 90 foi de “colheita”; em 1993, aconteceu o primeiro encontro nacional; em 1994, foi fundada a Associação Brasileira de História

Oral (ABHO). Além disso, foi nessa década que os encontros regionais buscaram uma periodicidade; que algumas resistências, entre outras áreas, foram amenizadas, promovendo um diálogo multidisciplinar; que brasileiros passaram a participar de encontros internacionais; que, finalmente aconteceu no Brasil um encontro internacional.

Mas, como historiadores orais brasileiros, sabemos que muitos ainda são os desafios a enfrentar. Entretanto, em DaMatta (2000), onde são discutidos os problemas que os brasileiros tiveram (e ainda têm) com relação à sua identidade, encontramos a explicitação de uma vantagem brasileira em relação a outros países, “a mestiçagem”:

O mundo do ano 2000 será sem dúvida globalizado, nacionalizado, cívico e universalista, mas também será um universo no qual os valores étnicos terão enorme presença e visibilidade. Será um mundo simultaneamente homogêneo e heterogêneo. Um universo, portanto, muito mais brasileiro do que poderiam imaginar os nossos teóricos. Nele certamente, vamos encontrar dimensões universais e também uma multidão de intermediários e mestiços: “mulatos culturais” que viverão entre nações e etnias, explicando as diferenças, intermediando disputas, criando sociedades híbridas e sistemas a meio caminho. Será certamente muito mais um mundo de “mulatos” do que de “puros”, um sistema que só poderá operar com a presença dos que têm simpatia pela diferença, pelo hibridismo e pela multidão de “outros” com que todos irão conviver. (DAMATTA, 2000, p. 28)

Para terminarmos este bloco, deixamos registrada uma afirmação encontrada em Amado (2000), proferida no X Congresso Internacional de História Oral e relacionada com a identidade latino americana:

Se nós historiadores orais latino-americanos, prosseguirmos nessa que tem sido a nossa marca distintiva até agora – a busca incessante da qualidade em nossos variados trabalhos –, conseguiremos, como consequência natural desse trabalho de bom nível, exercido em terras, com gente e com temas da América Latina, expressar, exatamente como temos feito até agora, a nossa própria identidade de latinos-americanos. Continuaremos, assim, a fazer ouvir nossas vozes plurais. Basta isso. Esse é o caminho que tem dado certo. O outro caminho – o que nunca deu nem nunca dará certo – é o da obsessão pela definição forçada de uma identidade latino-americana, aquele caminho do espelho, onde devido ao nosso olhar míope, nunca seremos capazes de enxergar refletida nossa verdadeira e bela imagem. (AMADO, 2000, p. 112)

Identidade

Em Hall (2002), encontramos uma discussão sobre concepções contemporâneas a respeito da **“pessoa humana”**² e a sua identidade. Para isso, o autor utiliza o conceito de identidade na perspectiva dos estudos culturais; “identidades culturais - aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.” (HALL, 2002, p. 08)

A idéia geral, desenvolvida em Hall (2002), está baseada no fato de que as identidades eram tidas (tanto no discurso como na prática) como unificadas e, ao longo dos tempos, foram se descentrando e fragmentando. Para isso, o autor mostra que o conceito de “pessoa humana” e sua respectiva identidade mudou em três pontos estratégicos durante a modernidade e desenvolve o assunto utilizando-se de três concepções de identidade relacionadas, respectivamente, ao indivíduo do Iluminismo, indivíduo sociológico e sujeito pós-moderno.

Nos tempos pré-modernos, o indivíduo – “Homem”: imagem e semelhança de Deus – era conceituado de forma diferente. Como Deus era tido como centro do universo, acreditava-se que as tradições e as estruturas eram divinamente estabelecidas, não estando, assim, sujeitas a mudanças fundamentais. O “natural” era o “divino”.

Entre o século XVI e XVIII, nasce o “indivíduo soberano”; o “Homem” passou a ser ligado a Deus pela razão. Desta forma, o “Homem Racional” passou a ocupar o centro do universo e, apesar de se manter indiviso, pôde, então, raciocinar livremente e, assim, investigar e decifrar os mistérios da natureza.

O indivíduo do Iluminismo era, então, segundo Hall (2002), uno, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, e tinha, sobre si, um sentido estável. A sua identidade surgia no nascimento e não sofria alterações durante toda a sua existência.

A partir do século XVIII,

² Em Hall (2002) o termo “sujeito” é constantemente utilizado, mesmo em momentos em que a concepção de indivíduo sobressai. Então, em uma tentativa de enfatizar a concepção de pessoa humana em evidência na época citada, diferiremos dos termos utilizados em Hall (2002): só utilizaremos o termo “sujeito” no período em que Foucault estiver incluído, por entendermos que foi ele quem o fundamentou adequadamente.

à medida em que as sociedades se tornaram mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social. As teorias clássicas liberais de governo, baseadas nos direitos e consentimento individuais, foram obrigadas a dar conta das estruturas do estado-nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna. As leis clássicas da economia política, da propriedade, do contrato e da troca tinham de atuar; depois da industrialização, entre as grandes formações de classe do capitalismo moderno. (HALL, 2002, p. 30)

Emergiu, então, uma concepção mais social do indivíduo. Mas o indivíduo sociológico (reflexo do mundo moderno) não possuía identidade auto-suficiente, autônoma; ela era fruto do relacionamento do indivíduo com pessoas importantes – mediadoras de valores, sentidos e símbolos (cultura) dos mundos habitados. Essa interação, apesar de promover modificações, acabou suturando o indivíduo à estrutura tornando indivíduos e mundos culturais unificados e predizíveis. Após a primeira metade do século XX, “encontramos (...) a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal.” (HALL, 2002, p. 32)

A identidade do indivíduo começou a entrar em crise, quando ele e seu mundo social começaram a ser descentrados, entendendo descentramento como a perda de estabilidade. O sujeito pós-moderno surge aí, sem uma identidade fixa, essencial ou permanente mas com uma identidade fragmentada³.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (...) É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2002, p. 12-3)

³ O termo fragmentada está associado ao fato de a identidade não ser mais considerada como “una”, mas sim uma composição de identidades (fragmentos). Por exemplo, eu, como pessoa, em determinados momentos, posso ser chamada a exercer a minha identidade de mãe; em outros, de mulher; em outros, de professora, etc. Esse chamamento pode gerar contradições de várias ordens (emocional, psíquica, etc.). Maiores esclarecimentos podem ser buscados em Hall (2002); da página 18 à 22, pode ser encontrado um exemplo – julgamento de um juiz negro americano - para discutir essas contradições.

Hall (2002) apresenta cinco descentramentos posteriores à segunda metade do século XX, baseados nas rupturas dos discursos do conhecimento moderno.

O primeiro descentramento ocorre devido a uma nova interpretação das obras de Marx; o “Homem” (uno/racional) se encaminha para um “homem” em função da História.

(...) os “homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas. Seus novos intérpretes leram isso no sentido de que os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os “autores” ou os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos materiais e de cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores. (HALL, 2002, p. 34-5)

O segundo descentramento, segundo Hall (2002), é consequência da descoberta do inconsciente por Freud; ele descobriu a estrutura psíquica que fica sujeita, na sua construção, aos seus traumas e, assim, o “homem” perdeu a sua alma divina.

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada (...) (HALL, 2002, p. 36)

O terceiro descentramento está relacionado com Ferdinand de Saussure, um lingüista; o “homem” não é dono do significado das palavras que expressa.

O significado [das palavras] surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. (...) Eu sei quem “eu” sou em relação com “o outro” (...) que eu não posso ser. (...) o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade. (...) O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado pela (diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis. (HALL, 2002, p. 40-1)

Do trabalho desenvolvido por Michel de Foucault, surge o quarto descentramento; morre o “homem”, nasce o “sujeito”.

Foucault destaca um novo tipo de poder, que ele chama de “poder disciplinar”, que se desdobra ao longo do século XIX, chegando ao seu desenvolvimento máximo no início do presente século. O poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e,

em segundo lugar, do indivíduo e do corpo. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que “policiam” e disciplinam as populações modernas – oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas (...) (HALL, 2002, p. 42)

Foucault, apesar de aprofundar o cisma iniciado por Marx e Freud, fragmenta o “Homem/homem” e propõe a “morte do homem”, não da “pessoa humana”; o “sujeito foucaultiano” nasce uno na transversalidade, ou seja, atravessado em relação aos assujeitamentos. Sozinho com as suas marcas, o “sujeito foucaultiano” não cria focos de poder dentro da teia de poderes em que vivemos, mas, ao se unir, estrategicamente e taticamente, em grupos de contestação com outros sujeitos com as mesmas marcas (alunos, docentes, ambientalistas, feministas), cria uma nova descentração⁴.

Segundo Hall (2002), o quinto descentramento⁵ envolve, justamente, os movimentos sociais.

Cada movimento apelava para a *identidade* social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* - uma identidade para cada movimento. (HALL, 2002, p. 45)

Assim, os movimentos sociais abriram "para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc." (HALL, 2002, p. 45). E também politizaram "a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas)." (HALL, 2002, p. 45)

Hall, além de discutir a identidade cultural sob a ótica das concepções contemporâneas a respeito da “pessoa humana”, também foca o caráter de mudança na modernidade tardia; a globalização⁶ é um processo de mudança.

⁴ Embora o autor considere o quarto descentramento diferente do quinto, a proposta feita na ética foucaultiana leva aos movimentos sociais.

⁵ Hall (2002) associa o quinto descentramento ao impacto do feminismo, mas teoriza com relação aos movimentos sociais. Por isso preferimos utilizar movimentos sociais, ao invés do feminismo.

⁶ Apesar de não ser um fenômeno recente, há um consenso de que, a partir de 1970, a globalização foi intensificada; maiores detalhes, ver HALL (2002)

Ao contrário das sociedades “tradicionais”, as sociedades modernas são caracterizadas pela mudança constante, rápida e permanente, em que as práticas são constantemente examinadas e alteradas à luz das informações recebidas.

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele [Laclau], são caracterizadas pela “diferença”; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições do sujeito” - isto é identidades - para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso (...) não haveria nenhuma história. (HALL, 2002, p. 17)

Com base na discussão promovida em Hall (2002), a respeito da identidade cultural, poderíamos perguntar-nos como ficou a identidade do professor de Matemática. Manteve-se una ou estaria fragmentada?

Propondo uma reflexão...

Desde a antigüidade, segundo Oliveira (2003), o caos era associado à criação do mundo; representava a dinâmica constante do universo. No século XIX, surgiram os seus pressupostos lógicos e filosóficos mas, somente em meados do século XX, os conceitos desenvolvidos anteriormente foram retomados e receberam o estatuto de teoria. Por que estamos mencionando o caos?

Independente das pesquisas que foram realizadas posteriormente – e das possíveis críticas ao uso do termo ou da teoria – é interessante notar que o fundamento que envolvia o caos (conflito entre determinismo e acaso) foi retomado entre 1950 e 1960, época próxima à segunda ruptura nos conceitos históricos (1946), ao “nascimento” da História Oral (1948) e aos descentramentos propostos em Hall (2002).

Não estamos querendo fazer apologia às datas, mas não temos como negar que o período citado foi rico em acontecimentos relacionados com o ser humano, de uma forma geral. Além disso, seria coincidência o fortalecimento da História Oral no momento em que alguns cientistas estudavam o caos e o indivíduo estava sendo descentrado?

Os historiadores simpatizantes da História Nova podem não ter avançado em alguns pontos que poderiam fortalecer, diretamente, a História Oral, mas os

historiadores orais avançaram num momento propício ao seu desenvolvimento e, apesar da origem e desenvolvimento diferentes, se imbricaram com os “historiadores novos”.

No caso específico do Brasil, poderíamos perguntar-nos porque a História Oral só encontrou terreno a partir de 1970. E, mesmo assim, através de investimentos externos. Além disso, por que, antes da ditadura, não foram feitos estudos envolvendo a História Oral? Outra pergunta que ainda poderia ser feita, no caso específico da identidade relacionada à Educação e à História Oral: por que são poucos os trabalhos a esse respeito?

A História Oral pode ter demorado a se “instalar” no Brasil e, apesar dos avanços, pode, ainda, caminhar a passos lentos, mas ela serve de exemplo para mostrar que esta nova versão da História precisa, no mínimo, de liberdade de expressão para poder desenvolver-se, o que não era possível na época da ditadura.

Foi fazendo uso dessa liberdade de expressão que conseguimos entrevistar 10 professores de Matemática da rede de ensino pública de Rio Claro, tentando verificar, através da História Oral, como os descentramentos impactaram a identidade cultural do professor de Matemática. Os professores entrevistados, por sua vez, nos proporcionaram o acesso a histórias que ainda não encontramos nos livros manuseados nas escolas ou pelas pessoas de uma forma geral, mas, um dia, chegaremos lá!

[Voltar sumário](#)

CAPÍTULO 3

PRELÚDIOS

(...) na montagem benjaminiana, as grandes construções históricas devem ser buscadas a partir de pequenas peças, de fragmentos do passado. Nesse trabalho de montagem, o tempo é compreendido no seu entrecruzamento e na sua descontinuidade e o passado é algo que pode ser retomado no presente. Não um passado que ilumina o presente, nem um presente que ilumina o passado; mas passado e presente que se conectam e se reorganizam em novas constelações... (MORI, 1995, p.28)

Neste capítulo, pretendemos mostrar, pela descrição da trajetória de vida, como percebemos o processo de identificação de Paschoal Lemme com a Educação, via magistério (passando pela Matemática). Para isso nos utilizamos, essencialmente, de dois, dos cinco volumes das suas Memórias.

Por que Paschoal Lemme? Porque foi com ele que nos deparamos quando estávamos buscando subsídios históricos relacionados com o professor de Matemática brasileiro. Além disso, foi depois de lermos as suas Memórias, que nos decidimos pela utilização de entrevistas na nossa pesquisa. E, se esses motivos não fossem suficientes, acrescentaríamos o fato de Paschoal Lemme ainda não ter sido incluído nos debates em Educação Matemática¹. Portanto, tudo o que lemos a seu respeito teve influência na nossa maneira de agir posterior, que inclui a elaboração do roteiro principal utilizado nas entrevistas.

Mas, antes de compartilharmos um pouco da trajetória de Paschoal Lemme, vale a pena ressaltarmos duas questões. A primeira diz respeito às pessoas que lecionavam Matemática no que equivaleria ao atual ensino fundamental (2º ciclo) e/ou médio; enquanto ainda não existia um curso, em nível superior, que as habilitasse, foram os religiosos, profissionais liberais, normalistas, ou quem passava nos exames de habilitação e idoneidade, os que ocuparam os cargos existentes.

¹ Chegamos a essa constatação, depois de um levantamento bibliográfico preliminar, logo no início da nossa pesquisa.

A segunda questão está relacionada com a entrada de imigrantes, no Brasil, de outras nacionalidades além da portuguesa – seja pelo subsídio do governo (lavoura) ou espontaneamente – que, entre 1887 e 1914, atingiu os maiores índices.

Com a imigração, foram alterados o mercado de trabalho e as relações trabalhistas que, antes, eram fortemente influenciados pelo regime escravocrata. Além disso, o imigrante colaborou nos processos de urbanização e industrialização, difundindo, assim, novas idéias no campo social.

Paschoal Lemme (1904-1997)

Paschoal Lemme nasceu em 1904, no Rio de Janeiro que, na época, era a capital da República. Terceiro filho de um casal de imigrantes da classe média urbana, acompanhou o esforço do pai para se tornar cirurgião-dentista e pôde desfrutar da vocação da mãe, ao receber, em casa, os primeiros ensinamentos escolares.

Ainda no ambiente familiar, entre doze irmãos, foi motivado a ler, estudar, a cooperar nos afazeres domésticos e, principalmente, a participar dos acontecimentos políticos e sociais nacionais. Aliás, em Lemme (1988), encontramos, além do ir e vir, próprio da rememoração, o relato de inúmeros acontecimentos históricos, o que demonstra o seu interesse por questões nacionais.

O seu primeiro contato com a escola aconteceu quando tinha sete anos. Na época², as poucas escolas públicas primárias eram freqüentadas por crianças procedentes de famílias com razoável poder aquisitivo, possuíam muitos homens como professores, recebiam as matrículas em qualquer época do ano e eram instaladas em prédios comuns de residência – os quais, na maioria das vezes, também abrigavam professores, diretores ou diretoras.

Os inspetores escolares, na época, eram pessoas cultas – normalmente ligadas às letras – mas sem nenhuma especialização na educação. Por exemplo, Olavo Bilac e José Veríssimo foram inspetores.

² O trabalho, de Doutorado, de Rosinéte Gaertner – outra integrante do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática – envolve, como questão de pesquisa, escolas alemãs de Santa Catarina, que se desenvolveram no mesmo período mencionado por Paschoal Lemme. Um leitor interessado em possíveis semelhanças ou diferenças regionais da época pode comparar nossos trabalhos.

Devido às mudanças de residência, a família Lemme transferiu os filhos três vezes de escola. E foi na terceira escola que Paschoal Lemme conheceu um professor (Teófilo Moreira da Costa) que, mais tarde, viria a desempenhar um papel fundamental na sua vida profissional.

Nessa terceira escola (profissionalizante), a Visconde de Cairu, o primário se estendia da seguinte maneira: elementar (3 anos), médio (2 anos) e complementar (2 anos).

Segundo Lemme (1988), as condições de vida das famílias de classe média permitiam manter os filhos nas escolas primárias até uma idade relativamente avançada e, assim, podiam ser encontrados nelas, rapazes de 16, 17 e até pouco mais de 18 anos de idade, nos últimos anos do curso.

Os alunos passavam praticamente o dia inteiro na escola – das 8 ou 9 horas da manhã às 16 ou 17 horas da tarde – sendo a parte da manhã reservada para trabalhos manuais – que, às vezes, eram comercializados – e a parte da tarde para a teoria.

Em horários que não eram destinados aos estudos, Paschoal Lemme era obrigado pelo pai (assim como os outros irmãos) a servir de auxiliar no consultório dentário. Porém, sempre que conseguia, escapava dessa imposição.

Depois de concluir o primário e obter, com o auxílio de um decreto do governo, os certificados relacionados com os preparatórios exigidos para o ingresso no curso superior de Odontologia, Paschoal Lemme ainda continuou resistindo à idéia de ser dentista.

Resistia, mas não manifestava nenhuma outra preferência, então, seus pais tentaram lhe arranjar um emprego em escritório. Chegou, inclusive, a prestar um concurso para o Banco do Brasil. Tudo em vão.

Diante dessa indecisão, o pai, um dia, o interpelou, buscando uma definição, e ele, influenciado pelo professor Teófilo, respondeu: "Se não for professor, não serei mais nada!" (LEMME, v. 01, p. 114)

O professor Teófilo, como diretor e professor, vivia em prol da escola e do ensino de uma maneira geral. Algumas vezes, na falta de algum professor, entregava a respectiva classe a Paschoal Lemme que, mesmo estando no último ano, recebia elogios pelo trabalho desenvolvido. E foi assim que a influência se deu: pela admiração e pelo incentivo.

Mas, como a figura do professor, para Paschoal Lemme, estava associada à de funcionário público, essa opção não foi recebida com alegria pelos seus pais. Para eles, funcionário público não era uma profissão digna, pois, naquela época, normalmente era alcançada através de influência política. Todavia, nada fizeram para impedir esse desejo.

Decisão tomada, restava ainda preparar-se para o exame de admissão à Escola Normal, e, para isso, de novo foi relevante o auxílio do professor Teófilo – solicitado pelo pai de Paschoal Lemme – que costumava, nas horas de descanso, ministrar aulas, sem nenhuma remuneração, aos alunos que tivessem demonstrado interesse pelo estudo, preparando-os, assim, para exames posteriores ao curso primário.

Os certificados dos exames que poderiam ter viabilizado o acesso à Faculdade de Odontologia também foram aproveitados para a admissão à Escola Normal. Assim, em 1919, com pouco mais de 14 anos, Paschoal Lemme ingressou na Escola Normal do Rio de Janeiro, cujo curso era de nível secundário. O currículo – salvo as disciplinas de pedagogia, psicologia e higiene escolar – era semelhante ao de um ginásio da época e os professores também davam aulas em outras instituições (Colégio D. Pedro II, Colégio Militar e Escola Politécnica).

Naquele ano, dadas às facilidades criadas pelo governo, muitos alunos ingressaram na Escola Normal, o que ocasionou a admissão de muitos professores sem o devido preparo.

Em 1920, o curso, que era de cinco anos, passou a ter quatro, fazendo com que a turma de Paschoal Lemme passasse por adaptações, o que acabou sacrificando justamente as matérias consideradas de caráter profissional (como por exemplo, pedagogia). No entanto, tais matérias tiveram que ser estudadas, com professores particulares, para a prestação dos exames finais.

Além do curso na Escola normal, ele também se preparava para os exames no Colégio D. Pedro II, que lhe proporcionariam os certificados dos preparatórios exigidos para a prestação do exame vestibular na Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

Paschoal Lemme também queria ser engenheiro civil, um dos cursos mais procurados na época – os outros eram Medicina e Direito – motivado pelo desejo de ascender socialmente e pelo contato que tivera com as várias reformas realizadas na casa de seus pais e que, normalmente, ficavam sob sua responsabilidade.

Em meados de abril de 1923, terminado o curso na Escola Normal, já com 19 anos e ainda totalmente dependente do auxílio financeiro do pai, começou a ensaiar as suas atividades de professor, dando aulas particulares. Chegou, inclusive, a auxiliar sargentos que pretendiam matricular-se no antigo curso de formação de oficiais intendentos do Exército.

Ainda em 1923, recebeu um convite do professor Teófilo para substituir, por dois meses, uma professora que se licenciara, ministrando complementos de Matemática Elementar numa classe do último ano da escola.

Entre as aulas particulares, os estudos para os exames e as aulas oferecidas pelo professor Teófilo, Paschoal Lemme ainda encontrava tempo para auxiliar os irmãos mais novos nos estudos primários, tarefa que, antes, quando eram poucos os filhos, era realizada pela mãe.

Naquela época, no Rio de Janeiro, quando o curso Normal era concluído, os alunos eram automaticamente nomeados para os quadros oficiais da capital da República, como professores primários municipais. Entretanto, o processo que envolveu a turma de 1923 só teve fim um ano após o término do curso, no dia 23 de abril de 1924. Essa nomeação seguia uma classificação, por notas, entre todas as turmas da Escola Normal. Mas, em 1924, os professores do sexo masculino, em número reduzido, obtiveram uma legislação especial, uma espécie de “cota para os rapazes”, que lhes garantiu um certo número de vagas entre as primeiras nomeações, o que lhes permitiu ultrapassar professoras com nota maior do que eles.

Em geral, os professores primários municipais recém-formados daquela época permaneciam estagiando durante dois anos em escolas afastadas e desprovidas de todos os recursos. Paschoal Lemme, por exemplo, foi para uma escola mista na zona rural.

Para chegar à escola citada, ele levantava às cinco da manhã, tomava um trem na central do Brasil e, depois, um bondinho elétrico. O período de trabalho era de quatro horas, mas, para cumpri-lo, como os horários dos bondinhos eram espaçados, ele gastava o dia inteiro, inviabilizando a continuidade do trabalho com as aulas particulares. Desta forma, além do trabalho na escola, a única coisa que podia fazer era continuar se preparando para os exames exigidos para o ingresso na Escola Politécnica.

Do salário – que, normalmente, atrasava – deduziam-se aproximadamente 20% para os custeios da aposentadoria (depois de 25 anos). Com o restante do dinheiro, Paschoal Lemme pagava as despesas com o deslocamento, refeições, materiais escolares – pois as crianças eram paupérrimas – comprava livros e roupas. Dessa forma, na época, ainda não era possível a tão sonhada independência econômica.

Como só ele e uma diretora permaneciam na escola citada, as crianças foram divididas por sexo. Assim, a diretora se ocupava com as meninas e ele, com os meninos. Além disso, não existia água potável na escola, nem condições sanitárias decentes; as crianças iam descalças e levavam pouca alimentação.

Diante dessa realidade, Paschoal Lemme acabou cumprindo as suas funções guiado mais pela intuição e pela pequena experiência que já tinha adquirido, do que pelo aprendizado recebido na Escola Normal.

Por influência do inspetor escolar, foram incluídas algumas práticas agrícolas, para que, assim, os meninos se mantivessem ocupados e a alimentação fosse reforçada. Para cumprir mais essa atividade, Paschoal Lemme teve que adquirir, por conta própria, conhecimentos agrícolas. Não contou, entretanto, com o entusiasmo dos alunos, que esperavam aprender, na escola, tarefas diferentes das que estavam habituados a fazer.

Naquela época, já eram poucos os homens que se dedicavam ao magistério primário. Além disso, alguns dos irmãos de Paschoal Lemme já tinham ingressado em cursos de nível superior. Essas situações acabaram gerando nele um sentimento de inferioridade que só era amenizado pelas atividades agrícolas (próprias de homens) e pela perspectiva de, um dia, vir a ser um engenheiro.

Em dezembro de 1924, finalmente, conseguiu concluir os exames preparatórios que lhe permitiriam prestar o vestibular no ano seguinte. Mas, para cumprir mais essa exigência, ainda havia a necessidade de estudar as matérias que seriam avaliadas no exame. Dentre elas estavam as Matemáticas (Álgebra Superior, Geometria Analítica e Trigonometria) que, devido ao programa extenso e por terem sido pouco trabalhadas na Escola Normal, exigiram o auxílio de um professor particular. Para o restante das disciplinas exigidas – com exceção do alemão, que também exigiu um professor particular – o autodidatismo foi suficiente.

Com muito esforço, em março de 1925, Paschoal Lemme conseguiu ingressar na Escola Politécnica, considerada, na época, uma verdadeira Academia de Ciências Físicas e Matemáticas, a única existente em nível superior. Mas, como o curso continha matérias inteiramente novas para ele (como por exemplo, Cálculo Diferencial e Integral) e não houve interrupção das suas atividades na escola da zona rural, muitas foram as dificuldades.

No final do ano letivo de 1925, depois de um desentendimento com o inspetor escolar – que se queria auto-promover divulgando trabalhos agrícolas, ainda em andamento, realizados na escola – Paschoal Lemme acabou pedindo transferência dessa escola.

A perspectiva de ir para uma outra escola da zona rural aliada a um desejo do pai de torná-lo representante numa sociedade, que envolvia artigos dentários, foram suficientes para que ele se afastasse por uns tempos do magistério. Entretanto, pouco mais de um ano bastou para que percebesse que o comércio não era o seu ramo.

Surgiu, de novo, em 1926, o professor Teófilo, convidando-o para ser professor do curso intermediário, lecionando complementos de Matemática. Essa nova função foi possibilitada pelos ensinamentos já adquiridos na Escola Politécnica, onde, aliás, Paschoal Lemme já tinha conseguido prestar os primeiros exames relativos ao primeiro ano do curso.

Assim, o retorno à zona rural ficava mais distante. Mas, aquelas viagens realizadas durante o período em que se manteve na escola renderam-lhe uma namorada. A “escolhida” também tinha sido nomeada em 1924 e se utilizava dos mesmos meios de transporte que ele.

O desfecho dessa história se deu em 1927, em meio à contestação do pai de Paschoal Lemme, que alegava que os dois não tinham condições financeiras de se sustentarem somente com os salários de professores primários e a aposentadoria do pai da noiva (já falecido). A primeira discussão, desencadeada depois de anunciado o casamento, fez com que o noivo saísse de casa antes da cerimônia.

Estando, ainda, na escola onde o professor Teófilo era diretor, Paschoal Lemme pôde vivenciar as primeiras modificações na organização do ensino possibilitadas pela Reforma Fernando de Azevedo.

Um dos pontos dessa reforma quase a inviabilizou: a exigência de concurso público para o suprimimento dos quadros de serviços na educação. Todos, a partir daquela reforma, deveriam prestar concurso, desde inspetores de ensino, médicos escolares e professores de ensino secundário e normal até porteiros e serventes das escolas primárias. Assim, os que ocupavam tais cargos até aquela data seriam despedidos e, para voltarem, deveriam prestar o concurso exigido.

Era normal a utilização de influência política, ao invés de concurso, para o suprimimento das vagas citadas. Dessa forma, foi grande a resistência na aprovação da Reforma, que se deu em janeiro de 1928.

Além da exigência do concurso, a estrutura das escolas profissionalizantes, passou a ser da seguinte maneira: primário (4 anos), complementar (2 anos) e médio (4 anos). E as mesmas tiveram o nível de ensino elevado.

Paschoal Lemme prestou concurso e continuou lecionando Matemática Elementar no curso complementar. Mas, uma nova experiência estava em andamento.

A administração municipal dispunha de uma Diretoria Geral da Instrução, cujo diretor, na época, era Fernando de Azevedo. A reforma efetivada em 1928 dividiu tal diretoria em dois setores: a Subdiretoria Técnica e a Subdiretoria Administrativa. E Paschoal Lemme, por indicação de colegas da Escola Normal, foi convidado para ser assistente da Subdiretoria Técnica.

Depois de dois dias pensando no assunto, movido pela curiosidade com relação à administração pública do ensino, Paschoal Lemme acabou aceitando o convite e se tornou o primeiro assistente do primeiro serviço técnico criado com uma denominação específica numa administração de ensino no Brasil. Assim, a sua vida “profissional iria tomar um novo rumo que não deveria ser mais abandonado.” (LEMME, v. 02, p. 32)

A Subdiretoria Técnica foi responsável por todos os concursos para provimento dos inúmeros cargos que a Reforma criara em todos os setores da administração. Entre as várias atividades que envolviam tal responsabilidade, estavam: a elaboração de editais e programas, a composição das bancas examinadoras, fiscalização da realização dos concursos, esclarecimentos de dúvidas e o encaminhamento de recursos de candidatos que se sentissem lesados ao serem reprovados em algum concurso. Para executar esse trabalho, além do salário como professor efetivo do curso primário, Paschoal Lemme recebia uma pequena gratificação.

Como o seu superior na Subdiretoria, Jônatas Serrano, era um apreciador da cinematografia, Paschoal Lemme também teve a chance de participar da elaboração da primeira filmoteca escolar brasileira e, também, da primeira exposição de cinematografia educativa brasileira.

Essas novas atividades não permitiam que os seus estudos na Escola Politécnica tivessem o mesmo empenho, o que, no ponto de vista dele, inviabilizava a prestação de exames perante bancas compostas por educadores (de renome) que, devido ao seu engajamento na Reforma e na Associação Brasileira de Letras (ABE), tinham se tornado seus colegas. Assim, acabou se afastando da Politécnica e os três anos, incompletos, deram a ele subsídios para outras funções relacionadas com a educação.

Entretanto, a frustração de não ter terminado o curso o acompanhou durante toda a sua vida pois, além de ser avesso a abandonar qualquer atividade pela metade, sempre quis, assim como os jovens da mesma posição social que ele, obter um título universitário, num curso de nível superior em estabelecimento brasileiro.

Em 1929, ainda como assistente da Subdiretoria, ele, além das atividades já descritas, passou a exercer o cargo de oficial de gabinete e, em 1930, foi nomeado, por Fernando de Azevedo, para assumir a vice-direção de uma escola de comércio com a incumbência de dirigir e organizar os cursos e ministrar as aulas de Matemática Comercial, no período noturno.

A primeira experiência na administração pública parece ter sido um divisor de águas na vida pessoal e profissional de Paschoal Lemme. O aprendizado adquirido, devido às atividades que tinha que exercer e ao contato com educadores de renome, levou-o a afirmar que, nos quase três anos em que esteve envolvido com a Reforma, sentia que tinha sofrido um grande amadurecimento pessoal, tendo sido como que transformado em outra pessoa.

Mas, em 1931, como uma das conseqüências da revolução de 30, Paschoal Lemme foi demitido dos dois cargos que ainda exercia na época (vice-diretor e assistente) e obrigado a retornar ao cargo de professor primário em uma escola distante.

Com a situação financeira prejudicada e humilhado devido ao revanchismo por parte da nova administração, Paschoal Lemme, em vias de ser pai pela terceira vez, acabou encontrando uma nova fonte de renda, como dono de escola.

O contato com um grupo de pessoas que pretendiam montar um colégio – o Instituto Brasileiro de Educação – nos moldes da escola nova, fez com que ele abrisse mão de bens da família para investir no novo empreendimento. Além disso, para economizar dois aluguéis, passou a morar, com a mulher e os filhos, nas dependências do colégio.

Mas, possivelmente pelo estilo diferenciado do colégio, as matrículas foram poucas e não aumentaram com o tempo, fazendo com que as dívidas crescessem, ao invés de serem sanadas.

A sociedade foi desfeita e, durante certo tempo, só Paschoal Lemme ficou à frente do empreendimento. Algum tempo depois, quando as dificuldades financeiras já tinham aumentado, o Instituto acabou sendo unido a outro colégio, cujo dono tinha sido seu colega de trabalho na escola relacionada com o comércio.

O sucessor de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, tentou fazer de Paschoal Lemme um dos seus secretários, mas esse desejo foi vetado pelo interventor, devido à participação na administração anterior, que estava sob suspeita.

Contudo, esse veto não impediu que Paschoal Lemme, em outras ocasiões, colaborasse na nova administração, pois, na época, ele acreditava que as reformas na educação e no ensino eram fatores fundamentais da transformação social, o que poderia tirar o país do subdesenvolvimento.

Venâncio Filho foi indicado para assumir um serviço criado com a intenção de transformar as antigas escolas profissionais em escolas técnico-secundárias e condicionou a sua aceitação à indicação de Paschoal Lemme como seu assistente.

Visando a essa transformação nas escolas profissionais, Paschoal Lemme foi incumbido de unificar todas as categorias de professores num cargo único e, ao mesmo tempo, organizar uma tabela de reajustamento de salário, na qual ele se incluía. Para executar tal tarefa, os professores foram consultados individualmente pois, assim, Paschoal Lemme achava que conseguiria aproveitar melhor as capacidades de cada um.

Tarefa cumprida, os professores puderam receber, mediante um decreto, um aumento substancial. E, através de um concurso de títulos, conforme determinava a lei, Paschoal Lemme e sua mulher, sem favores pessoais (como ele sempre frisava), deixaram de ser professores de cursos complementares e se tornaram professores das escolas técnicas-secundárias.

Em 1932, enquanto o Instituto Brasileiro de Educação agonizava, dois acontecimentos envolveram Paschoal Lemme: a participação no Manifesto dos Pioneiros da Educação – do qual ele se orgulhava de ter sido signatário – e o retorno à administração do ensino no cargo que tinha sido vetado em 1931.

Mas, a permanência de Lemme na administração pública não durou muito tempo. A sua nomeação, depois de efetivada a prova de títulos, estava associada à disciplina de Contabilidade, ao invés de Matemática, como deveria ser. Ao descobrir que este “erro” (consertado algum tempo depois) tinha acontecido para favorecer uma pessoa influente, Paschoal Lemme se afastou da administração de Anísio Teixeira.

Ainda em 1932, numa tentativa de aumentar os seus vencimentos, Paschoal Lemme participou de um curso que, no final, selecionou, por uma avaliação, inspetores de ensino para o Estado do Rio de Janeiro. Ele passou, mas não foi empossado naquele ano devido a um processo movido pelos antigos inspetores, não concursados, que queriam o cargo de volta.

Nesse meio tempo, numa tentativa de salvar o Instituto Brasileiro da Educação, ele e o novo sócio chegaram a criar cursos de nível superior – por exemplo, Pedagogia, Metodologia, História da Educação, Psicologia, Sociologia e Estatística Aplicada à Educação – e, em 1933, fundaram a Sociedade de Pedagogia do Rio de Janeiro. Entretanto, nada foi suficiente para manter o colégio em atividade. E, assim, mais uma tentativa envolvendo o comércio, foi por água abaixo. Segundo Paschoal Lemme o seu

temperamento foi sempre voltado para as coisas, digamos assim, das artes, onde não se considera muito a relação entre os possíveis ganhos e a atividade que se exerce... E em educação, no ensino, como relacionar esse trabalho invisível, impossível de ser medido em termos de ganhos e lucros que é a formação de um ser humano ou a transmissão de conhecimentos, ainda que no nível mais modesto? (LEMME, v. 01, p. 196)

O material que ainda restava no Instituto foi vendido para cobrir uma parte das dívidas; a outra parte foi saldada aos poucos, fazendo com que a família de Paschoal

Lemme passasse por dificuldades financeiras. Quando o processo relacionado ao cargo de inspetor teve fim, em 1933, com dois cargos de funcionário público, Paschoal Lemme pôde, então, oferecer à família condições melhores de sobrevivência. Além disso, do ponto de vista profissional, passaria a ter uma experiência nova: a supervisão e orientação do trabalho do professor.

Nessa nova função, mais uma vez Paschoal Lemme participou de uma inovação. Ao invés das visitas mensais às escolas, que, segundo ele eram reduzidas ao cumprimento burocrático e não traziam resultados significativos com relação à melhoria das condições do ensino, foram organizados cursos que pudessem proporcionar ao professor um aperfeiçoamento cultural e profissional. Os inspetores de ensino, principalmente os que atuavam em cidades do interior – como, no começo, foi o caso do Paschoal Lemme – acabavam tendo que resolver situações que iam além das funções burocráticas, nas quais só o bom senso imperava.

Em 1934, recebendo uma nova denominação – inspetor regional de ensino – Paschoal Lemme foi transferido para uma região que compreendia um dos municípios mais importantes do Rio de Janeiro: Campos. Como a região possuía um nível cultural mais elevado e irradiava a doutrina integralista, as atividades coordenadas por Paschoal Lemme tiveram que manter um nível mais elevado, e a maneira como ele se expressava foi censurada.

Como inspetor, Paschoal Lemme participou da extinção de escolas que ainda funcionavam nas casas das professoras. Como as tais professoras, com o término dessa prática, acabariam ficando com o salário reduzido e encontrando muitas dificuldades para aliar o magistério ao trato das suas respectivas casas, Paschoal Lemme propôs a aposentadoria das mesmas.

Alterações políticas ocorridas em 1934, entre elas, a volta do regime constitucional, acabaram motivando retrocessos administrativos como por exemplo, o retorno de inspetores escolares, que tinham sido afastados dos cargos na época dos concursos. Essa situação acabou favorecendo um processo administrativo contra os inspetores concursados que, devido às inovações, foram acusados de não estarem exercendo as suas reais funções: inspecionar as escolas. Assim, durante o inquérito, todos foram afastados dos cargos.

Nesse clima, os inspetores resolveram escrever um manifesto, redigido por Paschoal Lemme que, ao ir a público, acirrou os ânimos dos opositores.

Nos anos de 1933, 1934 e 1935, Paschoal Lemme assumiu a responsabilidade de instalação e funcionamento de cursos para adultos, cujo objetivo era estender, melhorar ou completar a cultura de qualquer pessoa.

E, em 1935, ele foi indicado para substituir Joaquim Faria Góes, na chefia da Superintendência de Educação Secundária, Geral e Técnica e do Ensino Extensão.

Ainda em 1935, Anísio Teixeira, a pedido do prefeito Pedro Ernesto, incumbiu Paschoal Lemme da organização de cursos noturnos para operários filiados a uma associação de trabalhadores (União Trabalhista). E, por ironia do destino, as inscrições feitas num panfleto relacionado com um desses cursos iria, algum tempo depois, servir de motivo para a sua prisão.

Para fechar o ano de 1935, em dezembro, Anísio Teixeira deixou a administração pública, motivado por acontecimentos políticos da época. Diante disso, os seus colaboradores também deixaram o cargo o que, mais uma vez, levou a família de Paschoal Lemme a passar por dificuldades.

No lugar de Anísio Teixeira foi nomeado Francisco Campos e um dos novos setores da educação, a Diretoria de Educação de Adultos e Difusão Cultural, foi assumida por Roquete Pinto, que indicou Paschoal Lemme como colaborador na questão relacionada com a educação de adultos, pela experiência adquirida na gestão anterior.

Os professores gostaram da indicação, já os componentes da Ação Integralista, baseados nas repercussões do curso ministrado na associação de trabalhadores, o consideravam comunista e isso, na época, era mal visto.

Então, no dia 27 de janeiro de 1936, Paschoal Lemme assumiu mais um cargo na administração pública, o de superintendente dos serviços de educação de adultos da Diretoria de Educação de Adultos e Difusão Cultural da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal (criada em 1935). No entanto, no dia 14 de fevereiro de 1936, depois de atender inúmeras pessoas interessadas nos cursos de adultos, ele foi, gentilmente, convidado a acompanhar um investigador policial e só saiu da prisão no dia 16 de junho de 1937.

Na realidade, apesar de Paschoal Lemme ser um socialista assumido, mas sem tempo para atuações políticas, não havia provas consistentes para mantê-lo preso. Como, porém, na prisão, ele se envolveu em movimentos que tinham como objetivo melhorar as condições de sobrevivência no presídio, esse foi o motivo alegado para mantê-lo preso.

Como muitos dos detentos eram de cultura notória, no período em que esteve preso, surgiu a idéia de criarem, na prisão, uma Universidade *sui-generis* para que, assim, pudessem ocupar o tempo com uma atividade compensadora e aproveitar os conhecimentos e talentos de muitos dos presos. Paschoal Lemme, apesar da presença de muitos professores universitários, foi sagrado reitor e acabou organizando os cursos.

Essa escolha pode ter ocorrido, segundo Paschoal Lemme, devido ao trabalho que já tinha desenvolvido ou por ele ser um dos poucos que mantinha boas relações com todos os grupos e correntes em que se dividiam os quase 300 homens e mulheres, de natureza diversa, que compartilhavam o ambiente do presídio. Apesar do pouco tempo de duração da Universidade, todos os presos analfabetos que estiveram em tempo suficiente, entre os professores, saíram alfabetizados.

Foi Paschoal Lemme quem recebeu Graciliano Ramos nas dependências do presídio, tentando fazer com que a estada do mesmo fosse a menos sofrida possível.

Enfim, essa permanência no presídio foi, segundo Paschoal Lemme, uma experiência inestimável, insubstituível pelo amadurecimento proporcionado na sua formação de homem e educador, produzindo um alargamento extraordinário da sua visão das coisas, dos homens e dos acontecimentos.

Em meados de 1937, Paschoal Lemme pôde voltar ao exercício das antigas funções: inspetor de ensino e professor. Mas, no dia 10 de novembro de 1937, foi instaurado, no País, o chamado Estado Novo, e a Constituição da época não permitia a acumulação de cargos públicos. Assim, todos os funcionários que estivessem nessa situação foram obrigados a optar por um dos cargos. Paschoal Lemme escolheu o cargo de professor das escolas técnicas-secundárias do Distrito Federal, que segundo ele era o mais antigo e fazia jus a uma remuneração mais alta. E novamente, a sua família passou por um período de dificuldades financeiras que só foi amenizado quando, em 1939, ele ingressou no quadro de técnicos de educação do Ministério da Educação, cujo salário era mais compensador.

Vale a pena ressaltarmos que uma das condições para a prestação desse concurso foi a apresentação de uma tese e, nessa ocasião, Paschoal Lemme apresentou a experiência vivida por ele nos cursos com adultos, nos anos de 1934 e 1935. Essa tese foi o primeiro trabalho impresso de sua autoria que, em 1953, foi publicado com o título de **Estudos de Educação**.

Ainda em 1939, com o auxílio de Venâncio Filho, Paschoal Lemme recebeu uma bolsa de estudos oferecida pela Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, onde pôde completar a sua formação profissional, em nível superior, participando de cursos relacionados com a Educação (Política e Administração da Educação Pública, por exemplo), durante um semestre.

A nova reconstitucionalização do país, em 1946, alterou novamente a situação funcional de Paschoal Lemme, pois foi-lhe permitida a recondução ao cargo público perdido em consequência da Constituição do Estado Novo. E como, na época, o cargo de inspetor tinha sido extinto e substituído pelo de técnico da educação, Paschoal Lemme e os seus colegas foram considerados em disponibilidade remunerada até que fossem aproveitados em funções compatíveis com a capacidade deles.

Devido à “politicagem” da época, a busca pelo melhor aproveitamento de cada pessoa acabou levando seis anos. Então, somente em 1952, Paschoal Lemme foi aproveitado no cargo de professor de ensino normal, na cadeira de História e Filosofia da Educação.

Depois de muitos anos lecionando Matemática elementar nos cursos das escolas técnicas-secundárias, Paschoal Lemme chegou a se dedicar ao estudo da Estatística, especialmente a aplicada à Educação. Depois de optar pela “carreira de educação”, aos poucos, foi se desinteressando pela Matemática e suas ramificações.

Durante a administração de Anísio Teixeira ele já tinha tentado efetivar-se, inclusive, via concurso, como professor de uma disciplina, de caráter pedagógico, no curso de formação de professores: Metodologia da Matemática. Todavia, a banca examinadora considerou insuficiente o resultado que ele obteve e impôs a efetivação de um estágio. Essa exigência, porém, não foi cumprida totalmente, pois, no meio do caminho, Paschoal Lemme desistiu de tudo por achar demais o que estavam exigindo dele, uma vez que muitos tinham sido admitidos sem uma prova sequer.

Para poder voltar ao ensino como professor de História e Filosofia da Educação, depois de tantos anos na administração da educação e na inspeção escolar, ele teve que se utilizar do seu autodidatismo. E, diante das dificuldades das suas alunas, apenas exigiu, das que não tinham interesse pela matéria, que não perturbassem a aula com conversas em tom alto, pois poderiam prejudicar as outras colegas; facilitava as provas, inclusive. Mas, Paschoal Lemme, em vias de se aposentar, não ficou muito tempo nessa função.

Ele optou por abandonar os dois cargos que exercia no serviço público (professor e técnico de educação do Ministério da Educação) ao completar o tempo de serviço necessário para a aposentadoria, quando estaria em condições de continuar trabalhando, por não querer compactuar com situações que considerava de completa desorganização e decadência nos setores da administração pública em que atuava.

Assim, no dia 17 de agosto de 1961, Paschoal Lemme se afastou definitivamente dos órgãos públicos, continuando a participar somente das atividades da Associação Brasileira de Educação (ABE).

A ABE – “essa verdadeira universidade” – também exerceu sobre Paschoal Lemme influências profissionais e pessoais vitais. Foi na ABE, por exemplo, que ele, tímido, desenvolveu a capacidade de falar em público. Também foi lá que, ao longo do tempo, ele encontrou auxílio para exercer as funções que foram surgindo na sua trajetória.

Sendo membro desde 1926, só a partir de 1931 pôde participar ativamente das suas atividades – palestras, cursos, conferências nacionais – nos quais eram abordados temas particulares que interessavam aos professores de todos os níveis de ensino, ou temas mais gerais que diziam respeito à organização e administração dos sistemas de ensino público, à Filosofia ou a Política de Educação.

Na Conferência Nacional de 1931, por exemplo, sob a presidência de Getúlio Vargas e do ministro da Educação, Francisco Campos, o Manifesto dos Pioneiros da Educação recebeu as primeiras sementes. E, na Conferência Nacional de 1950, Paschoal Lemme teve a oportunidade de manifestar algumas idéias que, desde algum tempo, vinham amadurecendo nos seus pensamentos e que divergiam da maioria dos educadores da época.

Naquela altura, ele já tinha deixado de acreditar que as reformas de educação e ensino pudessem ser os motores fundamentais das transformações econômicas, políticas e sociais, mas, ao contrário, dependiam do desenvolvimento geral da sociedade como um todo, e pôde divulgar tais idéias na citada conferência realizada em 1950.

Da ABE, Paschoal Lemme participou, várias vezes, mediante eleição, como membro de seu Conselho Diretor. Mas, em 1963, sem nenhuma explicação, a sua reeleição foi considerada inconveniente; então, ele se afastou de uma vez da associação.

Em ocasiões posteriores, foi procurado para voltar a colaborar com as atividades da ABE, mas achou que, para isso, deveria receber uma explicação, ou reparação, sobre o ocorrido em 1963, pois achava injusto voltar como simples sócio depois de tantos anos no Conselho Diretor.

Em 1997, aos 92 anos, morreu Paschoal Lemme, uma pessoa que considerava o seu trabalho no serviço público como verdadeiro serviço ao seu país.

[Voltar sumário](#)

CAPÍTULO 4

VIDAS E PROFESSORES

Ouvir a voz do outro é caminhar para a constituição de uma subjetividade própria (BOSI, 1992, p. 29)

A memória pode ser suscitada através de fotos, músicas, cheiros, marcas corporais ou subjetivas, paisagens, etc. E, apesar de ser subjetiva – pois percebe os acontecimentos na perspectiva do sujeito em questão – é ela que permite o testemunho vivo e mostra a face de homens, mulheres, famílias e grupos culturais – que Bosi (1992) faz menção.

Assim como Portelli (2000), encaramos a memória não apenas como preservação de informação, mas, também, como sinal de luta e como processo em andamento; memória não apenas como um lugar onde se “recorda”, mas memória “como” história.

No nosso caso, especificamente, a memória foi suscitada através da entrevista, momento em que as pessoas, normalmente, acabam se comunicando sem um conhecimento pessoal prévio e, por situar-se no campo da intersubjetividade, envolve troca de emoções, valores e representações.

Neste capítulo, apresentamos, então, o fruto das nossas entrevistas: as textualizações, ordenadas pela data de início de cada professor no magistério.

Talvez, a maior dificuldade do historiador oral seja transformar em palavras momentos compartilhados... Mas, “se a palavra não alcança tudo o que se deseja dizer, a arte literária maior é aquela que faz com que a imaginação do leitor complete, amplie, e se emocione perante o que se diz ou o que se lê.” (LEMME, v. 01, p. 17)

De qualquer forma, esperamos que as palavras contidas nas próximas páginas, deste capítulo, possam, pelo menos, levar o leitor a tomar conhecimento de histórias de tempos e vidas de professores de Matemática peculiares que, normalmente, não constam de manuais ou livros de História da Educação; seus fazeres, opiniões, práticas e conquistas ficam restritos a poeirentos “arquivos mortos” das escolas a que pertenciam, mas são de fundamental importância para a compreensão de determinadas ações as quais, se não fossem documentadas, se perderiam no tempo.

Clara Betanho Leite*Início no magistério: 1956*

Nasci em Cordeirópolis. Era uma época muito mais livre do que agora. Você podia andar na rua, brincar na calçada, passear à noite, podia ter amigos, ficar na frente da casa, conversando. Havia rádio, não havia televisão ainda... Era muito bom, muito divertido! Violência... Sempre houve ladrão. Por exemplo, na minha casa mesmo, entrou um, mas era mais fácil viver. Você não tinha medo de ser seqüestrado na rua, você podia andar à vontade. E não tinha tanta gente. As instituições eram mais carentes, mas a vida era mais plena.

Repressão com relação a governo? Ah! Isso só na revolução de 64, que vi um pouco mais de perto, porque eu morava em São Paulo. Mas não me atingiu muito; o que atingiu mais, pelo menos na minha opinião, foi aquela reforma do Color. Terrível! Formavam-se filas nos bancos... Aquela época foi ruim.

Profissão dos meus pais? O meu pai era contador. Antigamente, não havia escola para contador, mas havia um exame que habilitava a exercer a profissão. Muitos dentistas e advogados da época eram assim. A universidade ainda não era bem estruturada. Isso aí é de antes de eu nascer. Meu pai nasceu em 1900, portanto era do século, milênio passado... Eram poucos os alunos e quem queria fazer curso superior e tinha dinheiro, ia para o exterior. Mas muitos, assim como meu pai, faziam esse exame de habilitação e gozavam de todos os direitos. Quando as universidades se estruturaram, inclusive, as pessoas que tinham esse tipo de habilitação não perderam os direitos adquiridos.

A minha mãe era do lar. Tinha primário completo, o que, na época, era um galardão. Ela não tinha mais estudo porque na cidade em que morava só havia o primário. E assim mesmo ela teve que terminar o primário em Limeira, que era a cidade vizinha... Ela tinha muita habilidade manual e, um tempo, foi dona de armazém.

Se ela falava de uma outra profissão? Falar, falava. Mas sem muita importância.

Trajetória escolar? Eu fiz o primário, 1^a à 4^a série, no Grupo Escolar Coronel José Levi, em Cordeirópolis. Só tive professoras. Na época, no grupo, eu acho que havia só dois professores homens: o Sr. Bento e o Sr. Prudente. Não me lembro de

outros. Mas eles preferencialmente trabalhavam com garotos. As professoras eram ótimas, competentes, sabiam bem dar aula. Muitas não moravam na cidade, vinham de Limeira. Poucas moravam em Cordeiro.

Como era a Matemática? Eu penso que elas ensinavam muito bem Matemática, porque eu saí do primário, fui fazer o exame de admissão sem fazer curso algum e passei sem mais percalços. Eu era muito boa aluna, achava tudo muito fácil, gostava muito de ir à escola.

Quem considero bom aluno? Aquele que é cumpridor das suas obrigações. Se um aluno cumprir suas obrigações, fizer os exercícios pedidos, vai estudar um pouquinho e aí, não tem jeito, vai ser bom! Ainda com relação ao admissão... Da mesma maneira que eu passei, mais colegas da minha época passaram, por isso, penso que o curso primário foi de bom nível.

Como era o admissão? Para passar do grupo para o ginásio tínhamos que fazer um exame, o admissão. E, como em Cordeiro não tinha ginásio, eu fiz esse exame numa escola, em Limeira, que depois se transformou no Instituto de Educação Castelo Branco. Tínhamos que viajar todo dia, íamos de trem. A Paulista era uma estrada de ferro magnífica, acertávamos o relógio pelo trem. Da minha casa dava para ver a estação, os trens passando... A aula de Educação Física era fora do período de aula. Então, tínhamos que ir para Limeira duas vezes por dia quando tinha aula de Educação Física. Mas esse deslocamento era mais fácil do que é hoje para alunos que moram longe da escola. O trem tinha lugar e horário determinados. Era muito bom!

Os professores? Meus professores do ginásio eram muito conscientes dos seus deveres. E, se bem me lembro, o número de professores era pouco maior que o número de professoras. Alguns tinham outra profissão, como o de História, que era advogado. Davam aula para fechar os buracos, porque não havia profissional especializado. Por exemplo, onde eu estudei, o professor de Latim era concursado, efetivo. Eu o achava ótimo, muito legal, fazia a gente estudar e a gente estudava mesmo! Tínhamos que saber, porque ele exigia, cumpria ao pé da letra o que prometia. Mas eu conheci outros lugares onde o professor de Latim era o padre da cidade.

E o de Matemática? O de Matemática me parece que não era concursado, não era especialista, acho que era da área de neolatinas, mas era muito bom professor, esforçado. Dava bem conta do recado. Nessa época, já havia muitos professores

formados pela universidade. Uma prima minha, por exemplo, já era formada pela PUC de São Paulo, no curso de Matemática. Mas, como a demanda era muito grande, no interior ainda aparecia muita gente de outra profissão para dar aula. Um engenheiro dava Matemática, um padre dava Latim e assim por diante.

Fiquei um ano sem estudar, porque adoeci, mas voltei no outro ano e fiz até o científico (atual ensino médio) no Castelo Branco. A escola me agradava...

Os professores do científico? Eles eram ótimos. O número de professores era praticamente equivalente ao número de professoras... Assim mesmo, de vez em quando, havia aula vaga, faltavam alguns professores. Quando começava o ano, sempre havia alguma matéria que não tinha professor, especialmente Química; era uma tragédia. Nessa época, o colegial da minha escola não tinha professor efetivo em Química, tinha que esperar a atribuição de aula. E ninguém queria dar aula de Química; os químicos ganhavam melhor fora da escola. O último professor que eu tive de Química foi muito bom, mas o primeiro e o segundo anos foram cheios de aula vaga.

E os professores de Matemática? Ah! O professor de Matemática... Como eu gostava de Matemática! E os professores de Matemática também gostavam de mim. Lógico, tudo o que eles explicavam, num instantinho eu "pegava", era uma coisa que me agradava, gostava de lidar com aquilo.

Se dei aula particular para colegas? Para os colegas, não, mas para outros alunos, de anos anteriores ao meu, cheguei a dar aulas particulares. Eu estava no colegial quando comecei a dar essas aulas. O professor de Matemática da escola me indicava. Ele não podia dar aula particular porque, ao professor, não era permitido dar aulas particulares para os próprios alunos, para evitar fraudes. O pessoal era muito consciente. Tinha muito medo de ser acusado de estar favorecendo alguém. Eles tinham muita moral. Agora, os meus alunos particulares... eram os que não acompanhavam e precisavam de um reforço. Naquela época, acho que havia pouca gente disponível e o professor então mandava ter aula comigo.

Matemática é Ciência ou Arte... Eu acho que os dois.

Como faço essa associação? Ciência, ela é mesmo. Agora, Arte... porque acho que quando você faz um exercício com elegância fica bonito, é Arte! Você faz uma demonstração geométrica concisa, rápida. Você olha e se emociona... Para mim, isso é Arte, Arte de mais elevado nível. Acho muito bonito. Acho lindo. Eu gosto.

Se tive dúvida ao decidir por Exatas? Não. Eu queria ir para exatas mesmo. Já estava decidida!

Desde a época do colegial? Ah! Não sei... Eu achei muito boa a Matemática do colegial. Achei gostoso. Achei bom. Eu queria continuar aquele assunto. Curso superior... Fiz! Matemática, na PUC de Campinas. Entrei em 1953 e me formei no bacharelado em 1955. A Licenciatura, eu terminei em 1956. Perfil do aluno de exatas... Acho que o mesmo perfil de agora: uma pessoa que gosta de Matemática. Eram poucos alunos; ao todo, acho que eram uns dezenove, vinte alunos na classe. Alguns ainda foram saindo durante o curso.

Outros cursos da PUC? Tinha Neolatinas, Letras Clássicas, Matemática, parece que tinha Física, Geografia, História, Odonto e Direito. O curso de Direito era uma coisa que me atraía também. A PUC já era uma escola antiga. As principais universidades da época eram a USP, a PUC de Campinas e São Paulo. A PUC de São Paulo é mais antiga do que a PUC de Campinas e ambas eram escolas de bastante gabarito, eram escolas muito boas. Então... A convivência entre os alunos da faculdade era no pátio, todo mundo junto, Filosofia, Odonto, Direito, etc. A convivência era pacífica, legal. Todo mundo sabia da vida de todo mundo. Coisas de universidade...

Os professores? Mais homens do que mulheres... Eram muito legais, compreendiam os problemas da gente, procuravam ajudar, não atrapalhar. Os alunos tinham bastante dificuldade e o professor de Geometria, o Dr. Lourenço, fazia os modelos em cartolina para ajudar a visualização no espaço. Ele tinha um trabalho medonho, era muito bom professor.

Importância do curso... Eu acho que o que a gente aprende na universidade não passa para os alunos do ensino secundário porque é muito diferente. Apenas adquirir mais segurança para saber do que estava falando. É bom porque abre a sua cabeça, você enxerga muito melhor o porquê da técnica que está ensinando. Então, isso talvez facilite para você justificar a técnica para um aluno. Mas não é aquilo que você aprende lá que você ensina cá. Mas acho que a gente sempre precisa saber mais do que gente ensina.

O que foi decisivo na minha escolha para ser professora de Matemática... Ah! Eu podia ser qualquer coisa, contanto que eu ficasse na escola, da qual gostava muito.

Se tive alguma influência? Achava que Matemática era a matéria mais fácil de todas, então fui fazer aquilo que eu achava que era mais fácil.

Se a aula particular me motivou a ser professora? Não! Eu também dava aula particular porque achava que era fácil. Eu achava que era mais fácil do que o Português, de que você sempre precisava saber muito... Quando é com s, quando é com z, quando é com g, quando é com g, ou com j, você precisa saber muita semântica, muita coisa. Então, eu achei que ia precisar estudar muito para saber tudo isso daí. Matemática era mais fácil, fui para a Matemática. Os alunos normalmente acham a Matemática mais difícil porque não querem estudar o comezinho. Pegando aquele comezinho, você vai sozinho... Sabe o começo, sabe o fim. É tão fácil. Eu acho!

Quando a Matemática se tornou fácil para mim? Sempre foi! Desde o primário... Eu gostava de fazer continha, de resolver problemas e, também, de ler. Se houve apoio... Na minha casa sempre houve apoio. Todo mundo apoiava. Implicações político-econômicas... Acho que nenhuma não!

Salário? Quando eu comecei a lecionar, em 1956, já como efetiva do Estado, dando doze aulas semanais obrigatórias, diziam que o salário do professor era bom.

Quem dizia? As pessoas que não davam aula. Elas sempre achavam que dar aula era uma coisa muito fácil... Na opinião daquelas pessoas, era muito simples ir lá, ficar dentro da escola, na sombra, sem carregar peso e, no fim do dia, ganhar um tanto que eles achavam que era muito para quem trabalhava tão pouco. Eu, pessoalmente, achava que trabalhava bastante. O retorno era pequeno porque, se pensarmos em questão de cultura, compra de livros e outras coisas... O ordenado nunca permitiu comprar muitos livros. A gente comprava porque era fanático, não porque o ordenado permitia. O ordenado nunca facilitou essa parte cultural.

Referencial? O meu ordenado sempre dava para viver. Porque o que eu sei é que agora não dá nem para viver. Era um ordenado que dava para viver de uma maneira razoável. Na época que eu lecionei havia muita inflação. Então, enquanto a linha da inflação era ascendente, a linha do aumento de ordenado era feita por patamares. Depois, o ordenado foi se deteriorando, passo a passo, paulatinamente, todo mês.

Se o comércio era melhor? Não tenho esse referencial porque não me interessava por essa parte. Só sei que as dificuldades do comércio eram muitas. Para

mim, o melhor seria lecionar. Mas, se compararmos o salário do começo de carreira com o de agora... Piorou! Mas... No início de carreira podíamos dar trinta e seis aulas semanais, assim, além das doze aulas obrigatórias, a gente ganhava aula extra (vinte e quatro semanais). No começo, a gente não recebia por essas aulas na época das férias. Então, eu, como efetiva, nas férias, só recebia o ordenado, não recebia pelas aulas extras dadas. Mas logo depois as aulas extras começaram a ser pagas nas férias também, acho que por causa do clamor dos contratados, que não ganhavam nas férias... A questão salarial já foi bem ruim. Enfim, eu gostava muito de trabalhar com adolescentes, especialmente da 4ª série ginásial (atual 8ª série) até o terceiro colegial; achava maravilhoso trabalhar com esse pessoal. Eles tinham umas idéias maravilhosas, sonhavam, queriam mudar o mundo. Não sei agora... Agora parece que não, mas naquela época eles eram idealistas. Era uma satisfação pessoal! Era muito divertido trabalhar, especialmente quando comecei, em Cafelândia. Logo depois, fui para São Pedro e lá tinha colegial, era muito legal. Eu saía da classe e os alunos vinham falar para a gente "tem baile, vamos lá, vamos!". Eles eram muito legais na classe e fora da classe eram amigos. Quando o professor entrava, os alunos ficavam de pé, esperavam cumprimentar e mandar sentar. E nunca houve problema de disciplina. Pelo menos na minha aula, nunca. Fui sentir problema de disciplina no fim da minha carreira. Os alunos já estavam começando a enfrentar tudo e todos, começando a ser violentos.

Quando? Eu me aposentei em 1982... Então foi por volta de 1980, 81, por aí... Os alunos não davam mais muita importância para o professor. O professor era apenas mais um na sala. Nem elemento decorativo era, porque às vezes era feio, então... Mas quando comecei a dar aula, se você dissesse que era professor do nível secundário, o pessoal respeitava. Achavam que você tinha conhecimentos, qualidades. O professor era muito bem tratado, era convidado para tudo quanto era evento, principalmente nessas cidades pequenas, tipo São Pedro, onde trabalhei quatro anos.

Se percebi quando aconteceu a decadência do professor perante a sociedade? Acho que foi uma coisa paulatina, pouco a pouco. De repente, eu me vi numa categoria que não tinha grande importância. E o professor tem que ser valorizado para poder desempenhar a sua função, que é a função do futuro. Ele é aquele que vai moldar as novas gerações!

O meu primeiro emprego? Comecei a lecionar em agosto de 1956. Eu ainda estava fazendo licenciatura quando fui aprovada no concurso. Mas já tinha concluído o bacharelado. Dei a minha primeira aula no Colégio Estadual e Escola Normal Dr. Valdomiro da Silveira, em Cafelândia. Naquela época, o curso normal era feito em três anos, pré-normal, primeiro ano e segundo ano. O pessoal dizia que era curso de espera-marido.

Os meus alunos? Naquela época os alunos respeitavam o professor. Lá em Cafelândia tinha muito japonês e eles respeitavam muito o professor. Se um filho deles fizesse alguma má-criação para a gente, vinha a família inteira pedir desculpa. Mas os meninos, os nisseis, eram esforçados, procuravam colaborar, estudar. Nem precisava da interferência dos pais. Era de praxe, em toda a escola, quando o professor chegava, os alunos ficarem de pé. A gente entrava, cumprimentava e mandava sentar, e aí começava a aula tranqüilamente. Então, o fato de o aluno se levantar punha fim à bagunça do intervalo de aula. Aí, quando você parava na porta, o pessoal levantava. Você punha ordem na bagunça e podia começar a sua aula tranqüilamente, a disciplina estava pronta. O que está faltando agora para o professor é a disciplina, que se perdeu. Quando eu estava quase me aposentando, era muito difícil conseguir fazer com que os alunos se levantassem para a gente entrar na sala. Eles não queriam, achavam que isso era uma prepotência. E eu sempre dizia para eles: "Não! Vocês estão errados! A sala de aula é de vocês, a classe de vocês, eu vou entrar como convidada, como uma visita. Vocês têm que me receber. Bate uma pessoa na sua porta, você não recebe? Você recebe, você manda entrar, você manda sentar. E aqui é a mesma coisa...". Esse foi o meu ponto de vista até o fim. Sempre quis que os alunos se levantassem quando eu entrava, porque eu achava que era um início de disciplina. E eu acho que, sem disciplina, não se consegue nada. Essa bagunça aí, essa liberalidade não funciona... O professor entra e, se o aluno estiver conversando, continua conversando. Se estiver virado, continua virado. Se estiver jogando coisas, continua jogando. Ah! Isso não dá certo. Quem é que pode dar aula nesse ambiente? Tem que haver disciplina, o professor tem que ser respeitado, no sentido que ele vai transmitir alguma coisa de útil para o aluno e o aluno vai receber aquilo como uma mensagem de futuro. Não pode querer que o professor seja nivelado por ele, no sentido que, se estiver gritando,

continua gritando, o outro continua brigando. Assim, não dá. Não dá! Eu exigia disciplina.

Em que momento da vida me percebi... Ah! Quando entrei na primeira aula que eu tinha que dar, me percebi como professora. De repente, eu era professora. O ambiente era uma sala de aula e eu ainda estava cursando o último ano de licenciatura. Quando eu comecei a dar a minha primeira aula, pensei: Vixe!!! Será que vai dar certo?! Outras experiências didáticas... Não tenho outras. Eu não gostava de direção, não gostava de coordenação.

Algum projeto? Como projeto? Eu participei do Grupo de Estudo do Ensino da Matemática, o GEEM.

Qual que era a idéia desse grupo? A idéia do grupo era melhorar o ensino da Matemática, começar desde o primeiro ano, talvez do primário, e vir trabalhando as idéias básicas. Foi quando começou o estudo dos conjuntos desde o primário. Então deu uma "conjuntite" em todo mundo. Somos da época dessa mudança. Nós, do GEEM, fizemos toda essa mudança. Trabalhamos bastante. Fazíamos experiências didáticas, estudávamos... Às vezes, tinha alguma coisa que testávamos com os nossos alunos.

Quais os problemas que o ensino da Matemática enfrentava na época? Matemática sempre foi problema. Os alunos tiravam notas muitas baixas... Naquele tempo ficava muita gente para segunda época, reprovava... Português e Matemática eram as matérias que mais reprovavam em qualquer escola. Por mais que você quisesse, ensinasse, facilitasse, os alunos tinham pavor de Matemática e de Português. Por isso, esse grupo foi importante... Uma espécie de democratização da Matemática para poder chegar até o aluno, porque acho que a Matemática era como um tabu, nem todos entendiam. Era assim: ou o aluno era muito bom ou era muito ruim.

Quem fazia parte do grupo? O GEEM era composto por professores de Matemática (nível secundário e superior), pessoal interessado na Matemática. Havia também professores da 1ª à 4ª série do primário. Nós nos reuníamos todo final de semana no Mackenzie. O Sangiorgi trabalhava lá e tinha uma sala à disposição. Nós também organizamos Olimpíadas de Matemática...

Como cheguei a esse grupo? Por volta de 1960, fui para São Paulo... alguém me falou sobre o grupo, eu me interessei e comecei a participar das reuniões. Um dos

mentores foi o Sangiorgi, cujos livros sempre adotei. Havia também os professores Jaci Monteiro e Benedito Castrucci, ambos da USP, o Rui Madsen Barbosa, que tinha sido meu colega de universidade na PUC de Campinas e se formou três anos antes de mim. A Elza Baba, o Irineu Bicudo, Lucila Bechara, Luís Barco e outros. Um punhado de gente de boa vontade! A preocupação deles era mais com Matemática do que com outra coisa. Difundir a Matemática pelas escolas... Naquela época, a gente chamava de Matemática Moderna. A gente fazia tudo o que podia para difundir as idéias nas escolas. Para os colegas, levava, mostrava. Para os alunos também. Foi um movimento muito bonito! Todos os professores que participavam do GEEM davam cursos e faziam cursos. Todo mundo era aluno e professor. E conforme o curso que eles davam, por exemplo, se era o Jaci Monteiro que dava, havia um examininho no fim para ver qual foi o aproveitamento. Era muito bacana! Não ganhávamos nada pelo que fazíamos.

Se as experiências do GEEM alteraram a minha rotina de sala de aula? Ah! Lógico! Sem dúvida nenhuma. Mudou a maneira de encarar, mudou a maneira de dar aula. Mudou tudo. A gente estava ali porque gostava da experiência. E ali você tinha um grupo de gente abnegada. Acho que mudou muito, mudou bastante. O GEEM era a minha paixão. Tenho as minhas paixões... E o GEEM era uma.

As aulas em São Paulo? Lecionei bastante tempo lá. Acho que uns dez anos. De Cafelândia fui para São Pedro. E, de São Pedro, fui para São Paulo. De São Paulo, vim para Limeira. Mas, em Limeira, não me adaptei. Fiquei meio nau sem rumo. Como tinha estudado em Limeira, pensei que ia ser bom. Mas não deu certo. Aí, voltei para fazer um curso que me habilitaria a dar aulas no Vocacional, uma experiência nova de ensino. Lá, o que mais a gente estudava era psicologia, pedagogia. Mas, para mim, que gostava de Matemática, não fazia muito o gênero, enfim... Como era uma experiência, foi válida.

Como cheguei ao Vocacional? Fui para São Paulo, fiz uma inscrição e, depois de uma entrevista, fui selecionada para fazer o curso. Ficávamos comissionados no Vocacional, com o número de aulas que tínhamos na escola. Ou seja, recebíamos pelas aulas que normalmente dávamos no Estado, mas ficávamos afastados para fazer o curso. Só fazíamos o curso. Depois de terminado o curso de habilitação, a Dra. Maria Nilde Macelani, que era a diretora, me ofereceu para vir para Rio Claro e não quis, queria ficar em São Paulo. E como São Paulo já estava com o quadro preenchido,

desisti. Além disso, no Vocacional, era tempo integral e eu achei demais, manhã e tarde... almoçava lá... Achei que isso ia ser muito penoso para mim. Não achava legal ficar o dia todo na escola. Minha preferência eram as aulas da manhã e da noite. Depois que fiz o Vocacional, ainda continuei no GEEM um tempo...

Se o GEEM marcou mais do que o Vocacional? Ah! O GEEM marcou muito! O Vocacional também tinha uma proposta interessante. Mas já era aquilo de misturar muita coisa. Foi bom também, toda experiência é válida. Mas tinha aquele negócio do período integral, tinha que almoçar lá... Eu queria ter a liberdade de ir para casa almoçar, mas não podia. Era contra a determinação deles. Então, desisti de tudo e voltei a dar aulas no Estado... Escolhi o Colégio Estadual Domingos Faustino Sarmiento, em São Paulo. Aquele Colégio foi ótimo. Eu adorava aquele Colégio! Não era muito grande, no centro do Belenzinho. Alunos ultra, super-selecionados, ótimos! Eu dava aula de manhã e à noite. O aluno saía do colégio, fazia exame vestibular e passava sem cursinho. Quanto mais você dava matéria, mais eles queriam. Trabalhavam de dia, estudavam à noite, eram sensacionais! Os alunos dessa época eram muito, muito legais, eu gostava muito. Foi lá a melhor qualidade de aluno que eu peguei. Em São Pedro, também eram bons, as classes eram pequenas, poucos alunos... Quando a classe é pequena, você trabalha melhor. E tinha muita convivência entre professor e aluno. Eu gostava muito de São Pedro. Mas o Domingos Faustino também foi muito bom. Foi uma experiência diferente de São Pedro, muito interessante, porque os alunos eram mais distantes da gente. A maioria não podia fazer cursinho. Alguns estudavam e trabalhavam. Então, eles precisavam aproveitar o tempo que tinham na escola e estavam interessados em ter um futuro melhor. Parece que conseguiram. Foi muito boa a experiência lá. Depois, vim para Rio Claro.

Autonomia do professor? Olhe... Quando comecei a lecionar, o professor tinha muita autonomia. A gente era dono do que falava. Se você dava uma nota para um aluno, ninguém interferia. Jamais alguém colocaria em dúvida a nota que você tinha dado. Você podia fazer revisão de prova com o aluno, mostrar para ele, justificar o seu critério e tudo mais, e nunca ninguém duvidou da sua nota, de seu julgamento... Para mim, isso é autonomia. É poder fazer a minha aula da maneira que eu quero.

Elaboração de programas? Não tinha elaboração de programa. O programa vinha “de cima”, mas você o desenvolvia da maneira que você podia e como os alunos

acompanhavam. Cada livro didático encarava de uma maneira, mas todos traziam a mesma seqüência. O programa de Matemática era muito extenso, especialmente, naquela época, para o terceiro ginásial (7ª série): era um livro "massudo". Começava com Geometria... Era muito difícil de introduzir Geometria... Mas a gente conseguia, pouca coisa era deixada de lado.

Se tinha interferência do governo? Que a gente sentisse não... Mas a partir de certa época, o exame de admissão foi abolido e o ensino massificado. Foi ficando decadente, ou, quem sabe, mudando de cara. Porque nivelou o ensino pelo lado mais baixo, entendeu? Democratizou, mas democratizou esculhambando o que tinha de bom. Acabou o exame de admissão, que era uma peneira que segurava muita gente do lado de fora. Todo mundo passou a ter acesso, mas massificou muito. Também acabaram com a escola profissional. Um eletricista formado pela escola profissional da época tinha o orgulho de ter-se formado naquele tipo de escola. E todo mundo respeitava. "Ah! Ele é da escola profissional, então deixa na mão dele que ele sabe!". O Vocacional surgiu em cima da escola profissional, que estava decadente. E essa escola é que está fazendo falta agora, a profissional. Agora, eles têm esses cursos profissionalizantes que não sei como funcionam.

Primeiro, terminou o exame de admissão; segundo, começou a interferência com esses malfadados conselhos de classe. Você ia lá e se sentia um débil mental. Você falava que um aluno tinha sido reprovado e ninguém lhe perguntava o porquê. Você reprovava o aluno, naturalmente, porque ele não tinha feito tudo o que precisava fazer, não é isso? Aí um colega falava... "comigo ele é muito bom!". O outro... "comigo ele é ótimo". E daí? Aí ele vai fazer a recuperação, vai recuperar um ano em uma semana? Você já não conseguiu ensinar em um ano, vai ensinar em uma semana? Isso aí, acho que mexeu com a nossa autonomia, não tínhamos mais como aferir o que o aluno tinha aprendido... Porque a Matemática é seqüencial: hoje você recorre ao que foi ensinado ontem, não é verdade? Então, é isso aí! Quando chegava o conselho de classe, só eu que tinha aluno de recuperação. Ah, mas que diabo, só eu não sou boa? Alguma coisa está errada, não está? Bom... Eu procurei me corrigir. Não sei se consegui. Quanto à maneira de conduzir as aulas, penso que cada professor deve ter respeitada a sua personalidade. Se alguém quisesse saber o jeito que eu dava aula, responderia que tudo dependia da reação da classe. O professor entra com algo preparado...

Logicamente sabe a matéria. Depois de um certo tempo, inclusive, sabe até de cor, não precisa mais nada. Aí, entra na classe e sabe exatamente o que vai fazer. Mas aparece uma reação na classe, então aproveita para puxar outro assunto. Não somos estáticos, somos dinâmicos. Então... "como que a senhora dá aula?".... "Ué, não sei! Na hora que eu chegar lá é que vou ver!". Sabia o que queria passar para os alunos, mas, às vezes, não era só Matemática, era uma lição de moral, uma lição de esperança, uma lição de confiança. Porque, às vezes tem um menininho ali que você sabia que estava com problema e você queria dar uma força para ele... Então, você dá uma encaminhada para levantar a moral dele.

Burocracia? Eu odeio burocracia! Conselho de classe é burocracia! Muito ruim. Quanto aos programas, cada escola ter um programa só seu, não me parece o ideal. Deve haver uma linha dorsal para ser seguida no Estado todo, ou mesmo no país. Mas, enfim, eu deixo mais barato, deixo para o Estado. Porque há alunos que mudam. Sempre existe aquele que vem de um outro lugar e aquele que vai para um outro lugar. Tem que haver um mínimo geral. E dentro deste mínimo, você poder ter um grau de liberdade bastante amplo. Mas tem que haver uma linha mestra. Eu pensava assim... e ainda continuo pensando. Se fui funcionária pública... Sim, pois, em escola particular, pouco trabalhei. O professor tinha todos os deveres do funcionário público e mais alguns (tais como entregar notas e frequência dos alunos a tempo e hora). Quanto às vantagens, isso deixava a desejar. Quando o professor partia para uma greve, buscando defender os seus direitos, era solenemente ignorado pelas autoridades, como se o seu serviço não fosse, realmente, necessário. A greve chegava a durar mais de trinta dias. Penso que o professor devia ser mais valorizado, pois, afinal de contas, a nação depende dele. O que está faltando para nós, agora, é uma boa escola. Sem escola não vai acabar a violência, nunca. E tem que ser uma escola com disciplina. Não pode ser essa escola em que o aluno entra a hora que quer e sai a hora que bem entende; está no meio da aula, levanta, sai. Entra, faz bagunça, grita. Isso aí não pode. Tem que dar um jeito!

Se passei por isso? Não, mas no finzinho, quando eu estava lecionando, eu já achava bem ruim.

Quando? Eu me aposentei em 1982... Acho que foi por volta de 1981. A disciplina em classe já estava difícil de ser mantida. O professor se desgastava

bastante. Os alunos estavam muito desinteressados. Há alguns dias eu vi uma reportagem no Estadão, de uma garota... fiquei impressionada! Uma garota muito inteligente que fez um relato para o Jornal “Estado de São Paulo” sobre o que estava acontecendo na escola, o dia-a-dia. Os alunos levam armas, brigam, levam faca, nossa! Uma coisa terrível! Foi numa escola da periferia de São Paulo. Coisa terrível. Lá, o aluno não vai para aprender nada, não! Eu acho que a função da escola, agora, não é mais transmitir conhecimento. Penso que não, não sei. Agora, se eu ainda desse aula precisaria de reciclagem, saber o que a escola quer, o que a juventude necessita. Porque na época que fui professora, o que a gente pretendia era transmitir conhecimentos, foi nisso que me baseei. Atualmente, não é mais isso, não. Não sei, preciso me reciclar! Dentro das minhas diversas experiências profissionais quais as que eu... A mais importante no meu desenvolvimento foi a minha participação no GEEM, destacadamente, a mais importante. Era um grupo pioneiro. Eles trouxeram Lucienne Félix da França para fazer conferência para nós. Era uma riqueza aquele grupo, uma beleza. Essa turma era formada por todos os crânios da Matemática da época. Gente interessada.

Se senti vontade de seguir na carreira acadêmica? Algumas vezes, fiquei tentada, mas eu gostava muito daquela faixa etária do colegial. Mesmo que eles me achassem chata, eu os achava muito legais, muito divertidos. Se você tiver paciência, eles têm coisas para contar, eles têm sentimentos, são muito legais!

Funcionária de escola particular... Eu trabalhei em poucas escolas particulares, mas eram escolas muito boas, escolas de nome, não havia interferência de maneira alguma da direção na nossa conduta. Éramos autônomos, donos da peteca e fazíamos como achávamos que era melhor. Bastava que não houvesse reclamação quanto a faltas do professor ou desinteresse de aluno. Éramos respeitados.

Isso foi por volta de... Por volta de sessenta, sessenta e um, mais ou menos. Na época, eu dava aula no Estado e no Particular.

Se for comparar o Estado com a Particular, podia dizer que estava... Os colégios em que eu lecionei não tinham grande diferença. Eram colégios bons, não interferiam na nossa conduta. Era muito fácil dar aula lá.

Como deveria acontecer a profissionalização do professor de Matemática? Eu não pensei nisso, não! Não posso responder, porque eu não sei! Não pensei nisso...

Quando eu lecionava, achava que o professor devia ser aquele que tinha feito o curso para professor. Porque, naquela época, quem vinha lecionar? Vinha lecionar engenheiro, vinha lecionar advogado, etc. Eu achava que não estava certo, porque eles acabavam sendo nivelados com a gente. E eu também achava que eles eram frustrados de outras profissões. Mas hoje... Eu nunca parei para pensar nisso. E, como já me aposentei, agora não me interessa mais.

Algo mais relacionado com professor de Matemática... Se tivesse que escolher de novo, acho que escolheria o magistério outra vez. A não ser que eu não pudesse dar aula. Sempre gostei muito do que fazia... Gostava da faixa etária com a qual trabalhava. Gostava mesmo. Se fosse escolher outra vez escolheria essa faixa, porque me encanta até hoje. Acho lindo ter quinze anos e me encanto com essas crianças de 14, 15, 16, até os 20 anos. Eu me encanto com eles, vejo tudo neles, adoro essa faixa etária. Agora, das crianças de 11, 12 anos, gosto também, mas me irritam um pouco. Cheguei a ter classe do colegial com 50 alunos.

Como me senti ao me aposentar? Olhe, não deu tempo de eu me sentir... A minha mãe morava comigo e tinha quebrado a perna um dia antes de sair a minha aposentadoria. Eu sei que, quando me dei conta, já fazia mais de um mês que estava aposentada e nem tinha percebido. Mas... dos alunos, sempre gostei. Sempre gostei de dar aula, eu me divertia muito dando aula, porque, de vez em quando, a minha aula virava uma bagunça... Sempre acontecia alguma coisa inesperada e aí, numa situação dessas, acabam surgindo outras coisas que você não esperava também. Eu me divertia muito!

Se me estressei pela questão de dar aula? Jamais! Por causa dos alunos? Nunca! Eu me estressei com esses conselhos de classe. Isso aí me apavorava. Essas reuniões, aí! Pareciam perda de tempo. Eu já tinha vinte e não sei quantos anos de magistério, já estava na hora da aposentadoria e eles queriam me ensinar a dar aula! Fiz cursos de férias durante todo o tempo que trabalhei. Procurei cumprir o que achava ser meu dever. Procurei mostrar as dificuldades inerentes à profissão. Fiz o meu trabalho com alegria. Pouco faltei às aulas. Vivi para a minha profissão porque era o que eu realmente queria e gostava de fazer!

Améris De Lourdes Viti Betti*Início no magistério: 1958*

Nasci em Barretos, mas vim para Rio Claro com três anos. E tenho a impressão de que aquela época era melhor de se viver. Hoje em dia, com tanta violência, a gente fica sobressaltada diariamente. Mas, de um modo geral, Rio Claro, na minha época de infância, nem tem comparação com o que é hoje. Basta dizer que até na Avenida 11, tínhamos paralelepípedo; depois era tudo terra. Mas, atualmente já tem asfalto.

O meu pai sempre foi funcionário da Companhia Paulista; viemos para Rio Claro devido a uma das transferências dele. Ele era chefe de seção da parte elétrica da Companhia Paulista. Havia feito o colégio industrial, profissional. Sempre atuou junto com os chefes, os engenheiros, como, por exemplo, o Dr. Betin, Dr. Pelágio... Acho que a Companhia Paulista tinha algum intercâmbio com a Santa Casa, porque tudo que ela precisava, de eletricidade, era a Companhia Paulista que fazia. Então, todos os aparelhos da Santa Casa era o meu pai que instalava. Ele sempre foi um ótimo profissional! Muito, muito querido dos engenheiros da Paulista, sabe? Tanto é que o nome dele era bem conhecido, Belarmino Vitti. Depois, quando se aposentou, ele passou a fazer eletrificação rural. Continuou trabalhando.

A minha mãe sabia fazer muita coisa, trabalhos manuais, costurava muito bem, bordava muito bem, mas era dona de casa. Ela era muito inteligente! Desde que eu era pequena, ela tomava todos os meus pontos. Eu estudava e depois ela tomava tudo. Eu sempre gostei de estudar. E ela tomava mesmo, não é como muita mãe que não senta e ainda fala: "Ah, agora não!". Ela sentia prazer em fazer aquilo, gostava. Costumava dizer que queria que eu estudasse, assim seria diferente do que ela era, dona de casa. Todo mundo tinha que estudar. Sempre fui boa aluna e a minha trajetória escolar foi assim... De 1^a à 4^a série eu fiz no Joaquim Sales. Na época, estudei à tarde, só com meninas; não via meninos na escola. Não sei o motivo.

Depois, para entrarmos na 1^a série do ginásio, atual 5^a série, tínhamos que fazer o exame de admissão. E, para conseguir passar no admissão do Ribeiro, onde eu pretendia estudar, eu teria que fazer um ano de cursinho. Mas, apesar de ainda ser nova, o meu pai não queria que eu perdesse um ano. Então, acabei fazendo um

cursinho rápido, de um mês, no Puríssimo. Além desse curso, o meu pai fez uma outra coisa, arrumou um professor para me dar aulas particulares.

Como era o admissão? O admissão era como um vestibulinho, mesmo. No Puríssimo, eles davam mais ênfase ao que havia sido estudado no cursinho deles. Agora, para entrar no Ribeiro, tinha que fazer o curso de um ano. Duas senhoras montaram um cursinho só para as pessoas que quisessem entrar no Ribeiro: uma dava aula de Matemática e Geografia e a outra dava aula de Português e História, as matérias pedidas. Mas um cursinho de um ano! E era pago. Elas se aprofundavam bastante. Por isso, quando alguém entrava no Ribeiro, tinha muito mais bagagem de conhecimento. Por isso que, naquela época, os alunos entravam muito bem preparados. Aí é que está o problema, agora não tem nada disso... Hoje, no novo sistema, não existe mais reprovação e, mesmo que a criança não esteja alfabetizada, passa da 1ª para a 2ª série, da 2ª passa para a 3ª, da 3ª passa para a 4ª. E quando chega à 4ª série, se não souber ler, reprova. Mas por quê? Então, tinha que reprovar quando era pequenininho, na 1ª série... Teria que ter a reprovação, mas dizem que não pode. Mas, de que adianta fazer 2ª série se não sabe ler? Se não sabe ler, não entende! Eu não sei, mas é o que muitos professores do primário falam!

Mas, sempre tive em mente o Ribeiro. Para mim, tinha que ser o Ribeiro que não era uma escola paga, era boa, e os desfiles, aquilo... a gente falava: "olha o Ribeiro, como é bonito!". Aquelas meninas desfilando... Havia um uniforme próprio, baseado na Educação Física, todinho branco, com aquelas saíngas brancas, sabe? Mas como o meu pai não quis e eu era pequena.... Não ia bater pé... A escola pública, na época, era mais difícil, muito difícil de entrar, por isso tinha esse exame de admissão. Não adiantava fazer um mês, como eu fiz no Puríssimo, tinha que fazer de fevereiro a dezembro, caso contrário não conseguiria passar no admissão.

Mas, agora, parece-me que a situação está virando porque, de acordo com os nossos dirigentes, o negócio mudou muito. Aí é que está o problema, eles destruíram a escola pública. Na minha época, era a melhor! O Puríssimo, agora, está excelente, porque eles procuraram melhorar. Na minha época, colegial só existia no Ribeiro. O ALEM estava relacionado com o comércio. Então, o que aconteceu depois... Quando passei para a 7ª série, que na época era a 3ª série do ginásio, eu, sozinha, procurei uma senhora que trabalhava no Ribeiro, a dona Iaiá, Dona Ana Brunini, para saber se

ela podia me arrumar uma vaga no Ribeiro, pois ela trabalhava na secretaria. Tudo isso sem falar com o meu pai. Daí, ela falou que era muito difícil, mas, por incrível que pareça, depois, ela arrumou uma vaga para mim. Aí, eu saí do Puríssimo e fui para a 7ª série do Ribeiro. Daí, eu fiz tudo no Ribeiro, 7ª e 8ª séries, científico e normal.

Na época, havia o curso clássico, para quem queria seguir Línguas, Direito, etc. E havia o científico, para quem quisesse seguir exatas. E, quando eu estava no 2º científico, houve uma brecha... o Estado permitiu aos alunos que estivessem no 2º científico, fazer o 1º ano do curso normal. Então comecei a fazer os dois cursos simultaneamente. A gente ganhava praticamente um ano porque não tinha que fazer o pré-normal, que existia naquela época. Fazíamos só do 1º ao 3º normal. Tive professores excelentes! No sentido de transmitirem as coisas, de a gente adquirir conhecimento. Não posso ter queixa de nenhum.

Até no primário tive professoras muito boas, que tinham feito o curso normal, todas eram formadas. Aliás, eram todas mulheres... As escolas Normais existiam em muitas cidades do Estado de São Paulo. Só que os professores não faziam concurso, contabilizavam pontos e, às vezes, tinham que ir, dentro do Estado de São Paulo, para bem longe. A professora recém-formada ia longe, porque, quanto mais longe você ia, contava mais pontos. Uma senhora, irmã do meu vizinho, outro dia, comentou o seguinte: "Sabe que, quando eu ingressei, eu ia a cavalo dar aula?". E, especificamente com Matemática... Eu tive a mesma professora na 3ª e 4ª séries do primário, e ela dava muita Matemática, mas dava mesmo! Naquela época, na 3ª e 4ª séries, dava até porcentagem, regra de três. E Português... Não estou dizendo que o Português não era dado, ela dava ditado, redação, mas ensinava mais Matemática.

Os meus professores do ginásio... No Puríssimo, em geral, eram freiras, mas havia alguns professores externos. Matemática, por exemplo, era uma irmã, mas Português era a dona Ivanira Bohn Prado, que depois se tornou inspetora federal. O único professor homem era o de Desenho. Mas não sei dizer se eram especialistas. A partir da 7ª série eu fui para o Ribeiro. E, tanto no ginásio quanto no colegial, tive mais professores homens... Lá tinha especialistas, sendo que alguns já eram efetivos. Por exemplo, o professor "Tonhão", o Sr. Antônio de Guimarães Leite, ele era professor de Matemática e professor de verdade! Tinha feito USP. Muito bom! Mas naquela época podia prestar concurso sem ter faculdade.

Se sofri influência do professor “Tonhão”? É... eu sempre o admirei. E ele gostava muito de mim... O professor Armando Grisi foi professor de Matemática e Física... Eu acho que ele era professor normalista. Eu não considerei nenhum professor assim tão rígido, eles exigiam. Na época que eu trabalhei, nós levávamos muito a sério o nosso trabalho. Sério mesmo, não era de brincadeira, não. Se eu disser alguma coisa dos meus professores, que foram bravos... Acho que eu, enquanto professora, exigia muito mais dos meus alunos. Tanto é que meus alunos saíam do 3º colegial e não faziam quase cursinho. Poucos alunos faziam cursinho para entrar na faculdade. Ah! Eu me sinto... nossa... realizada na minha profissão. Mais do que esperava. Acho que fiz muito pelos alunos, fiz muito pelo Estado, mas a recompensa monetária foi desastrosa, isso que é duro!

Escolhi a área de exatas porque sempre gostei de Matemática. Desde pequena, sempre gostei... Possivelmente, por influência da professora de 3ª e 4ª séries, que parecia gostar muito de Matemática. Talvez tenha sido por isso que eu também tenha me interessado, porque gostava de resolver problemas. Ela dava problema que era uma coisa, sabe? Eu devo mais a ela, porque fiquei dois anos, 3ª série e 4ª série, e é justamente nessa época que a criança está crescendo... E talvez fosse por isso que eu tinha facilidade em Matemática.

Se Matemática é Ciência ou Arte... Bom, eu considero Ciência e Arte. Pela etimologia, a palavra Matemática, em Latim, significa Arte, Ciência e disciplina. E em grego significa Arte, Ciência e teoria. Como Ciência, ela está em todos os campos, na Engenharia, Medicina, agricultura. E, como Arte, é muita usada na Arquitetura, na construção de prédios, palácios e igrejas. Na Itália, Inglaterra vemos construções antigas com o arco gótico, isto é, ogiva gótica, muito usada principalmente em igrejas. E encontramos vitrais maravilhosos com figuras geométricas e, atualmente, encontramos quadros artísticos com figuras geométricas. Por isso, Matemática é uma somatória de Ciência e Arte. Nos últimos anos de magistério, eu dei toda essa parte de desenho. Mas, desenho usando Geometria, Matemática. Ogivas, góticas, todos esses vitrais que você encontra em prédios e Igrejas são baseados em Matemática.

Curso superior... Eu iniciei o curso superior de Licenciatura em Matemática em 1959, na PUC-Campinas e concluí em 1962, na Faculdade de Filosofia e Letras de Rio Claro, atual UNESP, junto com a primeira turma. O meu pai queria que eu viajasse, que

fosse e voltasse todo dia. E eu achava que era muito cansativo. Então, esperei mais um pouco, na esperança que abrisse uma faculdade aqui, como diziam que ia acontecer. Mas, como estava demorando, resolvi fazer o vestibular em Campinas, na PUC, e entrei em 1959. E, em 1960, me transferi para a Faculdade de Filosofia e Letras de Rio Claro. Naquela época, o estudante do curso de Licenciatura em Matemática era super-interessado em aprender e estudava bastante. Nós éramos somente dez alunos e tínhamos um ideal: ser professor! Porque isso todos que estavam lá tinham... todos! E alguns, já naquela época, pensavam em ser professores universitários. Como nós temos, por exemplo, o Luiz Antonio Fávaro (falecido) que deu aula na USP de São Carlos. Quem mais de professor... Temos também um que trabalha em Piracicaba, na UNIMEP.

Com relação aos professores do curso de Matemática, eram super-dedicados e preocupados com que os alunos entendessem a matéria. A finalidade deles era que os alunos entendessem o que estava sendo dado para que assim conseguissem transferir para situações novas. Isto era o que mais eles insistiam conosco. Por exemplo, era dado um problema, e eles esperavam que a gente transferisse aquilo que a gente aprendeu para problemas novos. Os professores visavam muito a essas situações novas. Eles lançavam coisas que precisavam daquilo que eles explicavam. Então, se você não tivesse entendido a matéria, não conseguiria resolver o que estava sendo pedido.

A importância do curso na minha profissão... Bom, no meu caso, o curso de Matemática foi muito importante. Usei para o meu dia-a-dia na escola muito do que aprendi na faculdade. É lógico que eu tive que estudar bastante para poder dar boas aulas, porque o que eu aprendi na faculdade era bem mais elevado do que o que a gente tinha que dar. Mas eu acho que você acaba adquirindo a capacidade de entender novas leituras. A faculdade lhe dá um cabedal de sabedoria bem maior do que se não tivesse feito. Mas é lógico que o que se aprende na faculdade é para quem pretende seguir... Agora, para colégio, isso, aquilo, aí você tem que estudar bastante... No meu tempo de científico, eu sabia todas as regras de derivação. Por isso que na faculdade foi mais fácil. E eu, na faculdade, adorava o Cálculo. Durante algum tempo, eu dava para os meus alunos, do colegial, derivada e o início de integral. E dava também

funções, a parte que antecedia derivada e integral. A parte de função, dava tudo. Hoje em dia, já não se dá. E nem entra no vestibular.

De qualquer forma, eu ainda era muito pequena quando achava que queria ser professora de Matemática. Agora, escolher mesmo, foi no colegial. Meu pai achava que, naquela época, não existia professora de Matemática, existia professor. Ele falava assim: "Mas não tem professora de Matemática". Saí do colegial com dezessete anos. E daí... o que aconteceu? A única faculdade que eu poderia fazer se localizava em Campinas, a PUC, mas, como já disse, o meu pai só deixaria se eu viajasse todo dia, e desse jeito eu não quis. Então terminei o curso normal e fiquei parada, esperando abrir uma faculdade por aqui mesmo. Eu queria começar a dar aula, mas, na época, eu tinha dezoito anos e o Estado exigia que tivesse vinte e um anos. Já no ALEM não havia essa exigência, bastava gostar da matéria e saber dar aula. E eu gostava muito! Tinha uma boa dinâmica e, como já tinha feito o científico, conhecia a matéria. Então, comecei, aos 19 anos, a dar aulas no ALEM, à noite. Adorei! Fiquei feliz da vida! Outro dia, encontrei-me com um ex-aluno do ALEM que falou assim: "nossa, eu lembro... a senhora era tão novinha". Lá, a maioria dos alunos era mais velha e, por isso e pela minha idade, os donos da escola, o Sr Mário Alem e o Sr Michel Alem, antes de eu dar a primeira aula falaram assim: "A senhora precisa entrar firme!". E eu preparei tanto a primeira aula! E dei uma aula magnífica! Todo mundo ficou de boca aberta, porque eu acho que nunca tiveram aula igual. Comentavam que geralmente quem dava aula lá não era tão dedicado.

Mas eu queria dar aulas no Estado, então queria fazer alguma coisa para conseguir isso e foi aí que apareceu o CADES, que estava relacionado com a USP. No certificado vem assim: "certificado de curso de extensão universitária"... "...aprovação no curso de Matemática patrocinado pela reitoria da USP, pelo Ministério da Educação e Cultura, através do CADES e pelo Departamento de Educação e Secretaria da Educação do Estado de São Paulo". Então, para dar aula no Estado, além de ter pelo menos vinte e um anos, ou você fazia faculdade ou o CADES. Além disso, existia o CADES para o ginásio e para o colegial. Eu fiz para o ginásio. Tinha um mês de aula e depois fazíamos uma prova... difícil! Tinha que saber toda a parte de 1^a à 4^a série do ginásio, tudo, tudo, tudo. A nossa região, na época, pertencia a São Carlos. Então, era o Sr Vicente Kepp, o inspetor seccional, que indicava o lugar para você dar aula depois.

Se faltava professor? Ah! Faltava! Não é como agora, não. Naquela época, era bom. Por isso que eu falo, houve mudanças muito assim... A proliferação de muitas escolas, muitas faculdades.

Apoio da família? É lógico que tive muito apoio... Agora, as implicações político-econômicas dessa decisão... Como adolescente, a minha decisão iria implicar somente o gosto por aquilo que eu queria ser. Ainda não estava pensando em dinheiro. Mas, na minha época, ser professor de ginásio ou colégio dava status na sociedade, o que, hoje, não está acontecendo. Eu comecei no magistério muito depois de um professor que dava aulas no Ribeiro, o professor Vitorino Machado. E ele dizia que o salário de professor era equivalente ao salário de um juiz, e que ele, quando começou, ganhava mais que um juiz. Na minha época, o salário, comparado com o salário do Banco do Brasil, era maior (o meu marido foi funcionário do Banco do Brasil). Consegui construir a minha casa com o salário de professora mais o do meu marido. Se fosse agora...

Eu comecei a trabalhar em fevereiro de 1958, em Dourado, perto de São Carlos. Um professor efetivo havia sido removido para outra cadeira, daí o cargo estava vago. Naquela época, concurso não era assim todo ano, então, caso não tivesse professor, o cargo ficava vago. Só podiam trabalhar as pessoas credenciadas, não podia ser qualquer um. Mas a gente trabalhava como se fosse dona da cadeira. Chamava-se interina. Nessa situação, se alguém, numa remoção, escolhesse a escola onde eu estava lecionando, eu perderia as aulas. Para assumirmos as aulas, lembro que tínhamos que procurar no Diário Oficial os estabelecimentos que estavam vagos. No meu caso, conversando com o inspetor da seccional, o professor Kepp, fui informada de que havia aulas em Dourado. Mas, normalmente, saía no Diário Oficial e a pessoa interessada é que tinha que procurar. Mas, agora, não é mais assim. Agora, não tem mais nem lugar para se dar aula. É diferente. Naquela época, não havia tanto professor de Matemática. Fiquei, em Dourado, um ano trabalhando com o ginásio, atual ensino fundamental. Em termos de conteúdo, o que aprendi no ginásio foi o que ensinei quando fui dar aula. O que dávamos, todos os livros traziam. Na época, houve uma inovação, a Matemática Moderna. Foi em 59, 60.

Com relação aos meus alunos, acho que o elemento humano era um pouco diferente do atual. O aluno agora tem televisão, computador, etc. Naquela época, o aluno única e exclusivamente estudava. O nosso mundo era um mundo menorzinho

comparado com o mundo de agora. É... A evolução foi muito grande e muito rápida também. Você vê, uma criança, atualmente, sabe mexer no computador o que é uma maravilha.

Bom aluno? Para mim, o bom aluno é assíduo, leva a sério, faz todas as tarefas de casa, tem um bom comportamento. É aquele que faz principalmente as tarefas. Eu dava muita ênfase às tarefas. O aluno necessitava fazer as tarefas para aprender. Porque, senão, o aluno não aprende.

Além das aulas em Dourado, eu também peguei aulas em Cordeirópolis. Então, a minha semana era assim: em Cordeirópolis, eu dava duas aulas na segunda-feira. Terça-feira de madrugada, eu tomava o trem e ia para Dourado e ficava lá até sexta de manhã, pois eu dava aula no ginásio inteiro. Depois, voltava para Rio Claro e dava mais duas aulas na sexta-feira à noite. Todo esse deslocamento, o salário, na época, cobria. Nossa! Sobrava. Porque ia de trem, que era barato. Depois que entrei na faculdade fiquei, até 1961, só com as aulas em Cordeirópolis. E, no último ano de faculdade, em 1962, peguei aulas no Ribeiro, uma sala do científico noturno e as demais do ginásio. Em 1964, peguei o colégio todinho, 36 aulas... Esse tempo, no Ribeiro, foi a minha melhor época do magistério. Me realizei! Porque a gente via resposta! A resposta era imediata, o aluno às vezes nem precisava fazer cursinho e passava no vestibular. Eu tenho muitos alunos que fizeram Engenharia em São Carlos. E, para isso, só fizeram um cursinho intensivo, de férias, e passaram. O aluno ficava três anos comigo... Depois, no anos seguintes, chegaram a Clara (Clara Betanho Leite) e a Ruth Ceron; aí, a gente dividiu as aulas. Só que elas não queriam dar aulas nem no 2º colegial, nem no 3º colegial, então dividíamos o 1º colegial. Com essa divisão, eu continuava com os alunos no 2º. Mas houve uma época que nós fizemos assim: por exemplo, se a Ruth pegasse um 1º colegial, ela deveria seguir com aquela classe para acompanhar. Era um acordo entre nós, porque facilitava para o professor e facilitava para o aluno, porque não havia aquele negócio de trocar de professor. Agora, a Clara, não estou lembrada, mas acho que ela pegava mais o 1º e depois eu continuava com o 2º e o 3º dela. A Ruth, não. Ela gostava de acompanhar os alunos dela.

Em que momento da vida me percebi como um profissional da educação? Bom... A partir do momento em que uma pessoa, um professor entra numa sala de aula, já está como um profissional da educação. O professor não é apenas um

transmissor da matéria. Por exemplo, você tem que estar falando com os jovens, não é só a matéria da gente. A postura dos jovens na sala de aula, levar em consideração as diferenças individuais, que é importantíssimo! Porque nem todos têm a mesma facilidade. Estar em contato com os problemas do dia-a-dia do aluno. Às vezes, ele vai indo mal, então você tem que chamá-lo, em separado, perguntar o que está acontecendo. E, geralmente, existe problema familiar. Todos os casos que tive de alunos que não estavam acompanhando, que eu notava que ele teria condições, mas ele ia mal, eu chamava... No começo, é difícil o aluno se abrir, mas depois ele se abre, fala. Geralmente era problema familiar. Mas... Quando assumi as classes em Dourado eu já me sentia preparada para dar aula. Já havia feito o curso normal, então tinha tido todas as matérias da parte de pedagogia, a parte de psicologia. Só que era relacionado com criança. Além disso eu tinha uma boa bagagem de conhecimento. E fazíamos muitos cursos de férias também! Mas em momento nenhum você pode deixar de lado a faculdade.

Experiências fora da sala de aula? Na época do científico, eu já dava aula particular, de Matemática, em casa. Tenho vários ex-alunos, um deles, inclusive, é médico, o Doutor Tales Buschinelli. Mas... essas aulas aconteceram somente enquanto eu estava no científico.

Direção e coordenação nunca, mas em 1974, ou 1975, fui convidada para trabalhar na faculdade. O professor Mário Tourasse queria que eu fosse trabalhar com a professora Lourdes Onuchik (hoje doutora). Mas acontece que, naquela época, a faculdade estava numa situação difícil. Chegou a sair o meu nome no Diário Oficial, mas depois pensei bem... Eu queria trabalhar lá, mas para isso precisaria deixar as minhas aulas no Ribeiro. E como eu e o meu marido estávamos pleiteando fazer a nossa casa, não poderia deixar uma coisa certa por uma coisa incerta. Ouvi dizer, inclusive, que os professores estavam sem receber há um tempo, uma coisa assim... Sabe quando dá uma parada, depois precisa vir verba para efetivar os pagamentos.

Além disso, eu fiz parte do Projeto Novos Materiais para o Ensino da Geometria, no Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Esse projeto foi financiado com recursos do projeto prioritário plano setorial da educação de 1975 a 1979. Projeto Melhorias do Ensino de Ciências, PREMEX/UNESP, e era pelo MEC. Na época, continuamos trabalhando, não nos afastamos do cargo. Geralmente, era estipulado que não

escolhêssemos aulas à tarde num determinado dia. Foi a única coisa que fiz fora de sala de aula. Sempre me dediquei à sala de aula. Preparava muito bem as minhas aulas. Muitos professores pecam por isso, chegam na sala de aula, abrem o livro e falam assim: "Façam da página tal à página tal". Daí, ficam lá sentados e o aluno fazendo. Não sei se isso é certo. Bom... eu pelo menos, garanto que... os que foram meus alunos me encontram e falam... Talvez tenha ficado alguma coisa boa. Eu preferia sala de aula. Mas esse trabalho relacionado com os projetos foi uma experiência muito diferente. Muito arrogante até. Porque dar aula daquele jeito era fogo, viu. Bem audaz, o negócio. Mas sabe o que eu acho? Apesar de termos utilizado o material em sala de aula, ele precisava de algumas modificaçõeszinhas. O nível estava meio alto para o ginásio. Eu, particularmente, usei bastante coisa, mas precisava dosar. E muita coisa a gente não podia dar porque fugia um pouquinho do currículo, que precisava ser dado. Caso contrário, um outro professor podia pegar a classe e o aluno não teria a bagagem de conhecimentos necessários para a série seguinte. Esse era o problema.

É... Mas eu gostaria de ter trabalhado na faculdade, sim, viu? Mas, na época, 1964, 1965, o meu marido falou: "Pense bem!". Eu não iria desligar-me completamente por uma coisa que não sabia se ia virar. Mas, se fosse uma coisa bem garantida, eu largaria o Ribeiro.

Funcionarização... Autonomia do professor... No início de carreira, a gente sempre tinha um roteiro a seguir, todos os livros tinham a matéria que tinha que ser dada no ano. Era de acordo com o governo, o mínimo que você teria que dar. Mas, se você quisesse dar mais coisa, tudo bem! Agora, com relação à liberdade de escolha de conteúdo, se você quisesse mudar a ordem, inclusive, podia. Se você achava mais importante mudar alguma coisa, isso a gente tinha liberdade. Mas nunca senti nenhum tipo de repressão por parte do governo. Acho que, naquela época, tínhamos mais autonomia do que na época de final de carreira, no Joaquim Sales. No final, eu percebia que a gente tinha que ficar muito atrás de aluno, com nota... o professor foi obrigado a fazer papeletas, informando a situação dos alunos. Eles pediam muita coisa, o que você achava disso, o que achava daquilo. Então o professor acabava perdendo a autonomia daquilo que estava fazendo. Agora, eu acho o seguinte, o professor tem que ser muito idôneo para que nessa autonomia ele não saia dos seus limites. Porque tem

que provar que deu toda a matéria, tem que provar que durante o ano ele trabalhou. E não sei bem se, dando essa autonomia para todos os professores, se eles seguiriam... Agora, eu acho que o professor precisa de autonomia dentro da sala de aula, porque se ele é obrigado a seguir certas regras e isso e aquilo, acaba fugindo um pouquinho de ser professor. Por exemplo, mesmo quando eu trabalhava com diretor efetivo, nós nunca tivemos influência de diretor na sala de aula. Fazer desse jeito ou fazer daquele jeito. Não sei se algum colega teve problema. Eu não conheço. E eu também nunca tive problema. Agora, quando eu estava saindo, já perdia mais tempo em certas coisas burocráticas do que na aula.

Ser funcionária pública e professora... Todo mundo chamava de professor, não nos consideravam como funcionários públicos. E, como eu já disse, eu sempre quis trabalhar no Estado, que, na época, dava um retorno satisfatório. Tanto por parte dos alunos, que geralmente eram bons, quanto na parte monetária. Quando se falava que era professor do Estado, na minha época, soava bem.

Eu dei aula no Puríssimo só depois de me aposentar. Eu me aposentei em 1986 e não gostei de ficar em casa. Me convidaram e acabei dando aula durante 4 anos. E eu queria ir lá única e exclusivamente para não ficar em casa. Você está me entendendo? Sair, dar as minhas aulinhas... No meu primeiro ano lá, eu dava aula no magistério todo. No segundo ano, me pediram para dar aula também na 8ª série. Aí, eu tinha o magistério e duas 8^{as} séries. Aí, eu falei: "Mas não há condição de ficar trabalhando desse jeito! Eu entro às sete e saio ao meio dia todo dia, que é isso?". Depois, no terceiro ano, eles quiseram que eu pegasse a 7ª série, 8ª série e o magistério. Peguei 7ª série e falei assim: "Não! Agora é melhor eu sair, porque daqui a pouco vocês vão querer que eu pegue todo o ginásio!". Naquela época, não havia colegial no Puríssimo. A situação do professor, em termos salariais, já estava começando a ficar ruim em escola do Estado. Mas, no Puríssimo, pagavam bem, no particular estava melhor. Quando eu comecei no Estado, era bom, agora está um caos. Principalmente agora, depois de aposentada. Basta dizer que faz oito anos que nós não recebemos aumento. Não recebemos os abonos que o governo tem dado, mas parece que, agora, o Alckimim vai dar 5%. Agora, em questão de qualidade... nos últimos anos que eu trabalhei já estava muito difícil de trabalhar. Imagine agora! Foi muito boa a experiência que eu tive no Puríssimo, porque os alunos eram ótimos, gostavam da

matéria. Tinha alunos ruins também! É lógico! Mas era aquele aluno que, se você chamasse a mãe, tinha um retorno. Mas, no geral, a classe era boa.

A experiência profissional que destaco... Notar, por exemplo, que uma atitude sua pode ser mudada no ano seguinte para melhor... Isso vai enriquecendo o nosso desenvolvimento profissional... A interação com o aluno é importante. A participação no projeto também me conduziu a coisas boas. Eu apliquei, inclusive, muita coisa do projeto na sala de aula. Eu acho que tudo aquilo que serve para aumentar o seu cabedal de conhecimentos para você transmitir para o aluno é bom. Tudo o que eu fiz foi sempre voltado para o aluno, então, não tenho uma experiência profissional que tenha sido mais importante. Tudo foi válido.

Como deveria acontecer a profissionalização do professor de Matemática... A faculdade é importante. Eu coloco em primeiro lugar. Mas quem pretende ser professor de Matemática precisa estudar bastante sozinho porque o nível da faculdade é muito alto comparado com o nível das aulas que você vai dar. Mas dá condição de enxergar melhor as coisas. Então, acho que a faculdade está em primeiro lugar. É ela que vai dar o cabedal de conhecimento para o professor. Mas, só a faculdade, não. Você tem que prever um nível que o aluno possa entender. Por isso que, às vezes, muitos alunos não entendem o professor, porque ele fica lá, talvez no alto, e o aluno fica aqui, no baixo. A gente precisa chegar ao aluno. Isso é o importante do professor. Então, a profissionalização seria um conjunto formado pela universidade e pelo esforço do profissional. Na minha época, e muito mais agora, o professor também precisava entender bastante a parte psicológica e pedagógica de aluno. Você precisa estar em contato, por exemplo, com o problema que o aluno enfrenta na família. Porque, às vezes, o aluno, devido a algum agente exterior, fica alheio na sala de aula e vai mal. Então, você precisa chamá-lo, precisa conversar, entendeu? Eu sempre fiz isto, sempre fui uma professora... na sala de aula, eu exigia que o aluno trabalhasse bastante e que todas as dúvidas fossem tiradas comigo ali, na sala de aula. Por isso, quase nunca tive muito problema com aluno. Talvez tenha sido por isso... dar abertura. Tem professor que não dá tanta abertura para aluno. Tem professor que... o aluno nem chega perto dele. Então, eu dava muita abertura. E se eu percebesse que algum aluno não estava indo bem, eu o chamava particularmente, perguntava o que estava acontecendo. E eu notava que melhorava. Mas não tive muitos problemas nesse sentido, não. Só com a

palavra Matemática o aluninho já vinha... "Eu não gosto de Matemática". Ele ainda não tinha feito nada e falava que não gostava de Matemática. Principalmente quando é 5ª série, 6ª série, eles vêm muito traumatizados. Não sei se é a culpa do primário. Não posso afirmar isso. O aluno encontrava muita dificuldade em Matemática por causa de coisas anteriores. Na minha profissão, encontrei muitos alunos que falavam: "Ah! Eu não entendo Matemática, não sei Matemática". Então, eu procurava conversar com as professoras do primário. Aliás, eu cheguei a ensinar como elas deveriam dar as aulas para melhorar o ensino de Matemática. Elas me deram essa abertura, mas não é sempre que isso acontece. Elas estavam dispostas a mudar e, aí, eu fui mostrando como tinha que ser, etc. etc. Houve uma grande melhora, tanto é que, em 1979, os alunos de 5ª série ficaram em primeiro lugar nas Olimpíadas de Matemática.

Clodoaldo Pereira Leite*Início no magistério: 1964*

Nasci em Iacanga, interior de São Paulo, mas com cinco anos fui para Jaú. **O Brasil naquela época?** Bom... Não me lembro de muita coisa... Era época de guerra, 2ª guerra mundial, lembro alguma coisa de racionamento, nada que me afetasse.

O meu pai nasceu e viveu um bom tempo na zona rural; depois, quando foi para a cidade, virou comerciante, mas também trabalhou como funcionário na sede de um clube (XV de Jaú).

A minha mãe era “dona de casa” padrão, cozinhava muito bem, lavava, passava e criava os filhos. Mas, falava que queria abrir uma confeitaria. Uma coisa bem de sonho... no plano da teoria, porque na prática era muito difícil para a mulher nessa época

A minha trajetória escolar? Eu estudei num grupo escolar até a 4ª série, depois fiz o ginásio em uma escola particular, de católicos, de cônegos e o colegial numa escola do estado. Na época, Jaú tinha umas duas escolas particulares e uma do Estado, o Instituto de Educação. Na década de 1950, eram poucas as escolas.

A estrutura do grupo escolar era desvinculada do ginásio. Disciplina era bem rígida. Diretor bravo... a gente morria de medo. Só tive professoras, sendo que uma delas era vizinha de casa. Depois de terminado o primário, tinha exame de admissão para ir do 4º ano para a 1ª série ginasial, atual 5ª série. E, para prestar tal exame, tive aula particular com a professora que era vizinha de casa, a mesma que tinha me dado aula no 1º ano primário.

Estudei em colégio de cônegos, provavelmente, porque ele ficava a um quarteirão da minha casa e o outro era bem longe. Os meus pais queriam que os filhos estudassem, mas não tinham idéia de qual escola seria melhor.

Os cônegos vinham da Bélgica, tinham formação religiosa e davam mais a parte de línguas, Inglês, Francês, Latim. O professor de Matemática não era cônego, mas não sei qual era a formação dele. O de Ciências era formado, um professor famoso em Jaú até hoje. Apesar da origem do colégio, também tínhamos algumas professoras mulheres.

No ginásio era bem assim: o conteúdo era jogado e tínhamos que repeti-lo na prova. Sem preocupação nenhuma com reflexão, com capacidade de raciocínio. Uma coisa que eu me lembro bem, da minha aula de Matemática de 5^a a 8^a: o professor adotava um livro didático e mandava um aluno ler enquanto ele ficava sentado. Só de vez em quando ele se levantava, ia a lousa e explicava alguma coisa ou ilustrava uma situação. Mas, no geral, era isso mesmo. Na prova, caía da página tal à página tal, você estudava, decorava, sei lá... E as perguntas eram sobre aquilo. Tinha questão do tipo “Demonstrar o teorema 21”, quando o teorema era famoso. Agora, não sei... é um absurdo tudo isso, mas a gente aprendeu. Como? Não sei! Acho que também era bem seletivo, para cada mil, poucos aprendiam.

O colegial, eu fiz no Instituto de Educação de Jaú, que tinha os cursos: clássico, normal e científico. No normal, era 99% de mulheres, no científico, só homens e, no clássico, mais mulheres, mas havia homens que pretendiam fazer Letras, História, Direito. Eu me lembro bem da classe do terceiro: éramos oito homens. Os professores, em sua maioria homens, eram especialistas. O de Matemática, inclusive, era formado na USP, o Lineu de Almeida Prado. Tinha uma turma boa de Física, Química, Português, História e Geografia. Desenho, não sei se era especialista, mas ele era muito bom. O Instituto de Educação de Jaú era muito bom, o nível dos professores era bem melhor do que a escola de cônegos, o conteúdo era mais forte, tinha mais cobrança. Naquele tempo, reprovava violentamente. E lembro que tinha uma matéria, Desenho Geométrico, que era muito forte. Física, Química também. O estilo da aula na escola do Estado era diferente do que eu tinha visto na escola de cônegos. A qualidade era melhor... O professor dava mais conteúdo, ia mais a fundo nos assuntos. E as provas tinham umas questões mais de transferir o conceito, eram difíceis.

Um dado interessante... No primário e no ginásio, fui muito bem, mas quando passei para o colegial, fui reprovado, tal era a diferença de nível do ginásio e do colegial. Aí, depois daquela reprovação, embalei e fiz um colegial forte, fui bem.

No geral, a escola era bem rígida em termos de disciplina, como era típico na época.

Por que escolhi a área de exatas? Ah! Eu tinha muita facilidade, ia bem em Matemática. Além disso, eu gostava de dar aula para os colegas. No colegial, estudávamos de manhã e nos reuníamos à tarde com a desculpa de estudar. Mas,

estudávamos um pouco e depois ficávamos jogando ping-pong, ouvindo música. Enquanto estudávamos, a parte da Matemática eu que ajudava. Então, isso aí motivou. É uma coisa bem significativa.

Se Matemática é Ciência ou Arte? Ah, eu vejo Ciência, Arte e Filosofia também, um pouco de cada coisa. E Filosofia no sentido de ser um caminho constante em busca da verdade. É Arte no sentido da estética, da elegância. E é Ciência.

O curso superior... Sou da terceira turma do curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Filosofia de Ciências e Letras de Rio Claro, atual Unesp. Isso foi de 1961 a 1964. A faculdade era nova, poucos alunos. E, se compararmos com os alunos da USP da época, os daqui, de uma forma geral, não tinham muita consciência universitária. Era um tipo de aluno mais pacato. A integração dos alunos era boa. Pouca gente e bastante contato. E o pessoal da Matemática não tinha muita diferença do geral.

Mas, apesar do curso ser de licenciatura em Matemática, o espírito do departamento era voltado para pesquisa. A gente percebia que tinha até um certo preconceito contra quem ia dar aula no ginásio ou no colegial.

Numa turma de onze alunos (cinco homens e seis mulheres), três estavam bem definidos para a carreira universitária e o resto para o magistério. Eu queria fazer o curso para dar aula. Em 1964, tive oportunidade, inclusive, de ir para uma universidade em Goiânia, que estava sendo criada na época e não fui porque eu queria dar aula. Mas, alguns colegas de classe foram. O Célio Alvarenga, por exemplo, hoje importante matemático.

Tínhamos duas didáticas, a geral e a especial. Aí, todos os alunos, mesmo aqueles que pretendiam ir para a carreira universitária, faziam essas disciplinas. A pessoa que dava aula de Didática especial era uma professora do Ribeiro. Então, ela nos levava para o Ribeiro e tínhamos que assistir às aulas e ministrar um determinado número delas. Esse estágio a gente fez à noite, mas acho que chegamos a ir de dia, porque tudo era tão fácil.

Com relação aos professores? A maioria marcante era homem e a imagem que passavam era de competência e idealismo. Competência no sentido de conhecimento e interesse. A faculdade ainda estava começando. Em geral, tive contato com professores muito bons.

A importância do curso na minha profissão? Deu uma formação de conteúdo boa. Agora, no meu caso, o que teve uma importância muito grande foi o fato de eu ter ido trabalhar, depois de formado, no ginásio Vocacional de Americana que, na época era uma escola experimental. Eu acho que desenvolvi a parte pedagógica bem mais nessa escola do que na faculdade. Na faculdade, eles se preocupavam mais com conteúdo.

O que foi decisivo na minha escolha de ser professor de Matemática? Acho que foi o prazer que me dava trabalhar, ensinando. Eu dava muita aula particular, também. Desde o colegial, eu dava aula particular, na época da faculdade, inclusive. Para alunos de ginásio... Eu sempre fui bem em Matemática. Peguei o gosto.

Se houve apoio dos familiares? Ah! Apoio total. Na época, era muito valorizado, dava status. Hoje, talvez não... Os meus pais nunca influenciaram na minha decisão. Agora, como tinham freqüentado pouco a escola, mal sabiam escrever, dar o estudo para os filhos era questão de honra. Agora, influenciar no estudo, diretamente, não. E isso, eu acho um ponto superpositivo, porque a gente sempre se virou, escolheu o curso, foi atrás, quis fazer vestibular. Eles não tinham nem noção do que significava isso. Já, hoje, pai e mãe caem tanto em cima que o coitado do filho nem sei se pode escolher o que quer fazer.

Implicações político-econômicas desta decisão? Quando eu comecei a dar aula, o salário do professor era melhor em relação ao de hoje, apesar de ter sido uma fase de transição, o começo da decadência, em termos econômicos e sociais, que, ao meu ver, tem relação com a massificação do ensino – criação dos cursos superiores de fim-de-semana e aprovação em massa para alimentar estatísticas dos governos. O pessoal mais velho falava que antes era melhor. Tinha aquele chavão de que houve época em que juiz de direito e professor ganhavam igual.

Como era o salário do Vocacional? Era um pouco mais alto do que o tradicional, por causa da carga horária. Aliás, acho que uma das falhas foi essa. A gente ganhava o mesmo valor da aula, só que, no estado, por exemplo, o professor podia dar, no máximo, tantas aulas. E no Vocacional, como era tempo integral, dava um número maior. Então, não foi um trabalho que, na época, todo mundo batesse palma. Além disso, lá, a gente trabalhava em condições quase que ideais. Havia umas coisas muito fora da realidade. Por exemplo, as matéria Inglês e Ciências: numa classe de 30

alunos, 15 iam para Inglês e 15 para Ciências. O Estado gastava aí o dobro. Então era uma coisa que estava com problemas de aceitação. Primeiro, porque não era justo, e segundo, não adiantava também você ficar fazendo um trabalho se não tinha condições de, depois, ampliar para a rede toda. Por volta de 1967, começaram a ser feitas mudanças, pensando na ampliação do sistema para toda a rede de ensino.

Se eu tive alguma outra experiência pedagógica semelhante? Sim... A escola-padrão, que foi uma outra experiência interessante. Eu acho que havia um caminho a ser pensado, mas morreu na nascente. A escola-padrão tinha um mérito, atendia a reivindicações de anos. O professor ganhava por 46 horas mas dava 26 aulas. Tinha um período de atendimento individualizado a aluno e pais. Ou seja, tinha um trabalho remunerado, sem ser com aluno em classe. Além disso, o limite de alunos por classe parece que era 35. Então, coisas pelas quais a gente lutou uma vida inteira, pelo menos, estavam começando a acontecer. Mas, se a rede toda não ganhar igualzinho, aí, não pega nunca, porque, quem está fora, não tem a paciência de esperar... Porque toda experiência, eu acho, tem que começar pequena, depois ir expandindo. E quem está fora não aceita. Aí, entre dar para todos ou para alguns ou nenhum, o governo optou por acabar.

Mas, acabei passando por uma fase de decadência do salário, sendo que a maior aconteceu na década de 1980.

Além do salário, tem a questão da jornada. No começo, o efetivo tinha uma carga de 12 aulas e, se desse a mais, era considerada como aula excedente. Depois, foi aumentado, de 12 para 18. Teve uma época que fui dar 40 aulas. Também aumentou o número de alunos por classe. É... Eu acho que na década de 1980, foi o pico. Você dava de 40 a 44 aulas, classes superlotadas e salário baixo. O Maluf foi o marco. Um dado interessante... Comecei com um fusquinha usado, comprei em 1970. Depois, em 1976, consegui comprar um carro zero quilômetro e ia trocando a cada 3, 4 anos. Sempre, por um outro zero quilômetro. Em 82, eu ainda comprei um carro zero, mas só em 96 consegui trocar de carro.

Um outro referencial seria a trajetória escolar dos meus filhos. Eles fizeram até a 8ª série em escola do Estado. Depois, o colegial, o meu filho fez no ANGLO, porque eu dava aula lá, então era de graça. E minha filha fez magistério no Puríssimo, porque a

minha mulher dava aula no Puríssimo: então, também era de graça. A gente não teria condições de pagar. Ambos na década de 1980.

Depois, o meu filho foi para a universidade do Estado e, na mesma época, a minha filha entrou no Estado e na particular. Mas, não foi estudar em universidade do Estado pelos problemas financeiros. Acabou estudando em Piracicaba, à noite, e dando aula de dia para poder pagar.

Quais as possíveis razões disto ter ocorrido? Uma delas, a explosão demográfica... Você pega, por exemplo, uma cidade como Rio Claro. Quando eu vim para cá, em 61, o que tinha de escola de 5ª série em diante? Acho que tinha o Ribeiro, do Estado, o Batista, que começou na década de 1960 e umas duas particulares... Também abriu muita escola de formação de professores de final de semana... E aí houve uma mudança generalizada do que você tinha em 60, 70... Caiu muito o nível dos professores, justamente em consequência disso. Aumentou a quantidade, a qualidade piorou mesmo. Agora, uma coisa, que é uma opinião bem pessoal minha. Eu acho que, por volta da década de 1980, o próprio professor contribuiu para se auto-denegrir. Teve uma época de auto-estima baixíssima, o professor se sentia assim: ser professor não é nada. Aquela época das greves... que eram superjustas, mas que a sociedade não aceitava. Eu acho que as entidades, na ânsia de fazer com que o professor participasse, começaram a trabalhar muito essa idéia de que a sociedade e o governo não reconheciam o professor, que estávamos lá embaixo. Colocavam no carro aquele adesivo terrível: “Hei de vencer, mesmo sendo professor”. E eu acho que é uma classe que, para se impor, tem que ser por ela mesma. Não esperar que venha de fora o reconhecimento. Depois de um certo tempo, acredito que essas entidades de professores caíram em si e começaram a tentar mudar o esquema, mas a coisa já estava muito solidificada. Daí, também, tem a debandada de aluno da escola pública para a escola particular. Tem muito a ver com isso... A minha esposa também foi professora, mas, financeiramente, deu para mantermos um nível médio, com algumas dificuldades, mas alternando bons e maus períodos. Houve época de bastante dificuldade; na década de 1980, por exemplo, começou a haver uma desvalorização muito violenta. Acho que também ligada à inflação. Acho que na década de 1980, mas é difícil você estabelecer uma característica ao longo de trinta e poucos anos. Mas a

tendência foi à defasagem; à medida que o tempo foi passando, foi ficando cada vez mais difícil. Sempre foi difícil a parte financeira.

E o convívio escolar atual? Olhe... Eu me aposentei em janeiro de 1995. E, tomando como base o que tenho ouvido falar, as transformações foram muitas. A escola, hoje, é uma instituição que eu não tenho muito a idéia do que seja, por isso fica difícil opinar.

Qual o meu primeiro emprego como professor de Matemática? Aconteceu quando eu estava no quarto ano da faculdade, em 1964. Foi numa escola pública de Limeira, a Castelo Branco. Os alunos eram do noturno, 6ª e 7ª séries, geralmente adultos que trabalhavam durante o dia. Eram bem responsáveis. Deu para trabalhar bem, apesar do nível, em termos de conhecimento, ser mais baixo. O tipo de ensino era aquele... um livro era adotado e seguido à risca. O que eu dei naquela 7ª série noturna acho que hoje demoraria um curso de 4 anos. Não tinha noção, coisa bem de inexperiência mesmo.

Em que momento me percebi como um profissional da educação? Principalmente, depois de formado, em 1965, quando fui para o ginásio vocacional de Americana. Era tempo integral, tanto para aluno quanto para professor. Ficávamos na escola das 7 da manhã às 5 da tarde (comíamos por lá), dávamos aula, tínhamos horário de estudo, participávamos de reuniões pedagógicas, reuniões de grupo de área, fazíamos cursos, tínhamos trabalho livre, individual... Foi uma oportunidade interessante, havia crescimento de aluno e professor. No Estado de São Paulo, eram cinco ginásios, localizados em Rio Claro, Americana, São Paulo, Barretos e Batatais. E a idéia, na época, era espalhar esse tipo de escola por toda a rede. As pessoas que conseguiram trabalhar no Vocacional, eram no geral, recrutadas nas escolas do Estado. Primeiro nos inscrevíamos, depois passávamos por uma entrevista e os escolhidos faziam o treinamento. Depois, diante desse treinamento, que era feito em São Paulo, alguns eram chamados. Eles tinham autonomia para escolher, era um esquema de ensino desvinculado do sistema geral. Passei por isso, sem qualquer remuneração, quando eu estava no quarto ano da faculdade. Ia para São Paulo toda sexta-feira, pegava o trem às 4 e meia e voltava à noite. Só passei a receber salário em 1965, depois de ser selecionado, por meio do treinamento. A ênfase era a educação como um

todo; na parte específica, tinha muita aula, palestra. A parte de formação do professor era o ponto alto.

Depois de passar por essa experiência, a minha visão de Educação mudou totalmente. Antes, era aquela visão de ensinar a Matemática, ser professor de conteúdo e o aluno aprender. E o Vocacional deu essa visão ampla de educação completa, preocupação com a formação... Acho que é sempre a história da informação e da formação, aí foi o grande ponto. Depois, o crescimento durante o processo. A gente lia muito, via muita coisa, fazia muito curso. Tínhamos orientador pedagógico e orientador educacional. O pedagógico cuidava da parte das matérias e o educacional, da parte de formação de atitudes, comportamento. Todo fim de bimestre, além da nota do aluno, você tinha uma folha de observação do aluno, a FOA. Nela, o aluno era analisado em quatro aspectos: físico-motor, intelectual, emocional e social. A orientadora recolhia todas as observações, fazia um trabalho de síntese que depois era utilizado para uma discussão. O trabalho com os pais era quase permanente. Só que era uma realidade bem fora do padrão geral do país, eram poucos alunos. Não eram todos os alunos que tinham acesso a essa escola. Mas eu não me lembro como era feita a seleção.

Depois de dois anos de Vocacional, prestei um concurso de ingresso no Estado, passei, escolhi a escola (em Nova Odessa), dei um mês de aula e depois fiquei afastado, comissionado no Vocacional. O comissionamento tinha que ser renovado todo ano. Então, por exemplo, 1º de janeiro, se fosse aprovado o meu comissionamento, eu ficava afastado até 31 de dezembro. Dia 31, se o vocacional se interessasse em renovar, a gente saía de novo. Eu fiquei 5 anos lá. Agora, que eu me efetivei, foi no 2º ano. Eu fiquei 3 anos como efetivo do Estado, trabalhando lá. Isso aconteceu no começo da década de 1965 a 1969.

Se a Matemática Moderna é dessa época? Sim, coincidiu com o aparecimento da Matemática Moderna. A gente partiu de corpo e alma, acreditando numa mudança radical no ensino da Matemática. Tinha um grupo em São Paulo, o GEEM, e a coordenadora de Matemática do Vocacional era um membro importante do GEEM, a Lucília Bechara. Então, a gente fazia um trabalho paralelo, assim... todas as novidades que vinham do GEEM, desse movimento da Matemática Moderna, na hora já iam para o Vocacional. Mas, por incrível que pareça, com todas essas qualidades, a comunidade não aceitava muito, não. Muitos setores da comunidade não estavam interessados no

sucesso do Vocacional. Por exemplo, o pessoal ligado ao Instituto de Educação, escola influente da cidade; também um grupo político da cidade, contrário ao grupo que conseguiu implantar o Vocacional na cidade.

Outro fator que influenciou bastante para o fim da experiência do Vocacional, foi a situação política do país, na segunda metade da década de 1960. A linha pedagógica, voltada para a formação do espírito crítico, não agradava a muitos setores do governo. Com isso, o sistema passou a sofrer uma série de pressões e interferências externas, sendo obrigado a fazer mudanças que, aos poucos, o descaracterizaram. Até que, no início da década de 1970, terminou oficialmente. A partir daí, as escolas do Vocacional passaram a fazer parte da rede comum.

Fiquei em Americana até 1969. Foram cinco anos e aproveitei muito essa parte de formação profissional. De lá, tive uma passagem rápida por Nova Odessa e vim para cá, em 1970, e fiquei até eu me aposentar, em 1995.

Tenho um depoimento interessantíssimo sobre o Vocacional, relacionado com a Escola Infantil Pimentinha, onde os meus filhos estudaram até o pré. Eu tinha muita amizade com a diretora, a Marina, já falecida. E, numa das nossas conversas, ela me falou que os pais que tinham sido alunos do Vocacional, no geral, tinham uma postura completamente diferente em relação à criação dos filhos. Eu, particularmente, posso afirmar que, depois de ter passado pelo Vocacional muita coisa mudou na atividade profissional e na criação dos filhos. Acho que passei a ser uma pessoa diferente. Então, acho que a universidade foi importante em termos de formação específica, mas o Vocacional deu aquela amplitude.

Como foi depois que saí do Vocacional? Só docência. Não tinha carreira, oportunidade de crescer. Tentei fazer pós-graduação, mas não agüentei. Eu dava aula a semana inteira e ia para a USP de São Carlos (Matemática) aos sábados de manhã; o curso era pesado e eles davam trabalho com bibliografia em Inglês. Era totalmente fora da realidade. Nós fomos numa turma e acho que ninguém conseguiu ir até o fim. Não tínhamos apoio no sentido de podermos nos afastar de algumas aulas, para podermos estudar. Então, daí para a frente...

Outras experiências didáticas distintas da atividade docente? Eu participei de uns projetos de elaboração de material didático. Começou na UNICAMP, em 1972, o nome do projeto era PREMEM, Projeto de Novos Materiais para o Ensino da

Matemática, e foi até 1974. Depois, teve um desse mesmo tipo, aqui em Rio Claro, na UNESP.

Em Campinas, eu entrei na segunda fase e tenho a impressão de que um grupo de professores do estado era afastado para se dedicar ao projeto em tempo integral. Mas, eu continuei trabalhando, não me afastei, ia só de vez em quando, a algumas reuniões. Além disso, nos reunimos duas vezes durante uma semana para tomarmos certas diretrizes, uma vez, em Serra Negra e, na outra, em Águas da Prata

Em Rio Claro, nos reuníamos toda sexta-feira à tarde; era um grupo grande. Grupos de dois ou três professores escolhiam um assunto para trabalhar. No final, elaboramos uma porção de apostilinhas.

Como cheguei a esses projetos? Possivelmente, através do Dante, que era meu amigo desde a faculdade e que, em Campinas, fazia parte do Projeto desde o começo e, em Rio Claro, era o coordenador.

Aqui, em Rio Claro, participavam do Projeto o Geraldo Peres, o Anísio, o Dante, o Mário Tourasse, a Ruth Ceron, a Eurides, que eram da faculdade. Agora, o Sérgio Pedroso, o Luiz Antonio Rodrigues, a Améris e a Carmem Luiza davam aula na rede. Tenho a impressão de que alguém deve ter juntado um grupo de pessoas na faculdade para conversar e disso surgiu a idéia do projeto. Eu me lembro que houve uma fase em que trabalhamos com crianças de um orfanato em frente à faculdade. Era um trabalho sobre fração, com material concreto.

Qual o significado destes projetos para a minha carreira profissional? Acho que deu um bom embasamento teórico e prático, porque a gente estudava muito, lia. E ao elaborar o projeto, acho que você ganha muito.

Se trabalhar nestes projetos mudou a minha maneira de dar aula ? Ah! Mudou bastante. Principalmente nessa parte de tornar o ensino-aprendizagem da Matemática mais concreto. Estava muito teórico. Daí, eu acho que... Agora, eu sempre falo que a minha grande experiência foi o Vocacional. Foi uma coisa assim... porque quando eu participei de tudo isso, já foi depois do Vocacional. Mas, esses projetos enriqueceram bastante. Em sala de aula, com os meus alunos, cheguei a usar alguma coisa do que havíamos elaborado. Além desses projetos, fui coordenador de área várias vezes, na minha escola.

Funcionarização... Autonomia do professor... burocratização do ensino... Eu acho que o professor tem sido muito prejudicado no sentido de, às vezes, ter que deixar a parte pedagógica de lado para cumprir burocracia. Muita rigidez em horário, muita rigidez em calendário. Isso atrapalha. Mas eu tive sorte porque a minha escola era muito organizada. Depois que eu vim para Rio Claro, eu fiquei, em 1970, numa escola (Odilon Correa), e depois, em 71, fui para o Batista Leme, onde me aposentei, em 1995.

O Batista Leme era, na década de 1970 e 80, uma escola que se destacava e dava condições de trabalho. Eu entrei em 71 e, nessa época, utilizávamos o prédio da Caracu, tudo improvisado e uma escola que comportava o primário, o Marcelo Schimidt. O primário funcionava até às 4 da tarde. Então a gente pegava das 4 às 7. E das 7 às 11. Só depois foi construído o prédio. Era uma equipe muito boa, com professores formados, uma escola superorganizada, meio exceção. O Batista Leme tinha fama de participar e se destacar nas Olimpíadas de Matemática. Mas, o efeito nos outros alunos que não participavam era altamente negativo.

Agora, com relação ao início do processo de burocratização do ensino, eu não vou conseguir lembrar em termo de datas... Imposição de programa... Quando começou aquela fase de, por exemplo, toda delegacia de ensino ter um coordenador para cada área. E começaram também os delegados de ensino, depois os supervisores. Nessa época, as escolas começaram a cobrar mais. Daí foi aumentando, aumentando e chegou uma época que era mais importante a burocracia do que a parte pedagógica. Acho que foi na década de 1970... Eu lembro que tinha um guia curricular, o famoso verdão. Lembro, inclusive, que fiz um curso aqui, no ALEM, para aprender como utilizá-lo. Mas, entrava um novo governo e jogava fora tudo o que o outro tinha feito, nomeava uma equipe e elaborava um outro guia curricular. E tinha que fazer o curso de novo. Matemática era terrível. Matemática... nomeava uma equipe, bolava uma linha pedagógica, depois vinha outra e fazia tudo diferente. Planejamento... Planejamento no começo do ano. Depois, no fim do ano, tinha aquela avaliação final.

Funcionário Público e professor? Depois da metade da década de 1980, acho que começou uma desvalorização... Acho que o próprio professor começou a se desvalorizar. E a sociedade acompanhou o movimento. Justamente nessa época, o salário começou a mudar, umas perdas que nunca mais recuperamos. E, aí,

desencadeou todo um processo; acho que, hoje, estão tentando reerguer a carreira, não sei. E isso não está relacionado só com questão de aumento. Também houve uma massificação da profissão. Acho que entrou muita gente que talvez não fosse do ramo. Abriu muita faculdade de fim de semana e entrou no mercado um contingente muito grande de professores que acabou com o perfil que o professor tinha até então. E as conseqüências acho que foram essas. A sociedade começou a desvalorizar a ponto de ninguém querer que o filho seja professor. Acho que foi um processo ligado inclusive com a parte política. Deve ter alguma relação.

Ser funcionário de uma escola particular sendo professor? Tem bem a ver com o problema econômico. Cheguei a dar 52 aulas por semana, 44 no Estado e 8 no Anglo. Então... foi bem problema econômico. Reforçar o salário. Mas, também, foi uma experiência interessante. No Anglo, só tinha cursinho, só depois eles resolveram abrir o colegial. E, para isso, requisitaram professores da cidade. Nós abrimos um 1º colegial com poucos alunos. Na maioria, alunos que tinham sido expulsos de escolas ou tinham parado de estudar. Conseguiram recolher na cidade 13 alunos para formar uma classe. Foi o começo do colegial do Anglo. No ano seguinte, abriram 4 classes, de tão boa que foi a experiência. Mas, ser de uma escola particular foi difícil, inclusive porque não dava para participar das coisas. Eu lembro que punha sempre as duas primeiras aulas... Então, eu ia às 7 horas, dava essas duas aulas, depois saía correndo porque, em 10 minutos, começava a aula na outra escola. Mas um dia eu saí, porque não dava, era pesado. Mas foi uma experiência boa. A escola particular era bem direcionada para o vestibular. Eu sempre dava aula para o 2º colegial de Biologia, para o pessoal que ia fazer Medicina... E a tônica era essa mesmo. Preparar para o vestibular.

Se eu via diferença com relação ao Estado? Ah! É outra realidade, completamente diferente. Lá, o contato era direto com o patrão. Mas não teve nada assim significativo.

Qual a experiência profissional que destaco? Acho que o relacionamento com os alunos foi uma coisa importante. Porque, hoje, aposentado, quando tenho contato com ex-alunos... é uma coisa gratificante. Eu acho importante, ou mais... Me dava muito prazer a convivência com o jovem, foi uma coisa que contribuiu bastante para que eu também me desenvolvesse.

Como deveria acontecer a profissionalização do professor de Matemática?

Eu acho que deveria haver um plano de carreira para o Ensino Fundamental e Médio. Na realidade, não há uma carreira. Professor começa e acaba sempre no mesmo estágio: dando aula. Então, a parte paralela de formação, crescimento, poder estudar, essa parte precisaria melhorar. Deveria existir uma carreira onde ele, por exemplo, num determinado tempo, exercesse um tipo de função; depois, à medida que fosse evoluindo, fosse mudando. Ter objetivos a curto prazo para motivar, porque realmente eu acho que o que tem prejudicado é isso. Deveriam existir algumas etapas a serem cumpridas. Mas, continuando com a aula, pois isso também é importante. Eu acho que tem acontecido muito o seguinte: parece que dar aula não é o objetivo do pessoal. A pessoa se forma professor e põe como objetivo parar de dar aula. Às vezes, você encontra uma pessoa que, contente, diz: "Ah, agora eu estou como assistente de direção, não estou mais dando aula". Como se fosse uma conquista, quando, na realidade, devia ser o contrário. Quer dizer... Agora, para isso, precisaria haver um estímulo que não seria só o financeiro. A carga horária de aula, por exemplo, poderia ser diminuída progressivamente. E na parte de formação, dar chance de estudar, crescer.

Algo mais relacionado com a profissionalização... Uma coisa que a gente percebe hoje, vindo de fora, é a supervalorização da escola particular e subvalorização da escola pública quando, na realidade, eu acho que o nível é mais ou menos o mesmo. Acho que a diferença está na aparência, parte material, prédio, organização, mas em termos de educação... Acho até que a escola pública, para a criança, no aspecto formativo, ainda é superior à particular. Mas, acho que a sociedade e a própria classe de professores estão desvirtuando e tendo uma idéia errada. Acho que tinha que investir mesmo na escola pública. O professor deveria ser bem pago, deveriam ser dadas condições de trabalho, a carga horária deveria ser menos desgastante, as classes menos numerosas... de modo que atraísse de novo, pelo menos, a classe média para a escola pública. Levantaria de novo. Não sei... Na minha opinião, a formação do aluno da pública, em termos de vivência, é bem mais abrangente e na escola particular fica limitada a uma realidade. Supostamente, é bom para o aluno, mas eu acho que não é, não. Eu acho que as experiências de vida da

escola particular são muito pobres porque não existe outra classe social para conviver, conversar... E isso eu acho altamente negativo.

Apesar do meu conhecimento da realidade atual não ser grande, acho que essa proposta de mudança deveria ser a longo prazo. A essa altura, reverter um quadro, se é que é possível reverter, não dá para ser a curto prazo. Agora, eu acho, também, que a sociedade tem condições de reverter o quadro. No caso da periferia, já é mais difícil. Precisaria de um trabalho mais especializado. Mas, por exemplo, eu vejo uma parte da classe média que põe o aluno na escola particular e a família tem uma dificuldade enorme para pagar e nem sempre os alunos aproveitam, às vezes, vão mal. Não seria melhor pôr na escola pública e investir na escola pública? O pai participar até no plano material e ajudar nas escolas. Se a família comesse a entrar na escola de novo, seria uma forma de afastar esses problemas. Agora, é difícil, porque uma coisa é você falar de fora, outra coisa é você ser pai da criança e pôr ali para estudar. Chegou a um ponto que, realmente, o que se deve fazer concretamente é difícil de opinar. Agora, eu acho que ainda há muitas escolas públicas de bom nível. A mídia faz um trabalho de usar sempre os casos extremos. Então, você acaba generalizando, mas não dá. Quando eu falo em reerguer a escola pública, penso em começar com um projeto como o Vocacional, depois, aos poucos, ir ampliando para a rede toda. Por exemplo, em Rio Claro, tem o Marcelo Schimidt que é uma escola próxima à minha casa. Eu acompanho muito o trabalho, porque o meu filho fez o primário lá, é uma escola... E dá para fazer um bom trabalho, tem uma clientela boa. Depois, tem essa em que eu trabalhei, o Batista Leme. Parece que teve um momento de crise, mas se reergueu e dá para fazer. Tem muita escola, o Ribeiro dá. Então, tem isso, também. Começar a levantar aquelas que ainda dão. E tem muita escola boa, no estado, com clientela boa. Agora, realmente, se você pegar os grandes centros, no curso noturno da periferia. Teria que ser um trabalho envolvendo um pessoal especializado e com uma linha pedagógica voltada para essa realidade. Além de um bom investimento material.

Para finalizar, gostaria de salientar que, depois da aposentadoria continuei trabalhando – primeiro com aulas particulares e, agora, com revisão de livros didáticos – para preencher o tempo, continuar produzindo e porque o salário de aposentado é insuficiente. É isso!

Regina

Início no magistério: 1968

Nasci em Guararapes, oeste de São Paulo. A gente morava num sítio, não tinha muito contato com as coisas. Quando fui fazer o primeiro ano primário, saí do sítio e fui para a cidade. E, como a minha casa não era tão perto da escola, o meu pai me deixou ficar na casa da minha tia, na cidade, porque ficava mais fácil. Mas, depois que os meus irmãos se acostumaram com o trajeto da escola, a gente começou a ir do sítio. E, quando o meu pai melhorou um pouco de situação, comprou bicicleta, então a gente ia de bicicleta, facilitou um pouco mais.

Os meus pais vieram casados, do Japão, para trabalharem na lavoura, plantação de algodão, de café... Vieram como imigrantes com a intenção de retornar para o Japão. O meu pai contava que diziam que aqui era um eldorado, que vinha, trabalhava, ganhava dinheiro e voltava para o Japão. Mas, a realidade era muito diferente. Muita miséria, pobreza, e doença. Tinha problema de idioma, problema em um monte de coisa. Mas, enfim, vieram por causa da guerra, com um sonho de voltar com dinheiro, mas não aconteceu nada disso. Minha mãe voltou, a passeio, ao Japão depois de quase cinquenta anos...

Depois que eu nasci, o meu pai arrendou um sítio. Mas, o proprietário acabou pedindo o sítio, daí ele comprou uma chácara, onde fez a granja. Todo mundo trabalhava nessa granja. Eram vários barracões e eu era responsável por um deles. Na época, eu estava no 1º ano ginásial e, então, antes de ir para a escola, eu tinha que distribuir ração, ver a água, levantar às cinco horas da manhã... Quando eu chegava da escola, tinha que distribuir ração de novo e recolher os ovos. A minha mãe ficou mais em casa, para cuidar da casa, das roupas, da comida.

Eu não falava Português... Fui aprender no 1º ano primário. Alfabetizar, no 1º ano, sem saber nada, nada, nada de Português. No primário, só tive professoras e algumas eram bem rigorosas, bravas, exigiam bastante. Acho que eram bem dedicadas, mesmo. iam lá para dar aula e queriam todo mundo fazendo o que elas pediam, cobravam isso. No 2º ano primário, a professora, brava que era, falou assim: "Você não pode falar japonês em casa!". Ela achava que, assim, eu aprenderia Português. Mas, em Matemática, não tirava menos que noventa, ia bem. Elas davam

bastante exercício de Matemática. Tínhamos um livrinho com problemas de todos os tipos. E muita lição de Matemática, era bem cobrado. Então, desde essa época, sempre gostei da parte de exatas.

Para irmos da 4^a série primária para a atual 5^a série tínhamos que fazer um exame. E, para isso, antes, fazíamos um cursinho que era dado no prédio de uma escola particular, por um professor de 4^a série de uma outra escola, o Sr. Francisco. Agora, se era pago, não me lembro. Acho que devia ser pago, sim. Algumas pessoas terminavam a 4^a série e depois faziam um ano de cursinho. Mas, eu fiz simultaneamente, 4^a série de manhã e, à tarde, o cursinho

Eu me lembro que era um exame difícil. Tinha que estudar bastante para conseguir passar e entrar na 5^a série da escola do estado. A prova era de Português e Matemática. Especificamente, Matemática; me lembro que foi uma prova difícil.

No ginásio, tive um pouco mais de professores homens. Matemática, por exemplo, era um professor que, apesar de não ser concursado, era muito bom, muito rigoroso, bravo. Eu gostava demais dele. Ele era muito caprichoso, um dos professores mais bem organizados em lousa, com material. E essas coisas me chamaram a atenção. O professor de Geografia também era muito dedicado, um dos únicos concursados da escola. Ele pegou o meu caderno como lembrança, de tão bem feito que era. Eu tinha tinta nanquim de todas as cores e fazia os mapas, tudo muito bem feito.

Se eram especialistas? O de Geografia era, agora, o de Matemática, eu não sei qual a formação, mas ele foi o melhor. Aprendi muita coisa com ele. Também tinha professor com CADES que estava lá só para quebrar galho, não ensinava nada. Eu tive uma professora de Português, por exemplo, com CADES, que ensinava a fazer letra, caligrafia, umas coisas assim. Perdia tempo fazendo caderno e ensinar matéria, mesmo... Você não aprendia quase nada. Um outro professor de Português, além de advogado, era vereador.

Na época, o que eu quisesse comprar, em termos de material, livro por exemplo, eu podia comprar. Eu tinha até catálogo da livraria Nobel. Então, além do livro adotado, eu comprava outros para estudar, vinha tudo por reembolso postal. O meu pai sempre incentivou o estudo.

O atual ensino médio era dividido em clássico e científico. E eu fiz o científico, já pensando em fazer faculdade. Eu queria ser professora! Aliás, escolhi ser professora quando estava na 6ª série, 2º ano ginásial. Na época, eu queria ser professora, ou de Matemática ou de Geografia ou Desenho Geométrico. Não tive bons professores no científico, estudei muito sozinha. O professor de Química era aluno de cursinho. Matemática, os dois primeiros anos foi com um professor com CADES e o último ano foi com um dentista. Tive advogado dando aula de Filosofia e tinha professores concursados também. A professora de Inglês era formada, muito boa professora. A maioria era homem.

Eu sempre estudei em escolas públicas. Mas, na cidade, tinha uma escola particular freqüentada por alunos que tinham sido expulsos da escola do Estado, faziam um ano lá, depois pleiteavam de novo outra vaga no Estado. Era assim... Se o aluno repetisse duas vezes consecutivas numa escola do Estado, era jubilado, expulso da escola compulsoriamente. Daí, ele tinha que ir para a escola particular, fazer um ano, para depois voltar à escola do Estado. E se repetisse de novo, era novamente expulso. E era humilhante isso. Ir para escola particular pelo fato ter sido expulso. Quem estudava lá, todo mundo falava: "Pô, quem é muito burro que estuda lá".

Sempre estudei muito. Eu tinha medo que o meu pai me tirasse da escola. Diziam que mulher não precisava estudar. A minha irmã mais velha estava fazendo um curso para ser noiva, que ensinava culinária, corte e costura, bordado.

Porque escolhi a área de Exatas? Ah... Como já citei, sempre tive facilidade com a Matemática, mesmo sem entender bem o português. Os problemas, pelo menos, eu lia e conseguia resolver.

O curso superior, Licenciatura em Matemática, iniciei em 1966, em Presidente Prudente. Transferi para Rio Claro depois que fiquei sabendo que aquela faculdade ainda não era reconhecida. Tinha sido autorizada, mas ainda não tinha reconhecimento. Assim, fiz o 3º e o 4º anos aqui, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, atual UNESP. Me formei em 1969.

Como eram os alunos de exatas? Ah! O pessoal era bem empenhado, estudávamos bastante. Mas, tinha uma turma festeira na faculdade. O pessoal de Ciências Sociais, por exemplo. Agora, na Matemática, eu acho que... os meninos talvez fossem, mas nem tanto, porque a gente tinha sempre muita coisa para fazer, tinha

trabalho para entregar, muitos exercícios para fazer. Não tinha muito tempo. Mas foi uma época muito gostosa da minha vida, viu? Quando chegou setembro do último ano, comecei a sentir saudade da turma, antes de acabar. Porque a gente tinha um entrosamento tão grande, de sair todo mundo junto. Éramos vinte, a maioria de fora, mas todos entrosados. Morava todo mundo em república e, no final de semana, a gente saía mesmo. Sábado e domingo... podia fazer frio, chuva, a gente estava saindo. Mas, agora, de festinha da UNESP... a gente não participava muito, não.

Agora os professores do curso... A maioria era homem. E tinha de tudo quanto é jeito. Tinha professor que não estava nem aí, a avaliação era só para constar, podia fazer em casa, até. Mas também tinha professor rigoroso. Ali! Tinha que assistir à aula, tinha que dar seminário, tinha que fazer prova. Também tinha os mais chegados com a turma, professores que a gente tinha mais liberdade de chegar, conversar, fazer amizade, sair, tomar café junto, bater papo, era gostoso. Alguns nem chegavam, mantinham uma certa distância. Mas, logicamente, com os professores, assim... os mais rigorosos, a gente tinha que estudar mesmo, estudar bastante, fazer muito exercício. Porque... todas aquelas demonstrações de teoremas, enfim... pedia tudo na prova. Tinha que decorar tudo aquilo lá. Mas, comparando o primeiro e o segundo ano de Presidente Prudente com o terceiro e o quarto que eu fiz aqui, acho que lá foi muito mais rigoroso. Eu estudei bastante em Presidente Prudente. Cálculo Integral, aquela parte lá... Nossa! Derivadas, o que a gente teve que estudar. E tinha a parte de Álgebra, nossa! Tanto em Presidente Prudente quanto aqui em Rio Claro, estudávamos em livros escritos em inglês, ou espanhol ou francês. E, engraçado, a gente não achava ruim. Hoje em dia, tem tudo em Português. Eu comprava muito livro e usava muito a biblioteca.

A importância do curso na minha profissão... Logicamente o curso me ajudou a entender o conteúdo que eu tinha que ensinar para os alunos. Saber para você mesmo é uma coisa, passar para o outro é muito diferente. E essa capacidade de estudar, destrinchar e passar eu adquiri na faculdade. Isso é importante.

Se você, por exemplo, vai ensinar conjuntos numéricos, sozinha, você não vai conseguir destrinchar para a criançada quando passa de um natural para um inteiro. Tem que saber os inteiros, onde houve necessidade de... aumentar, não sei se é o termo certo... o conjunto. Então, todo esse conhecimento de fazer a criança entender

que tem a necessidade de conhecer outros números, isso daí, só na faculdade que eu consegui. Agora, por si só, pegando um livro texto de 5^a a 8^a, você vendo aquilo, você vai perceber? Não! Então, foi na faculdade que eu percebi tudo isso.

O que foi decisivo na minha escolha de ser professor de Matemática?

Bom... Em Matemática, eu ia melhor, gostava mais. Teve um caso de um professor, um dentista, que se meteu a dar aula de Matemática, e, como eu estudava bastante, pensando no vestibular, me pediu para dar aula no lugar dele, a parte de trigonometria. "Ah! Você vai explicar, você já está sabendo." Mas eu gostava do meu professor do curso ginásial, me identifiquei muito com ele. E acho que também foi por isso que eu segui.

Depois que eu já tinha decidido ser professora, minha mãe me contou que tinha escolhido o meu nome porque tinha conhecido uma professora chamada Regina. Ela, assim como meu pai, nunca direcionou nada, apenas comentou o fato porque achou que tinha dado certo a escolha do nome.

Se houve apoio dos familiares? Sim! O meu pai dizia que eu teria que estudar para ter o meu futuro. Bens materiais, imóveis, ele não podia deixar, mas, em faculdade, eu poderia fazer o curso que eu quisesse. Então, eu estudei, fiz faculdade com o maior empenho. Não podia repetir, não podia fazer feio. Então... Não fiz cursinho, prestei e passei. Eu tinha que me empenhar ao máximo para não decepcionar o meu pai. Ele nos ensinou, desde pequenos, a termos confiança, não decepcionarmos as pessoas, sermos honestos, e isso ficou muito forte na gente, sabe? Eu me lembro, desde criança, do meu pai falando para mim e todos os meus irmãos: "Estudo é o único bem que eu posso deixar, estudem mesmo!".

Agora... pensando melhor... acho que posso concluir uma coisa. Foi o meu pai que teve mais chance de estudar, no Japão; os meus tios, por serem mais novos, não tiveram essa chance porque imigraram ainda adolescentes. E, por ter estudado, ele gostava muito de ler. Tinha enciclopédias, livros, fazia assinatura de livros do Japão, e lia muito. E os meus tios, não... O meu pai lia muito livro em japonês, só sabia japonês. E lia para a gente. Quando eu ia para casa, na época que eu estava fazendo faculdade, ele lia aqueles livros de Filosofia, interpretava para mim...

Implicações político-econômicas da minha decisão... Na época, logicamente, professor ganhava bem. Quando eu fiz o primário e o ginásio a professora, nossa! Era

da elite da sociedade. Era bem vista, benquista, nossa! Um modelo para você seguir. Era tudo. Então, isso, logicamente, me influenciou a aspirar ser professora, porque eu via as professoras sempre com carro, vestindo bem, falando bem, tendo de tudo. Então, era uma profissão que valeria a pena seguir. Acho que influenciou mais nesse sentido. Você vê... Eu me lembro da professora de Francês, nossa! Ela vinha muito bem vestida, tinha umas roupas lindíssimas. E sabe que, quando eu fui dar aula, sempre me vesti do melhor jeito possível, para os meus alunos, porque é uma postura. Se você está bem arrumada, você também impõe respeito, é uma postura positiva. Se você vai de qualquer jeito, os alunos a olham um pouco diferente, fazem distinção. Não precisa pôr roupa chique, chique, mas estar com roupa limpa, bem passada, apresentável, isso é importante. A diretora, um dia, perguntou se era desfile de moda. Eu falei: "Não! Eu me visto para os meus alunos!". Me lembro bem, na época de estudante, que eu gostava dos meus professores bem arrumados. Eu me sentia bem, gostava de ver as minhas professoras muito bem vestidas. Aquilo representava bem. Eu tinha uma professora de Desenho Geométrico que vinha com a barra da saia descosturada e a gente fazia piada com isso. "Ah! Vamos comprar agulha e linha para ela". Você vê, eu estava no ginásio e me lembro que as minhas amigas falavam: "Que coisa feia!". E aquele cabelo, sabe, assim, com bobe na cabeça, ou com aquela marca de bobe no cabelo. Que coisa mais feia. Então, eu ia impecável dar aula. E os alunos gostavam do meu cabelo, da roupa, do sapato. Eu usava sempre salto alto.

Uma vez, um aluno perguntou se eu não tinha tristeza e eu falei: "Por quê?". "Porque a senhora está sempre feliz, chega... bom dia, boa tarde. Não tem tristeza?". Eu falei: "Não é isso. Quando eu venho dar aula, esqueço os problemas de casa. Lógico que tenho tristeza, tenho os meus problemas, mas deixo lá em casa. Aqui, eu estou para vocês. Faço o melhor para vocês." Uma outra vez, perguntaram se eu não ficava doente: "A senhora é diferente, para não ficar doente?". Eu falei: "Não! Eu não sou diferente de vocês, talvez seja diferente em termos de cabeça, sou uma pessoa muito para cima". Eles queriam saber porque eu não ficava doente, porque eu não faltava. Eu ensinava para os alunos que era um compromisso que eu tinha com eles. Então, por exemplo, dia de prova, eles tinham que ter esse compromisso, aquele dia era dia de compromisso, você não podia inventar de ir passear, ir visitar avó, fazer uma

viagem, fazer compra, sei lá. Aquele dia, como eu fazia calendário, eles tinham um compromisso comigo.

Engraçado, eu sai do Djiliah fui para o Odilon e deixei aluno que estava na 6^a série. Pois eles fizeram questão de me convidar para a formatura de 8^a série, vieram a minha casa me trazer convite, sabe? Você deixa coisa para a criançada. Sempre pensei assim: primeiro de tudo, eu tinha que conquistar a simpatia deles. Então, o meu primeiro objetivo era esse, tentar ser simpática com eles, porque, a partir do momento que eles gostassem de mim, eu poderia ensinar a Matemática. Às vezes, eu perguntava se tinha alguém com dificuldade; então eu dava mais atenção para aqueles alunos e fazia um desafio com eles. Uma vez eu perguntei como determinados alunos estavam... "Ah, o mês que vem vou tirar um A". Aí eu falava: "Vamos apostar?". Então, eu apostava qualquer coisa e, com isso, eles se empenhavam ao máximo para tirar esse A. Porque queriam ganhar do professor, lógico. E eu ajudava, fazia uma prova um pouco mais fácil, para eles poderem adquirir confiança, segurança. Se conseguissem isso, depois, iam embora. Então, eu fazia isso com eles.

Comecei a dar aula no terceiro ano de faculdade, em 1968, como professora de Desenho Geométrico, em Itirapina. Eram oito aulas. Depois, no quarto ano, comecei a dar aula de Matemática, em Limeira, vinte e quatro aulas em seis classes de 5^a série, pois só tinha 5^a série. Aí, depois de terminar a faculdade, o que tinha eu pegava, da 5^a ao 3^o colegial. Foi bom, foi uma experiência... nossa!

Em Itirapina, as crianças eram dóceis, fáceis de lidar, muito receptivas, queriam aprender. Acho que me dei bem com a criançada. Não tive problema de disciplina, não tive problema para ensinar. Acho que eram duas aulas por semana. Devia ter 4 classes, duas 5^{as} e duas 6^{as}, acho. Mas eram crianças fáceis de lidar.

Era uma época mais fácil para dar aula, a criançada era mais fácil de lidar, não era tão difícil controlar disciplina. Era uma outra cabeça. Hoje, parece que está diferente. Quem está dando aula, está reclamando tanto. E ninguém tem vontade de aprender. Só vai lá para brincar. Me aposentei em agosto de 1994 e já tinha gente reclamando. Mas, como eu já estava no final de carreira, tinha uma certa tarimba de lidar com a classe, manter a disciplina, o interesse, tudo. É diferente de quem está começando. E tem gente que, às vezes, começa errado já no primeiro dia, daí, é difícil reverter a situação. Eu acho que o primeiro dia de aula é determinante. A maneira, a

sua postura na sala de aula. Dependendo do que você fala naquele dia, pode definir muita coisa para o resto da sua vida na escola. A primeira impressão é importante; você tem que fazer o melhor possível, causar a melhor impressão, conseguir conquistar a turma, mostrar que você tem competência. Depois, fica tranquilo para você trabalhar, manter disciplina, manter interesse. Mas, tudo isso eu adquiri com a experiência. No começo, eu nem me lembro muito bem como é que foi. Mas que tentei fazer o melhor, isso eu tentei, estudei muito bem a matéria que eu ia dar. Agora, postura de professor, isso você adquire com o tempo, não é assim de uma hora para outra. Tem professor que fica falando: "Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo". Você não pode falar, porque o aluno vai testá-lo. Se acontecer uma determinada situação, daí, você toma a atitude e ele vai saber nessa hora o que vai acontecer. E falar o que realmente pretende cumprir. Então, se eu dissesse: "Amanhã, vou entregar a prova", os alunos tinham certeza que a receberiam naquela dia. Se eu tivesse que ficar até de madrugada corrigindo, eu ficava, porque eu tinha um compromisso com eles. Então, todas essas pequenas coisas fazem com que você desempenhe bem o seu serviço.

Em que momento da vida me percebi como um profissional da educação?

Como um profissional, eu acho que depois que me formei. Quando comecei a trabalhar, só trabalho e sem estudo. Porque tinha terminado a faculdade, aí me senti profissional, me dedicava ao máximo, o melhor. Não que antes não tivesse, mas como a gente estava ainda estudando, fazendo... Então a gente estava aprendendo. Uma vez formada, professora formada, você tem que mostrar que tem competência, que sabe fazer, então você tem que fazer o melhor.

Outras experiências didáticas... Eu terminei a faculdade e ganhei bolsa de estudo, no IMPA, para fazer um curso de verão, em 1970, que na época chamavam de iniciação científica. Fiquei janeiro e fevereiro; depois, no mesmo ano, fui para a USP de São Carlos, fazer algumas disciplinas na pós-graduação. E daí me convidaram para dar aula na faculdade de Bauru. Então, comecei a dar aula em Bauru e continuei freqüentando as aulas da pós. Eu dei um ano de aula lá, mas não gostei muito, sabe? Trabalhar com mais de cinquenta alunos na sala, realmente, é meio complicado. Você tem aquele ideal de querer ensinar, de que o aluno tem que saber. Eu me lembro de um senhor bem mais velho do que eu, que fazia o curso e começou a me desafiar, sabe? Porque ele não tinha colado, que ele não tinha ... Eu tinha certeza que ele tinha colado,

do jeito que ele tinha feito a prova, sabe? Daí começou aquela discussão... Botar você em cheque... "Você está começando a dar aula agora e está querendo exigir demais. Você não é muito experiente". Porque era a primeira vez que eu estava dando aula em faculdade.

Além disso tudo percebi umas "coisas" que eu não gostei num concurso para dar aula numa universidade. Então, em 1971, desisti de tudo, das aulas em Bauru e da pós em São Carlos. Eu falei, não! Eu vou dar aula no nível médio mesmo. Quero prestar concurso para ter segurança e tranquilidade para trabalhar, ter liberdade de fazer o que quiser, o melhor que puder e não ter ninguém tentando me podar.

O concurso lhe dá um pouco mais de segurança em termos de aulas. Possibilita trabalhar só num determinado lugar, fazer um trabalho naquele local. Não ter que estar mudando. Mas só consegui passar no concurso de 1979. Na época da ditadura, não tinha concurso e, no primeiro concurso que teve, depois que me formei, não consegui passar. Mas, para o segundo, eu estudei pra valer. Fiz vários cursos, fui a São Paulo, a Campinas. Estudei para valer a parte pedagógica, porque, na faculdade, essa parte era dada meio no chute, não era muito exigida, mas para o concurso você tinha que saber. Mas, valeu! Eu gosto de estudar. Até hoje eu estudo, faço curso de Inglês, de espanhol. Sempre estou fazendo alguma coisa. Nunca parei. Eu fiz até um curso de Engenharia Civil, em 1977.

Como não estava tendo concurso, nem nada, eu falei assim: "Puxa vida, todo ano aquela luta, será que tem aula, será que não tem aula". Porque, apesar de eu sempre conseguir aula, contratado temporariamente podia perder aula de uma hora para outra. E, também, foi a época em que não estavam pagando bem, tinha caído muito o salário. Aí, como eu tinha feito Matemática, o meu marido, técnico em edificações, falou: "Puxa vida, você podia fazer engenharia e trabalhar comigo!". Ai, eu fui fazer na PUC, em Campinas. Mas exerci pouco, construí só algumas casas. A minha casa, por exemplo, fui eu que projetei. Essa época foi uma loucura! A aula na PUC começava à uma hora da tarde, ia até às seis. Eu voltava para Rio Claro e só dava tempo de pegar o meu material e ir dar aula. Fiz isso quatro anos. Eu tinha aula de segunda a sábado. E curso de engenharia civil é puxado, nossa! Cada trabalho complicado, demorado para fazer. Mas não gostei como engenheira civil. Exerci um pouquinho só. Ah! Não gostei de trabalhar com pedreiro, encanador, armador... O meu

negócio era dar aula mesmo. Sempre gostei de dar aula. Tentei fazer um caminho aí, mas não deu certo.

Bom... **Com relação à autonomia do professor...** Na época que eu comecei a dar aula, a ditadura vinha com aquele programa a cumprir. Tínhamos que cumprir setenta e cinco por cento do que era proposto, não tinha como fugir. O programa vinha publicado no diário oficial e tinha que ser seguido, considerando a seqüência imposta, independente de a escola ser pobre, rica, de periferia, de centro, não tinha diferença. Mas, em compensação podíamos utilizar a metodologia que quiséssemos, só havia controle de conteúdo.

Depois que acabou a ditadura, é que deu essa abertura de poder fazer um planejamento de acordo com a situação sócio-econômica, com a localização da escola, com os interesses, de acordo com tudo. Mas, aí, a gente não tinha capacidade de fazer. Não sabia como fazer, porque nunca tinha parado para pensar em como fazer. Foi engraçado porque, de repente, você tem liberdade de fazer e não sabe usar da liberdade. E nós questionamos isso! Até conseguirmos pensar sozinhos, bolar as coisas, demorou um pouquinho. Mas, com o tempo, fomos nos adaptando.

Com relação à burocracia... Na minha época, não tinha ficha individual de aluno... Caderneta, lógico que tinha, e o programa cumprido tinha que estar lá, tudo registrado. De 1990 para a frente, tínhamos que fazer um relatório dos alunos, justificando as reprovações, tudo bem documentado. Por isso, a gente recolhia todas as provas e guardava, porque havia a possibilidade de o aluno entrar com recurso. Comigo, nunca aconteceu, graças a Deus! Se você trabalhar sério, os alunos passam a acreditar no seu trabalho, então não têm por que contestar. Agora, se você leva meio salteado, eles começam a entrar com recurso, e acham que o seu trabalho não é válido; então, começam a contestar. Tinha que apresentar um projeto para os alunos que tinham entrado em recuperação. E depois, se ficasse reprovado, o porquê da reprovação.

Mas, depois da ditadura, a gente teve muita autonomia de fazer programa, principalmente a parte de conteúdo. Você podia desenvolver como você achasse melhor. Eu já caminhava Álgebra e Geometria junto e reservava uma ou duas aulas, conforme a carga horária. Se tivesse cinco aulas, duas eram para a Geometria e três

para Álgebra. Mas, mesmo com essa abertura, nas reuniões, combinávamos mais ou menos o que poderia ser abordado na série, para não prejudicar alunos transferidos.

E, tirando especificamente o programa, havia um certo controle com relação à aprovação. Era sugerido sutilmente que se promovesse o máximo possível.

Se Matemática é Ciência ou Arte? Acho que é as duas coisas. Você usa a Matemática em Arte, quando você vai desenhar proporção, para ter um visual melhor. Eu acho que se você souber bem a Matemática fica melhor. Eu acho que entra na Arte também, não só Ciência Exata.

Funcionária pública e professora... Quando decidi ser professora, era uma profissão muito boa, ganhava bem e era bem vista pela sociedade. Tínhamos muita credibilidade. Mas, em meados de 1970, quase chegando a 1980, a situação já não era a mesma, tanto é que eu estava querendo mudar de profissão. "Ah! Ganha igual a uma empregada doméstica e ainda tem que agüentar quarenta alunos". O salário decaindo e a sociedade mudando com relação ao professor. Por exemplo, eu tinha um "hobby", fazia pintura de porcelana, pintura de tela, qualquer coisa desse tipo. Então, eu tinha contato com outras pessoas fora da escola e, quando eu falava que era professora, todo mundo me via como uma pessoa bem informada. Mas, quando falava em termos de dinheiro, em termos de passear, viajar, já me olhavam como quem fala: "Ela não vai poder ir, porque é muito caro". Um acontecimento, em especial, me deixou chocada. Aconteceu depois de aposentada. Uma pessoa, ao saber que eu tinha feito uma viagem para a Europa, me falou assim: "Nossa! Até você!". Isso me chocou. Como uma pessoa pode ser tão grossa ao ponto de falar uma coisa dessas. Isso aconteceu agora, recentemente, 1998, 99. Nossa, aquilo...

Então, quando o assunto está relacionado com conhecimento o enaltecem, você é inteligente, você sabe isso, sabe aquilo, sabe tudo. Mas quando se fala em termos de dinheiro...

Com as 8 aulas que peguei, em 1968, dava para pagar, pelo menos, as despesas da república, alimentação, aluguel, luz. Agora, outros gastos como, por exemplo, sapato, o meu pai ainda me ajudava um pouco. Mas, em 1969, quando peguei as 24 aulas em Limeira, não precisei mais da ajuda do meu pai. Já a bolsa do IMPA devia ser um pouquinho superior ao que eu ganhava como professora na rede estadual. Porque, se fosse para ganhar menos, talvez nem tivesse ido. Ou igual ou

mais, senão, não iria arriscar. Mas, não era uma diferença gritante. Em Bauru, eu tinha duas salas, primeiro e segundo anos, ia um dia da semana. Então, apesar de dar poucas aulas, o salário ainda era suficiente para me manter. Mas, já era um pouco melhor, porque eu me lembro de poder ter um pouco de luxo, comprar Lp's, por exemplo, uma coisa que não acontecia antes. Agora, depois de formada, quando retornei ao ensino fundamental, o salário aumentou, porque comecei a trabalhar mais, dar mais aulas, o máximo possível. Daí, eu ganhava muito mais do que em Bauru. Consegui, inclusive, comprar uma casa, dei entrada e o restante foi financiado pelo sistema do BNH. Já deu para começar.

Eu lembro que, depois da ditadura, o salário foi piorando. Tanto é que, em 1977, resolvi fazer o curso de engenharia, porque eu estava achando que professor não estava lá essas coisas. Aí, quem sabe, fazendo engenharia... Mas, em 1980, quando terminei o curso, nem a engenharia estava bem. Nossa, estava muito difícil. Então, nem engenharia valeu a pena ter feito. Daí, para você pegar projeto com preço bem baixo e muita responsabilidade, em tempo longo, não valia a pena, a menos que eu tivesse uma empresa de construção, mas, isso tem que ter um investimento muito alto, não é fácil. Nem na engenharia fui trabalhar, larguei tudo e continuei dando aula, porque vi que o que eu gostava de fazer era dar aula mesmo.

Agora, quando se fala de funcionário público, pensa que não trabalha, que engana, que enrola. Mas eu acho que a sociedade não vê o professor assim. Na área de educação, quem realmente trabalha é o professor. Você tem que entrar naquele horário e tem aquele horário para cumprir, a não ser que você fique enrolando na sala e não dê aula. Eu queria me sentir bem, então tinha que fazer tudo da melhor maneira, ia lá para fazer o melhor.

Experiências profissionais... quais as que eu destaco? Bom... Eu fazia todos os cursos que a UNESP oferecia, porque houve uma época que, para você se classificar bem, tinha que ter esses cursos, então, também fui fazer curso em Ribeirão Preto, em São Carlos, em Ouro Fino... Tudo sem auxílio financeiro. Me lembro uma vez, alguma gratificação relacionada com transporte, era uma coisa irrisória. Foi até engraçado, todo mundo deu risada, foi uma ajuda de custo, um negócio que era para dar risada, mas, no fim, aconteceu uma vez só. Mas tudo isso, na minha prática, não ajudou muito, porque as propostas que eram apresentadas nesses cursos não eram

muito fáceis de aplicar integralmente no dia-a-dia da sala de aula. Só alguma coisa, algum conhecimento. Mas, na íntegra... porque a realidade da aula é muito diferente daquela teoria bonitinha que era dada. Você tinha que tentar adaptar aquilo lá. Então, os cursos contribuíram muito pouco para o meu desenvolvimento profissional.

Se dei aula particular? Sim, mas só depois que me aposentei. Sabe, quando você dá aula para a filha da amiga? E o negócio foi indo e foi indo; aí o pessoal do Puríssimo ficou sabendo que eu estava dando aula, então, veio um pessoal do Puríssimo, veio um pessoal do Koelle. Sabe, um foi contando para o outro. Mas dar aula para um aluno de cada vez é bem diferente de enfrentar uma classe. Muito diferente.

Eu gostei de trabalhar como professora! Gostei! Fiz o melhor possível. Penso assim: cumpri a minha missão. Me senti realizada como professora. Trabalhei até o último dia como se fosse o primeiro. Muito empenho. Só contei para os meus alunos que eu ia me aposentar no último dia. Aí, nesse dia, não dei aula, fiquei lá conversando com eles. Daí, eu ouvi um zum, zum, zum na classe, arrancando folha. Todo mundo arrancou uma folha do caderno para fazer uma faixa agradecendo por eu ter sido professora deles e desejando felicidades. E, quando ia saindo, eles fizeram um corredor, ficaram todos os alunos e eu saí no meio deles. Isso aconteceu no Odilon Correia, onde trabalhei só um ano e meio. Eu trabalhei muito tempo, à noite, no Djiliah. Segunda à sexta, até dez e meia da noite e eu já estava cansada. Eu queria trabalhar durante o dia e, à noite pensar: "Seis horas da tarde acabou o meu expediente". E isso eu consegui no Odilon Correia, através de uma remoção. Aí, aconteceu um negócio engraçado... A professora, antes de se aposentar, começou a tirar licença de saúde, licença-prêmio, não sei o quê. As aulas acabaram ficando bagunçadas e os alunos estavam descontentes. Aí, a diretora falou assim para eles: "No ano que vem, vocês terão uma professora Brastemp, vocês vão gostar dela". Gente, meu Deus do Céu! Era eu. Daí, fiz reunião de pais, e você precisava ver quantos pais apareceram para me conhecer, menina! Eu dizia, meu Deus!

Mas o que eu tive que trabalhar com aqueles alunos do Odilon! No fim, acabei tendo problema de tendinite, chegou a um ponto de eu não conseguir assinar cheque, o braço doía por dentro. Isso aconteceu de tanto escrever na lousa, preparar texto, preparar exercício. Porque, no estêncil, tem que escrever acalcando. Fui perceber esse

problema ao assinar o livro ponto, porque, na lousa, tudo bem, mas no papel eu não conseguia escrever direito. Só consegui me curar com Homeopatia. Fui em tudo quanto é médico e a alopatia não resolveu nada.

Ah! Eu acho que, para você melhorar, você tem que querer melhorar, fazer o melhor, comprar o material que for possível, tentar... Naqueles cursos, tínhamos algumas indicações de material. Então você acaba fazendo, por conta, na sua casa. Para ensinar sistema de medidas, por exemplo, você tem que arrumar material, você tem que pensar um pouco, construir, fazer em casa, levar para os alunos. Você tem que fazer. Você tem que pensar. Então, eu não destacaria uma experiência em especial. O que me lembro é que sempre tentei ser criativa nas coisas, estimular, inventar coisas, não ter preguiça, levar coisas e fazer e acontecer, para, assim, poder ensinar melhor, fazer com que o aluno assimilasse melhor. O pessoal do noturno, por exemplo, não tinha material, então eu levava material para eles, porque, senão, eu não conseguia dar aula. Então, se eu estivesse dando medida, se tivesse que usar régua para medir, sempre tinha uma meia dúzia que estava sem material e eu tinha material disponível para emprestar. Eu exigia que eles trouxessem de casa mas, se não trouxessem, não ficavam sem fazer por falta de material.

Como deveria acontecer a profissionalização do professor de Matemática?

Eu acho que só a formação acadêmica não é o bastante. Ele tinha que ter condições de experimentar, porque só com a experiência se pode adquirir essa profissionalização. Tinham que inventar alguma coisa... porque eu só aprendi fazendo. Simplesmente ter diploma e dizer que é profissional... Se não for competente para executar o serviço, não será um bom profissional. Tem que ter o diploma para poder exercer, mas não é o bastante, tem que ter experiência. Tem professoras formadas que não conseguem dar aula, choram na sala de aula, não conseguem controlar uma classe, não conseguem, não têm segurança. Então, fica complicado! Realmente! Porque esperar formar para começar a trabalhar pela primeira vez é muito complicado. É bom começar enquanto ainda está na faculdade, porque você pega qualquer quantidade de aula. Na época que eu comecei, peguei oito, agora, depois de formado, começar só com oito aulas... você começa a achar ruim... "Pô, eu já estou formado e vou começar só com oito aulas!". Agora, enquanto você está na faculdade e pega oito, é um número que dá tempo de preparar aula e você vai adquirindo experiência. Na escola que eu ingressei, a diretora

foi ótima. Quer dizer, você não tem experiência de como fazer toda aquela papelada, planejamento, tinha que ter autorização, muitas formalidades. E a diretora me ajudou muito, me deu todas as coordenadas. Então, foi muito bom para mim. O meu irmão não queria que eu trabalhasse, porque o papai mandava mesada para mim, mas eu falei: "Não! Eu quero trabalhar, estou estudando para trabalhar". O meu irmão saiu da república e eu fui pegar o primeiro trem para Itirapina para confirmar que eu ia dar aula.

Sérgio Pedroso*Início no magistério: 1971*

Nasci em Rio Claro, em 1950 e passei a adolescência na época da ditadura... Rio Claro nunca foi um foco político. Só depois de uma certa idade comecei a compreender mais o que tinha acontecido. Era uma agitação total, você não tinha direito a se expressar. Mas, hoje, eu... acho que Matemática é... uma mistura de Arte, Ciência e muita Filosofia no meio... Mas, para falar a verdade, mesmo, eu acho que é muito mais Ciência do que Arte. É uma ferramenta para desenvolver as Ciências obrigatoriamente e uma Ciência que ajuda na Arte. Por exemplo, os grandes pintores usavam um retângulo Áureo que, na época, era um padrão de beleza.

O meu pai teve várias profissões. Foi cortador de lenha, carroceiro, carpinteiro, vendeu algodão. Ele era meio polivalente, uma pessoa muito atirada, o que pintasse ele fazia. Viveu uma vida meio difícil. Os meus avós eram portugueses e meu pai tinha que trabalhar e levar dinheiro para eles até na época de casado. Tinha que trabalhar muito, senão o meu avô... Além disso, o meu pai não se interessou por estudo, mas incentivou os filhos a estudarem. Eu fiz faculdade e os meus irmãos acabaram sendo instrutores do SENAI.

A minha mãe era “dona de casa”, três filhos... Era uma época em que a mulher parecia que tinha nascido para ser “dona de casa”. Mas, apesar disso, nunca percebi interesse da minha mãe por uma profissão qualquer, era “só” doméstica.

Com relação aos meus estudos, sempre estudei em escolas públicas. Na época, elas eram as melhores. Ia para a particular quem não conseguia acompanhar a pública. Hoje, parece que a situação foi invertida. Estudei em duas escolas, basicamente. No Irineu Penteado, do 1º ao 4º ano primário. E, no 2º ano primário, eu... tive uma repetência. Aliás, isso é motivo de gozação aqui em casa. Depois, eu fiz um cursinho para entrar na 5ª série do Batista Leme. Na época, ao invés de falarmos 5ª série, 6ª série, 7ª série e 8ª série, falávamos, respectivamente 1º ano, 2º ano, 3º ano e 4º ano do curso ginásial. A atual 5ª série antigamente era chamada 1º ano ginásial. Daí, no Batista Leme, estudei da 5ª série até o terceiro colegial.

Me lembro muito pouco dos meus professores do primário. Nessa época a escola para mim era tipo um dever. Cumpria o que me determinavam, mas eu não tinha

grande interesse por estudo. Então, os professores não representaram muita coisa para mim, no primário. Só lembro que eram mais professoras do que professores. A maioria, marcante.

Do exame de admissão, eu me lembro, porque, na época, o meu pai me perguntou se eu queria fazer alguma coisa tipo SENAI, para ter uma profissão ou se eu queria continuar estudando. Optei por continuar estudando. Então, precisei fazer o exame de admissão. E o exame de admissão era realizado depois da 4^a série do primário, para entrar na 1^a série ginásial. Para fazer o exame, eu fiz um ano de cursinho. Só que o nome não era esse. O nome era Curso Preparatório e incluía História, Geografia, Matemática, Ciências. Tinha um livro com todas essas matérias. Não me lembro exatamente, mas acho que você estudava um resumo das matérias de 1^a até 4^a. Isso já faz quase uns quarenta anos e eu ainda me lembro do jeitão do livro.

Na minha época de ginásio e colegial, parecia que os professores e professoras eram em mesma quantidade, porém tinha mais professores. Eles, eram muito rigorosos em tudo. A gente dificilmente faltava com a educação porque os pais também exigiam isso da gente. O professor era uma pessoa muito considerada por toda a sociedade. Então, era proibido que a gente cometesse alguma “malcriadeza” com os professores. Eu tive grandes professores. Vou citar o caso de Matemática, por exemplo. Eu tive grandes professores de Matemática. Me lembro perfeitamente. Eles eram especialistas. Não havia necessidade de um engenheiro, por exemplo, assumir a profissão de professor. Tinha professor suficiente. Todos que passaram pela minha vida eu achei muito bons. Eram professores que sabiam o conteúdo que estavam passando e me incentivaram a estudar Matemática. Professores de Português, tive muito bons, também. Bons professores. Todas as matérias. Gostava muito. Eu gostava da escola. Só que na minha turma do curso científico, aconteceu um detalhe importante. Quase todos os alunos estavam interessados por Matemática. E, se todo mundo fosse tentar entrar só na Matemática, alguém podia ficar de fora. Então, a gente resolveu não disputar um com o outro. Nós dividimos a turma mais ou menos meio-a-meio e alguns prestaram Física e outros, Matemática. No meu caso, por exemplo, prestei e entrei em Física, mas com a idéia de mudar para a Matemática. Como os dois primeiros anos eram comuns, você podia mudar de curso no terceiro ano. Tanto que eu mudei e fiz Matemática. Eu não prestei Matemática porque os colegas não abriram mão. Como

tinha muita gente querendo Matemática, eu abri mão, eu sempre abro mão mesmo. Faz parte da minha personalidade.

Acho que escolhi a área de exatas possivelmente influenciado pelos meus professores de Matemática. Eu era aluno que gostava e como gostava, sabia, então era incentivado pelos professores. Sabe, aquela história de o professor incentivar você, fazer elogios, aquela coisa toda. Então, vai incentivando a gente a tentar ser cada vez melhor. Quando eu estava no 1º colegial, comecei a dar algumas aulas particulares para alunos de séries anteriores. Quando era colega de classe, eu não cobrava, mas quando era alguém que não tinha nada a ver comigo, eu cobrava mesmo. Já fazia um tipo de semi-profissionalismo aí.

Eu fiz muito sucesso quando dei aula particular. Os meus alunos tiravam a nota que precisavam. Mas, naquela época, eu não estava muito preocupado se eles iam entender exatamente o que estava acontecendo. Era uma muleta que eu estava dando para eles naquele momento. Hoje, acho errado isso, mas o processo de aprendizagem de verdade seria muito demorado, e numa aula particular, não daria tempo. Então, os alunos conseguiam porque a aula particular era mais ou menos um treinamento. É diferente do que eu faço na sala de aula. Mas, desde a 8ª série, o meu professor me dizia que eu era um bom aluno. Então, fiquei “com a bola cheia” e quando alguém, de uma série anterior, tinha alguma dificuldade, eu me propunha a dar aula particular. Dei muita aula particular na minha vida, tinha muitos alunos.

Acho que os vestibulares naquela época eram diferentes dos de hoje. A gente só enfrentava os vestibulares em “coisas” que a gente gostava de fazer. Dificilmente você achava, no curso de Matemática, um aluno que não gostasse de Matemática ou não sabia. Muito difícil.

Fiz curso superior na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, atual UNESP, que era considerada, na época, a melhor do país. Entrei em 1970 e saí 1973. Não tive nenhuma reprovação, consegui concluir o meu curso em quatro anos.

A convivência na faculdade, na turma de Matemática, era... tranqüila. Dentro da sala de aula não tinha disputa, cada um fazia a sua parte. Algumas pessoas sempre conseguiam nota melhor, mas isso não serviu de pretexto para briga. A gente aceitava as diferenças que existiam entre as pessoas. Os alunos da Matemática participavam das festas que aconteciam na faculdade. Não tinha rixa... Alguns participavam do

Grêmio Estudantil. Eu, particularmente, nunca me interessei em participar. A Matemática e a Física mantinham uma disputa sadia. Na época, tinha o CEMAFI, Centro de Estudos de Matemática e Física. A Matemática e a Física eram um pouco separadas do resto da universidade, não por alguma rixa, mas, sim, por afinidade; com os outros cursos, não tinha muito a ver. Além do mais, o 1º e o 2º anos eram comuns, tinha muito trabalho para fazer, então, estávamos sempre juntos. Depois, quando alguém ia para a Matemática, fazia algumas disciplinas específicas de Matemática. E quem ia para a Física, fazia outras específicas da Física.

Na faculdade, de novo, tive professores excelentes, mais homens do que mulheres. Mas, também, alguns que a gente considerava como enganadores. Professores que, segundo o nosso julgamento, não trabalhavam tão seriamente. Eu acho que naquele tempo a gente era mais dependente do professor, que ficava explicando, explicando. Mais ou menos como a gente faz hoje no Ensino Médio. Mas eles eram grandes professores. Tinha aqueles que a gente chamava de enganadores, mas a maioria era composta por bons professores. Para mim, o bom professor tem que saber obrigatoriamente o conteúdo, caso contrário não tem firmeza no que está fazendo. Os professores da universidade só eram rígidos com as notas. Por exemplo: 4,9 reprovava. Não é como hoje, no Ensino Médio, que o conceito é mais amplo.

Mas, o meu curso foi muito bom, tive base para muitas coisas, apesar de achar que muitas matérias fossem desnecessárias para a minha atuação como professor em nível fundamental e médio. Análise no $\mathbb{R}^n$, por exemplo. Quando você percebe o $\mathbb{R}^n$, no $\mathbb{R}$ você vai ter mais facilidade para entender o que está acontecendo, mas se essa disciplina não tivesse existido, talvez a minha prática não tivesse sido prejudicada. Aliás, isso eu já falei até para os professores que trabalham na faculdade. Se fosse bacharelado, então estaria certo. Agora, se é licenciatura, tinha que ter outro enfoque, outro tipo de coisa. Não há necessidade de tanto conhecimento daquele tipo que não é usado em lugar nenhum do currículo do ensino básico. Eu acho que seria mais interessante se os cursos de Matemática tivessem matérias mais diretamente ligadas com a prática docente. Geometria, por exemplo. Eu acho que a maioria dos professores sai da faculdade com dificuldade em Geometria. Então, quer dizer, o professor tem aquelas matérias malucas e sai sem saber bem Geometria. Pelo menos, Geometria Euclidiana. Para mim, não é admissível uma coisa dessas. Ele tinha que sair de lá bom

nisso! Tive um embasamento matemático muito bom no colegial. Eu sabia bem Desenho Geométrico, Geometria, Álgebra. Quer dizer, se eu não tivesse feito faculdade, talvez eu pudesse dar aula mais ou menos bem, não sei se do mesmo jeito, mas talvez eu desse aula tranqüilo. Já era bom aluno, entendia bem as coisas. Enfim, todas as matérias do curso universitário contribuíram, mas muitas foram desnecessárias. Algumas matérias, inclusive, eu já tinha visto no colégio, como por exemplo Cálculo Diferencial e Integral. Quando fui para a faculdade, a matéria que botava medo em todo mundo, e que é infernal, não me causou problemas.

Gostar do trabalho que eu fazia foi decisivo na minha escolha de ser professor de Matemática. Ensinar outra pessoa me dava um enorme prazer, além de ganhar por isso. Sentia muito prazer em passar o que eu sabia para alguém com dificuldade. Os colegas de sala, inclusive, na época do colegial, me procuravam bastante. Então isso foi-me incentivando. Na época que eu dava aula particular já pensava em ser professor. Já tinha um objetivo determinado. Tanto que não hesitei quando fui fazer o vestibular. Matemática, mesmo! Quando optei por ser professor, por ser professor de Matemática, os meus pais me incentivaram muito. O meu pai, nessa época, precisava de mim porque a vida era dura. Ele já tinha carpintaria e precisava da minha ajuda. Mas, toda vez que eu falava que ia ter uma prova, que precisava estudar, ele me liberava do trabalho.

O meu primeiro emprego como professor de Matemática me parece que foi em 1971, segundo ano de faculdade. Eu me lembro que substituí a Eloísa, que hoje é a secretária da Educação aqui de Rio Claro. Ela estava grávida na época e eu a substituí durante, se não me engano, quatro meses. Não me lembro as séries. Acho que era de 5^a à 8^a. Nessa época, eu não substituí no colegial. Ela trabalhava no atual ensino fundamental. Daí, eu já tinha pontos para a próxima disputa com os outros professores e fui indo... Quando me formei, já tinha muitos pontos.

Fora isso, substituí, a pedido do Dante, um professor da Geologia que tinha abandonado o curso de Geometria Descritiva. Eu estava no fim do curso. Falei para ele que talvez eu... Eles me consideravam um bom aluno. Então, o Dante me pediu e falou que me daria todo o apoio que fosse necessário e eu dei o curso. Mas não me interessei depois por seguir na carreira acadêmica.

Eu me vi como profissional da educação... antes de me formar, quando comecei a dar aula. Eu era muito querido pelos meus alunos. A diretora da escola me indicava quando faltava professor em outras escolas. Me indicava e eu me sentia... meio no esquema de ser professor. Já estava cursando para ser isso e já me sentia. A partir da primeira aula, eu já me sentia um profissional.

Ingressei no curso de Matemática já pensando em ser professor. Alguns colegas de curso optaram por seguir carreira acadêmica e eu fiquei trabalhando com o ensino fundamental e médio, por opção... Também, não via muita coisa pela frente para fazer uma pós-graduação. Não me interessei por isso porque ia acabar mexendo com matérias mais profundas do que as que eu já tinha visto na graduação e achava que não eram tão necessárias para a minha prática. Devo estar pagando por isso, mas achei que não valia a pena.

Eu até tentei... é... fazer um curso de pós-graduação, fazer um concurso para bolsa em São Carlos. Passei com uma boa colocação, mas acabei achando que não compensava. Como eu já trabalhava há vários anos, o salário que eu ganhava era maior do que a bolsa que eu iria receber. Aí, eu... falei... não quero, não compensa. Porque, se tivesse idéia de prosseguir nos estudos, essa redução de dinheiro não pesaria na minha decisão. Eu prosseguiria. Mas como já tinha na cabeça que não iria prosseguir, não fazia uma troca para ganhar menos. Então, não me interessei. Só fui fazer porque todo mundo falava: “vai fazer, vai fazer”; e eu fui. Mas isso não era o meu objetivo. E eu poderia ter feito, porque a bolsa, com certeza, viria para mim, mas resolvi ficar por aí mesmo.

O curso universitário não era tempo integral, então, em alguns momentos, eu ajudava o meu pai e ainda dava aula particular. Tive alguns alunos que acompanhei por muito tempo, dando aula particular. Dei aula para umas pessoas que, hoje, são importantes na sociedade: juiz, promotor, médico, advogado. Eram pessoas que tinham dificuldade em Matemática. Na época, professor era uma pessoa muito, muito prestigiada. Respeitada. Além disso, tinha uma boa remuneração. Aí, o tempo foi passando e os nossos governadores foram achatando o salário. Mas, quando comecei a dar aula, eu ganhava bem. Me lembro que não era demais. Alguns anos antes, uns dez anos da minha entrada, professor ganhava como um juiz de direito. Ganhava bem. Eu tive professor que deixou de ser funcionário de um Banco do governo, que hoje

ganha muito mais que um professor, estava num cargo bom, para ser professor. Não me lembro se era do Banco do Brasil, da Caixa, não lembro esse detalhe. Todo mundo sonhava ser professor nessa época. E ... por vários motivos, porque ganhava bem e porque era respeitado.

A gente não percebeu a queda salarial. Foram feitas muitas, muitas mudanças. Por exemplo, o professor que dava 18 aulas, recebia um salário digno. Depois, houve uma estratégia: para aumentar o salário do professor, fizeram com que ele desse o dobro de aulas. Então ele ganhava mais, mas dava 36 aulas. Eu passei por tudo isso, mas não me lembro exatamente quando isso aconteceu. Agora, quando o Maluf veio mudou referência, tirou referência. Ele fez um rolo e o nosso salário achatou. Daí para a frente ninguém conseguiu colocar em ordem. Isso foi marcante, chocou. Tanto que ele é odiado pela classe dos professores. Teve um ano que ele deu... não sei se foi 5%, de aumento, quando a inflação já estava comendo. Foi uma coisa absurda. Bom, ele foi o responsável. Um referencial... Acho que, dois anos depois que eu havia começado a dar aula, consegui comprar um carro sem financiar. Não era novo, mas era um carro bom. Quer dizer... Hoje, para eu comprar um carro assim, nossa senhora! Quase impossível!

Devido ao fato de eu dar aula na escola particular, sempre ganhei um pouco mais do que costuma ganhar a maioria dos professores... A maioria não faz esse trabalho que eu faço, trabalhar em duas. Nem tem mercado para isso. Então... Fui um privilegiado nisso aí. Um acabou compensando o outro porque, à medida que um abaixava, o outro aumentava. Mas, mesmo com o salário caindo, não tive vontade de ir para outra profissão. A minha diretora, que gostava muito de mim, várias vezes perguntou porque que eu não mudava. Mas eu tinha me preparado, a vida inteira para essa profissão e não queria mudar. Foi questão mesmo de ideal. Numa outra vez, um amigo propôs a mesma coisa, isso me causou uma bronca danada. Pedi para que ele não tocasse mais nesse assunto, porque eu tinha trabalhado muito para ocupar esse cargo.

Na época que entrei na particular, o Clodoaldo (Clodoaldo Pereira Leite) era um professor de renome e eu era mocinho ainda, estava começando. Ele foi convidado para trabalhar no Anglo e perguntaram se ele conhecia alguém que trabalhava bem com Geometria. A gente já era colega de trabalho e ele me indicou, mas eu tinha

poucos anos de prática. Isso aconteceu quando o salário na pública ainda estava bom. Foi em 1976, 77. Foi uma oportunidade a mais. Eu tinha tempo disponível, não tinha criança em casa, gostava e melhorava a renda. Fiquei vinte e dois anos no Anglo, trabalhei seis anos no Sapiens em São Carlos e Araraquara, estou há dois anos no Puríssimo. Quer dizer, trabalhei concomitantemente, entendeu? Trabalhei uma época tanto no Anglo quanto no Sapiens.

Teve concurso no Estado em 76, ou 78, não me lembro. No primeiro, eu já passei e me efetivei. Aliás, passei em dois. Naquela época, você podia ter dois cargos. Depois, veio essa história de optar por jornada, daí você tinha um cargo e aula suplementar. Por exemplo, você tinha um cargo de 20 aulas e o resto era carga suplementar, podendo completar até 40 aulas. Se tivesse dois concursos, você teria dois cargos de 20 e 40 aulas sempre garantidas. Eu prestei o segundo concurso e passei. Só que, depois, larguei porque, quando eu fiz esse concurso, não consegui pegar o segundo cargo no Batista Leme. Então, tinha que dar aula no Batista Leme e numa outra escola. Aí, como veio essa opção de jornada, fiquei só no Batista Leme.

Bom... como já afirmei, trabalho como professor na escola pública e na escola particular. E dou a mesma importância ao meu trabalho nas duas escolas. Não consigo ser dois professores.

Com relação às experiências didáticas distintas da atividade docente... Os materiais de que necessito na aula, eu confecciono, mostro para todo mundo, mas não me interessa em publicar. Sou muito inibido. Dá a impressão de que estou querendo aparecer. Não quero. Mas participei uma vez de um projeto de elaboração de material que o Dr. Mário e o Dante coordenaram. Eu e o Clodoaldo. Cada dupla fazia um dos fascículos. Eu e o Clodoaldo fizemos divisão áurea, coisa linda! Fora isso, participei de muitos cursos de aprofundamento.

Também fui coordenador de área quando o Batista era escola-padrão. Tinha professores de 1^a à 4^a e de 5^a à 8^a. Eu coordenava a Matemática. Ajudei os professores de 1^a à 4^a a entenderem alguns conceitos. Por exemplo, o algoritmo da divisão, da subtração, do vai um, empresta um, aquela coisa toda. Eu expliquei com o material dourado. E alguns professores que odiavam Matemática passaram a gostar. Mas, foram só dois anos de escola-padrão e esse foi o meu trabalho.

Mas... em geral, a gente tem pouca liberdade. Temos um planejamento muito rigoroso, sem maleabilidade. Cumprir um currículo que a gente programou é muito difícil porque o curso fica mais voltado para o aluno que tem dificuldade do que para o aluno que tem facilidade. Então, você fica amarrando aqueles alunos que poderiam deslanchar mais. É muita coisa prendendo a gente, no sentido de não deixar avançar. Você tem que fazer recuperação paralela, recuperação não sei do quê. Quer dizer, o aluno que tem uma certa facilidade, ou que leva a sério, tem a sua capacidade limitada, você não o deixa ir para a frente. Não sei exatamente o que acontece. Todo professor está insatisfeito com isso. Você pode consultar qualquer professor, todos eles dizem a mesma coisa. O ensino é dado em função do "mau" aluno, não em função do "bom". O "bom" fica para trás e é igualado por baixo. É o termo que a gente costuma usar. Com relação à burocracia, tipo diário de classe, acho que isso não interfere, não. São trabalhos rotineiros, não atrapalham em nada o andamento das aulas, o cumprimento do programa. Mas, como dou aula no Estado e na particular, percebo que existe uma diferença na exigência da escola. A escola particular exige mais do professor. Na escola pública, você acaba não tendo que dar muita satisfação para as pessoas. Na escola particular, você tem que dar mais satisfação daquilo que você está fazendo. Mas, independente disso, trabalho nas duas escolas com a mesma vontade. E, quando falo que sou professor de uma escola pública, acho que ninguém deprecia não. Aliás, hoje, ao professor de escola Pública, me parece até que as pessoas dão muita importância. Eu acho que eles sabem que o professor trabalha e faz o que é possível. Me parece que é o caráter do professor de um modo geral, ele não diferencia o trabalho numa e na outra, sabe? E as pessoas sabem disso. Porque elas vêem o que o professor faz na escola pública, um trabalho bom. O problema é que, na escola Pública, o aluno é nivelado por baixo, porque tem que prestar contas para os grandes fundos internacionais. E parece que você tem que dar uma mentida. Já na escola particular não é bem assim. Na particular, é mais ou menos assim: o seu futuro depende do sucesso. E, na escola pública, não tem essa cobrança. Na escola pública, se eu fizer um trabalho bom ou ruim, continuo sendo funcionário. O indivíduo pode ser um mau professor, mas o cargo dele está lá, à disposição. Agora, na particular, é mais cobrado, porque, dependendo do que falam de você, você pode perder o emprego.

Dentro das minhas diversas experiências profissionais eu destaco... deixa ver... acho que... acho que todas tiveram importância, porque já passei por essas coisas que citei... Tinha que fazer o aluno tirar nota. Na sala de aula, tenho que fazê-lo entender o que está acontecendo, porque não fico satisfeito só de ele responder aquilo que eu quero. Ah! Lembrei! O trabalho como vice-coordenador de área! Todas essas experiências foram importantes, mas uma que eu achei muito importante foi o trabalho na escola padrão, achei muito importante. Para mim foi uma satisfação pessoal muito grande. Sempre falo dela, inclusive em reuniões. Eu me senti bastante útil para aquelas pessoas. Então, essa foi uma das mais marcantes.

O que está acontecendo hoje com a profissionalização do professor de Matemática, acho que está bom. Estou vendo a profissionalização do professor desde o tempo que o indivíduo entrou na faculdade. A gente vê alunos interessadíssimos, com uma bagagem que eu acho boa. A faculdade passou um tempo fazendo um trabalho com o qual não sei se eu concordava. Mas agora, coisa de 4, 5 anos, acho que o trabalho é baseado nesse tipo de coisa que a gente faz: compreender os fatos de verdade. Estou achando que o professor está saindo bem. Você vê que alguns alunos que me procuram para fazer estágio têm boa formação. Antes... o que a gente ouvia dizer é que não estava tão bom assim. Acho que hoje tem muita parte de didática, História da Matemática. São “coisas” importantes para uma aula. Acho que a base está aí. Os alunos estão saindo com uma boa bagagem.

Nesses estágios que eles fazem, eles têm contato com pessoas que têm... Além disso, as delegacias estão oferecendo alguns cursos que também ajudam. Por exemplo, cursos de computação voltados para a Matemática, tipo Cabri, que me arrependo de não ter feito. Acho que o professor está saindo bem formado e com coisas de acordo com a realidade da época. No meu tempo, para vermos um computador, tínhamos que ir para São Carlos. E era computador do tamanho de uma sala, não era micro. Eu ia para lá uma vez a cada quinze dias, para que servia isso? Quer dizer... Saí com o diploma de Aplicação de Computadores a Problemas Numéricos e Estatísticos; tenho o diploma dos dois cursos, mas, para mim, não serviu para nada. Acho que, agora, o aluno está saindo bem, com menos Matemática do que a minha turma, mas com mais didática.

Para finalizar... Com essa história de fazer recuperação de não sei do quê, que vai sempre do lado do aluno mais fraco e nunca em função do aluno mais forte... De 12 capítulos que constam no livro que a gente usa no colegial, nós conseguimos, até o segundo ano colegial, dar 5. Ficam sobrando 7 capítulos para o terceiro ano, que a gente sabe que não vai conseguir dar. Então, em função dessa coisa de olhar para o aluno que a gente sabe que é bom, e são muitos, e não poder fazer nada por ele... Isso fez com que a gente "arrumasse para a cabeça"... nós estamos fazendo um cursinho no Batista Leme, do estilo Amigos da Escola, tipo pré-vestibular. Trabalho voluntário. Não acho que é certo, mas também não acho que é certo, por exemplo, um aluno meu sair com uma capacidade de disputa como essa. Foi chamado de Amigos da Escola, mas o nome não tem importância. Eu já pretendia dar aula para os meus alunos à noite. Mas, no ano passado, falei para um outro professor e ele falou: "Eu sinto a mesma coisa, vamos fazer um tipo de cursinho"; então veio essa idéia. Eu ia me propor a pegar os alunos interessados a irem à noite comigo lá, para eu dar a matéria para eles e não tem como ser remunerado nisso. Ia fazer isso da minha vontade para olhar para um aluno e falar: "Lhe dei chance!"; coisa que ele não tem. Então, não acho que é certo com o projeto Amigos da escola, que tem essa ajuda externa. Mas estou falando sobre os meus alunos. Eu olho para os meus alunos... Tenho ex-alunos, como eu já disse, que são engenheiros, que são dentistas. Quem cuida dos meus dentes é um ex-aluno, entendeu? E, hoje, a gente não vê mais essa chance. Falam que você tem que fazer trabalho individualizado. Mas, em nenhum momento, esse trabalho individualizado compreende enriquecer o aluno que tem potencial. Só dar apoio, apoio, para aquele que não faz. Em nenhum momento se fala: "Tem que pegar os alunos que são bons e dar conhecimentos a mais... dispensa os outros". Não existe isso. Você vai ver em outras matérias, a situação é quase igual, não dá para dar a matéria toda. Não sei precisar desde quando isso começou a acontecer, mas com certeza há um seis, sete anos. Quer dizer, eu me vi um infeliz, vendo alunos meus não conseguirem entrar numa faculdade, sem chance. Então, resolvi que ia fazer por minha conta. Mas como teve mais gente interessada, nós montamos esse projeto.

Violência... A violência também existe. Mas, eu trabalho no Batista Leme, que não é uma escola onde a violência fica tão evidente como em algumas em que os marginais entram na escola, retiram o aluno da sala de aula na frente do professor e

matam. Coisas desse tipo não existem no Batista Leme. A história da câmera interna começou porque estava tendo muito roubo de gente de fora, algumas artes de alguns alunos soltando bomba, coisas desse tipo. Por exemplo, antes, tinha pessoas que pulavam o muro para ir lá dentro, talvez para envolver os alunos da escola com drogas, então... A escola é muito grande!

A violência existiu e existe até um pouco. Mas, não sinto isso em sala de aula, muito difícil. Muito difícil. Tem também, mas em uma escola com mais de 2.000 alunos... qual seria um índice para a gente falar que é muito violento? O que deveria acontecer, entendeu? Eu acho que a violência lá até que é pouca, comparando com o que a gente ouve por aí. Um ou outro caso que a gente observou de aluno que... pegou carteira do andar superior e jogou para baixo. Mas isso daí não... Tem... Falta de respeito eles têm um pouco, principalmente com professoras, eu acho. Mas, a escola, lógico, faz parte do social, daí os alunos acabam explodindo lá. Nesse sentido.

Agora estou perto de me aposentar, dia 20 de maio de 2002 completei 30 anos. Só que a aposentadoria ainda não saiu porque tenho que ter cinquenta e três anos. Mas não tem problema, a gente dá aula mais um ano!

Maria Lígia Venturi Giannotti*Início no magistério: 1972*

Nasci em Rio Claro, no dia 10 de janeiro de 1951. Era uma cidade muito provinciana... preconceituosa ao extremo, uma sociedade muito fechada, bem cidade pequena do interior, mesmo. Aquela cidade em que menina podia namorar poucos rapazes, entendeu? Não podia sair muito de casa. Rio Claro parecia separada do Brasil.

O meu pai foi ourives, tinha uma relojoaria. Ele e o irmão estudaram, contra a vontade, em colégio de padres, coitados! Foram internos até a 8ª série, daí viram que eles não tinham vocação e comunicaram à família. Depois, a minha avó os colocou no Bilac. Mas eles “matavam” aula e ficavam numa relojoaria, observando o ourives trabalhar e, com isso, aprenderam a fazer anéis. E, como queriam entrar no cinema sem pagar nada, faziam anéis para o porteiro, que os deixava entrar o ano inteiro de graça. E, daí, começou... Depois, ele foi para São Paulo e trabalhou muito tempo como sapateiro, mas viu que o negócio dele era ser ourives mesmo. O meu pai e o meu tio foram ourives até aposentar.

A mamãe era doméstica, mas sempre tentou fazer alguma coisa para ajudar no orçamento. Então, uma época, ela fez tricô, outra época, crochê, mas não passou disso porque, como não tinha terminado o primário, não tinha muita perspectiva de um emprego. Então, ela tentou algumas saídas assim. Uma época quis fazer um curso para fazer bolos para casamento. Mas, nós morávamos em frente da confeitaria Rainha, que era a doceria mais famosa de Rio Claro, e como éramos muito amigos do dono, o papai não deixou. De qualquer forma, o grande sonho da vida dela foi realizado: sair da zona rural, onde vivia com os pais, e vir para a urbana.

Eu fiz o curso primário no Marcelo Schmidt, que, na época, era a escola mais central. O sonho de todas as professoras primárias era dar aula no Marcelo Schmidt. Então, acredito que eu tenha feito um primário bom. Quer dizer, estudava-se muito, as professoras eram muito rígidas. Aliás, só tive professoras. Na 1ª série do primário, a minha professora, que era minha vizinha, batia nos alunos com uma régua, na sala de aula. Eu, mesmo sendo vizinha, uma vez, levei uma reguada dela. Uma coisa me marcou tanto, nunca esqueço... Tinha gêmeos na sala, deviam ter 7 anos, era 1ª série

primária. E, de vez, em quando, a gente pedia para ir ao banheiro e ela não deixava. Uma vez, eu olhei e um dos gêmeos tinha uma poça embaixo da cadeira. Alguns faziam xixi na classe, porque ela não deixava sair para ir ao banheiro, entendeu? E, daí, ela dava reguada porque tinham feito xixi na classe.

Naquela época, precisávamos, obrigatoriamente, fazer uma prova, o admissão, para irmos para o ginásio. E eram os próprios professores da escola que aplicavam e corrigiam as provas. Mas, o meu curso primário não foi bom de Matemática. Eu tenho a impressão de que elas tinham uma deficiência muito grande nessa parte. Eu nem tinha muito interesse porque, para mim, era tudo grego, tudo mal explicado, tudo muito assim, sabe? Mas, apesar disso, entrei direto no 1º ano ginásial, sem fazer um ano de cursinho.

E, na década de 1960, bem em frente ao Ribeiro, tinha um cursinho para nos prepararmos para o admissão, o Preparatório Líder, cujo dono era o Sr. Arlindo Dias. No Ribeiro, não entrava sem fazer o admissão. Eu terminei com dez anos o Marcelo Schmidt e prestei. Normalmente, passava-se um ano pelo preparatório do professor Arlindo para depois entrar no fundamental no Ribeiro, mas acho que eu fiz só um mês. Tinha mãe que falava: "Eu quero que faça o curso preparatório Líder para entrar no Ribeiro com muita base". E tinha pai que não deixava, por exemplo, o filho fazer direto o exame.

O professor Arlindo era muito amigo do meu pai, de freqüentar a minha casa; eles pescavam, caçavam juntos, eram íntimos. Então, ele me deu um mês de aula, de graça, e entrei direto, sem fazer o ano todo. O cursinho era um reforço, uma revisão de toda a matéria da 1ª à 4ª, em um ano. O professor Arlindo dava aula de Matemática e a Dona Mariinha, de Português. Mas eu fiz uns dias, quis fazer o admissão e passei. Nem sei como, porque, que eu me lembre, não sabia nada de Matemática. E de Português, além do exame escrito, a gente fazia exame oral. A professora fez uma pergunta assim: "Quem nasce em Campinas é Campineiro ou campinense?". Eu virei na maior cara de pau: "Pode ser as duas coisas!". Ela falou: "Ótimo!". Não sei se ela gostou da minha resposta, nem de onde tirei isso, eu sei que ela me aprovou com um notão. Passei no exame oral. Eram umas perguntas desse nível. O de Matemática era só escrito. Português, escrito e oral. Eram só as duas disciplinas. E quem ficava reprovado nessa... e muitos ficavam, daí faziam automaticamente o cursinho do professor Arlindo.

Depois de passar na admissão, fiz a 5ª série no Ribeiro, mas, como eu tinha uma amiga muito danada, acabei repetindo de ano de tanto “bater zero”. Ela morava a duas quadras da escola e eu tinha que passar pela casa dela, porque era meu caminho, então, ela me segurava. Ela era terrível! Depois da reprovação, o papai me colocou no Batista, que, naquela época, era na esquina de casa. Lá, eu fiz o fundamental.

No fundamental, tive professoras e professores, mas de Matemática a maioria foi mulher, só o professor Sérgio Lorenzato de homem. O resto, todas foram mulheres.

Eu tive professores famosos daqui de Rio Claro, como o Sr. Arlindo Dias, dono do Preparatório Líder, que só havia feito o curso normal, mas dava aula de Matemática no ginásio do Ribeiro. Era um professor primário que gostava de Matemática. Daí, quando fechou a admissão, ele ficou só dando aula no Ribeiro. Ele fazia aquela Matemática mecânica, sem raciocínio. Aqueles processos para você resolver equações imensas... Mas nada contextualizado, era uma abstração só. Eu acho que nem ele sabia muito bem o que ensinava. Mas se aposentou na rede estadual, como professor do ginásio, sem fazer o curso universitário, só com o magistério. Ele reprovava horrores. Hoje, vejo que ele não tinha nem noção do que era Matemática. Eu acredito que ele tenha feito algum cursinho do MEC, que dava o registro, porque, faculdade, nunca fez, mas era estável, lecionou de 40 a 70, beirou a década de 1980. O curso científico, eu fiz no Ribeiro. Todos os professores do científico eram especialistas, tinham feito faculdade. No 1º científico eu tive aula com a Clara (Clara Betanho Leite). O 2º e 3º, com a Améris (Améris De Lourdes Viti Betti), que fez parte da primeira turma de Matemática da Unesp. Nós tivemos professores muito rígidos. Na época, eram tidos como os melhores da cidade. O próprio diretor falava: “Esta é a melhor professora de Matemática, então ela vai dar aula no curso científico!”. “Este é o melhor professor de Física, então vai dar aula no curso científico!”. Então, o curso científico era um curso elitizado e, ao mesmo, tempo discriminado, no bom sentido, perto dos outros. Também tinha professor que falava muito e ensinava pouco, mas a maioria... No vestibular, por exemplo, não tive grandes dificuldades, passei sem cursinho. Então, acho que, de uma maneira muito dura, pois eram muito severos, eles fizeram alguma coisa por mim. Não existia, por exemplo, dispensa de prova, a não ser que você tivesse sofrido um acidente grave ou estivesse com alguma doença contagiosa. E os atestados não eram como os de hoje, que a gente vê que são de um médico que não tem valor nenhum. Tinham que

estar dentro dos termos da lei, não existia exceção. Uma vez, a Dona Améris não me liberou de uma prova, num sábado, para que eu fosse a um casamento. Então, o meu namorado foi com a família dele para a festa e eu fui fazer prova de Matemática.

Sou da última turma do curso científico. Em 1969, começou o colegial e, em 1970, formou-se a última turma do científico. Eu tive uma professora de Química, a única professora efetiva do Joaquim Ribeiro na época, que falava assim: "Vocês fazem parte da última turma com um ensino decente. Daqui para a frente, o governo vai começar a destruir a escola pública". Acho que eles estavam estudando as novas resoluções, a LDB e toda aquela ...

Até 69, 70, a escola do Estado tinha um nível superior à escola particular. O meu marido entrou na USP, eu, na UNESP, alguns amigos entraram no ITA, outro foi fazer medicina na UNICAMP. E tudo sem cursinho. Na época, não existia segundo grau no KOELLE, porque não podia fazer concorrência com o curso científico do Joaquim Ribeiro. Já os meus filhos estudaram no Koelle e eu pude perceber que eles não ofereciam, em termos de conhecimento, nada mais do que era oferecido no curso científico do Joaquim Ribeiro. É claro que eles têm uma sala mais bonita do que nós tínhamos, mas em termos de conteúdo...

Quanto à escola, era o contrário de hoje; tinha um preconceito da escola estadual com a particular, ao contrário, entendeu? Naquela época, as minhas amigas mais inteligentes iam para o Ribeiro e as mais "assim" iam para o Puríssimo, para as outras escolas particulares.

Naquela época, a gente tinha que estudar "muuuito" para passar de ano. Os professores eram terrivelmente sádicos! Algumas pessoas tinham que sair do Joaquim Ribeiro se quisessem se formar. Na época, era comum a transferência para uma outra cidade quando a pessoa via que ia ficar reprovada no 3º ano. Sempre tinha uma escola que dava o diploma sem você frequentar. Outros reprovavam por meio ponto, numa disciplina só... sem a menor piedade, não tinha para quem recorrer, entendeu? Você não tinha acesso a ninguém, nem a diretor, nem nada. Era diferente. Eu não sei se era melhor ou pior do que hoje em dia. Eu sei que era muito difícil. Mas aquela professora de Química tinha razão numa coisa... A minha irmã, que veio um ano depois de mim, já não estudava absolutamente nada, era uma aluna tranqüila, vivia na piscina, passeava, ficava de segunda época e não repetia.

Escolhi a área de exatas porque, desde menina, Matemática era a matéria que eu me dava melhor. Não sei se porque eu tive bons professores ou porque tive... No Batista Leme, tive os quatro anos com a mesma professora, Oneide Beraldi. Ela era formada pela UNESP, era rígida, toda do bem... tinha aquele monte de teoremas para demonstrar e aquele monte de coisa. Eu não sei se é porque ela puxava demais e a gente tinha que morrer de estudar e, assim acabei entendendo um pouco... Era o que eu mais gostava e dava certo de tirar nota mais alta. Era o que eu pegava mais fácil, sabe? Eu tinha dificuldade com Francês, com Inglês e preferia exatas, gostava de Desenho Geométrico. Acabei fazendo universidade em Rio Claro porque eu não tinha condições de morar fora. E o que tinha aqui era o que eu mais gostava, o que tinha mais facilidade ...

Fiz o curso de Licenciatura em Matemática na Unesp. Comecei em 1971 e terminei em 1974. A minha turma era assim... tudo muito certinha, tudo muito sabe? Era uma turma assim... até diferente das outras áreas, sabe? Na época tinha Ciências Sociais e era um pessoal mais assim... Com cara de universitário. Mas a nossa turma era muito certinha, não sei se é porque eu tinha umas amigas muito estudiosas, que emendavam o dia e a noite estudando, estudando, estudando. Foi quando comecei a namorar o Miguel, que fazia USP em Piracicaba, que percebi que era muito diferente. A gente não tinha uma visão política, era uma... eu não sei se foi por causa do curso que eu fazia na universidade, sabe? Era uma coisa assim ... estávamos em plena revolução, não sabíamos quase nada do que estava acontecendo. Quando eu ia para um baile com o meu namorado e os amigos dele, da USP, vinham conversar com a gente, eu ficava admirada... Parecia um outro mundo, você entendeu? Então, a gente não tinha essa politização. Ninguém da minha turma... Era uma coisa assim... Estavam acontecendo muitas coisas importantes e a gente não tomava conhecimento quase de nada. Vivíamos completamente alienados. Era uma turma que estudava muito. Tinha um pessoal assim... A maioria estudava muito. Eu diria que era um pessoal muito caxias, muito caxias, naquela época. A gente nunca freqüentou um bailinho. Eu fiquei quatro anos na UNESP e nunca fui a uma festa da UNESP. Eu não sabia... Tinha um tal de sambão na época, nunca ninguém da Matemática foi. Eu achava a gente um pouco à parte... Não sei... tinha muita menina, muita moça também. No curso de Matemática, naquela época, tinha mais moça do que rapaz. E as moças... eu já era

noiva, para você ter uma idéia. Muitas tinham namorado, uma já era casada. Não sei se também por isso, o perfil da minha turma foi um perfil muito... diferente do pessoal da universidade, eu achava. Tudo muito certinho. Os outros iam para o sambão, freqüentavam a cantina. Se eu fui umas duas vezes à cantina, em quatro anos, foi muito.

Com relação aos professores de Matemática ... Na universidade, foram mais homens. Tive algumas mulheres, mas a maioria homem. O Bezerra... O Bezerra foi o meu preferido. Possivelmente por parecer com os meus professores do ensino médio. Também tinha o Irvin, um peruano, ou boliviano, que falava tudo enrolado, era duro entender a aula dele. Dois professores de Física vinham de Campinas. Aliás aulas de Matemática e Física no primeiro e no segundo ano eram comuns. Só se separavam a partir do terceiro ano. Então, eu tive que engolir tanta Física e eu não gostava muito, sabe? Os professores, de um modo geral, eram muito tradicionais. Nunca, nada assim de muito novo, sabe? Eles davam as coordenadas e a gente morria de estudar. E, para dizer bem a verdade, muito a gente aprendia sozinho, varávamos a noite estudando. Pegávamos livros e rachávamos de estudar.

No começo do curso, era Matemática, Física e Geologia. O que era um absurdo! Então, tinha 150 alunos numa aula de Cálculo. Eles faziam um barulho e o Bezerra, que era tranqüilo, tranqüilo, tranqüilo, não chamava a atenção. Mas a prova dele era extremamente ferrada, ferrada. Daí o pessoal se rebelou. Um dia, o pessoal da Geologia levantou e começou a gritar que eles não tinham que aprender nada daquilo. Daí separou, entendeu? Mas os professores eram liberais num ponto: assistia à aula quem queria. Mas tinha que assistir, porque, assistindo, já era muito difícil para acompanhar. Bom... eu era muito caxias. Mas o pessoal sempre assistia às aulas. Tem uma história relacionada com o professor boliviano. Ele marcou prova no dia do meu casamento! Eu tinha marcado o meu casamento com antecedência, em julho, porque a gente supõe que sejam férias. Quando ele marcou a prova, eu entrei em desespero. Perguntei para ele se não podia fazer prova para mim antes, pois eu ia me casar e ele disse que não, que eu deixasse para dependência. Daí, eu fui falar com o professor Mário. Expliquei a situação para ele, disse que ele podia pegar o meu currículo, que eu não faltava, que eu adorava estudar, que eu era estudiosa. Mas, prova no dia do meu casamento. Daí ele falou: "Olha, minha filha, vai ser feliz, casa, larga a faculdade esse

ano, larga tudo. O ano que vem você começa de novo". Nossa, aquilo me desmontou inteirinha. Daí, eu chorei mais ainda, chorei mais ainda... Conclusão, não mudou a prova, eu me casei e a única reprovação que eu tenho no currículo é essa do Irvin, de Geometria Superior. Eu sou de uma época muito difícil. Parece que, para a gente, era tudo tão difícil.

A importância do curso na minha profissão... Olha, eu vou ser muito sincera. A importância foi a seguinte. Eu fui para uma cidade, Ibitinga, em que todo mundo era formado por Guaxupé. Quando eu cheguei, as mães se acotovelavam porque queriam que os filhos estudassem comigo. Eles acharam a coisa mais chic do mundo eu ser uma professora formada pela UNESP. Essa foi a importância do curso. Mas, na verdade, eu terminei o curso científico me sentindo apta a dar aula no ensino médio, porque... claro que eu aprendi muita coisa interessante na universidade, abriu a cabeça. Mas eu continuei a ensinar o que eu tinha aprendido; não mudou o currículo, sempre a mesma coisa, entendeu? Na faculdade, eu não aprendi uma maneira de ensinar. Tinha psicologia, tinha didática, estudamos Piaget e tal. Mas, para lecionar, acabei me espelhando nos meus ex-professores. Por que eu achava que aquela professora era boa? Ah! Porque ela era organizada, porque me fazia pensar, eu estudava muito e acabava aprendendo. Eu não aprendi como ensinar na universidade. Eu tive que aprender dando aula, entendeu? Dependendo das turmas que eu pegava, ia-me adaptando. Foi na prática, mesmo. Eu não sei... hoje, parece que tem mais assessoria, parece que os alunos saem mais preparados nessa parte.

O que foi decisivo na minha escolha de ser professora de Matemática... Foi isso. Porque era a disciplina que eu sempre me saía melhor, tanto no ensino médio como no fundamental, tinha o curso em Rio Claro, era uma boa faculdade. Então... foi assim... e o fato de ter começado a dar aula particular com treze anos. É um detalhe. Com treze anos, eu comecei a dar aula particular de Matemática.

Foi assim... Na 7ª série, comecei a me destacar, daí as meninas vinham estudar em casa e eu as ensinava, elas aprendiam e iam bem na prova. Daí, uma vizinha perguntou se eu podia ensinar a filha dela. Eu falei que ensinava, daí ela perguntou quanto eu cobrava. Ah! Daí eu comecei a botar preço. Eu morava numa casa muito bem localizada... Quando eu estava na sétima, dava aula para a quinta e sexta. Quando fui para a oitava, dava aula para quinta, sexta e sétima. No primeiro ano do

curso científico, então, me achei o máximo; pegava todo o pessoal, sempre uma turma a menos do que eu. Quando eu entrei na UNESP, daí, foi direto. Então... a fama correu o quarteirão. Eu dava aula para a vizinhança toda, para gente de outro bairro, quer dizer... Porque um vai falando para o outro, cidade pequena. E, na época, tinha pouquíssimos professores particulares de Matemática. Então, acabei ficando com tantos alunos particulares, mas tantos, que comecei com treze anos e não parei nunca mais. Dei aula particular inclusive para a filha do prof. Arlindo Dias. Ele mandava a filha dele para ter aula comigo. Então, na minha cabeça, eu já era professora de Matemática!

O meu marido que, na época, era meu noivo, ficava sentado me vendo dar aulas particulares. De sábado, às vezes, tinha três, quatro. Então de tanto eu dar aula particular de Matemática, quando terminei o curso científico, eu já tinha certeza... na minha cabeça, já era uma professora de Matemática. E outra coisa. Muitos alunos me falavam assim: "Como a senhora explica bem, vai direto na questão!". Eu dei aula particular tantos anos e os alunos vinham sempre com a mesma dúvida. Então, depois de um tempo, quando eles vinham, eu já sabia o que tinha que fazer para aprenderem mais fácil, mais rápido. Então, geralmente os alunos achavam que eles aprendiam horrores comigo. Não sei é verdade, ou se não é. Mas eu fui pegando o jeito. Também, desde os treze anos! Eu merecia uma aposentadoria dupla.

Se houve apoio da minha família... Ah! Houve, sem dúvida. Quer dizer... No começo, o papai achava que eu não tinha que estudar, porque ele odiava estudar. Ele achava que eu tinha que aprender a ser costureira ou cabeleireira porque achava que ganhava muito bem. Mas, eu não quis saber muito dessa história, não. Aí, foi uma batalha para fazer o curso científico, porque minha irmã mais velha tinha feito magistério, então ele dizia: "Faz aí o magistério!". Naquela época, era geral isso. Os pais achavam que tinha que fazer o magistério porque já era um diploma, já tinha uma profissão, você já podia trabalhar. Não havia muitas faculdades ainda, principalmente no interior, em Rio Claro, que tinha 75 mil habitantes mais ou menos. Poucas mulheres faziam faculdade naquela época. Então, quer dizer, aqui em Rio Claro... Na cabeça dele, eu não tinha que fazer. Mas, daí, comecei a namorar o Miguel, ele deu a maior força e eu fui em frente. Então, quando decidi ser professora, não teve nenhum impacto

na família, eles aceitaram numa boa. Também, eles me viam dando aula de Matemática desde pequena, então, já me viam um pouco como professora.

Implicações político-econômicas desta decisão... Na época, não pensei no financeiro, hoje em dia eu penso. Eu sempre fui muito simples, nunca tive muitas ambições. Mas, acho que, na época, professor também não ganhava tão pouco. Se compararmos o salário da época em que comecei a dar aula e o de agora, ele era muito maior... Era muito maior... Mas muito assim... Em 1975, 76, eu comprei uma casa... Meu marido era agrônomo da Ultrafértil e ganhava um salário privilegiado, mas ele não precisava mexer no dinheiro dele, o meu salário nos mantinha. Está certo que éramos duas pessoas, não tínhamos filhos. Mas a gente comia muito bem, pagávamos a prestação de uma casa financiada pela Caixa Econômica, para pagar em cinco anos. Eu não me lembro quanto era, mas não devia ser tão pouco, porque, para pagar em cinco anos... Tudo isso, enquanto professora de ensino médio, em Ibatinga. Não como substituta, como na época que eu fazia faculdade, um pouquinho de aula aqui, lá, não. Aí, ganhava pouco. Mas teve uma época que ficou muito ruim, eu cheguei até... A minha vida no magistério foi muito difícil porque o meu marido foi transferido muitas vezes, mas chegou um ponto que não deu mais... Eu já tinha tirado uns afastamentos sem vencimentos, e acabei pedindo exoneração. Uma coisa que normalmente eu não precisaria fazer, teria solução. Eu poderia ficar lá, mas era tão pouco o salário, na época, era tão pequeno, fazia tão pouca diferença na nossa vida, que eu me exonerei. Mas eu não consegui... fiquei dois anos exonerada e senti falta da escola. Eu gostava mesmo. Antes do meu marido perder o emprego, eu voltei a lecionar no Ribeiro por “hobby”. Eu sentia falta de escola, acho que esse convívio com estudante desde pequena... Eu sentia falta, eu gostava. Já como professora particular, enquanto estudante, antes de me casar, não era pouco o que eu ganhava. Eu comprei todo o meu enxoval, ajudei a fazer a festa do meu casamento, então, era um dinheiro considerável. Numa época, cobre um pouco mais barato do que outras pessoas formadas, porque eu era muito nova. Então, se o normal fosse, por exemplo, dez reais/aula, eu cobrava cinco. Mas, quando eu entrei na faculdade, daí, igualei o preço, não queria mais saber se era formada ou não. Mas, não era pouco o que eu ganhava com aula particular. Não era. Depois que eu me casei, não quis mais dar aula particular. Quer dizer, eu falei: “Não vou mais dar aula particular!”. Mas, em Ibatinga, começou...

Com a licença de gestante, eu cheguei a ter vinte e sete alunos. A babá tinha que levar o meu filho mais velho para passear de carrinho fora da minha casa, porque eu tinha vinte e sete alunos particulares. Vivia cheia a casa. Mas... era muito menos, era muito menos.

Já tivemos épocas terríveis. Agora, com esse abono que o governo tem dado, houve uma melhora, o pessoal está animadíssimo, viu? Eu tenho uma colega, de outra escola, que ganhou quatro mil e quinhentos reais de abono. Então, para um profissional que ganha mil e cem por mês, isso é uma coisa assim... Agora, eu não entendo como pode acontecer isso. Ficou assim... A sua escola pode ter cor amarela, verde, azul, dependendo da sua posição numa avaliação que envolve aprovação e evasão. Mas, como é que pode dar um abono dessa forma se, no ensino médio, não tem progressão continuada?! Ora, se no fundamental tem progressão continuada, então sempre terá cem por cento de aprovação, logo, a escola vai ser sempre azul. A nossa escola nunca vai ter cem por cento, porque não é obrigado... tem lá professor que reprova mesmo, entendeu? Então, a nossa é laranja. Dependendo da cor, você tem um abono, entendeu? Então o nosso abono, do ensino médio, por essa lógica deles, é mais baixo do que todas as escolas de ensino fundamental. E tem colegas que xingam a gente, sabe? Falam: "Você não entendeu, dá o teu dinheiro para o professor de...". Tem o janeiro, a recuperação em janeiro. Se não tiver nenhum aluno em janeiro, o dinheiro volta para a gente no fundão (FUNDEF – Fundo de manutenção e desenvolvimento do ensino fundamental), entendeu? Então, tem colegas que não se conformam. Dizem que avaliam, que dão prova e tal. Há um incentivo tremendo para que haja aprovação. Nossa! De todas as maneiras, todas as maneiras... Numa HTPC (Hora de trabalho pedagógico coletivo), fomos orientados para, quando o aluno estiver abaixo da média, encaminhá-lo para recuperação com ficha explicando as deficiências de cada um... Agora, você veja, eu tenho onze salas, sou uma privilegiada! Porque tem professor lá que tem uma aula por semana e tem vinte e duas salas, com trinta e seis, quarenta alunos. Ele tem que preencher quantas fichas? Então... é difícil, com essa burocracia, complicado!

O meu primeiro emprego... Foi em 1972, como substituta, em Santa Gertrudes... O diretor tirou licença e o professor de Matemática foi substituí-lo, então, me chamaram por indicação de uma amiga que dava aula lá. Era assim... não tinha... até podia ser

que tivesse uma escala, mas eu não me lembro disso. Daí, eu fui lá e dei aula quinze dias. Uma das classes era bem na porta da diretoria, então, acho que o diretor gostou porque, depois, toda licença que aparecia, ele ia direto em casa, batia na porta e falava: "Dona Lígia, temos aula lá, dia tal!". E eu lá ia. Só naquela ano, dei aula lá três vezes, por substituição.

Os alunos... Ah! Eram muito diferentes dos de hoje. Não sei se a escola era muito... Acho que ainda tinha um pouco da escola antiga, naquela época, os alunos não eram terríveis como hoje. Terríveis em questão de comportamento. Engraçado, os alunos... eu fico lembrando... agora, eu vejo o professor chegar jovem... E eles não respeitam os professores jovens. Quando fui lecionar, eu era bem jovem, mas era respeitada. Eu já pensei muito sobre isso. Fui muito respeitada desde novinha. E, hoje, os professores penam, mas eles penam nas mãos dos alunos, sem exceção. Você vê professores inteligentes, que têm conteúdo... Ah, mas os alunos não querem saber, não, eles gostam mesmo é de ficar pelos corredores, um puxando o outro, sabe? Falta de respeito, mesmo. E não é só com o professor novo. Antes era diferente em tudo, havia um respeito geral. Hoje é uma coisa assombrosa. Hoje em dia, há uma falta de respeito... claro que nós ainda temos bons alunos, mas é uma falta de respeito muito grande com os professores novos, com professores idosos... É muito difícil o professor ser respeitado. Até a direção às vezes é desrespeitada.

Hoje em dia, eles chegam a desrespeitar autoridades militares, que têm revólver na cintura! Rio Claro tem uma parceria, o JCC, jovens contra o crime, que é um projeto de Miami. O tenente Lídio e duas policiais femininas é que estão fazendo o projeto nas escolas, não para intimidar, para botar medo. Não! São pessoas maravilhosas, deram palestra para a gente e tal. O tenente nos falou: "Se vocês não os salvarem aqui, eles vão parar nas nossas mãos. E lá, geralmente, é à bala". Então a fala dele é muito boa, sabe? Às vezes... Eu mesmo estou tendo mais paciência. Eles querem prevenir mesmo, sabe? E é por causa de droga. No final de tudo, é por causa de droga. Tem uma rede se infiltrando, que obriga o coitadinho a começar a fumar e daí vai, vai, vai. Um dia desses, esse tenente passou pela escola, justo numa época em que alguns alunos tinham botado fogo numa classe. Os alunos foram suspensos, seis dias os pares e seis os ímpares, e a classe ficou interditada. Eles adoraram, acharam a coisa mais deliciosa do mundo essa suspensão. Então... passaram, esse tenente e a policial

e deram uma paradinha. Eu estava entrando e, de repente, os alunos começaram a tratar este tenente Lídio como um guarda-mirim. E ele tem curso na SWAT, em São Francisco, é comandante de toda a polícia da região, uma pessoa muito boa, muito bem intencionada com o jovem, tem uma grande preocupação. É jovem ainda, deve ter uns quarenta e cinco anos, mas ele já é avô. Na hora, eu não podia dar uma dura ali, perto dele, mas ele foi entrando, se apresentou e daí deu uma ralada, sabe? Num outro dia, esse mesmo tenente estava apresentando uma policial, uma moça bonita, uma gracinha. "Nós estamos aqui, vamos fazer um projeto com vocês. A gente vai bolar gincana, vamos ver campanha para ventilador, ou o que vocês quiserem, pá, pá, pá"... Nisso, bateu o sinal. Um rapaz levantou e foi saindo. Eu falei: "Faça o favor de sentar, não terminou ainda". E não era intervalo, era troca de professor, aluno não tem que sair da sala. "Eu vou tomar água". A policial falou: "Senta!". Então, hoje está muito difícil. Eu vou por bem, converso e tal. Mas, se não der, eu sou autoritária, porque é a única maneira de ser respeitada por determinados alunos. Uma época... foi uma mocinha... ela fazia mestrado e pegou uma substituição na escola. E aquela moça via, observava, observava. Um dia, ela chegou para mim... "O que você faz para dar aula? A única pessoa que eu estou percebendo que é respeitada nessa escola é você. A única professora que dá aula, a classe está sempre trabalhando em silêncio. O que você faz?". Eu falei: "O meu apelido é carrasca, falam que eu sou ditadora, mas eu sou assim...". Ela ficou admirada, disse que falou na UNESP e eles ficaram escandalizados com os meus métodos. Com essa de ir pelo lado bom, você não consegue. Você tem que chegar para ele e falar: "Eu sou professora e você é aluno!". Enquanto você não faz isso, ele mede força até você falar. E passa até a admirar você depois que você faz isso. É... ao longo de... Tenho quase trinta anos de magistério. É impressionante. É impressionante. Mas, francamente, eu não acho que é só porque sou brava. Eu acho que, se a minha aula não dissesse nada para eles, eu podia ir de metralhadora lá. Eles percebem que eu levo VUNESP, FUVEST do ano, tudo encaixadinho na matéria que eu estou dando. Eu resolvo, faço, me mato, entendeu? Agora, a fama lá é que eu sou muito brava e que, por isso, sou respeitada. Mas, eu falei para a coordenadora outro dia, que se eu só fosse muito brava e não ensinasse nada que interessasse para eles... Eu corro atrás... Será que todo mundo corre atrás que nem eu? Então eu não sei, entendeu? Se a bagunça é tão grande assim, será que é só porque eu sou brava? Não

acredito numa coisa dessas. O aluno percebe que eu o respeito, não só porque eu não xingo, não falo palavrão, não uso gíria, não ofendo. Acho que o aluno sente que eu o respeito pelo trabalho que faço. Porque ele está sendo respeitado, não é? É uma maneira, entendeu?

Também acho que são as manhas. Você não pode chegar na sala de aula, como eu vejo... Tem professor que senta e fica "número um, número dois, número três...". Essa é a hora que a classe ferve, pega fogo, até você chamar quarenta, aquilo virou... A Cida Bilac, uma educadora famosa de Rio Claro, falou uma vez para mim que a única profissão em que a idade é um benefício é o magistério, porque os professores mais velhos são mais respeitados. Eu não sei se isso realmente acontece. Mas, tem uma professora nova na escola, efetiva de História, que veio na última remoção, mocinha... E os alunos do terceiro ano falam... eles não param na aula dela e eles fazem o maior escândalo, falam assim: "Acho que a senhora nem é formada, ainda. Acho que não tem nem faculdade, deve ser eventual". Porque ela é jovem, entendeu? Então, também... acho que tem um pouquinho disso também.

Me percebi como um profissional da educação... Ah... Na escola, dando aula, sem dúvida. Comecei com treze anos e sou professora até hoje... Só interrompi por motivo de extrema necessidade. Quando eu estava sem lecionar, o meu marido falou: "Pode abrir o que você quiser, uma loja, uma isso, uma aquilo"; e eu não quis saber de nada porque não me via sendo uma vendedora. Eu não sabia vender, eu não gostava... talvez eu tenha perdido uma grande oportunidade, mas eu não quis saber de nada disso. Eu voltei como ACT (admitido em caráter temporário), depois de ser efetiva, ter um certo status numa escola, em Ribeirão e fiquei. Porque eu achava que era a única coisa que eu fazia bem feito, não sei explicar. Eu gostava de fazer, não me via fazendo outra coisa. Acho que é a única coisa que eu aprendi a fazer desde cedo. É uma coisa que me gratifica, sabe? Por exemplo, o respeito que os alunos têm por mim é uma coisa que me gratifica. O reconhecimento do trabalho, acho que o professor se sente um pouco valorizado. Mexeram em todas as classes para desmanchar as patotinhas porque estavam terríveis demais. E uma menina ficou "sozinha" numa sala, mas ela falou para a coordenadora assim: "As minhas amigas estão todas no 31, mas, aqui, eu tenho a dona Lígia, ela vale por todas as minhas amigas juntas". Aí, para mim não precisava mais nada, não precisava nem aumento, você entendeu? Eu não preciso de

aumento. Me deu uma felicidade tão grande, acho que é isso que me faz continuar professora de Matemática até hoje. A parte financeira nunca foi tentadora. Nunca. E toda lei que sai do magistério parece que é para me ferrar, incrível! Eu passei num outro concurso, agora completo o meu tempo para me aposentar. Mas não posso me aposentar, porque tem uma lei dizendo que tenho que ter cinco anos no cargo. Então, o governo vai me dar mais um castigo, porque eu passei no concurso e ele vai me castigar, entendeu? Veja só... Erra no repasse do abono para a escola... numa escola que tem noventa professores, foi o meu bônus que veio errado. Então, era para eu ser revoltada, odiar a escola e não odeio. Acho que me acostumei com a coisa. Acho que gosto. Acho que é isso.

As características de determinados profissionais são distintas. O advogado, por exemplo, tem uma tabela de preços e quer ser respeitado dentro dessa característica... O médico, também. Todos os médicos que freqüentei para fazer tratamento da minha enxaqueca eram particulares e, quanto melhor é o médico, mais caro cobra. E a gente valoriza mais esse médico, porque ele cobra mais que os outros, é mais competente e tal. Agora, acho que, no magistério, não dá para você fazer isso. O professor oferece aquilo que a escola pode fornecer. E, às vezes, nem usa o que a escola fornece, cria muito obstáculo. Agora, quando eu mudei para Ribeirão, algumas pessoas, quando iam conversar comigo... "Ah você é professora e papapá"... E queriam saber a profissão do meu marido. Se ele fosse professor também, então a gente seria um casal muito mixo. Agora, se ele não fosse professor, então, daí, eu podia ser alguém. Teve uma época assim, que o professor estava muito, muito por baixo. Além disso, existe um preconceito quanto ao profissional da rede pública. Está escrito na cara que a pessoa ganha pouco e deve ter uma vida medíocre. Isso é uma realidade, uma realidade. Eu acho que não dá para ser muito animado, muito feliz, quando tem aluguel para pagar, quando tem filhos doentes e você não pode cuidar. Deve ser um lado assim... que deve atrapalhar o profissional. A execução do trabalho dele.

Agora, também... não que eu tenha, assim, uma situação privilegiada, não. Mas, nas escolas... Por exemplo, em Ribeirão, eu me exonerei e o pessoal falava assim: "Onde já se viu, você está lecionando...". Minhas colegas eram todas desquitadas ou viúvas. As desquitadas não recebiam pensão e tinham que sustentar a família com aquele salário da época do Maluf, que estava uma coisa assim, terrível, terrível. Então,

acabava sendo uma classe muito revoltada, mesmo. Muito revoltada. Eu tive colegas muito revoltados que acabavam por odiar a profissão. Então, a gente não sabia se eles odiavam a profissão pela parte financeira... Muito frustrante... Tinha professor que ia dar aula de sandália havaiana, em Ribeirão, uma cidade que oferecia tanta coisa. Professor de História, formado pela USP, tinha que tomar ônibus porque, se pusesse gasolina no carro, não dava conta de sustentar a família. Então, acho que isso daí desencanta um pouco o profissional. Fui feliz nessa parte, porque demorei para ter filhos e o meu marido tinha um bom emprego. Então, nessa parte, não tinha que me preocupar muito. Talvez tenha sido isso também, que eu tenha me dado bem.

Mas está cada vez mais difícil a escola. Cada ano, a clientela vem mais pesada, excluídos, mesmo. O pai, às vezes, é presidiário, a mãe é presidiária... É um pessoal que a gente tem que fazer alguma coisa por eles. É como se diz, se a gente não fizer, vai ser à bala. Tem dia que a gente tem vontade de largar tudo, sair, bater a porta, ir embora, sabe? Falar: "Não volto mais!". Está cada vez mais difícil. Eles acham que estar preso é uma coisa... Uma vez, presenciei uma conversa entre dois meninos, numa escola onde estive por quatro meses. Os dois tinham brigado e, na porta da diretoria, um falou para o outro assim: "Vou trazer a minha mãe de São Paulo, você vai ver... Ela assalta banco com a metralhadora na mão. Ela está numa prisão de segurança máxima, em São Paulo". A mãe! Daí, numa outra situação, uma professora, que conhecia todo mundo na escola, me falou: "Está vendo aquele quietinho, que senta ali... ele é o único da família que não é ladrão. O pai, todos os tios, todos os irmãos... formam uma quadrilha. Mas ele ainda não rouba". Estava na 6ª série. Eu não me sinto preparada para essa realidade. Quer dizer, sei ensinar muito bem, sei dominar muito bem uma classe, mas essa clientela que está aparecendo agora assusta qualquer professor, entendeu? Na hora do recreio, eles se drogam e entram drogados... Na aula, depois das nove, é horrível, você vê, assim, sabe? Então, é muito complicado. Muito complicado, porque eles começam a bater boca com você e é um pessoal desse tipo, que não tem padrões, sabe? Eles não têm exemplo nem do pai, nem da mãe. Então, não é culpa deles. Você não pode ofender aquela pessoa que está ali, entendeu? Ele tem uma história de vida terrível. É muito complicado isso. É muito complicado. Então, está ficando tão difícil que, às vezes... faltam dois anos para eu me aposentar, acho

que agora está na hora... Por mais que eu goste, acho que agora eu tenho que me aposentar. Porque não está fácil.

Um recém-formado começou a dar aula na escola, estava louco para pegar aulas. No começo do ano, ele estava com um papel lá... "peguei poucas aulas...". Você via que ele queria mais. Esses dias, ele estava com um livro de Português na HTPC, estudando para um concurso. Ele dá aula e os alunos ficam para fora dando chute na caixa de luz, para arrebentar tudo e apagar a escola. Daí, outro dia, eu saí, até foi falta de ética, da minha sala e falei: "Ô menino, vamos deixar de fazer isso aí, por favor!". Daí, como eu não sou professora dele, ele não me reconheceu como autoridade... "Vem fazer eu parar!". É isso aí. Professor dando aula, dez para fora e uns dando pontapés na caixa de luz que fica em frente da minha sala e eu dando prova, mantendo a minha classe. Então, eu estou achando que agora é a hora, sabe? De eu me aposentar mesmo, porque para certas "coisas" não me sinto mais preparada. Enquanto era coisa assim...

Com relação à autonomia do professor... Olha, eu acho que aí vai depender... Depende da direção e do professor. Por exemplo, um dia, eu estava com um frio terrível, levei os alunos para ter aula no pátio. Eles acharam maravilhoso, tiraram fotos e tal. Agora, de repente, você pode fazer alguma coisa que a direção acabe achando que é bagunça, entendeu? Então...

Sabe o que mais me incomoda na escola? É a indisciplina geral da escola. Os alunos ficam pelos corredores e, enquanto você está fazendo uma atividade com a sua sala, chegam a bater na porta cinco vezes. "Ô fulano, me empresta o isqueiro?". "Deixa, dona Lígia, eu dar o isqueiro?". E dá o isqueiro. "Ô fulano, me dá um cigarro?". "Você me dá a chave da trava da bicicleta?". Tem aula que você recebe quatro, cinco visitas. Isso é o que mais me irrita na escola, entendeu? As inúmeras Interrupções. Chega ao ponto de eu não conseguir fazer um trabalho direito, dentro da sala... Porque os alunos têm que se concentrar na atividade. Às vezes, você leva um dia inteiro para preparar uma atividade e é aluno que passa, que entra. E, se você fecha a porta, eles dão pontapé na porta. É o que mais me irrita. Eu acho que... sei lá... se é problema de direção, de coordenação, de... Eles deviam organizar essa coisa, para a gente não ser tão interrompido assim. Não dá para trabalhar, entendeu? A minha queixa é essa. Eu

consigo seduzir os meus alunos, mas o trânsito ali, no horário de aula, é uma coisa que me incomoda muito. É o que mais me incomoda nesse fim de carreira.

Ser um funcionária pública sendo professora... É... Funcionário público não pode ter grandes sonhos, grandes ambições financeiras. Acho que ele tem que se contentar com a parte de amor à Arte. Porque funcionário público sabe que vai ganhar aquilo. Às vezes eu ouço colega falar assim: "Eu vou sair disso aqui, porque não dá nada. Quando que eu vou conseguir comprar uma casa se eu ficar aqui?". Mas, por outro lado, acho que está difícil em todos os cantos. Eu não sei... Eu sinto isso, que ser funcionário, pelo menos público, professor... Tem outros funcionário públicos por aí que saem muito bem. Se eu fosse uma juíza, uma deputada estadual, me sairia muito bem. Eles trabalham pouquíssimas horas, fazem as leis para os próprios interesses. Nós, infelizmente, não podemos fazer nenhuma lei que nos beneficie. Vem tudo pronto de cima e você tem que aceitar, seguir e ir em frente. Autonomia, aí, é zero, porque vem tudo pronto para você cumprir, daí, ou você segue, ou fica a ovelha negra da escola, entendeu?

Matemática... Ciência ou Arte... Eu acho que é um pouco das duas coisas. Que é Ciência, não resta a menor dúvida, aliás é a mais exata de todas. Agora... Ah... eu acho que o professor, às vezes, tem que ser um pouco artista. Por exemplo, uma vez fiquei extremamente feliz com um aluno do noturno, do segundo ano do ensino médio, que tirou dez numa prova de PG (progressão geométrica). Dois meses antes, ele não sabia nada, fazia umas perguntas assim: "Por que menos um passando para lá fica mais um?". Uma dificuldade assim, tremenda, tremenda, tremenda, tremenda. Daí, um dia, ele chegou para mim e falou assim: "A senhora poderia ir um pouco mais devagar? A senhora dá aula muito depressa, a senhora pode dar aula mais devagar? Eu queria tanto aprender Matemática!". Nossa, aquilo me deu um toque! E, no começo, eu estava com medo dele, porque hoje em dia a gente tem um pouco de medo de determinados alunos, é muita violência na escola. E ele era muito grandão, sabe? Muito grandão, bem negro, sentado na última carteira e como ele me encarava muito, já levei para o outro lado. Falei: "Meu Deus! Acho que vou ter problemas". E era exatamente para aprender, uma coisa impressionante. Eu acho que, nessa hora, a Matemática vira um pouco de Arte, deixa um pouco de ser Ciência. Porque, se eu tivesse que apostar, eu

não apostaria nunca que esse aluno iria aprender. Também acho que a Geometria, de vez em quando, parece uma coisa meio artística.

A experiência profissional que destaco... Eu acho que foi o trabalho com a criançada envolvendo Geometria e computador, utilizando o Cabri. Foi um bem tão grande para eles, eles ficaram tão felizes, tão felizes, era uma clientela muito simples. E, geralmente, o adulto, por mais simples que seja, já teve um contato com o computador, ou é office-boy de um escritório, que tem e tal. Agora, a criança pobre de periferia não tem contato nenhum com o computador, então, para eles... Eu achei que foi essa experiência, de Geometria com a criançada de 5^a e 6^a séries, porque eles amaram, foi uma coisa maravilhosa, sabe? Eles faziam descobertas importantes e tal. Só de estar em contato com o computador, uma coisa que eles nunca haviam chegado perto. E a facilidade que eles acabam tendo, também. Eu trabalhei com alunos do ensino médio... é diferente, sabe? Mesmo que seja um aluno simples, ele já viu o computador no escritório onde trabalha, ou o vizinho tem. Então, para ele, não é assim uma coisa tão maravilhosa. Agora, a criançada lá, ficou, assim, totalmente alucinada, queriam ter aula todos os minutos do dia. Então, para mim, foi a experiência mais satisfatória que eu tive. Eles amaram. Lá era assim: sexta-feira, ninguém faltava porque tinha aula de Educação Física. Então, o máximo para eles era a Educação Física. Mas, depois do curso com o computador, eles não queriam mais ter Educação Física, sabe? Eles queriam ter só aula de informática. É uma coisa assim que... gostaram muito. E informática não é da minha época. Tive dois filhos que não saíam do computador e eu só fui chegar ao computador depois que eles mudaram de casa. Então, se é essa parte que você pode procurar, pode estudar... Mas como lidar com essa nova clientela... Esse é o grande problema do educador do futuro, eu acho. Se os novos, que estão chegando, olham e querem parar, e falam: "Não vou ser professor!". Então eu não sei como é que vai ficar a escola no futuro.

Outras experiências didáticas distintas da atividade docente... Eu fiz um curso de informática da Unesp, o INTERLINK. Era um projeto para as escolas, mas a escola a que pertencio agora não faz parte do projeto, não quer aderir, mas eu continuo... Participei de algumas reuniões, aos sábados, para trocar experiências. Mas, fora isso. Ah, também fiz cursos de informática no núcleo, cursos de capacitação relacionados com a informática.

A profissionalização do professor de Matemática... É... eu acho que o professor tem que ter um pouco de conteúdo para oferecer para o aluno. Porque você dizer que aprende com o aluno... Se aprende com o aluno, mas acho que, a princípio, você tem que ter um suporte, uma formação. Também devia ter um jeito de preparar o pessoal para essa nova clientela. Isso eu acho importante. Porque, senão, eles acabam fazendo quatro anos de universidade, depois, chegam lá e falam: "Ah, não é profissional dessa área que eu quero ser!". Depois de quatro anos, quer dizer, ele vai começar uma nova vida, em outra universidade, começar tudo outra vez, porque ele percebe que não quer ser um professor, ou de Matemática ou de qualquer outra disciplina. Então, ele teria que ter, desde o primeiro ano, um contato com as escolas, para ver se é isso mesmo que ele quer. Porque, na minha época, a gente sabia o que era escola. Agora, a cara da escola está mudando tão depressa que, de repente, um aluno que está fazendo universidade não sabe que a escola está daquele jeito. Quando ele chegar lá... A decepção daquele colega, achei assim... uma coisa triste. O cara estuda para aquilo... Ontem à noite, uma senhora, cinco anos mais nova do que eu, disse que ia parar de lecionar, procurar qualquer outra coisa. Mas o quê? Quase que eu falei: "Nessa idade!". Ela deve ter uns quarenta e cinco anos e falou: "Eu quero fazer qualquer coisa, trabalhar numa loja grande, montar alguma coisa, mas eu não quero mais dar aula!". O professor está com muito medo da violência. Então, eu acho que o profissional, atualmente, além de saber Matemática, tem que ter uma metodologia especial que desperte o interesse do aluno. Ele tem que ter um preparo para trabalhar com essa nova clientela. Porque não é uma questão só de período, não. O período da manhã é que pôs fogo na classe! Eles colocaram fogo para a classe ficar interditada, entendeu? É complicado. Qualquer período é complicado. Não é dizer assim, eu vou dar aula de manhã, eu vou fazer um trabalho maravilhoso, vou desenvolver isso... Não é assim, está sendo muito difícil em qualquer período. Tanto quanto a violência, droga, tudo. Teria que ter uma saída para isso, não sei se do próprio profissional de Matemática ou da escola. Ter um investimento assim num outro profissional, um psicólogo, de repente, que trabalhasse num projeto e ficasse três períodos na escola, atendendo esses casos, estudando esses casos, orientando os professores sobre como agir em determinados casos, porque eu acho que determinados casos não estão na nossa competência.

A faculdade que eu fiz não serve para essa realidade... De jeito nenhum! A profissionalização acontece na hora que a pessoa começa a dar aula. Ou ele gosta daquele desafio e descobre um jeito de trabalhar ou ele pára. Independente da idade que tenha, ele vai acabar parando. Entendeu? Porque ele tem que encontrar o prazer ali, junto, naquela situação. Terrível, sabe? Tem um aluno da noite, que senta na primeira carteira, que quer fazer Matemática. Adora Matemática. Tudo que eu levo de atividade, ele vai fazendo. Mas tem um que entra drogado, senta lá e parece que... Outra, lá no fundo, quer sair a toda hora para dar recado para o namorado. Sabe, um negócio assim, é uma... Então você precisa conviver com todo esse tipo de aluno. Você tem que ter uma estratégia para cada um, mesmo, sabe? Você tem que aprender a conviver com essa diversidade sem se magoar muito. Porque veja, tem colega que fica neurótica, faz acupuntura, grita, grita, xinga, xinga... é nova ainda, sabe? Vai ter um infarto daqui a pouco, entendeu? Não pode. A sala dos professores é o muro das lamentações. No intervalo, eu evito até, sabe? "Ah, onde você estava, Lígia?", "Eu estava corrigindo prova". Você entra na sala dos professores, é aquela nuvem negra, sabe? Aquela coisa pesada, dificilmente tem um ambiente gostoso, porque sempre tem aqueles casos de alunos, daqueles mais escabrosos, escabrosos...

Eu acho que a universidade é fundamental para um indivíduo aprender um pouco de Matemática. Agora, aprender a trabalhar vai ser na vida prática, mesmo. Além disso, seria muito bom que tivesse uma classe que lutasse... Sei lá ... que aparecessem uns líderes, aí. Será que isso é um sonho impossível? Que lutassem pela classe dos professores e que as novas legislações fossem mais assim... Que a APEOESP (Associação dos profissionais oficiais do Estado de São Paulo) tivesse mais força para que os novos profissionais tivessem mais vontade de ser professores. Não é? Que fossem mais valorizados pelo trabalho. E que não sentissem vergonha de falar que são professores do Estado. Acho que é isso.

Maria Sílvia Isler

Início no magistério: 1978

Nasci em Rio Claro-SP. Da minha infância, eu lembro o quanto era difícil para adquirir bens. Mas... eu acho que, para viver, era melhor, menos violência, menos agitação.

Se me lembro de Rio Claro em termos de Brasil? Falar a verdade, eu ainda não sabia discernir muito as coisas. Era um mundo mais fechado... o acesso às notícias era difícil.

Qual a profissão dos meus pais? Minha mãe, doméstica e meu pai, lavrador. Acho que, apesar do tipo de profissão, da pouca escolaridade, eles valorizavam muito a educação. Só que eram formas diferentes de demonstrarem, de manifestarem essa valorização.

O meu pai tinha uma facilidade muito grande com cálculos e acho que isso marcou bastante. Fazia mentalmente, com perfeição. A minha mãe nos ajudava... éramos pequenos ainda e ela sentava... a gente ficava ao redor dela na mesa e ela desenhava para nós.

Se minha mãe manifestou interesse por alguma profissão? Não. Ela era aquela esposa dedicada. E também... foi educada para ser “dona de casa” e aceitou isso numa boa. Às vezes, quando a gente a deixava meio maluca, ela falava: “Qualquer dia eu sumo daqui, nem que for para descascar batatinha numa pensão...”. Éramos quatro e, de vez em quando, a deixávamos meio estressada. Agora, o meu pai trabalhava em terra própria, às vezes criava algum animal para revender... E nunca manifestou interesse por outra profissão, ele não gostava de patrão. Logo que eles se casaram, tinha um senhor que queria arrumar uma vaga para ele na FEPASA, mas ele não quis, queria ser autônomo mesmo. Outro dia, o meu irmão estava comentando que achava que tinha sido por isso que ele tinha vivido bastante, inclusive. Sempre trabalhou demais, mas nunca teve chefe, patrão. Trabalhava a hora que queria... que ele podia... se ele não quisesse, não trabalhava. Então... Tinha autonomia. Isso eu acho bastante importante na vida da pessoa.

Como foi a minha trajetória escolar? 1^a e 2^a séries, fiz numa escola mista da vila. Depois, 3^a e 4^a séries, fiz no grupo escolar Irineu Penteado, atual Núcleo de Capacitação de Professores.

Como eram os meus professores do primário? Ah... Eu lembro quando a minha professora de 1^a série foi ensinar subtração. Toda vez que chegava a hora de Matemática, a professora tinha que chamar a minha mãe para ir me buscar porque eu estava com dor de cabeça. Eu não entendia a transformação da dezena em unidades para poder subtrair. Por exemplo, como subtrair oito unidades de cinco? Eu ficava transtornada. Isso aconteceu uma ou duas vezes. Daí a professora falou para a minha mãe que precisava ver o que estava acontecendo, porque dor de cabeça todos os dias não era possível. E daí, foi quando eu falei que o problema era com a subtração. A dor de cabeça era mais uma... fuga. Mas, depois, isso se resolveu.

Se eu ajudava o meu pai fazendo contas? Ah! A gente ajudava! Desde pequenininho a gente vendia pepino, repolho, couve-flor, agrião. Então, já fazia algum troco. Mas acho que, na 1^a série, o que eu não entendia era a técnica da subtração, a representação... As minhas professoras do primário, todas mulheres... A gente conhece professoras de 1^a a 4^a que se dedicam mais à parte de Português, outras mais a outras disciplinas. E parece que as minhas professoras realmente gostavam de Matemática, então, trabalhavam bem essa parte. Daí... não sei também se é porque eu gostava mais de Matemática... Mas eu me lembro mais das aulas de Matemática do que de Português, História, Geografia.

Depois, fiz o que chamavam 5^o ano, era um preparatório para o admissão, com um professor, o seu Kleomênio, na Escola Estadual Indaiá, atual Escola Estadual Carolina Augusta Serafim. Nessa escola, só funcionava o primário e esse 5^o ano, o qual não pagávamos nada para freqüentar. Daí eu fiz a prova de admissão ao Joaquim Ribeiro.

Como era essa prova? Era uma prova em que entrava muita Matemática. E Matemática... eu gostava! Quer dizer que não foi assim muito problema. Tinha também História, Geografia, Português. Bom... Passei no admissão do Ribeiro e concluí o ginásio e científico lá mesmo.

E o ginásio? Eu acho que foi uma falha... Mais por causa de localização da escola... Como a gente sempre teve uma atividade em casa, fiz o ginásio e o curso

científico à noite. E, naquele tempo, o noturno já... ficava um pouquinho a desejar... O curso diurno sempre rendeu mais. São duas realidades bem diferentes. Eu poderia ter aproveitado melhor, mas não chegou a causar grandes danos, mas, no ginásio, achei que foi... eu repeti a 5ª série, em Geografia, por causa de 25 centésimos, e naquele tempo, reprovava mesmo. É por isso que eu acho que, hoje em dia, nesse ponto, mudou para melhor. Você faz uma avaliação geral do aluno e não é por 25 centésimos que se retém o aluno. Geografia era uma matéria decorativa e eu sempre tive dificuldade em decorar. Por isso, já gostava de Matemática, porque eu entendia, não precisava ficar decorando.

E os professores de Matemática? Ah! Na 5ª série, eu tive aula de Matemática com a Améris (Améris De Lourdes Viti Betti). Gostava muito dela. Mas, a 6ª série foi assim... meio dramática porque o professor, apesar de ser ótimo, tinha um problema mental. Então, ele chegava na sala e os meninos, sabendo do caso, começavam a aprontar e em pouco tempo ele passava mal. E, mesmo nesse estado, ele não conseguia aposentadoria, não conseguia se afastar da escola. Mas, depois, 7ª, 8ª não tive problemas. Cada ano foi um professor, não tive um que acompanhou a turma durante o ginásio todo. Prevaleceram as professoras.

Como é que foi esse contato com a Matemática? Ah! Eu gostava. Não tinha problema com Matemática, eu entendia e acabou. Matemática, para todo mundo, era sempre um problema sério e para mim não era tão sério, então, parece que foi bom.

A reação dos professores perante a minha facilidade? Naquele tempo, o professor era um pouquinho mais distante do aluno, era mais fria a relação professor-aluno. Mas eram professores dedicados, trabalhadores, não tinha professores que enrolavam, iam lá para trabalhar e trabalhavam direitinho.

E o colegial? No colegial, eu já tive mais professores homens... Matemática acho que foi só com a Améris. Não, não. O 2º e o 3º anos foram com a Améris. O primeiro foi com o Nélon Pioli, dono da funerária de Rio Claro.

Se tive algum tipo de incentivo, no colegial, para ir para a Matemática? Acho que a professora Améris foi um incentivo para eu fazer o curso de Matemática. Eu gostava da postura dela, da forma de ela ensinar. Já gostava de Matemática, já tinha vontade de ser professora. Então, foram juntando as coisas e acabei sendo professora de Matemática.

Se foi por isso que escolhi a área de exatas? Sim, mas também tinha a influência do tipo de vida que eu levava... Porque eu trabalhava com cálculos desde pequeninha, então acho que isso também influenciou.

Se Matemática é Ciência ou Arte? Eu acho que é a mistura dos dois. Para passar a Matemática, acho que tem um pouco de Arte... O professor, às vezes, tem que ser um pouco artista, ter entusiasmo para convencer o aluno, inventar um pouco, criar alguma história, alguma situação para fazer com que o aluno entenda algum conceito. E, mesmo a Geometria, figuras geométricas estão presentes nas Artes. Tem muito a ver com Arte. Agora, como Ciência... Se você pensar na Física, na Química, em que se aplica Matemática. Eu acho que a Matemática é um instrumento da Ciência. Ela foi desenvolvida para explicar, provar fatos científicos.

Se fez curso superior? Sim, Licenciatura em Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, atual UNESP.

Em que ano ingressei? Eu demorei... Não fiz a universidade em 4 anos, fiz em 6. A gente... tinha que estudar, mas tinha que defender o ganha-pão. Tinha o compromisso. A gente não vivia apenas para estudar. A gente vê essas crianças de hoje que vivem exclusivamente para o curso que estão fazendo, para a escola. E a gente, não! Tinha que dividir as coisas. Então a gente fazia meio aos trancos e barrancos. Terminei em 77... Foi de 1972 a 1977, e não entrei na faculdade logo que terminei... Eu terminei o científico, prestei vestibular e não consegui. Daí, fiquei o primeiro semestre parada e, no segundo semestre, fiz um cursinho e consegui.

O perfil do aluno de exatas na época? Os alunos de exatas na época... Quando ingressei, eu me relacionava muito bem com a turma, mas não consegui acompanhá-los. Tenho amigas excelentes daquela época, depois foi acrescentando. Algumas matérias, eu fiz com uma turma, outras fiz com outra... Quer dizer que ficou meio irregular. Mas a maioria se formou junto, era mais uma particularidade minha. Tive reprovação... E também acho que... o que desanima um pouco... acho que, no curso médio que fiz, o curso noturno, faltou muita coisa. Daí, depois... Quando você vai para o superior, acaba tendo alguma dificuldade. Às vezes, acho que eu era um pouco tímida. Não perguntava, não participava, então acabei ficando meio enrolada com a situação. Por isso, acho que, se você faz um curso médio forte, bom, você tem mais condições depois, de acompanhar melhor, também. Mas... consegui superar essas dificuldades. E,

mesmo depois de formada, trabalhando, sempre procurei fazer o máximo para exercer o meu papel com honestidade, tentando melhorar, me virando, estudando, me preparando para desempenhar o papel realmente de maneira satisfatória.

Se tem alguma característica que ficou de todas as turmas pelas quais passei? É. Eu acho que já é... Tinha aqueles mais dedicados, os que aproveitavam algumas oportunidades... aqueles que se dedicam bastante, outros que não se dedicam muito. Talvez como... no meu caso. Tinha alguns que tentavam ajudar. Tive amigas que tentavam me ajudar a levantar o moral, convidando, inclusive, para estudar junto, mas eu não tinha tempo... Tinha um ou outro bem egoísta... Mas, o relacionamento acontecia mais entre as pessoas do próprio curso. Das pessoas que conheci, algumas foram fazer mestrado, mas a maioria foi para o magistério, ensino fundamental e médio, como eu... O meu sonho era ficar na escola de 1º e 2º graus.

Qual o perfil dos professores da faculdade? Graduação... Tinha doutores... Maioria homem... Eu acho que eram bons professores, conhecedores da matéria. Mas só que também era assim: sou professor, você é aluno, se vire! Na universidade, foi assim. É isso que é para estudar, então, vire-se. Esse era o relacionamento. Além disso, eu nunca senti uma preocupação do professor da universidade do tipo: "Estou formando professores para escola de ensino fundamental ou ensino médio". A preocupação era de passar aquele conteúdo... acho que só isso.

Qual a importância do curso na minha profissão? Ah! Acho que foi muito importante, apesar de a gente não aprender muitas coisas aplicáveis no trabalho. Então, o que você vê na universidade, aquele cálculo, tudo aquilo, realmente, não é aplicado em sala de aula. Mas acho que o curso lhe dá condições para conseguir melhorar naquilo que você faz... Acho que aumenta a capacidade de enxergar as coisas. Acho que um curso universitário me proporcionou isso, a capacidade de discernimento, dentro e fora da Matemática.

O que foi decisivo na minha escolha de ser professor de Matemática? Professora era... uma profissão que atraía. Principalmente para mulher, que não tinha muitas opções naquela época, parecia que a melhor opção era ser professora. Então, aliei o gosto por ser professora... Já tinha alguma afinidade com Matemática, depois gostei da forma de a professora Améris trabalhar, a forma de ser, então acho que daí, realmente, decidi por isso. Porque, falar a verdade mesmo... se eu pensar numa outra

coisa.. até hoje é meio difícil. Tem também a influência do irmão mais velho... O mais velho se formou professor de Física, depois, o outro, professor de Matemática. A gente costuma falar que é mal de família. O meu irmão mais velho decidiu pela profissão assim que terminou a 4ª série. A gente já tinha essa tendência... E também ter um curso universitário na própria cidade... Era econômico, não tinha problema de morar fora. Você poderia continuar exercendo a sua atividade, como no meu caso, então parecia que dava para conciliar.

Se houve apoio dos meus pais? Ah! Para os meus pais, ser professora seria ótimo, então a minha opção foi muito bem aceita. Os meus pais eram pessoas humildes, com pouca escolaridade devido às dificuldades para estudar quando eram jovens. Mas, valorizavam muito a educação. Então, ter três filhos professores, “detentores do saber”, seria e foi uma grande realização para eles. E também era um cargo, pelo menos naquela época, de respeito. Então... acho que é isso que eles achavam. Você teria futuro, um futuro garantido, seria uma pessoa respeitada. Mas, hoje em dia... não se respeita. Apesar de que acho que até hoje, quando você encontra com ex-alunos, eles fazem questão de... “Oi professora! Você foi minha professora!”. E contam como estão, principalmente se estão bem de vida ou se fizeram uma universidade.

De onde parte a falta de respeito? Eu acho que mesmo... da sociedade, do próprio aluno. O professor era mais respeitado. Ser professor era... Mas é que também acho que não tem muita coisa assim de extraordinário. Acho que... talvez por trabalharmos com educação... seja mais interessante, mas acho que não temos que ser supervalorizados pelo fato de sermos professores. Acho que todo trabalhador... independente do que faz, desde que ele trabalhe honestamente, que exerça uma função, merece respeito, seja ele lixeiro, professor ou metalúrgico. Desde que ele faça o trabalho dele, desempenhe bem, acho que ele deve ser valorizado como gente... em tudo.

E financeiramente? Financeiramente, também. Apesar de eu achar que o financeiro não é tudo. Mas, infelizmente, a gente precisa do salário para viver. Hoje em dia, o professor ganha pouco, mas os outros profissionais também. Está todo mundo nessa situação de salário baixo, de apertar o cinto.

Quais eram as implicações político-econômicas dessa decisão? Eu acho que o professor era uma pessoa influente. Era considerado até bem remunerado. Acho que era um... para a mulher, eu acho que era tudo, parece-me que resolvia o problema. A mulher podia fazer uma atividade sem ser doméstica.

Como era o salário quando comecei a dar aula? Olhe... Se a gente comparar o salário de hoje com o daquela época, realmente era melhor. Dava para comprar mais coisa. Sabe quando você recebe o primeiro salário e parece que é um mundo de dinheiro? Então, realmente, dava para você comprar alguma coisa, se sentir aliviado.

Referencial? Ah! Eu viajava, gastava bastante dinheiro com transporte e ainda sobrava dinheiro.

Se tenho como comparar o salário de professor da época com o comércio que tínhamos? O salário de professor era uma remuneração melhor do que aquilo... Porque a gente trabalhava com um tipo de comércio... Era fraco... Não era uma loja, uma mercearia, um supermercado...

Se percebi quando o salário começou a cair? Olha... Principalmente nesses últimos anos... De 2002 para cá, eu acho que o poder de compra da gente caiu muito. Nossa! O salário vem defasando... Eles pregam que não existe inflação, mas como não existe inflação? Você vai ao mercado e os preços estão sempre alterados. Os políticos falam que o professor teve uma porcentagem alta de aumento salarial. Mas, você pensa, meu Deus! Então, eu acho que... para mim, não foi, porque... há quanto tempo que o salário muda muito pouco? Realmente, nesse plano real aí, a gente percebe que adquirir bens ficou mais difícil. Mas também não vou falar para você que... eu acho que, quando se leva em consideração a situação dos demais empregados desse país, você se sente assim... conformada. Você se conforma. Mas que não é satisfatório, não é.

Se participei de greves? Bom, eu sei que foram muitas. Teve bastante greve durante esses vinte e quatro anos. Mas... A greve... Nunca achei que a greve fosse um argumento para se conseguir alguma coisa. Sempre aderi por respeito aos meus colegas. Não achava justo eles estarem lutando por uma causa e eu trabalhando... depois, ter o mesmo lucro em relação ao que eles conquistaram com greve. Eu não era de participar de movimentos, mas achava que ficar dentro da sala de aula, trabalhando, como se não estivesse acontecendo nada, era injusto. E... Mas nunca acreditei muito que greve trouxesse algum benefício. Mesmo porque as greves sempre eram por

salários. Eu acho que a gente podia ter feito alguma greve para protestar, para melhorar alguma coisa na educação, não só salário.

Datas? Eu participei de uma greve em oitenta e... Acho que foi 1982. No governo Montoro. Mas foi uma greve que teve um final-feliz. Eu achei... O Montoro era um... Eu acho que foi um dos melhores governos que nós tivemos. E ele chamou o pessoal, conversou e, em pouco tempo, resolveu. Todo mundo ficou satisfeito. Agora, as outras greves, com o Quércio... E daí tinha cavalo em cima dos professores. Com o Fleuri também teve greve. Com o Covas... É... nos últimos anos... acho que teve até mais de uma greve por governo. Agora, a repercussão da greve sempre foi dura, porque é prejudicial ao seu trabalho, para você, para o aluno. É uma situação desagradável. Realmente.

Qual o meu primeiro emprego como professora de Matemática? Foi em 24 do 10 de 1978, numa escola pública em Santa Gertrudes, Escola Estadual Maria Aparecida Arruda.

Se eu tive vontade de começar a trabalhar logo que me formei? Tive, mas por aqui era meio difícil, por causa da universidade; tinha muitos professores. E, como eu tinha o meu trabalho em casa, para ficar viajando, era difícil. Depois, eu morava longe de estação, porque algumas pessoas que lecionavam em Americana, às vezes, chegavam de madrugada, dependiam do trem. E o trem era muito demorado, difícil. Então, acho que, por isso que demorei para começar a exercer o meu trabalho.

Que série peguei? Eu trabalhava com 6^a... eu acho que 6^a, 7^a e 8^a séries. Eu peguei um mês de licença de uma professora. Depois, nesse mesmo ano, em novembro, eu peguei uns 15 dias aqui em Rio Claro, uma licença do professor Vitorino, no Marcelo Schmidt. Eu o substituí quando ele quebrou o braço.

Como eram os alunos daquela época? Tinha... Eram... Mais ou menos como os de hoje. Tinha os estudiosos, tinha os mais acomodados. Mas tinha alunos bons, aqueles que tinham um bom rendimento escolar. Depois, em 1979, trabalhei no Cervezão, na Escola Estadual prof. Antônio Sebastião da Silva, de agosto a dezembro. Lá, eu dava aula no noturno. Eram alunos humildes, alguns aprendiam fácil, outros tinham dificuldades de aprendizagem. Era um tempo em que eu estava começando, era menos experiente, então, ficava mais difícil. Você já viu, entrar numa sala... E tinha uns com o jeitinho de... Eu lembro de um que tinha até o jeitinho de indinho. Esse foi,

inclusive o comentário no final do ano, depois, no conselho de professores. Que só a transformação do aluno... quem o viu entrando na 5ª série, com aquela cara de... e depois quem o viu saindo na 8ª série. Pelo menos, a pessoa tinha melhorado na aparência, tinha uma aparência melhor, mais bonita.

Se o aluno tinha sido influenciado pela escola? Pela escola, pela convivência com os professores, com os colegas. Havia... a escola era a responsável por uma certa transformação. Então, eu até comentava que mesmo que não tivesse aprendido muito, só a mudança de aspecto dele tinha valido a pena. Depois disso, prestei concurso e, em 1980, ingressei em Mauá. Fiquei três anos e meio em Mauá e, nos primeiros seis meses, eu viajava, gastava bastante dinheiro com transporte. E, mesmo depois, morando lá, pagava aluguel... Então, o salário não era assim tão irrisório. Eu conseguia me manter só com o dinheiro das aulas. Depois, vim para Nova Odessa. Fiquei mais três anos e meio em Nova Odessa. Depois, vim para Limeira, fiquei mais dois anos e meio. E, depois, em 89, voltei para a escola do Cervezão onde eu já tinha dado aula. Mas o aluno já tinha... era um aluno mais... O aluno também tinha melhorado a aparência. Eu não sei se, daí, pessoas que não tinham mais... que não tinham condições de sobreviver mais no centro, foram morar no bairro. Acho que pode ser isso também... que melhorou. Os moradores do bairro tinham mudado. O bairro já não era mais o mesmo, havia crescido bastante. Eu tinha trabalhado em 79, então, depois de dez anos, o bairro tinha melhorado, também. De lá, em 1993, vim para a Escola Estadual prof. Djiliah Camargo Souza. E senti uma diferença muito grande entre os alunos. Não sei se eu estava acostumada com o Antônio Sebastião, então esses alunos novos eram mais rebeldes, mais... Mais cheios de “nhénhénhé”. Os outros eram mais carentes, mas eram mais fáceis de trabalhar. Eu não sei, também... Os do Djiliah tinham tido aula com a Regina, durante muito tempo, ela pediu remoção para outra escola e eu assumi. Então, você pega aluno que teve dois, três anos de aula com uma professora, muda e eles ficam meio rebeldes. Eram alunos mais difíceis. E, depois, em 1994, eu vim para a Escola Estadual prof. João Batista Leme. Agora, acho que me aposento por lá!

Em que momento me percebi como um profissional da educação? Na faculdade, quando tive que dar uma aula expositiva em Prática de Ensino, sobre

funções e parece... eu senti... que era aquilo mesmo: ser professora de Matemática. O nosso grupo recebeu elogios, então achei que... Foi um incentivo...

Aula particular? Eu dei alguma aula particular quando estava no científico. Tinha um garoto que... acho que estava na 3ª série e tinha dificuldade em Matemática. Então, às vezes, ele vinha a minha casa e o meu irmão e eu o ajudávamos. Às vezes, eu ajudava algumas amigas, vizinhas.

Como eu me sentia dando aula particular? Acho que é um sentimento assim de... realização. Quando você consegue passar alguma coisa que sabe para o outro... É uma coisa boa poder ajudar o outro a fazer alguma coisa... passar alguma coisa que você sabe para o outro.

Outras experiências distintas da atividade docente? Nunca. Não tive nada com direção, nem coordenação. Só professora mesmo. Falar a verdade, eu não... não me lembro de ter participado... Na escola, a gente tinha... Eu nunca fui coordenadora, mas participava das reuniões... Um dos melhores momentos da escola pública foi... a escola padrão. Foi muito boa. Nós tínhamos... Então, existia, assim, um relacionamento muito bom entre o professor de 1ª à 4ª, o professor de 5ª à 8ª, com a coordenação de área. Era um trabalho... O coordenador, o prof. Sérgio Pedroso, fazia um trabalho muito bom, você via resultado. Geralmente, o professor de 1ª à 4ª é um professor que tem dificuldade em Matemática. Se você observar, de uns tempos para cá, aqueles alunos que têm problema com Matemática vão fazer o curso normal. Mas esse período da escola-padrão... esse relacionamento com... ajudava muito. Tínhamos aqueles momentos de... encontros com os professores de 1ª à 4ª; quando tinham dúvidas, perguntavam. Então, na hora de passar alguma coisa para o aluno, eles tinham mais segurança, porque tinham recebido alguma informação... Mas, tinha um problema muito sério, porque diferenciava... O professor da escola-padrão trabalhava menos tempo e tinha um salário melhor do que o da escola comum. Então, gerou muita crítica, muita insatisfação, porque diziam que a intenção era, aos poucos, passar tudo para escola-padrão. Mas não foi possível por problemas financeiros. E acabou a escola-padrão!

E a autonomia? Eu acho que o magistério ainda é uma das profissões em que se pode ter autonomia. Acho, inclusive, que você tem sempre uma preocupação em relação à direção e tudo o mais. Mas a forma de você trabalhar, ninguém... são poucos... você tem muito pouca interferência de outras pessoas naquilo que você está

fazendo. Não tem muita gente assim, não... pegando no seu pé e... Eu não sinto isso. Também, a gente procura sempre fazer o melhor, então, não sei... Às vezes, a gente comenta... que, para a gente, parece que não tem direção chata. Mas, ainda conversando com o meu irmão, que também é professor, ele falou: "Mas, também, a gente não dá margem para isso". A gente procura trabalhar de alguma... mesmo que não saia um trabalho ótimo, mas você está sempre pensando em fazer o melhor. Nem a burocracia afeta o meu dia-a-dia na sala de aula.

Como é ser funcionária pública sendo professora? Eu acho que o professor é um funcionário público que... Porque, para o povo, o funcionário público é assim meio mal visto. Mas a gente... Você, perante uma sala de aula, não tem como enrolar, não tem como empurrar... porque, ou você trabalha ou não domina os alunos. Acho que o professor é um funcionário público que trabalha e bastante.

Se estou fazendo uma diferenciação do professor para o funcionário público de um modo geral? É. Ele... eu acho que ele é um funcionário público que não tem como se acomodar.

Se destaco alguma experiência profissional? Eu acho... é aquela experiência do dia-a-dia. Eu tenho mais de vinte anos de magistério, mas estou sempre aprendendo, sempre vendo alguma coisa que... se eu fizer de uma forma diferente, posso obter um melhor resultado.

Como deveria acontecer a profissionalização do professor de Matemática? Acho que o professor teria que sair da universidade mais preparado para enfrentar uma sala de aula. Porque acho que ele sai e vai... aprender quando aparecem os problemas. Ou tem que ser assim mesmo, não sei. Às vezes a gente acha que o processo é esse mesmo, não poderia... será que poderia ser diferente? Está certo, ele faz estágio, mas eu não sei se só esse estágio basta. Não sei se não podia... A universidade fala que precisa mudar e tudo o mais. Mas o aluno continua saindo da universidade mais ou menos como eu saí, vinte e tantos anos atrás. Quem sabe um contato maior com a escola não melhoraria...

E a violência na escola? Eu já tive problema com violência, ao ponto de ter que fazer boletim de ocorrência. Foi em 1996, quando houve aquela reestruturação da escola. Alunos de 1ª à 4ª e alunos de 5ª à 8ª foram colocados em prédios separados. Foi um ano muito difícil para a gente trabalhar. Os alunos estavam revoltados porque

não tiveram nem a oportunidade de optar para onde queriam ir, foram encurralados: “Vocês vão!”. Tinha um aluno que me dava problema, era um aluno assim... terrível, um aluno difícil, que me causou muitos problemas. No final do ano, no conselho, acho que ele estava em mais de duas matérias, e foi retido. Mas eu... para falar a verdade, não me lembro de ter falado desse aluno no conselho, que deveria ser retido, nada. Não me lembro de ter... Depois, imagino que ele tenha achado... que alguém tenha contado para ele que eu tinha sido a responsável pela retenção dele. E esse menino começou a me ameaçar por telefone, falava que ia jogar bombas no meu quintal. Jogou, inclusive, algumas bombas (fortes) no corredor de casa que me assustavam muito. O vidro da sala ainda está quebrado, porque uma vez ele jogou uma pedra. Então, tive que fazer até boletim de ocorrência. Mas... e não era só comigo... Foi através da professora de Português, pelas contas telefônicas, que eu descobri que ele telefonava para nós duas quase no mesmo horário. Ah! Mas ele me deu trabalho. Depois do boletim de ocorrência, fui chamada pelo Juiz da infância e juventude, porque ainda me disseram que eu estava acusando um inocente. Os pais tinham sido chamados e dito que o filho era ótimo, sendo que a mãe já tinha conversado com a outra professora, sabia que o menino era autor de tudo. Mas, falaram para o juiz que isso era injúria e eu estava correndo o risco de ser processada por injúria. Daí, eu fui conversar com o Juiz e levei as contas telefônicas, o boletim de ocorrência e consegui provas contra o garoto. Daí, ele chamou a família e deve ter dado uma prensa, porque acabou... Nunca mais me atormentou. Mas, ele me atormentou bastante.

Se foi o único caso? O aluno... tem coisas... que, às vezes, você faz de conta que não ouve, porque, se por qualquer coisa você fizer um escândalo, piora. Então, às vezes, é melhor você ignorar. Muita coisa você ignora e deixa por isso mesmo. Se for uma coisa assim, muito... Algumas vezes, você acaba encaminhando algum aluno para a direção, quando chega assim, num extremo de você tentar conversar, não conseguir e ter que insistir. Daí, você apela a direção. Mas, eu não costumo ter problema sério com aluno. Só problemas corriqueiros. Quando eu vejo esses problemas de violência em escola e ameaça aos professores, fico meio incrédula, inclusive. Nós tivemos momentos difíceis na escola, quando a direção mudava muito. A diretora estava para aposentar, então, um dia, era um diretor substituto, outro dia, era outro. Então... Mas, agora, a direção é atuante e dá cobertura total ao professor. Se você tem qualquer

problema, eles vão em cima, ajudam e resolvem; quer dizer, nós temos apoio da direção. Trabalho no diurno; o noturno é mais problemático, mas a escola em si não tem muitos problemas.

Porque instalaram as câmeras? Mas... é mais para o pátio; dentro das salas de aula, não... É mais para verificar o que se passa no pátio. Eu não sinto assim muitas dificuldades no relacionamento com os alunos. O pessoal acha que sou calma demais. Parece, porque acho que... tem que ter um auto-controle porque, se você for... se desesperar por tudo, daí, não é fácil não!

Sidnei Luís Riani Seneme*Início no magistério: 1988*

Nasci em Rio Claro, em 1968. Não me lembro de questões políticas da época... Passei a observar esse tipo de coisa a partir da adolescência. Mas... Rio Claro era bem menor do que é hoje. Os bairros que eram afastados, a periferia, hoje viraram cidade. Por exemplo, o Cervezão. Eu me lembro que, na época de moleque, era complicado chegar lá. Hoje, esse bairro tem uma sub-prefeitura, é estabelecido com o seu comércio. Se pensarmos em distância, Rio Claro, hoje, tem avenida 120, 118, 116... dobrou em questão de tamanho. Mas a cidade, ao meu ver, sempre foi um pouco conservadora. Hoje parece que está tendo uma mudança, mas nada que se tenha perpetuado. Só alguns indícios, como, por exemplo, o resultado das últimas eleições. E, por causa desse conservadorismo, Rio Claro perdeu muito com relação a empregos. Mas, ainda tem jeito de crescer... Acho, também, que tivemos mais infância. Você tinha condição de brincar na rua, tinha uma tranquilidade que, hoje, não pode dar para o seu filho.

Profissão dos meus pais? Minha mãe, na época do meu nascimento, dava aulas em escolas da periferia de Rio Claro... Era professora do primário. Trabalhou muito na condição de estagiária, semelhante ao ACT, sempre substituindo licença-gestante ou algum outro tipo de licença. Corria uma escala por escola. O meu pai era contador e trabalhava como chefe de sessão pessoal da CESP, atual ELEKTRO. Depois, fez curso de Direito. Quando ele ia começar a exercer a profissão de advogado, faleceu de acidente. Eu tinha sete anos quando isso aconteceu. Então, a questão profissional... A gente tem esse exemplo da minha mãe que é um pouco... foi professora, não teve uma vida fácil... Talvez a minha formação de professor não tenha esse exemplo como uma coisa... que trouxesse um futuro financeiro tranquilo, porque já era difícil a situação. A minha mãe se efetivou só em 1983 e foi complicado... Éramos 4 filhos e, para ela, foi difícil ter que sair de Rio Claro para trabalhar numa cidade próxima de São Paulo... Mas, apesar das dificuldades, graças a Deus, logo ela veio para Rio Claro. Além das aulas, ela sempre gostou de comércio, sempre teve comércio. Quando ela se efetivou, já tinha comércio. Ela gostava muito de dar aula, porém só aquilo, para educar quatro filhos, na época, viúva, não era uma profissão que dava condição. E

então é isso daí, a questão financeira não serviu como exemplo, porque a gente escuta falar assim: “Em 1968, professor ganhava tanto quanto juiz”. Eu não sei quanto um juiz ganhava naquela época... Então... Muita gente foi para a educação pensando em questão salarial, mas não foi o meu caso, porque eu via a minha mãe trabalhando e sabia que aquele salário não dava para educar uma família com 4 filhos. No caso do homem, fica mais complicado ainda, porque essa visão de que o homem tem que... Eu fui educado nessa linha; os exemplos envolviam o sistema patriarcal, o homem como gerenciador, como responsável por tudo. Mas, se eu fosse pensar na questão financeira, talvez...

Trajetória escolar? Eu comecei no pré. Naquela época, não tinha maternal, pré I, pré II, pré III, etc. e tal, o que eu acho uma judiação... Apesar de que, nos tempos modernos... A minha filha, por exemplo, com seis anos e meio, já estava alfabetizada. Quando eu tinha a idade dela, não escrevia nem lia como ela. Bom... Fiz o pré e, daí, já ingressei no 1º ano e estudei até a 7ª série na mesma escola, pertinho de casa, Marciano de Toledo Piza. Na época, a minha mãe estagiava nessa escola. Então... passei por essa escola como filho de uma das professoras. Como se tivesse algum privilégio... Muito pelo contrário, a gente tinha que dar o exemplo maior... Eu me sentia na obrigação de dar um exemplo... Então, talvez isso tenha mudado a minha conduta de estudo. Se eu estivesse afastado da minha mãe, talvez não tivesse tanto hábito de estudo. Eu gostava de estudar, evitava faltar... Não era de faltar, como a gente vê hoje, falta de compromisso com a escola.

Como eram as minhas professoras do primário? No primário, eu nunca tive problema com nota. Agora, as minhas professoras... Todas mulheres... A gente fazia uma provona geral. Era uma prova só, dividida por áreas. Eram feitas em papel almaço e você levava uma tarde inteira para fazer uma redação. Tinha verbo, as operações... Aí, entrava a Matemática. No final do 3º ano primário, fiquei mais de um bimestre fora, porque tive hepatite. Fazia as tarefas em casa, mas fui aprovado porque já tinha boas notas. Mas, para eu voltar para a escola, foi complicado porque... a questão da amizade. Eu achava que não ia ser recebido como antes. Eu me lembro bem, voltei no último dia de aula, aquele dia em que as crianças levavam brinquedo e tal. Mas eu tinha medo de como ia ser recebido. Agora, estudar, eu devia estudar mesmo. As

professoras... estavam há muito tempo no magistério, dez, quinze anos. A professora do 1º ano primário acho que estava quase aposentando.

O que fica para mim em relação a Matemática? Fica a facilidade que eu tive no ginásio... A questão de fração, por exemplo. Eu vejo como um problema sério de formação de 1ª à 4ª série. Hoje, o aluno chega na 5ª série sem ter idéia do que é uma fração, quanto mais operar com elas. A questão dos conjuntos, as operações básicas com naturais... Tudo isso não pode ter sido dado por uma pessoa que não tivesse interesse pela Matemática.

Agora, na 5ª série, o problema maior era o medo de usar a caneta e não poder errar, a aula ser de 50 minutos e você não conseguir acabar... Eu me lembro do 1º dia na 5ª série, parecia que eu estava no paredão. Não por questão de medo de aprendizagem, por questão de... Criava mesmo... "Se você não fizer assim... não vai conseguir seguir". A professora era muito mais essa coisa... que acabou diluindo. No fundamental... apesar de ter professores, a grande maioria foi mulher. E, entre elas, estavam as professoras de Matemática. Sempre gostei das aulas de Matemática, não tinha dificuldades. O pessoal ia a minha casa, inclusive, para tirar dúvida, para tentarmos estudar juntos. Só que, na área de humanas, eu penava... Na época, utilizava-se conceito A, B, C, D ou E... Para tirar o C, média, em humanas, eu tinha que estudar bastante e, para mim, era desinteressante. Fazia porque era o bloco para eu prosseguir, tinha que ter uma formação do geral. Bom... Eu pretendia me formar no Marciano, mas, na época, o diretor estava de férias e a vice-diretora abriu uma única classe de 8ª série no período diurno. Chegamos lá para fazer a matrícula e a vice-diretora falou assim: "No diurno já acabou. Agora, se você quiser, faça à noite". Então... um absurdo! Eram três 7^{as} séries e a escola não esvaziava como hoje, a evasão era pequena. Tinha uma média de uns 120 alunos só nas 7^{as} séries e abriu uma única classe de 8ª, com 40 alunos; quer dizer 80 ficaram... assim... Eu sempre estudei de dia e agradeço por isso. Não achando que... porque o aluno procura o espaço dele. Não fui trabalhar cedo, então... tive essas oportunidades. Mas, hoje, o que a gente vê... A maioria dos alunos que estuda à noite não trabalha. O emprego está complicado, mas, mesmo assim, o aluno não faz força para voltar a estudar de dia, prefere estudar à noite. Mesmo que tenha perdido o emprego, ele continua à noite, fica em casa, fica na rua... É um desinteresse pelo estudo. Mas, voltando à questão da 8ª série... Como eu

queria estudar durante o dia, fui para o Ribeiro. Nisso, o diretor do Marciano voltou de viagem e falou: "Não pode ser assim. Nós vamos abrir uma outra classe para esses alunos. Eles não vão estudar à noite, onde já se viu!". Mas, daí, eu já estava matriculado no Ribeiro, junto com a minha turminha... Dos sete anos que estudei no Marciano, entre os muitos colegas, três me acompanharam desde o primeiro ano primário. Não era o mesmo período, ou a mesma escola; nós éramos amigos de sala desde o primeiro ano primário. Eram... O Paulo Munhoz, o Cozin e a Raquel Pascon. Só o Cozin não foi para o Ribeiro, porque ele tinha ido mais cedo fazer matrícula no Marciano e, assim, conseguiu vaga.

No Ribeiro, da passagem da 8ª série para o colegial, atual ensino médio, para estudarmos de manhã, como era muito disputado, tínhamos que fazer um vestibulinho. Mas, eu e os meus amigos não queríamos mais estudar de manhã, então, nem prestamos vestibulinho para, justamente, ficarmos juntos à tarde. Agora, no segundo ano, tivemos que ir para a manhã; daí, eu tive a oportunidade de conhecer a minha atual esposa. Graças àquela confusão no Marciano, acabei indo para o Ribeiro e lá eu tive a alegria de conhecê-la, felicidade... Mas, não era isso que eu ia falar. Um ano antes de eu passar para o primeiro colegial, o Ribeiro ainda tinha outras possibilidades para o colegial. Você podia fazer o colegial ou na área de exatas, ou de humanas, ou de biológicas. E, para isso, você tinha que fazer uma prova. Mas, quando fomos para o primeiro colegial, já não existia mais essa possibilidade, tinha acabado naquele ano. Já era mudança acontecendo... Na época, se eu tivesse possibilidade de escolher, acho que prestaria exatas.

Se visualizo o momento em que comecei a gostar mais da Matemática? Eu acho que na 8ª... justamente nessa mudança do Marciano para o Ribeiro. Na época, eu tinha muito receio de ficar mudando de escola e ficar prejudicado em nota. Quando fui para o Ribeiro, tive aula de Matemática com o professor Hermi e aula de desenho com a professora Jurema. Então, aquelas construções geométricas... na 8ª série, inclusive, era um caderno de arcos góticos, vários tipos de arcos. Além de pesquisar e arrumar foto do tipo de arco, as construções geométricas para construir aquilo... A gente fazia um por um... Várias construções. Aquilo, talvez, tenha me despertado para as Ciências Exatas. E eu me lembro que ia muito bem, na 8ª série; fui muito bem no Ribeiro. Nas aulas da Dona Jurema, eu tinha uma coleção de dez... Nessa época, o

meu interesse despertou pela Engenharia, não para ser professor de Matemática. Eu sempre dizia que ia ser engenheiro civil.

Influência da Dona Jurema? Não sei. Mas, eu gostei... Para alguns, era o fim do mundo fazer aquilo e para mim era uma... A construção era interessante. Desde... como determinar cada arco, a construção dos ângulos. Então, foi... Na Matemática, eu penei um pouquinho com o Hermeni, mas também tive boas notas. Eu sempre tive facilidade em Matemática e, na área de humanas, sempre tinha que estudar mais. Mas, até o colegial, nunca fiz uma prova de recuperação, muito menos fui para uma recuperação no final de ano ou tive uma nota vermelha no boletim.

E, aí, o colegial no Ribeiro... No geral, tive mais professoras do que professores...

Os professores de Matemática? No colegial... Eu me lembro das pilhas de prova que a professora do 1º ano colegial tinha para corrigir. Na hora da avaliação, ela andava entre as carteiras arrastando uma sandália e cantava uma música bem baixinho. Como eu não tinha problema com Matemática, isso não me incomodava, mas imagino para quem tinha dificuldade... Alguns alunos chegaram a falar que queriam manda-la para o espaço. Mas, no 2º colegial, foi uma outra professora... Quando eu acabei o colégio, fiquei um ano fazendo cursinho. Por quê? Porque, quando eu saí, prestei várias Engenharias e não passei. Eu queria Engenharia!

Na Unesp, Matemática era a minha terceira opção; a primeira foi Engenharia Civil em Ilha Solteira e a segunda, Geologia, aqui em Rio Claro. Mas, tudo dentro das Ciências Exatas.

Porque a área de exatas? Pela facilidade que eu sempre tive na Matemática. De qualquer forma, foi uma surpresa chegar à terceira opção... Mas, para mim, na época, era o que dava para fazer. Eu tinha passado em faculdades particulares, mas a minha mãe não tinha condições de pagar. Tínhamos problema de saúde na família, então, até a Engenharia Civil, em Ilha Solteira, não seria viável fazer, caso eu tivesse passado... Talvez, não fosse o momento de eu estar saindo de Rio Claro. Acho que as coisas foram caminhando...

Então, em 1987, iniciei o curso de Matemática na Unesp de Rio Claro. Foi uma situação assim... Eu estava lá, gostava, então estudei muito. Não prestei mais Engenharia Civil, mas no final do primeiro ano de Matemática, prestei Geologia de novo

e não passei. Foi aí que decidi terminar o curso de Matemática, mas ainda não pensava em bacharelado ou licenciatura. A opção teria que acontecer no final do segundo ano.

Pensando no vestibular... Na parte de Matemática, devo ter ido bem. Porque, apesar de ter sido a minha terceira opção, entre os quarenta matriculados, fiquei em vigésimo. Então, a minha nota devia ser superior à dos que tinham passado na primeira. Mas, mesmo assim, eu penei em Cálculo I. Achava que sabia mais de função do que realmente sabia. Aquelas funções que alguns falavam que eram triviais, rendiam três dias de estudo. A média, no primeiro ano, foi baixa, mas eu estudei muito. Sabe, esse muito que estudei não acredito que tenha sido falha minha, do colégio, porque eu gostava de Matemática. Então... Também não vou falar que a culpa tenha sido do professor porque aquilo lá tinha sido visto. Agora, eu não sei até que ponto nós... Qual a relação do que eu tinha estudado no colégio com o curso de Matemática? Acho que a base que tive no ginásio, colégio e mesmo no cursinho, relacionado ao curso de Matemática... não vou dizer que foi fraca, mas eu tive bastante dificuldade com questões... a questão de funções, por exemplo. Por mais facilidade... Foi puxado. O impacto foi grande. Também não fomos acolhidos do jeito que... Ninguém ficou passando a mão na cabeça. Acho que isso foi complicado também. Fiz três vezes Estruturas Algébricas...

Mas, em junho de 1988, segundo ano de universidade, comecei a dar aula no Estado. Naquela época, não fazia cadastro na delegacia, ou na sala regional, você ia à escola e colocava o seu nome: "Quero dar aula!". E a escola que me chamou pela primeira vez... era a escola em que a minha mãe dava aula, inclusive. Faltou um professor e me chamaram. Ligaram logo de manhã dizendo: "Venha para cá que tem oito ou nove aulas para dar hoje". Era período corrido... Mas eu falei: "Assim?". E eles: "Assim! Venha!". Entre as oito ou nove aulas, uma era de Matemática e o resto de Ciências. Então, pensei... "O que eu vou fazer?". Eu me lembro bem, quando eu estava saindo de casa, a minha mãe falou: "O negócio é o seguinte...", ela sabia o que eu ia encontrar lá, porque tinham sido alunos dela. Eram crianças carentes... "Mesmo que você se sinta nervoso por ser a sua primeira aula, talvez perdido por causa do conteúdo, ou por qualquer outra coisa, pense que você está indo como uma pessoa que é importante para quem está lá assistindo. Esses alunos talvez precisem de uma palavra amiga... Mesmo que não seja Matemática, nesse dia". A preocupação da escola

naquele dia não era nem com o conteúdo porque me chamaram para dar aula de Ciências... E eu ainda falei que era professor de Matemática, e eles: "Mas quem dá Matemática pode dar Ciências". O que acontecia? Quem se formava em Matemática tinha habilitação para Ciências e Física. Mas o meu caso... fazia um ano e meio que eu não tinha contato nenhum com Ciências. Mas, aí, fui para a sala de aula e, como eles tinham livro, nós trabalhamos bem as aulas de Ciências. Acho que, naquela tarde, teve aula de 5^a a 8^a... A Matemática... eu não me lembro bem do conteúdo, mas acho que era sistema para uma 7^a série; daí, foi tranquilo para trabalhar. Foi legal, diferente! Mas não foi uma aula preparada, entendeu? Aí, o que aconteceu? Começaram a me chamar em outras escolas, substituições de dez, quinze dias. Tudo no mesmo ano.

Se tinha dado aula particular? Duas ou três vezes... Mas foram experiências que não ajudaram muito. Foi depois de terem iniciado as aulas na rede. Uma era a mãe que queria que o filho aprendesse e o filho não queria. E a outra era a avó que queria que eu fizesse um trabalho para o neto, mas ensinando. O neto só queria o trabalho, não queria aprender, entendeu? Aí desmotivou. Com relação a 1988... Daí em agosto, setembro peguei aulas no Chanceler e fiquei até o fim do ano lá.

Se tive influência de algum professor? O Hermini tinha sido o meu professor de 8^a série. E, depois de dar a minha primeira aula no Estado, fui correndo ao Ribeiro contar para ele. Então, ele deve ter sido um exemplo... Talvez as minhas aulas tenham alguma coisa a ver com a aula dele, o jeito de agir dentro de sala, de atender o aluno. Então, ele foi o que me marcou. Mas, o que mais marcou foi a reação dele quando fui contar que tinha conseguido aulas na rede... "Tomara que o ano que vem você não arrume nenhuma aula para dar". Eu falei: "Nossa! Estou tão contente de contar, seguindo a mesma carreira que o senhor...". Daí, ele falou assim: "Não é essa a questão...". Ele era apaixonado por Matemática, gostava do que fazia. Tanto que ele levava a aula como uma distração. Logo que eu cheguei no Ribeiro tive um vermelho, daí estudei que nem um condenado e a gente acabou se entendendo. Mas a reação dele estava mais relacionada com a questão financeira: "pretendo me aposentar neste ano e o meu filho, que fez Educação Física, vende remédio e ganha três vezes o que eu ganho". O filho dele era um jovem que tinha por volta de 22 anos e ganhava três vezes o que ganhava um professor que estava aposentando naquela época. Então, ele

quis dizer que, se eu não arrumasse aula, poderia arrumar alguma coisa que desse dinheiro. Não pela satisfação dele de dar aula, mas pela questão salarial mesmo.

Provavelmente, a oportunidade de estar dando aula e a influência do professor Hermiני tenham-me levado para a licenciatura. Se eu tivesse ficado lá, só estudando... nunca tivesse dado uma aula... talvez eu tivesse ido para o bacharelado. Essas aulas que surgiram, como ACT, influenciaram na decisão de ser professor. Influenciaram na decisão, sim!

Perfil do aluno de exatas? Cada ano, entravam 40 alunos, mas quando nos formamos, em 1991, éramos oito, alguns da turma de 87, alguns de turmas anteriores a 87 e alguns da turma de 88. Os outros colegas se formaram em outros anos.

Relacionamento do pessoal da Matemática com os outros cursos? Aconteceu o seguinte... Sempre morei em Rio Claro, já namorava; então, o que eu participei, dentro da universidade, foi em sala de aula. Mas, acho que o curso de Matemática era visto com uma certa discriminação. Na Matemática, era o pessoal que estudava, que ficava lá bitolado e o resto era... "Olha, ele está levando o curso, mas está... curtindo, está participando de festa, participando mais da faculdade...". Agora... dentro da Matemática... Ah! Eu acho que tinha gente de todo tipo. Mas, da minha turma eu gostava muito. Pena que foi diluindo... No primeiro ano, a gente tinha seis disciplinas e eu passei em três. Então, o que aconteceu no outro ano? Eu era como um aluno do primeiro ano eliminando aquelas matérias e tentando puxar algumas do segundo. Nós não tivemos uma turma que começou e seguiu junto até o quarto ano. O pouco que eu convivi dentro da faculdade, dentro de República, foi com uns dez ou doze colegas que estavam na mesma situação que eu, tinham sido reprovados e estavam fazendo uma disciplina em comum. Mas eu acho que tinha ainda uma... Perfil do aluno... Eu acho que a gente tinha preocupação de assimilar aquilo lá, assimilar aquela parte de... cumprir aquelas listas de exercícios, aquelas coisas.

E os professores da universidade? No ensino superior, aumentava o número de homens... Mas parecia que era meio a meio, porque tinha muitos casais no departamento... Bom... Mas, eu acho que eles não tinham uma preocupação da Matemática, das Ciências Exatas, com a didática. Tinha caso de professor que se utilizava de material de anos anteriores e aparentava ser do ano; falava assim: "Surgiu um exemplo... agora que eu lembrei...". E você já estava lá com o caderno do ano

passado e sabia de qual exercício o professor estava falando. E ele... “Ufa, surgiu um exemplo aqui...”, e ficava duas aulas dando aquele exemplo, que tinha sido “lembrado” na hora. Então, o perfil é esse mesmo. Eles não tinham preocupação... pode ser até que tivessem, mas não se esforçavam por estarem preocupados com didática. Porque acho que não existe a situação de professor estar na sala de aula e falar assim: “Estou aqui para dar uma formação Matemática!”. Ele tem que ter didática para passar isso. A Dona Lourdes, por exemplo, tinha uma preocupação maior com isso, a gente sentia isso nas aulas. Então, é mais fácil o aluno aprender pela observação, pelo exemplo que ele tem do professor, do que falar assim: “Esse cara é bom de Matemática, ele quer mostrar que sabe e tenho que descobrir que ele sabe”. Eu tive várias tristezas com professores com esse perfil. Só não desisti porque acho que era para ser assim mesmo. No primeiro ano, por exemplo, ano de greve, sem muita experiência universitária, fui reprovado numa disciplina por causa de 0,25... Fiquei com 4,75 de média. Não era para ter desistido do curso? Então... mas não desisti, entendeu? Fui reprovado por 0,25 até em História da Matemática. E aí... mas a gente vai... eu acho que, na dor, a gente também aprende, tem que aprender. Não aprende no amor, aprende na dor.

A importância do curso na minha profissão? Eu acho que o curso foi importante, sabe por quê? Porque tem muito colega que não teve a formação que tivemos, a oportunidade que tivemos. Então, veja, apesar de achar que eu sofri muito mais do que devia, hoje eu tenho uma visão muito melhor do que outros que não passaram por isso. Então, o cara fez um curso... não estou desprestigiando o curso particular, de jeito nenhum, muito pelo contrário, mas não tem essa formação, essa... Mas talvez eu pudesse ter sofrido um pouquinho menos, tivesse sido mais... Agora...

E em relação a ser professor? A importância do meu curso? Então... eu acho que foi importante, porque a base... Como acredito que o curso de formação de professores (antigo curso normal) tenha que prezar mais pela formação de Matemática, não só do jeito que você tem que dar, mas como é isso, também não posso falar que o meu curso... Então, acho que, nessa visão foi importante a minha formação. Profissão de professor.

Bom... A partir do segundo ano de universidade, não prestei mais outro vestibular. Não pensei mais em fazer outro curso e optei por licenciatura. Nem pensei

em bacharelado. Eu tinha 19 anos quando comecei a dar aulas e os meus alunos 17, 18 anos. Então, o convívio era... Era um prazer estar ensinando Matemática para o pessoal. E aí foi...

Apoio da família? A minha família sempre apoiou tudo. Ninguém veio me questionar com relação à questão financeira, era mais pela satisfação por aquele encaminhamento mesmo. Às vezes, a minha mãe falava para outras pessoas: “Ele é professor, mas ainda quer fazer uma engenharia”. Mas ela insistia nisso mais porque sabia que eu gostaria de ter feito uma engenharia.

Implicações político-econômicas da decisão? Na época, na faculdade, a gente estudava em período integral, de manhã e à tarde. Então, dar aula era o que a gente podia fazer à noite e era um dinheiro que ajudava no combustível do carro, fim de semana... era muito bom. Em sala de aula também era tranquilo, porque eu tinha quase a mesma idade dos alunos, e a comunicação era mais... Era quase a mesma linguagem, apesar de fazer três anos que eu tinha saído, como aluno, do colégio. A maioria trabalhava, dava valor para aquilo, então ia procurar alguma coisa melhor na escola.

Aí, no ano seguinte, em 1989, eu comecei a dar aula numa escola em Santa Gertrudes, o Pedro Rafael. E lá, o que acontecia? Não tinha o colegial, atual ensino médio, só o ensino técnico em contabilidade. Então, além da Matemática, eu dava aula de Matemática Financeira e Estatística no curso técnico de contabilidade. Foi uma experiência boa, também, para começo de carreira. Também trabalhei no Bayeux... Sempre preferi colegial, técnico... Só nos primeiros seis meses dei aula no ginásio. O que aconteceu? Na época, a gente ficava com a sede na escola onde dava aula e não conseguia ir para outra escola... Eu queria vir para Rio Claro, seria mais fácil para mim estar por aqui. Só que, enquanto não esgotasse o número de aulas daquela escola, não podia pegar aula em outra. Então, nunca esgotava e eu não podia pegar aula em outra escola. Nisso, fiquei quatro anos no Pedro Rafael...

Se compensava, financeiramente, dar aulas nas duas escolas? Compensava. O Bayeux, em 1993, passou da Secretaria de Ciência e Tecnologia para Centro Paula Souza. Foi naquela época da conversão em URV. No Bayeux, a conversão do salário foi certinha, não ficou defasado. Então, o valor da hora-aula do Bayeux, em 1994, era maior do que o valor da hora aula do Estado. Além disso, a

carreira no Centro Paula Souza era curta, em comparação ao Estado. A partir do segundo ano, você já teria 20% de aumento sobre hora-aula; depois de quatro anos, mais 20%, depois mais três anos, sete anos, mais 20%, quer dizer... Aumento sucessivo... Em 10, 12 anos, dobraria o valor da hora-aula inicial, enquanto, no Estado, isso não aconteceria. Então, a esperança era que o Centro Paula Souza tivesse um bom salário. E, em 1994, tinha, eu era recém-casado... E também tinha muita aula lá. Então, o que eu fazia? Eu tinha... Aquele ano foi bom! Eu tinha me efetivado tanto no Estado quanto no Centro Paula Souza. No Estado, eu dava o mínimo, que, na época, eram 16 aulas (hoje são 20) e dava 30 aulas no Paula Souza. O salário era bom para a vida de recém-casado. Só que a política salarial do Centro Paula Souza não teve as correções prometidas...

Hoje, o valor da hora-aula inicial do Centro Paula Souza é menor do que o inicial do Estado. Então, para quem está começando, talvez o Estado, hoje, financeiramente, seja melhor. Além da questão salarial, a formação que, na época do BAYEUX era feita em quatro anos, com as alterações, mudou para qualificação e passou a ser feita em um ano e meio. Daí, as aulas diminuíram bastante e, de lá para cá, vem mudando...

Na época do concurso, no Centro Paula Souza, me efetivei, mas tive que dar aula numa escola em Rio das Pedras. Fiquei três anos no Centro Paula Souza, dando aula numa Escola Agrícola a 60 km de Rio Claro... Dava uma hora de carro. Mas, fui mesmo assim, por quê? Eu sempre pensei assim... Nunca dei aula em escola particular, por quê? Uma, porque eu nunca levei o currículo para disputar aula num colégio particular. Além disso, logo que me formei, achava que era importante estar retribuindo para o ensino público o ensino que eu tinha tido a vida inteira. Olhe as idéias... Mas, eu acho que foi uma coisa boa para mim. No começo, não procurei ir atrás de escola particular. Daí, surgiu a oportunidade do Centro Paula Souza, que tinha um salário compatível com uma escola particular na época. Foram dois anos da minha vida que, depois...

Mas, concluindo o que eu estava falando... Outro dia, estava conversando com um colega e comentei a seguinte questão. Por que eu não fui ser engenheiro? Troquei uma chance de me arriscar, enquanto jovem, por uma estabilidade. Bom, a partir do momento que eu tinha dois concursos no Estado, em duas secretarias, acreditava que aquilo seria a minha estabilidade. E é! Se a escola estadual em que dou aula fechar,

terei aula em outro lugar. Só que, em contrapartida, o salário é aquele lá. Então, acho que o professor que está lá, dentro de sala de aula, não está pela questão financeira. Pela questão financeira teria que ter pulado fora há muito tempo. Vamos dizer que troquei a chance de estar... de ter um salário melhor, crescer financeiramente, por uma estabilidade e por gostar de estar na sala de aula.

Como a sociedade vê o professor? Para o professor é aquele olhar de... "Nossa, está sofrendo, o que você agüenta numa sala de aula". Aquela coisa de... não é pena, mas... de coitado, de... "Você é um santo, vai para o céu por agüentar isso!". Ora, o professor não está lá para agüentar aluno, mas para ensinar. Agora, quando se fala em Matemática, a pessoa até recua, estala olho e fica assim: "Nossa! Matemática!", porque a grande maioria teve dificuldade no aprendizado de Matemática, então vê aquilo como uma coisa que... "Eu não aprendi, então, esse cara aprendeu porque é um gênio". E não tem nada disso! Dentro da escola, tem colega que olha para o professor de Matemática com uma certa discriminação, como se eu soubesse mais. E não tem nada a ver uma coisa com a outra. Mas... tem gente que vê assim. E tem aquele que olha para você e fala assim: "Faz essa continha para mim?". Quer dizer que acha você com cara de calculadora. E não é por aí... Eu nem gosto de calculadora. Acho, inclusive, que isso foi um fator que também me ajudou. Só uso calculadora para fazer continha que tem mais de dez números numa lista lá, mas... Nunca usei calculadora no ginásio, no colégio. Poderia até... tive oportunidade de usar, mas preferia fazer continha. Acho que isso também me ajudou naquela facilidade que tive no ginásio, no colégio, essa construção... Hoje, tem aluno que vai digitar mil na calculadora e usa vírgula como ponto. Aí, é um problema sério. Não sabe fazer conta, nem usar calculadora...

Mudou muito o perfil do aluno da rede desde 1988... Eu saí do colégio em 1985 e, quando voltei para lecionar, em 88, o perfil do aluno já tinha mudado. Claro que tem que mudar, não é culpa da escola, é do sistema... A sociedade mudou, mudou um monte de coisa. A escola... demora um pouquinho mais para mudar... A gente faz coisa que fazia vinte anos atrás, então... Mas, algum tempo depois daquela aula eventual, quando eu dei aula de Ciências e tal... Os alunos ainda estavam na sala de aula procurando alguma coisa melhor. Assim... como se dissessem: "Não estou aqui simplesmente porque os meus pais querem". Então, o que eu diferencio daquela época

e de agora. Dificuldades relacionadas com a formação sempre existiram. Antes eram menores, mas tinha... Só que, antes, eles procuravam recuperar essa base, viam no estudo uma coisa... “Olha, se eu tiver o meu diploma e souber o que me foi ensinado, será importante”. Hoje, não. Hoje eles vão lá querendo diploma e tal, independente se saem sabendo ou não. Outra coisa interessante... De 1988 até 1995, eu encontrava alunos no colégio público que tinham esperança de fazer uma universidade. Tive alunos que prestaram Matemática e ingressaram... Hoje, o aluno, infelizmente, não tem mais a base para prestar uma faculdade. Ainda mais sendo pública. Enfrentar um vestibular... Não tem coragem, sabe das limitações dele, mas ainda tem uma porcentagem pequena que tem essa vontade.

Sempre preferi dar aula no colegial... Ensino técnico e colegial. Para o concurso de efetivação, em 1993, foi importante eu estar dando aula no colegial. O conteúdo da prova eu já tinha trabalhado em sala de aula.

Quando me percebi como um profissional da educação? Eu acho que na escola, dando aula. Será que foi? Não era quando eu estava cursando ainda, porque até... No segundo ano da faculdade, eu já estava dando aula e não procurei um outro curso, ou... Resolvi que aquilo lá ia ser a minha carreira. Acho que foi isso. Foi no segundo ano da universidade... Eu me encaminhei na universidade depois que eu comecei a dar aula. No segundo ano da faculdade, eu decidi fazer a licenciatura. A minha opção foi aí mesmo. Daí...

Outras experiências didáticas? Cargos administrativos... Não! Mesmo porque precisaria ter administração escolar ou pedagogia e eu não tenho. Pensei até em fazer, mas... Se eu continuar na área de educação, preciso fazer uma complementação, uma pedagogia, para estar administrando, porque acho que isso também seria legal na minha carreira. Mas, faltou esse impulso, esse tipo de coisa: “Não sei... será que eu vou ficar aqui?”. Então, achei que ainda não foi um investimento... Mas... Participei de um projeto junto com o Carrera, relacionado com a questão de interdisciplinaridade. Nós ficamos três anos trabalhando no projeto. Foi um projeto legal! Foi a possibilidade de estar trabalhando... A preocupação era produzir um material didático relacionando Geografia, Biologia e Matemática e, para isso, utilizamos o Horto Florestal de Rio Claro. Isso aconteceu logo que eu me formei, em 1991.

Se eu recebia bolsa? Ah! Tinha uma bolsa que vinha em dólar. Mas quando vinha, já estava defasada, porque... Era uma confusão, eu não entendia muito bem como é que a verba vinha. Parece que a verba era depositada na conta dos professores, que depois convertiam para o real... Mas até depositarem na conta dos professores levava uns seis meses, por exemplo. Então, o que eram mil dólares, com a inflação viravam quinhentos dólares. Não podia contar com esse dinheiro como salário. Mas eu me lembro de... Comprei um aparelho de som, depois de seis meses de trabalho. Então, era um extra que, quando chegava, era legal. Não dava um salário mínimo por mês. Meio salário, por aí, e não era regular. Mas não era pela questão financeira. Foi legal participar do projeto. Esse foi o meu último contato com a universidade.

Se o projeto mudou o meu modo de atuar em sala de aula? Não! Esse projeto aconteceu depois de eu me formar, então, apesar de eu já estar desde o segundo ano... Talvez tenha gravado algumas características na minha sala de aula, mas nenhuma mudança drástica. Em termos da maneira de me portar dentro da sala de aula, de conduzir a aula... Não!

Se tive condições de fazer algo semelhante na escola pública? Na época se falava muito pouco em interdisciplinaridade. Hoje, essa questão já está meio difundida, mas naquela época não tinha... incentivo para que trabalhássemos as disciplinas em conjunto. Além disso, eu estava chegando na escola, conhecendo o esquema... E a escola não estava preparada para isso, também. Talvez, se eu chegasse na escola e já tivesse um projeto daquele tipo.. Aí, sim! Daí, na prática, no dia-a-dia a minha prática estaria mudando. Eu, sozinho, não tinha condições de estar mudando a escola.

Mas, hoje em dia, essa questão de projeto está em alta. Se fala bastante de interdisciplinaridade. Só que eu acho que falta muito preparo e infra-estrutura para o professor estar trabalhando isso. Tem a questão da hora-aula... Hoje, para ter um salário que lhe dê condição de vida, condição de sobrevivência, o professor fica em torno de 40 horas dentro de sala de aula. E um projeto desse seria interessante num momento em que o professor pudesse capacitar-se, pudesse estar discutindo questões... E com o tempo aplicado dentro de sala de aula, acho que fica complicado. Então... Por exemplo, a maioria dos professores hoje dá aula no público e no privado ou acumula cargo em duas secretarias, como eu. Em 2003, por exemplo, eu tinha 47 horas

dentro de sala de aula. Então, como a gente vai discutir um projeto, sentar com outros professores dentro desse tempo? Você já tem o compromisso de sala.. Acho que tem que... do jeito que está, a educação tem que mudar muita coisa, precisa pensar, dar condição para o professor se capacitar... Acredito que o professor, tendo 20 horas para estar se envolvendo, se capacitando, para estar trabalhando essa questão de interdisciplinaridade....

Os PCN's... Hoje os PCN's conduzem para a formação do aluno no contexto em que ele se encontra. Mas precisa ter um salário digno, para que o professor possa comprometer-se com uma única escola, com período menor em sala de aula para poder se preparar para trabalhar numa coisa nova. Mudar, todo mundo pode. Tem a resistência, tem quem já trabalhou duma forma e não quer nem saber... Mas tinha que dar a chance. Hoje, por causa das aposentadorias, tem um pessoal novo chegando à escola para dar aula... Um pessoal disposto a mudar... Mudar, não! Trabalhar de uma maneira diferente. Só que tem que ter condição, senão...

Autonomia... Funcionarização... Outro dia, eu estava chamando a atenção de uma classe e... é difícil eu perder a calma dentro da sala de aula, mas quando eu perco a calma, sai de baixo. E aí... Eu falei assim: "Gente, eu vou fazer o seguinte, não vou mais falar sobre o assunto, porque ontem eu falei as mesmas coisas. E anteontem... Então, não vou mais chamar a atenção de vocês!". Aí, uma aluna falou assim: "Professor não faça isso, porque o senhor é o único que se preocupa com a gente, que fala alguma coisa. Em casa, ninguém chama a minha atenção, na rua... Então não tem ninguém preocupado comigo!". Hoje, o jovem está complicado... O professor é o único que fala não para ele, tenta colocar alguma regra. A família não coloca, o Estado não coloca... Então, é uma carência de tudo. Nessa conversa, eu pensei... Puxa vida! Estou aqui na sala de aula, às vezes, com um conteúdo... tentando retomar, tentando dar exemplo relacionado com o dia-a-dia deles, mas percebo que isso está muito longe deles. Eles estão precisando de outras coisas. Às vezes, uma atenção seria mais importante do que aquele conteúdo. Acho que a questão burocrática não impede nada.

Se tenho autonomia dentro da sala de aula? Na escola em que eu trabalho, isso é legal! Na sala de aula, a gente pode encaminhar o que, e como, quer fazer, sem se preocupar se o coordenador gostaria que fizesse, ou que poderia atrapalhar um pouquinho a direção do conteúdo. Suprir essa carência deles... É difícil para eles

falarem, mas eles precisam de alguém para tentar tirar isso deles. E isso a Matemática vai ter que... vai entrando, a gente vai trabalhando conforme... Então, isso pode atrasar... Mas, desde o planejamento, na escola que eu trabalho, a gente tem uma liberdade. Então, se eu mudar o conteúdo daquele planejamento para utilizar o meu tempo, para dar uma atenção... eu tenho essa liberdade. Dentro da minha sala de aula, sou eu quem resolve as coisas.

Funcionário público sendo professor? A visão que se tem do funcionário público, infelizmente, é daquele que tem um vidão! Tem salário todo mês, não pode ser mandado embora, faz se quer... A grande maioria vê funcionário público assim. Mas, quando se trata do professor, é complicado... porque eu acho que, no momento em que você entra na sala de aula com o objetivo de passar um conteúdo, seja de Matemática ou não, você encontra uma série de problemas. Daí, é impossível o professor estar dentro da sala de aula sem trabalhar. Dá mais trabalho você entrar na sala e não trabalhar do que entrar e fazer alguma coisa. Assim, no caso do professor, eu acho complicado... E quando eu penso em professor, penso no funcionário público, não penso no professor como professor da escola particular. Eu o vejo como funcionário público.

Qual a experiência que destaco? Eu trabalho em escola técnica... Teve aquela mudança... O tipo de aluno que a gente atende na escola pública, hoje... Tudo isso é importante no meu desenvolvimento profissional, por quê? Porque a gente não pode, não está aqui para ficar repetindo a mesma coisa que a gente fazia há 10 ou 20 anos atrás. Os alunos não estão lá para escutar as mesmas coisas que foram faladas há 10, 20 anos atrás... As coisas mudaram, estão mudando. Então, o que eu acho importante foi ter vivenciado toda essa mudança no ensino. A mudança da visão de escola...

Antigamente, quando o aluno ia para a escola, buscava conhecimento. Hoje, o aluno não tem mais essa preocupação, busca somente o diploma, tem a escola somente como um lugar de encontro. O compromisso não é mais do aluno, não é mais com a família. A escola é que tem que se preocupar. Por exemplo, hoje, tinha uma professora telefonando para um aluno para lembrá-lo que ele tinha que ir à escola até às 4 horas para assinar um papel para que ele pudesse participar de uma excursão ao salão do Humor em Piracicaba. E ele estava dormindo, duas horas da tarde... Uma atividade extra-classe que era para ser do interesse do aluno e ele não estava

preocupado nem em ir lá assinar. Como se dissesse assim: "Se der para ir sem assinar, tudo bem. Se não der, não vou!". Antes, o aluno procurava alguma coisa com cultura...

Se eu tivesse parado há uns dez anos e tivesse voltado hoje, talvez não conseguisse mais dar aula e desistisse disso para sempre. Como eu estou lá desenvolvendo, vivendo, fazendo parte, é como ver o seu filho crescer, um fulano que faz um ano que não vê fala assim: "Nossa, como cresceu!", agora você passou o ano inteiro perto dele, você sabe que ele cresceu, mas não acha que... Educação eu vejo assim. Eu fico imaginando quem saiu há 20 anos de uma escola e entra hoje. Que susto deve levar, porque deve esperar uma coisa e não tem muito a ver com o que... E é esse estar acompanhando que ajudou o meu desenvolvimento.

Como deveria acontecer a profissionalização do professor de Matemática?

O profissional da educação...

Se acho que uma pessoa que faz um curso... vira professor? É um profissional da educação? Ele não é! A intenção é essa, agora preparar o professor para... a formação para profissionalizar... para estar na sala de aula. Eu acho que não. A universidade possibilita que ele entre na sala de aula, dá o título. Agora... ele vai ser um profissional da educação a partir do momento que começar a viver aquilo, sentir aquilo... Além disso, o professor, hoje, não pode estar dentro da sala de aula só pela questão salarial, porque ele não fica. Ele tem que gostar daquilo que está fazendo, ele tem que... Não é só o título, só a permissão para entrar na sala... Ele vai ter que gostar daquilo, porque... além da questão do conteúdo, você vai conviver com os jovens de faixa etária diferente, mais jovens que você, outros conceitos, outros valores. Então, acho que o profissional tem que estar habilitado para estar dentro da sala de aula ou pretender ser um professor, que foi o meu caso e o de muita gente que está hoje na educação. Mas, tem que estar convivendo. É complicado só o título... "É, eu sou professor!". Mas, se eu paro, vou fazer outra coisa, daqui a 10 anos eu volto e... "ó, o meu título é esse". Eu acho que, depois de 10 anos, alguma coisa vai ter que aprender, pois a sala de aula não vai estar igual. Então, não é só a questão do papel, não.

Violência na escola? É... Eu devia ter falado mais de violência. Amanhã, faz um mês que mataram um menino dentro da escola. Foi meu aluno... Era um bom aluno, um rapaz trabalhador. O jovem está carente e acaba descontando em quem quer alguma coisa melhor para ele. Duvido que tenha professor lá dentro que queira o mal

do seu aluno, que queira o aluno na droga, se matando. Mas os alunos não entendem o professor dessa forma e também não fazem força para entender os que estão em volta dele. A escola em que eu trabalho não é violenta, com briga todo dia, por exemplo. Não tem briga lá. Não tem briga no portão. Nunca tive um desentendimento com aluno, mesmo porque eu procuro não entrar em situação de risco. Você tem que saber os limites de quem você pode enfrentar. Na minha aula, eu os deixo bem à vontade. Fica até meio complicada a questão de disciplina. Mas... Eles têm liberdade de falar coisas do jeito a que estão acostumados... tem professor que tenta mudar o jeito deles falarem ou fica indignado com palavrão. Eu os deixo falar. Por quê? Porque sei que, na minha frente, eles podem até deixar de falar, mas na vivência deles, vão continuar falando. Daí, a aula vai acabar ficando um lugar ruim para eles. Claro que a gente coloca limites, fala: “Não é por aí... você não pode agredir...”. Mas, a escola em que eu trabalho é assim... O assassinato que aconteceu na escola foi um desentendimento entre os alunos. Ninguém sabe ainda se foi por causa de namorada, se foi por causa de briguinha à toa. Mas, foi um caso isolado. Um caso de um jovem que estava perturbado e acabou acontecendo... Mas, normalmente, não tem briga.

Agora... São agressivos? São agressivos! Eles agridem com palavras, com desprezo. É o que eu falo... Os alunos acabam descontando em quem está procurando alguma coisa melhor para eles... Tem a história da promoção automática; o professor perdeu o respeito dentro da sala de aula. Eu acho que o respeito não tem que ser conquistado através da reprovação, não é essa a questão. O problema é maior, é social. Mas... Na nossa época, víamos o nosso professor como aquele que se dedicava, aquele que fazia... Hoje, como são vistos os professores? Pessoas que têm o conhecimento, que procuram o conhecimento... Os alunos até acreditam que o professor saiba, só que eles não querem saber. Para eles, não é importante.

Então, a violência o que é? É o jeito de se vestir... Qual o som que eles escutam? É aquele “funk”, aquele “rap” que fala da polícia, que fala da favela, que fala que atira, mata. Se não matar, você já era. Quem é o bonitinho da escola? É o mais tranqueira, aquele que olha para o professor, entrega a prova em branco, dá risada e diz: “Eu não sei! Em janeiro eu passo...”. Despreza qualquer tipo de atenção. A vida, do jeito que eles colocam, parece não ter valor. Eu sei que, no fundo... 50% é papo, mas, é a vida deles, é com que a gente convive. Minha escola, hoje, está depredada, toda

pichada, a maioria das salas não tem portas... Mas, violência física eu não vejo muito, não. Tem violência visual, sonora, o desprezo...

Greves? Desde quando comecei a lecionar, eu participei... Mesmo quando eu era ACT, eu parava junto com a escola. Participava das reuniões que aconteciam na escola, mas nunca fui para São Paulo participar de passeata. Respeitava o movimento e achava que assim eu estava fazendo a minha parte. Teve até uma... Numa das greves, eu lecionava em duas escolas, uma escola optou por parar e a outra não. Então, parei pelas duas escolas. Agora... quantas greves? Eu acho que... As grandes greves, mesmo, foram três, uma foi em 1993, foi a maior delas. Naquele ano, teve uma discussão de se perder o ano letivo, de passar a reposição para o ano seguinte, o que no fim não aconteceu, acomodou. Isso foi um dos motivos que enfraqueceram a greve. O pessoal voltou e acabou terminando o ano. Aquela lá durou cerca de três meses. E um fato que aconteceu nessa greve, que marcou muito, foi o concurso público, que aconteceu no meio da greve. Teve muito colega que não foi nem prestar. Ou por questão de protesto ou por falta de informação. E foi um concurso assim... Eu achei que foi bem puxado. O que me facilitou a aprovação foi o fato de estar recém-formado e estar dentro da sala de aula. Mas, as reivindicações eram... principalmente salariais, só que, com a greve, sempre vinham outras reivindicações. É... Muitas vezes, não atendidas, mas... Eu sinto que cada greve em que nós saímos... Nenhuma delas teve uma vitória... Ou pelo cansaço, nessa de três meses, que foi superdesgastante. O que se conquistava em termos de salário não chegava nem perto do que era reivindicado. Na última greve que teve no Estado, acho que nós paralisamos por uns trinta dias. Não tenho certeza, mas, apesar de ter sido uma greve legal, de termos repostos os dias, parece que essas faltas ainda constam no prontuário do professor.

De 2000 para cá, aconteceram algumas paralisações, quando teve algum movimento em São Paulo, mas foi só de um dia. Então... Não afeta tanto, a escola não chega a parar por causa disso. Para quem vai a São Paulo, que muitas vezes abona o dia e vai lá participar. Então, o pessoal que participa, a gente apóia. Mas, no geral, eu participei de todos os movimentos. Uns foram mais intensos, mais demorados, outros menos... Mas sempre participando com... Ainda acreditando na classe, porque a gente vive... Eu vivo disso! Então, não adianta o professor estar dentro de sala de aula, estar reclamando do número de alunos por sala, da falta de capacitação e chegando a hora

de reclamar, ir para a sala de aula como se não estivesse nada acontecendo. Eu acho que, para a gente poder reclamar, tem que saber reivindicar também.

Matemática... Ciência ou Arte? Ah! Para mim é Ciência.

Por que acho isso? O artista tem que estar sempre criando, é uma coisa mais interior dele. Acho que o estudar a Matemática... Ela está ali. Eu acho que, se for bem encaminhado, se for se apaixonar por aquilo, gostar daquilo, acho que qualquer um pode produzir, pode chegar a fazer alguma coisa, pode enxergar. A Arte eu vejo como algo que vem de dentro mesmo, não adianta falar assim: “Ó, você tem que fazer assim, tem que fazer assado...”, ela tem que surgir da pessoa.

Patrícia Rosana Linardi*Início no magistério: 1994*

Nasci em Rio Claro em 1972... Sempre morei em Rio Claro... Engraçado... Parece que tenho um bloqueio ao tentar lembrar da minha infância. Eu não sei se é por causa da morte do meu irmão... quando eu era adolescente, com doze anos... Esse fato talvez tenha bloqueado a passagem anterior das coisas. Eu sempre sinto isso! Mas, assim... eu me lembro que Rio Claro era uma cidade muito calma... sem violência nenhuma. O Brasil... eu não tinha muita preocupação em termos de Brasil. Não assistia à televisão... Quer dizer, assistia, mas não "coisa" ligada à política; estava sempre na rua, brincando... A gente tinha muito acesso à rua, coisa que, hoje, em termos de Rio Claro, mudou muito. Mas... eu, pelo menos, não senti repressão, em termos de governo, nenhuma. Eu percebo que o meu próprio pai não viveu essa repressão também. O que é mais forte para mim é a vivência na minha família durante a infância. Lembro-me mais de coisas boas, de ser bom brincar na rua, essas coisas. Muito mais disso do que de problemas.

Bom... o meu pai foi comerciante. Ele sempre viveu no centro; lá, ele cresceu e herdou o posto de gasolina do meu avô e, assim, ficou até 1982, quando se aposentou. Ele trabalhou muito, porque o posto de gasolina funcionava direto, abria às sete horas da manhã e varava o dia. Agora, a minha mãe sempre foi “dona de casa”. Casou-se supercedo... Eu acho que a minha mãe... tem muito essa coisa manual, borda bem, arruma bem a casa... Quando ela era pequena, chegou a bordar para ajudar em casa, porque era de uma família bem pobre. Mas o meu pai teve aquela coisa de que mulher não saía de casa, então, ela ficou realmente “dona de casa” e mãe. Cuidou da gente, sabe, aquela coisa de ficar levando um, buscando o outro...

Escola... A escola era um lugar gostoso... Eu gostava muito de ir para a escola! Comecei o pré-primário com sete anos. Tinha aquela coisa de querer ir para a escola porque o meu irmão já ia... E fui justamente à escola que o meu irmão freqüentava e onde o meu pai também tinha estudado, o Marcelo Schmidt. O pré-primário era separado do resto da escola. A gente cantava, tinha trabalhinho de cortar e pintar, fazer coisas assim... de risquinhos. Eu me lembro que tinha um areião, uma piscina de areia. Tinha aquelas cadeirinhas, aquelas coisinhas bem separadas. A minha professora do

pré tinha sido professora do meu irmão, estava no final de carreira, se aposentando e ela era bastante agressiva. Ela dava reguada nos... em mim, não, porque eu era mais calma, calma? Mas os meninos não estavam fazendo nada que merecesse uma reguada na cabeça. Se a gente parava um instante de fazer alguma coisa, ela "pá"! Então, eu fiquei... Todo mundo falava que ela tinha sido "a" professora, mas eu a peguei nessa fase estranha, estressada e eu ficava meio assustada. No pré... não consigo me lembrar muito de Matemática, quase nada.

As professoras do primário... Eu achava que elas exageravam para pedir... para nos obrigar a fazer as coisas, entende? Bater na mão, chacoalhar... essas coisas me davam medo. Mas o professor era muito importante, a gente tinha muito respeito e escola para a gente era uma coisa que... É engraçado... porque de 1^a à 4^a me lembro que eu não era tão preocupada com nota... Mas lembro que eu fazia tudo certinho... eu queria mesmo conversar, ouvir as crianças. Me lembro de uma coisa que eu não gostava... Na 1^a série tinha que fazer uma redação. A professora colocava uma folhinha com algum desenho e aí você tinha que escrever. Cara, isso me deixava maluca! Eu odiava isso! Odiava! Odiava! E eu acho que isso, algumas vezes, acabou bloqueando a minha escrita. As professoras da 1^a e 4^a séries do primário eram bravas... As da 2^a e da 3^a, não... A professora da 3^a série era ótima, me diverti bastante, gostava da professora! Ela fazia chamada oral de tabuada e nos dava presentes... Cheguei a ganhar uma agendinha, que eu tinha até recentemente... E eu gostava dessas coisas, gostava de ficar estudando... É engraçado que essa é uma das poucas coisas boas que eu me lembro da Matemática do primário. Mas, fora isso... A professora da 3^a série tinha uma posição diferente, era de bem com a vida, a única que não estava no final de carreira. Talvez seja também um pouco da Patrícia. As outras eram assim, meio mal humoradas e eu não gostava muito de pessoa que já entrava de "saco cheio" na escola. Eu acho que foram fortes essas coisas, porque a minha mãe era uma pessoa de bem com a vida. Aí, eu chegava à tarde em casa... tudo bom humor, tudo bem e, de manhã, aquele baixo astral. Aquela coisa pesada. Então, não me lembro de coisas boas, de como se arrumavam, por exemplo. Acho que meio que deletei. Só consigo ver coisas meio ruins, como a minha dificuldade com problemas, na 4^a série... A professora da 4^a série tinha sido professora do meu pai, então ela estava realmente no fim de carreira e estava assim... Em Matemática, ela trabalhava problemas, mas ela não tinha nenhuma

paciência, nenhuma. Aí, eu peguei uma ojeriza de problemas. Ojeriza! Eu não suportava, não suportava. O meu comportamento acho que até ficou diferente por ela ser a mais agressiva de todas, assim... muito, muito, muito impaciente. Eu achei que ia “desencanar” um pouco da escola por causa das atitudes agressivas dela. Mas... é engraçado! Para mim, de 1ª à 4ª, o que mais marcou foi a minha dificuldade com os problemas.

Continuei nessa escola pública até a 7ª série. Tinha um professor de quem eu gostava muito... E acho que, por isso, tinha aquele contato bom com a Matemática, gostava, achava... Passei a ter um convencimento rápido para a Matemática. Na 5ª série, era muito mais técnica, veio um outro tipo de conteúdo. E, aí, era muito mais o convencimento. Então, o professor falava e eu não contestava. Tinha que ser feito daquele jeito, eu fazia daquele jeito. A questão dos problemas foi realmente ficando para trás, eu ia bem, tirava nota. E nessa fase, de 5ª até a 7ª série, passei a ser neurótica por tirar notas, malhava de estudar. No caso da Matemática, por exemplo, eu repetia o exercício mil vezes. Chegava em casa, estudava mil vezes. É obvio que a prova era semelhante e eu ia bem com certeza. Aliás... Da 5ª à 7ª eu tive aulas de Matemática com o mesmo professor. E eu sempre me identifiquei muito com ele, gostava pra caramba da Matemática, do jeito que ele dava aula, tradicional. E ele era muito calmo, muito assim... Falava baixinho, me lembro. Não tive mais dificuldade. Não sei se foi uma empatia com o professor. Mas da 5ª à 7ª série foi ótima a Matemática, eu gostava. Ele escrevia na lousa, eu gostava de copiar, às vezes, escrever para ele. Às vezes, ele falava para a gente corrigir exercícios, nossa! Eu amava fazer exercício na lousa. Isso eu lembro. Gostava mesmo. Para mim, uma das melhores aulas era a dele. Depois, eu até me lembrava com carinho dele, encontrando-o depois, assim, como professor. Eu tinha um carinho muito especial por ele. Gostei, não me lembro de ter tido alguma dificuldade nas provas, tudo era superfácil. Ele morreu há pouco tempo, novo, morreu cedo. Mas assim... ele era um cara, não sei se ele me seduzia com a aula... Mas não era só isso, eu gostava... Ele não era tão sedutor em termos de aula, eu gostava do contato com a Matemática, gostava do ato de fazer Matemática, do ato de ler uma fórmula e ter que resolver um monte de exercícios. E não me recordo de achar ruim o ensino, ou de contestar, mas entrei na fase da escola particular. Na 5ª, ainda não, mas 6ª, 7ª séries começaram a surgir histórias de que a escola particular era

melhor que a escola pública. Melhor por n coisas, porque os professores eram mais bem pagos, estavam mais felizes por estarem lá. Mas eu também queria mudar. Tínhamos mudado de casa, o Anglo ficava perto e o meu irmão estudava lá. E, aí, falei que queria estudar no Anglo, e o meu pai, apesar de ter ficado meio reticente por causa de pagar, concordou. Então, em 1986, fui para o Anglo, fazer a 8ª série. Tive um pouco de choque por causa da mudança de escola, com os amigos, com as disciplinas. Com, a Matemática, não! Na 8ª série, no Anglo, também me identifiquei com o professor de Matemática. Gostava muito da aula dele, do modo como ele tratava as coisas e o mundo. Gostei muito! É estranho dizer isso, mas assim... eu gostava mesmo do ato. Eu me lembro que gostava até mais de outros professores, por exemplo de Português, adorava a professora de Português. Ela tentava me convencer das coisas que eram boas, mas eu não gostava do ato de ficar lá procurando sujeito, verbo. Então, eu era meio dominada pela própria Matemática, de que eu gostava. Gostava daquele ato. De fazer... Mas os professores em si eram legais, nunca tive problemas com professor nenhum. Isso também pode ser um sinal, porque, de repente, você tem um problema... a não ser aquela professora da 4ª série, com os problemas...

No Anglo, continuei sendo uma boa aluna, fazendo tudo; gostava, era convencida facilmente e aquilo me satisfazia. Era louca por fazer exercícios de Matemática, o que viesse eu estudava, e estudava muito. Lembro que a única dificuldade que tive na escola foi Português, porque o que eu tinha visto na outra escola era muito diferente. Sofri, precisei de professora particular e tal. Mas... No ensino fundamental, tanto na escola estadual quanto na particular, tive mais professoras do que professores.

No 1º, 2º e 3º colegiais, atual ensino médio, continuei no Anglo e sofri bastante com Geometria... Mas, como eu prestava atenção, fazia os exercícios, se tivesse dúvida, ia atrás de professor particular, a prova era semelhante... então eu acabava me saindo bem. Os professores eram maioria... poucas professoras. Uma coisa de que me lembro muito do primeiro colegial ao terceiro... As minhas amigas falavam que eu acochambrava porque elas queriam entender o problema e eu não tinha muito essa de entender. Eu não tinha muito essa de ficar querendo saber o porquê. Não! Era assim... Eu olhava para o exercício e falava: "Nesse aqui, deve-se usar isso!". Depois eu olhava o resultado, estava certo, acabou. E daí eu ia explicar para elas, e elas falavam: "Mas

como?". Eu falava: "Ué, tem que usar isso e pronto!". Esse convencimento eu acho que sempre tive, e as pessoas se assustavam um pouco, e talvez, hoje, eu também me assuste com isso... Enfim... Os professores de Matemática de que eu me lembro do colegial, do ensino médio, foram três. Um dava Geometria espacial, o outro... O Anglo tinha isso de separar. Me lembro bem dos professores. E, para variar, aquela coisa de me convencerem rapidamente... Não tive problema algum em relação à Matemática. Tive outros problemas, com algumas disciplinas, mas sempre estudando além da conta. Eu lembro que a gente ia à casa da minha avó e ela falava assim para mim: "Coitada dessa menina, estuda tanto!". E, realmente, eu fui uma aluna um pouco... Eu não sei se hoje posso ser considerada exagerada, mas, assim... Enquanto eu não estudasse tudo, tudo, tudo. Podia ter a melhor festa do mundo, mas eu ficava, eu perdia o meu sábado, domingo, estudando dia e noite. Eu acordava tipo oito horas da manhã, e estudava até dormir. Estudava dia e noite, dia e noite. Era uma loucura o quanto eu estudava! Os professores, no geral, tradicionais ao extremo... Principalmente no 1º e no 2º colegiais, eram professores bem tradicionais, bem tradicionais... O que é para mim ser tradicional? Lousa, explicação, exercícios, correção e acabou! Todos foram do mesmo jeito. O que mudava era o comportamento pessoal deles. Obviamente, não eram agressivos, por se tratar de uma escola particular, porque o aluno poderia reclamar. Aliás, os alunos eram mais agressivos com o professor. Agora... O nosso empenho, enquanto alunos, precisava ser muito maior porque tinha aquela coisa de todo mundo tirar nota boa, todo mundo trabalhava mais do que a escola... Na escola pública, o pessoal era mais "desencanado", eu era uma das mais preocupadas com notas. Agora, na particular, tinha bastante gente preocupada, tinha alguns que não faziam nada, mas tinha muita gente preocupada com nota. Bom... e aí, no Anglo, o questionamento não existia muito, não. Era apostila. Vai, vai. Eu pegava os exercícios e fazia, tinha certa facilidade... Era engraçado isso! Apesar de ter tido aquela dificuldade na 4ª série com os problemas, a partir da 5ª série passei a ter facilidade de olhar para os exercícios e resolvê-los. Então, eu ficava lá... nos livrinhos, fazendo exercício que nem louca. E achava... curti isso, curti aquele ato de estar fazendo, de ir para a sala de Matemática, de aprender. Achava legal! Achava um barato! Mas, assim de sedução de professor... É engraçado que um dos professores acabou sendo meu colega de trabalho, quando comecei a dar aula. Isso foi legal! No 1º e 2º colegiais, tive dois

professores de Matemática, eram aqueles do tipo paizão. No 3º colegial, passei a ter três professores de Matemática, só que aí mudou o esquema... começou o esquema de cursinho. O professor ficava dando aqueles “mega-shows” e aquilo me irritou profundamente. Aí, eu já não gostava de nada do 3º colegial, achava bobo. Você não tinha que tirar nota nas provas e todo mundo passava. A nota sempre foi importante para mim e, no 3º colegial, eles não se importavam muito com a nota, era muito mais para estudar para o vestibular. Eu lembro que tive uma classe complicada, juntaram-se três classes num terceirão. Aí, a gente tinha aula num anfiteatro. Eu sentava lá na frentona, tinha um monte de gente falando pelos cotovelos e os professores muito distantes, num tablado. Você não tinha muito contato com o professor e isso foi uma coisa que me afligiu, me causou bastante estranheza. O contato com o professor, por mais que fosse tradicional, era uma coisa importante para mim. Mas, em relação a estudar Matemática, sempre foi o que eu mais gostei, realmente. Foi a matéria que eu mais gostei de estudar sozinha. Quando eu não entendia, procurava algum professor.

Mas aí, no 3º ano eu.. aí... não conseguia me ver... É engraçado. Eu não conseguia me ver fazendo outra coisa. Pensei em Engenharia, em Computação, que era moda, ganhava dinheiro e tal. Enfim... acabei sendo seduzida pelo curso de Matemática. Não vou dizer que não foi só por ser aqui, pelo fato de eu querer ficar em Rio Claro, ficar perto dos meus pais. Mas, eu não tinha muita noção do que queria em relação à Matemática. Então... Em 1990, eu entrei para fazer Matemática meio assim... Eu não sabia muito bem o que era fazer Matemática. Sabia que me dava bem, curtia e de repente seria legal fazer Matemática. Era exatamente isso! E ainda não tinha intenção de ser alguma coisa, entendeu? Sempre quis entrar numa universidade e seguir alguma coisa. Mas, em termos de profissão, isso não era... Eu não tinha isso na cabeça. Eu sabia que a minha meta era entrar na universidade.

Antes de entrar na faculdade, não tinha tido nenhuma experiência profissional. Nunca! Nada! Nem aula particular... Nada! Nada, nada, nada. Principalmente em relação à minha profissão de hoje, nada. Eu me lembro de uma coisa da época do primário: brincar de professora. E, normalmente, era de Matemática. Eu dava aula para as bonecas e, às vezes, para a minha mãe. Eu tinha uma lousa grande, adorava a minha lousa, e ficávamos com o caderno passando... E eu gostava de fazer isso. Depois, eu fui meio que perdendo isso... Mas, de tudo que eu me lembro ter vivido, ser

professora foi nessa época de criança... Mas, eu tinha tia professora. Todo mundo falava que o professor não ganhava nada e isso já estava começando a ser muito forte na minha época. De dizer: "Ser professor é ganhar pouco, é não ser nada...". Então eu, adolescente, depois de ouvir reclamações externas da minha tia, de professores, imaginava crescer e fazer outras coisas. Surgiu a Matemática, mas ser professor não era a coisa em que eu pensava. Não era, mesmo! Tinha também aqueles papos com as colegas da escola, quando elas diziam que eu acochambrava. Acho que, na época, eu não tinha muita paciência. Então... é engraçado... me ver assim contando essas coisas, porque, hoje, me acho paciente. Não sei se era coisa de adolescente. Achava assim... "Você não está entendendo? Como você não entende?". E aí, é óbvio, eu fui entrar na boca quente, fui fazer bacharelado. Entrei exatamente no lugar certo.

Eu entrei no bacharelado, na UNESP de Rio Claro, em 1990, e me formei em 93. Foi engraçado, porque foi assim... Desde o final do primeiro ano da faculdade, eu era bolsista do CNPq... ganhando dinheiro desde o primeiro ano, atrás de ser uma matemática, não professora. A gente não queria dar aula, a gente queria bacharelado. E... teve aquela coisa de os professores serem meio mães, de levarem você para a sala deles e conversarem... Foi nessa época que eles começaram a achar que, se fossem mais próximos, teriam mais alunos. Então, antes de entrar com as disciplinas específicas do curso, os professores ofereciam um período de adaptação, retomavam alguns assuntos do colegial. E parece que essa idéia surtiu efeito, porque a evasão começou a ser menor. Só que isso foi morrendo... No 1º e 2º anos eles conseguiram nos acompanhar, mas depois começou... eles já não eram nossos professores e a coisa foi-se perdendo. Da minha turma, acho que ninguém foi para a Matemática Pura: ou fez mestrado em Estatística, ou em Computação ou em Engenharia, ou não fez nada. Então, foi um choque, porque era uma turma considerada excelente que, no final, foi para outro lugar, o pessoal da licenciatura, inclusive.

Aliás... Os meus professores nunca falaram sobre a licenciatura comigo. Nunca! Nunca! Nunca! Sempre com a influência para o bacharelado. O perfil dos meus professores... Tinha homens e mulheres, era bem dividido... A maioria, do bacharelado, era esquema lousa, livro. Alguns nem se viravam para conversar com a gente. Tive professores que só ficavam olhando para a lousa, passando o livro. Por causa disso, teve épocas de eu "desencanar" de copiar, porque já tinha no livro, mesmo. Aí veio o

Baldino com grupo, com o grupão... O Baldino era um professor complicado, mas veio para mudar toda a história.... Eu briguei muito nas aulas dele, por quê? Porque as meninas eram muito boas para tirar nota, mas para falar eram péssimas, não abriam a boca. Então, tudo que tinha que falar, eu era escalada. O Baldino punha aqueles grupos e, aí, alguém saía chorando, eu ficava indignada e falava: “Ô, cara, como é isso?”. Então, ele veio, realmente, para mostrar um outro modo de ser. Tinha gente que o amava e gente que o odiava. Era assim: ame-o ou deixe-o...

Aí, durante o bacharelado, eu comecei a fazer um pouco de Matemática Aplicada, fiz uns cursos com o Rodnei, da UNICAMP. E também participei de um projeto do CNPq, junto com ele. Quando começou a chegar, sei lá... 3º ano, a gente percebeu que essa história de ser matemático era uma balela, porque não existe a profissão de matemático! E o Rodnei dizia que, mesmo trabalhando com Matemática Aplicada, eu ia ter que dar aula. Isso começou a ficar forte, para mim, nos últimos anos do bacharelado. Acho que, no começo, o bacharelado foi uma coisa muito importante, me identifiquei bastante, adorava aquelas coisas de demonstrar, gostava muito daquele mecanismo da Matemática, de ir lá sem perguntar... Não precisava me convencer. Por exemplo, eu falava: isso é definição, ótimo! Então definição é definição, não tem que me explicar. Eu entendo a definição, é assim que é. Isso já era uma coisa minha. Matemática é Ciência! Bom... Eu não tenho uma reflexão em cima disso, mas, para mim, ainda é muito forte que é uma Ciência. Uma coisa pronta, uma linguagem muito pronta, de um domínio difícil, de um mundo diferente do nosso. Para mim, é muito forte a questão da Ciência... Mas quando eu comecei a perceber... houve um choque entre o que eu ia ser e o que eu estava estudando. O que eu ia fazer? Porque estava chegando no final. Dar aula, fazer o mestrado... Mas, naquela altura do campeonato, eu não queria fazer mestrado em Matemática Pura, porque já não estava com aquele gosto de estudar só a Matemática. Já estava percebendo que queria me envolver com pessoas. Engraçado... Quando fiz teste vocacional, nunca deu exatas, sempre dava relacionamento com as pessoas... Bom... Para ajudar, tinha a competitividade... entre os alunos do curso, era uma luta para ver quem tirava mais nota e isso também era incentivado pelos professores. Algumas meninas que não almoçavam, comiam bolacha para poder ficar estudando. Eu lembro de meninas que me causavam desespero, sabe? Acho que tudo isso me levou a uma frustração muito grande, essa competição

desvairada, essa gente passando por cima dos outros por causa de nota. Por mais que eu quisesse nota, jamais passou pela minha cabeça passar por cima de alguém. A conquista era minha! Eu nunca tinha visto aquilo. As pessoas copiavam e se diziam boas alunas. Tinha a sensação de que elas decoravam até o número da página em que estava o exercício. Era uma coisa tão horrível! Era uma sala de aula tão desgastante... nem quis me formar com o pessoal do bacharelado. Por quê? Porque eram desunidos, egoístas, cada um por si. Era... eu era a que tinha um pouquinho de amizade com o resto do pessoal, as pessoas não saíam de casa. Era assim... Eu e mais uma amiga tentávamos levar a vida mais ou menos... Queríamos ir às festas, mas também queríamos estudar, então, procurávamos ser um meio termo, mas éramos tidas como as vagabundas, só que estudando que nem loucas! Aí eu me deparei com uma coisa assim... Bom, eu gosto de estudar, mas isso é demais para mim! Um querendo comer o outro. Eu não sei dizer, exatamente. Mas, era aquela busca pela perfeição, sendo que, para ser perfeito, você tinha que pisar nos outros, entendeu? Isso me chocou muito. Pirei em relação ao bacharelado e em relação às pessoas! Bom... com o pessoal da licenciatura, eu não tinha tanto contato mas, na licenciatura, também acontecia isso. Eu acho que o perfil não mudava muito, não. Lembro que as meninas da licenciatura, que conviveram com a gente até o 3º ano, também eram competitivas... Mas, assim... Eu percebi que realmente, nos últimos anos da universidade, entrar num gabinete, ficar lá, estudando Matemática o dia inteiro, principalmente no Mestrado e no Doutorado... Lógico que eu acabaria dando aula na universidade que, naquela época, até seria interessante... já estava surgindo o até. Mas, realmente, eu não sabia o que queria. Tinha certeza que não queria fazer mestrado em Matemática Pura. E o que tinha então? Poderia dar aula, porque sobrava vaga para ACT. Aí, em fevereiro, de 1994, comecei a dar aula no curso noturno de uma escola de periferia...

Escola Estadual Délcio Báculo... A minha experiência começou com uma 6ª, uma 7ª e uma 8ª séries. Essa escola, na realidade, não atendia ao bairro onde se localizava, o INOCOOP, mas a um bairro de periferia. Porque o INOCOOP virou um bairro relativamente rico, então, tinha poucos alunos da redondeza. Os alunos vinham de ônibus, de lugares muito distantes. Bom... os alunos eram completamente desestruturados, com problemas sérios de violência na família, drogas. Eu tive alunos

que utilizavam crack... Maconha era o mínimo. Dormiam na sala de aula... Vinham muito mais pelo social.

O prédio da escola... A escola tinha sido construída para abrigar uma escola primária, então tinha muro baixo e todo mundo pulava, formavam gangs... Naquele tempo tinha muita aula vaga e os alunos ficavam nas portas, rodando, era muito complicado trabalhar, muito complicado. Eu ia muito mais para tentar discutir alguma coisa com eles que envolvesse a Matemática, a minha ferramenta. Mas, demorou uns seis meses para eles entenderem isso. Porque, até então, eles estavam tentando brigar comigo ou me testando para ver qual que era minha reação. Imagine... em 1994... menina, cabelo comprido, todo mundo me confundia com aluna. E eu acho que surgia um tipo de competição daí... As meninas e os próprios meninos falavam assim: "O que essa menina veio fazer aqui?". Eles estavam querendo saber qual era a minha em relação a eles, entendeu? Então eles estavam muito mais testando o ambiente do que a própria ferramenta Matemática.

Bom... E nisso... Em março do mesmo ano (1994) comecei a licenciatura. Por quê? Porque eu queria saber o que era ser professor. Porque eu nunca tinha parado para pensar nisso. Enfim... Peguei aulas livres no Délcio, porque ninguém queria dar aula lá e comecei a licenciatura. Aí, um dia... foi muito engraçado! Eu cruzei com o Baldino, que tinha sido o meu professor de Cálculo na graduação... Eu não tinha afinidade alguma com o Baldino, briguei muito com ele. Mas foi engraçado porque ele me encontrou e a gente conversou, bateu um papo. E eu estava horrorizada porque não entendia porque as pessoas não conseguiam... diziam: "Eu sou burro, eu não sei nada". Era um desespero para fazer com que entendessem. Eu preparava a aula e ninguém entendia nada. E eu me perguntava: "O que eu estou fazendo aqui?". E entravam naquela: "Eu sou burro, não sirvo para nada!". E aí... mistura um pouco de violência do noturno. Sofri muito com a violência. Foi difícil encarar um mundo completamente diferente do meu. A minha casa toda estruturadinha e, de repente, vou para um mundo completamente desestruturado, onde as pessoas jogavam pedra na gente... Uma vez, um aluno derrubou a borracha e eu falei assim: "Ó, a sua borracha". Aí, acho que ele pensou que eu estava dando bronca e veio para cima de mim, xingando, falando mil coisas. Quer dizer, eram agressões a que eu não estava acostumada. E tinha que ir enfrentando dia-a-dia. E a Matemática, em si, não adiantava

nada lá. Parecia que eu falava em Inglês para um mundo totalmente diferente. Primeiro, eles não tinham identificação nenhuma com aquilo, estavam na escola muito mais pelo social do que pela escola em si. E eu, com aquela Ciência toda montada e demonstrada, na lousa, tentando dizer como é que fazia. Alguns até tentavam olhar, mas aquilo não significava nada para eles. E é engraçado porque muitos deles faziam conta de cabeça maravilhosamente bem mas, para pôr no papel, era outra coisa. E na conversa com o Baldino comentei que eu estava passando por dificuldades, que nunca tinha imaginado que fosse tão difícil dar aula... Não estava falando só pela violência, porque a violência era uma coisa que eu já tinha entendido mais ou menos como é que era. Mas o difícil mesmo... Como é que antes eu olhava, copiava e aceitava aquilo, mas os meus alunos não conseguiam entender? Aquilo era grego para eles, grego. Então... comentei isso com o Baldino e ele me convidou para participar do G.P.A. (Grupo de Pesquisa-Ação em Educação Matemática). Então, aí, eu comecei o G.P.A., a licenciatura e as aulas, tudo junto! Começou um processo de olhar para a sala de aula diferente. As pessoas do grupo começaram a me mostrar outras coisas, passei a dividir com eles todas as minhas frustrações, erros... Depois, fui ter aula de Prática de Ensino com o Carrera, que foi para mim um dos melhores... foi o professor mais marcante da minha vida! Em termos de crescimento pessoal, foi a melhor disciplina que eu fiz. Enfim... A licenciatura e o G.P.A. foram fazendo com que eu compreendesse o ambiente em que estava vivendo. Foi quando começou a fazer sentido a questão de ser professora, quando comecei a perceber que eu gostava muito de ser professora!

Bom... a licenciatura em si... eu me dediquei muito, quando a fiz, porque tinha interesse. Era profissional entre aspas, não era... mas era a minha profissão. E eu queria discutir. Então, aqueles dois anos foram os que eu mais dediquei à faculdade. De corpo e alma, não para tirar nota. Naquela época eu já não tinha mais expectativas com notas, tinha expectativa com relação ao mundo em que estava, queria tentar entendê-lo. A licenciatura foi muito importante, apesar de ter críticas com relação às matérias pedagógicas... Com exceção de Prática de Ensino, as disciplinas pedagógicas me faziam mais ler alguns artigos, mas... Penso nessas disciplinas assim muito superficialmente, muito, muito, muito. Eu me empenhava muito porque já não estava naquele pique de graduação, estava mesmo querendo participar, querendo discutir as coisas, mas aquelas disciplinas ficaram muito mais em questões estruturais da escola.

Então... Como eu tinha toda a formação de Matemática do Bacharelado, fazer Licenciatura para mim seria fazer as matérias pedagógicas. Mas, na verdade, reflexão, mesmo, sobre ser professor eu só tive em Prática de Ensino. As outras eram muito mais teoria... A pessoa dava um texto e a gente não conseguia entender o que estava acontecendo na sala de aula. Ficava muito mais em nível estrutural, muito mais...

Aí, repito, ter feito Prática de Ensino com o Carrera, para mim, foi tudo! Poder ver que eu podia fazer diferente na minha sala de aula. A licenciatura, na verdade, foi ótima... ler texto, entender um pouco da Ciência Social mesmo, olhar para aquele mundo... Mas a única pessoa que trabalhou Matemática, a ferramenta que eu tinha na mão, foi o Carrera, em Prática de Ensino, porque os outros professores... ninguém se lembrou da Matemática, ninguém! Parecia que tinha um vácuo entre as disciplinas de Matemática que eu tinha feito no bacharelado e as Pedagógicas da Licenciatura. Mas, para mim, a licenciatura foi super-importante, eu já não era mais uma aluna e, sim, entre aspas, uma profissional interessada em alguma coisa. Mas eu senti muita falta de discutir a Matemática também, a ferramenta que eu tinha para utilizar. E isso só consegui no G.P.A. e na Prática de Ensino, porque, no resto, era como se não existisse o curso, como se eu não fosse professora de Matemática, e isso acho que foi muito pouco, entendeu?

Os meus pais.... Eles nunca, nunca, nunca influenciaram em nada, nada. Nem em tirar nota, nunca exigiram nada, nem olhavam caderno. Todo aquele desespero em tirar nota foi fruto da minha cabeça, imaginação. Então... Sempre tive o apoio deles, apesar de acharem que professor ganhava pouco. Mas, por exemplo, eu não precisava ajudar em casa, não precisava trabalhar, fui porque quis, mas sempre com o apoio deles. Só fiquei assustada com o primeiro pagamento. Sem falar que eu enfrentei uma fila imensa... O salário era pouco, pouquinho. Aí, pensei, era dia das mães, eu queria dar um presente para a minha mãe. Lembro que dava para comprar uma blusa e eu fiquei meio chocada com aquilo. Mesmo assim, acho que estava empolgada e politicamente meio envolvida com a sedução do Carrera, do Baldino, do grupo, aquela relação com os alunos... Acabei percebendo que eu curtia muito a relação aluno-professor, curto, gosto mesmo. Começou a juntar tudo, então, politicamente, ser professor, para mim, já era algo inteiro. Mas, para a sociedade, eu não era nada. Era muito engraçado... Quando você falava que era professor, era aquela coisa... Como

sempre fui boa aluna, acho que os amigos de escola esperavam que eu fosse médica, por exemplo. Quando eu falava que estava dando aula no Estado, eles diziam: "Ai, credo, dando aula no Estado!". Eles tinham uma reação de desprezo com relação à minha profissão. Além disso, a própria comunidade do professor já estava lá embaixo, se menosprezando o tempo inteiro, porque quando eu chegava nas escolas eles falavam: "Essa menina é nova! Por isso está fazendo tudo isso". Os alunos até achavam a figura do professor uma coisa diferente, mas estavam lá muito mais para testar, ver o nosso limite, do que por achar a escola interessante. Então, a figura do professor estava numa nuvem, ninguém sabia muito bem para que servia. Nem eles próprios, entende? Estava meio obscuro. Nem o aluno, nem o professor estavam sacando o que era ser professor, e eu acho que essa confusão continua até hoje. Não para mim, pessoalmente, mas no geral.

É engraçado... A questão da profissionalização... No começo, eu me sentia assim... Sabe aquela coisa de você estar indo com responsabilidade, mas aquilo não ser o seu trabalho? Era uma questão assim meio de querer uma independência, ter o próprio dinheiro, entendeu? Só que daí foi surgindo um gostar do que estava acontecendo. Então foi isso, foi aos poucos, mas foi a Prática de Ensino e o G.P.A. que foram introduzindo essa questão. E quando realmente me senti... Foi a partir do segundo ano de sala de aula, uma profissional mesmo, entendeu? É engraçado dizer isso, mas quando os alunos percebem que você quer uma coisa séria e que não está ali para competir com eles, para tomar o terreno deles, eles começam a querer coisas também. E foi aí que surgiu uma troca. Mas eu tinha a licenciatura e o G.P.A. para poder levar isso para eles. Então, comecei a me sentir profissional da educação nesse momento.

Os professores que conviviam comigo no Dêlcio me viam como... falavam assim: "Ah! É filha única, não é casada, não tem filho e se formou há pouco tempo, ela é louca! Fica trazendo um monte de coisas, um monte de papel, um monte de coisa...". Para eles, eu sempre fui uma espécie de Dom Quixote, que tinha esperanças mas que, um dia, ia ficar sem esperanças em relação à educação... Mas... A escola Pública sempre me deu autonomia total. O que não tinha era dinheiro. A única coisa que me faltava era, por exemplo, possibilidade de comprar material, tinha que pagar tudo do meu bolso. Se botasse no papel o que ganhei e o que gastei pode ser que desse no mesmo, mas

nunca fiz isso. Táí! Eu não vivo do meu dinheiro! Eles diziam que eu não vivia do dinheiro que eu ganhava dando aula. Mas... Olha... Eu sofri muito com a direção, que era enérgica com os alunos. Mas muito mais fora da sala de aula do que dentro. Bom... Mas, se eu disser que tive algum limite para trabalhar dentro de sala de aula, estarei mentindo. O único limite era a falta de objetos. Os jogos, por exemplo, eu é que tinha que construir. Os trabalhos, eu tinha que fazer a mão. A escola não dava nem folha de sulfite, nem xerox. Mas, assim, em termos de policiamento, nunca! O Conselho de Classe, por exemplo, nunca me afligiu, sempre fui uma professora um pouco alienada em relação ao funcionamento burocrático. Para mim, era sala de aula, o resto eu não ligava! Nunca fui coordenadora, diretora... Sempre sala de aula. E muito mais no ensino fundamental do que médio. Mas... Pode até ser que essa alienação à burocracia acontecesse porque eu não dependia do dinheiro, até admito isso. Não dependo desse dinheiro, não conto com esse dinheiro, não vivo dele. Pode até ser que, se eu precisasse, teria... Mas, para mim, o que eu queria era sala de aula, gostava era de estar na sala de aula. Os professores se digladiavam com as coisas, mas eu nem ligava para isso.

É engraçado, mas vou dizer... Gosto muito de ser professora da escola pública, gosto muito, tenho paixão! Vou sentir muito quando tiver que sair, porque também tenho um desejo de estar olhando para a prática do professor. A questão de ser público... essa questão do discurso que eles colocam e do que realmente acontece, isso é uma coisa pela qual a gente sempre briga, porque todo discurso público, na verdade, não acontece, porque eles, por exemplo, fazem um documento e eles mesmos se contradizem no documento. Então, é lógico... qual foi a minha técnica? Eu entendi que existem as leis públicas, mas elas nunca vão ser possíveis no nosso mundo. Então, o que eu fazia? Eu me perguntava: “Tenho capacidade de discutir isso, de falar sobre isso?”... “Tenho!”... Só que, quando ia para a sala de aula, esquecia tudo, entendeu? Esquecia tudo mesmo e estava ali, pensando na aprendizagem dos alunos. Esquecia que era funcionária pública e que tinha ordens, que o salário era pouco, que o governo queria que eu fizesse isso ou aquilo... Por exemplo, quando veio o estatuto do ensino fundamental, o estatuto do magistério e as diretrizes da Licenciatura... Quando olho para aquilo, digo: isso nunca vai funcionar no dia-a-dia porque a esfera em que eles estão não é a nossa. Eu percebo assim... A esfera política e os professores não

têm uma junção, não têm. Então o que eu fazia pode até ser uma alienação, pode! Admito, uma alienação. Mas o que fazia na sala de aula? Sempre me preocupava com a aprendizagem. Nunca me preocupei com o fato de ser funcionária pública.

As pessoas reagiam mal quando falava que era professora de escola estadual porque achavam que a escola pública era um horror, que só tinha violência, péssimas coisas. Mas, é engraçado! Eu sou o contrário, tive uma dificuldade muito grande para ir para a escola particular. Por quê? Porque lá eu ia ter ordens a serem cumpridas à risca. E não poderia contestá-las. Na escola pública, não! É obvio que o salário está com um sério problema, que tem inúmeras coisas... Que a gente não se vê como um profissional mesmo, entendeu? Nós não entendemos os nossos estatutos e não corremos atrás. Eu sinto isso. Acho que falta, por exemplo, um acompanhamento do professor. O que na escola particular é um exagero, falta na pública. Um acompanhamento mesmo... Um profissional de uma indústria, por exemplo, tem toda uma coisa para ser discutida e tudo que vai ser feito é conversado. Eu entrei e não sabia nem o que era caderneta e aprendi com a mãe do meu namorado, que também era professora. É a questão da falta de profissionalismo, mesmo. De você sentar... Você chega numa escola as pessoas nem... "Ó, essa é professora nova!". Não tem conversa, não tem um grupo onde as pessoas se comuniquem. Você é que tem que ir lá, ficar falando e aí ficam assim: "Ah, ela é novinha, ainda não tem filho...". Uma vez... no HTPC, uma menina virou para mim: "Vê se você não fala muito, porque eu tenho ginástica hoje". No HTPC! A coordenadora tinha levado um texto e eu lá discutindo, problematizando... Aí, eu falei: "Bom, eu não concordo com você, mas se a maioria quiser, vou ter que votar pela maioria... Para mim, enquanto estiver aqui, quero abusar do meu horário para aprender e entender mais da minha profissão". Acredito que é trocando informações, trocando idéias que a gente aprende. Então, eu levei muito, mas nesse sentido de ser tonta, de gastar dinheiro, de professora louca, de ficar carregando as coisas. "Ah! Ela é novinha!"; mas agora não mais novinha porque já está com trinta... Aí também aquela história do... "Ah! É porque ela faz doutorado, está na universidade, por isso tem idéias, sonha...". Eu sei que o próprio governo foi destruindo a crença do professor. Por exemplo, no Estado de São Paulo, a gente não tem reprovação e o professor não se entende nessa questão. E isso é muito importante para o profissional, entender o próprio trabalho, e o professor não está entendendo, não sabe como é dar

aula sem reprovar, não sabe. Ele não tem consciência. Como avaliar uma classe com alguns alunos semi-analfabetos e outros super-alfabetizados? É difícil! Um professor com 40 alunos na sala de aula, cada um de um jeito. Então, o próprio professor está perdido. Qual é o papel dele? Acho que o professor acabou se funcionarizando. Sabe aquela coisa: vou dar aula, daí, tal horário, vou para a minha ginástica e lá esqueço, xingo os meus alunos, reclamo, reclamo, reclamo e aí, vou embora e me livro daquilo, entendeu? Comigo, particularmente, isso não aconteceu. Cumpro o meu horário, que é importante, mas também acho que é um absurdo a alienação a tudo na escola pública. Isso também é ruim, entende? Porque... o que aconteceu? Ou virou só funcionário, não falta nunca, só reclama... Ou não está nem aí com absolutamente nada, deixa os alunos subirem pelas paredes, não oferece nada, não pensa na aprendizagem. Você entende? Não está tendo compromisso nenhum. Poucos estão tentando fazer alguma coisa. Por exemplo, discutir as leis... Vem uma determinada lei, vamos discutir? Vamos! Vamos sentar para ver o que a gente pode fazer. Mas ao mesmo tempo... Quando eu estou na sala de aula, também tenho que pensar no meu aluno que, por exemplo, teve o barraco incendiado e não tem caderno e aí? Ele não tem caderno, pegou fogo no barraco dele, entendeu? Ou o rato comeu o livro do aluno... São coisas que os professores começam a querer excluir. E isso é impossível, impossível. Você se depara com essas coisas que fogem da lei e eles não pensam nisso. Eles não pensam mesmo, mesmo, mesmo. Eles não têm consciência de que os alunos não sabem falar com você, que têm medo de conversar, medo de falar qualquer coisa. Por quê? Porque não estão acostumados a conversar com os pais, não têm conversa, não têm dia-a-dia, não têm! Aí vem uma lei pedindo mil coisas, só que nunca olharam para o mundo do professor. Eles montam um projeto, mandam executar, mas não têm consciência nenhuma da esfera do professor. São duas esferas totalmente separadas. E tento olhar para as duas esferas, mas sem que isso interfira na minha sala de aula, porque esse ambiente, para mim, é o principal. Não posso deixar que toda essa esfera pública e esmagadora e outras coisas interfiram na aprendizagem dos meus alunos, que para mim é importante!

Bom... para mim foi importantíssimo o ensino noturno; dar aula no ensino noturno foi uma experiência incrível! Passei, acho que 5 anos dando aula no ensino noturno. Isso me fez ver que existiam pessoas das quais eu não podia... Porque a gente tem

aquela coisa de querer que todo mundo aprenda e existem alunos que não vão aprender. Porque, por exemplo, ele foi para o crack. E tenho que entender! Ele fumou crack, aí, vai ficar lá cantando, berrando e eu vou conviver com isso, entendeu? Então, essa experiência foi muito importante para o meu desenvolvimento profissional. Pude entender que alguns alunos têm as suas limitações, não querem algumas coisas. Por exemplo, tem alunos que não falam, não querem falar. É lógico que vou tentar levar alguma coisa e tal, mas também não vou conseguir 100% e terei que me conformar. No começo pode ter sido o meu jeito... aquela do perfeccionismo que, no começo, fez com que eu quisesse que todo mundo aprendesse. E dar aula no noturno foi-me mostrando que a escola é outra coisa, mudou, e que o professor precisa mudar também. Ter convivido com o noturno foi a melhor percepção que eu pude ter na minha carreira, entendeu? Em termos de tudo, de me sensibilizar, de ver o que acontece realmente, de ver que a Matemática é um texto, uma ferramenta mesmo, que a gente tem para poder atingir, conversar com eles. Isso é o que eu tenho, mas ali dentro acontecem muitas coisas e a Matemática não é a mais importante... A Matemática é um discurso que me possibilita chegar até eles, mas eu não posso fazer disso a minha meta principal. Entendeu? Se o cara não sair sabendo equações eu não vou pirar com isso! Aquela coisa pronta, que tem que ser entendida daquele jeito, tem que ser compreendida. Não tem! E isso foi importante para mim. Bom... O G.P.A. também foi uma experiência profissional importante, porque eu ia lá... como um grupo mesmo. E participei desde o começo até o último dia. Então... Acho que foi uma experiência conjunta.

Ter mudado de escola... Assim... eu mudei de escola... foi engraçado. Eu convivi oito anos numa escola e aí resolvi mudar um pouco para ver uma outra esfera também, porque eu estava tão acostumada... Tinha prestado concurso em 1998, 99... E, em 2000, ingressei no Dêlcio, onde eu já dava aula desde 1994. Mas, há pouco tempo, pedi remoção... E a escola em que estou também não atende ao bairro, atende à periferia. Os alunos também vêm de ônibus, muitos do sítio... Bom, o que melhora e o que... O fato de o prédio ser projetado para uma escola de ensino fundamental ajuda bastante. Por quê? Porque é um prédio gostoso, salas amplas, tem laboratório. Se você precisar, tem bancada, tem muito mais estrutura. No Dêlcio Bácaro, as salas eram pequenininhas, quentes, tinha cheiro de esgoto, porque tinha um rio aberto, ali, com tudo. Então cheirava “aquilo” o dia inteiro. Aluno, professor, todo mundo sentia aquele

cheiro, incomodava. Então, era difícil nesse sentido. Bom... Dinheiro, a gente não tem para nada do mesmo jeito, continuo tirando do meu bolso. Para um professor, hoje, imagino que seja muito difícil, aí, estou dando um relato realmente... Se eu vivesse com o meu dinheiro, dando vinte aulas... Ganho 700 e pouco... Realmente, viver com 738 reais é muito difícil e ainda achar que vou poder fazer atividade no meu computador e pagar tinta e tudo. Então, é óbvio, é óbvio que eu tenho uma situação um pouco diferente de quem está ali vivendo só com aquele dinheiro e tendo que bancar tudo. Fora tudo isso, o cara tem que dar conta de pegar um monte de aulas e ainda preparar atividades para os alunos. Você não tem tempo de corrigir! Sempre fui muito consciente, sou privilegiada, pego poucas aulas, não conto com aquele dinheiro para viver. Então, realmente, é diferente! Eu sei que o professor tem muitas dificuldades de acesso a instrumentos de trabalho, e vontade. Tem gente que tem vontade e não tem o dinheiro. Tem gente que não quer e aí...

É... Uma coisa que venho... assim... tentando pensar é a questão da profissionalização. Mas, assim, como deveria acontecer, eu... eu não sei. Assim, tipo... Aquilo que eu já disse, um profissional precisa ser cobrado, não no sentido de limitá-lo, mas no sentido de que o trabalho dele seja olhado, valorizado e isso não acontece na escola, entende? É...é... eu fico imaginando assim: como é que seria profissionalizar? Porque eu fico pensando numa indústria, numa empresa... Mas, mesmo assim, sendo pública... Como seria? Por exemplo, eu fico pensando na questão da municipalização. Vamos supor que a municipalização tivesse dado certo e acontecesse de forma legal com o repasse de verbas sendo feito, tivesse pessoas responsáveis por cada unidade, pessoas interessadas em discutir questões gerais e de sala de aula. Então, fico imaginando que a profissionalização aconteceria quando... realmente, passassem a olhar o professor como um profissional... Ou seja, ouvindo esse professor, tendo pessoas com as quais o professor pudesse discutir suas questões... Que existisse a possibilidade de um grupo coeso, que não existisse, por exemplo essa coisa de entra e sai de professor. Para mim, uma profissionalização aconteceria se as pessoas estivessem comprometidas com uma determinada escola, entendeu? Eu sei que, como vou exigir isso se o cara tem que dar 34... sei lá, mil aulas, um pouquinho em cada escola. Então, sei que foge ao que eu penso do que seja profissional, foge ao que, na verdade, é exigido. Por quê? Para o cara conseguir ter dinheiro, ele precisa dar aulas

em um monte de lugares. Mas, para mim, para ele ser um profissional, ele teria que estar na escola. Em uma escola, ou no máximo duas, sei lá, não sei. Mas, que ele estivesse realmente de corpo e alma naquilo, um lugar onde pudesse discutir, onde pudesse olhar para sua sala de aula, onde as pessoas conseguissem olhar, onde as dúvidas... A burocracia sempre vai existir, acho que em todo lugar do mundo existe burocracia, mas que ela fosse conversada, discutida e aceita. Assim: nós vamos aceitar porque é burocrático, mas nós temos isso, isso, isso, em mãos, que a gente sabe... Estar conseguindo alicerçar, ou seja... mediar a aprendizagem. Então, eu fico... É difícil falar porque acho que, enquanto o professor não se encontrar, não conhecer realmente a escola em que está, continuar exigindo que a escola seja o que foi, ele nunca vai ser um profissional da educação atual, entendeu? Enquanto nós não nos sentarmos para discutir que realmente acabou a reprovação, que ela não existe mais e que é mentira o que os professores dizem para os alunos, que eles vão ser reprovados. É mentira! Enquanto eles não... a gente não assumir isso, acho que vai ser impossível a questão da profissionalização. Por quê? Porque o próprio profissional não conhece a profissão dele, não sabe o que está acontecendo, não quer ser aquele profissional, não quer ser! Também, acho que está acontecendo uma crise de identidade, o problema começa na identidade. O professor não tem uma identidade. É lógico que um profissional sem identidade nunca vai ter uma profissionalização. No grupo, não existe uma identidade. E sempre questiono isso, sempre questiono isso. Mas os professores estão preocupados com a ginástica deles, entendeu? Então, aí, eu falo demais... Bom... Acho que a questão para o professor da escola pública, realmente, não é simples. Mas o professor está sempre querendo voltar ao que era e não quer encarar o que é... Talvez seja do ser humano... Ele não quer ver como é agora, como nós somos, qual a identidade do professor atual. Para mim, enquanto isso não existir, em todas as escolas... até o profissional universitário, não é só... todos, como um todo, o que é, o que vem a ser, como está mudando.

Greves... Como professora, passei por duas greves mais pesadas e talvez tenham acontecido algumas paralisações... Mas, a primeira greve foi como ACT, e aí, eu não participei tanto porque tinha aquela preocupação de ser ACT... A segunda greve, que foi maior, eu já era efetiva e foi também no Délcio BÁCARO, acredito que foi no meu último ano, deve ter sido 2001. Naquela época, eu era representante da

Apeoesp, então isso fez com que eu me mobilizasse mais em relação à greve... Eu levava a posição da APEOESP para a escola e vice-versa. E daí, eu tentei ser bastante mediadora, não quis impor a minha vontade. Porque, o que eu sentia? Que tinha algumas pessoas que queriam impor de qualquer jeito. E aí as pessoas vinham assim: “Puxa! O meu marido está desempregado e eu conto com esse dinheiro!”. Então, tudo isso foi uma coisa que mexeu muito comigo. Só que, nas reuniões, na hora da votação, virava uma briga... As pessoas não conseguiam se mobilizar, dizer assim: vamos ter uma opinião nossa. Não! Aí virava uma briga... A direção foi bem contrária, se colocou em posição do tipo: “Eu quero ver, se fizerem greve e eu encontrar com vocês no Shopping, isso não é greve! Porque, no meu tempo, eu fazia greve e não ficava passeando. Greve é ir para a rua!”. Mas... Mesmo assim... Eu lembro que a gente conseguiu dois dias de paralisação com todo mundo. Mais do que isso a gente não conseguia. A escola não entrava. Eu me frustrei com isso também, lógico. Aí começou a virar fofoca. Isso me incomodou muito, porque as pessoas não conseguiam ser honestas na frente das outras, elas tinham que fazer fofoca. E isso me incomodou mais ainda. Sabe? Uma desunião, tanto de quem queria fazer a greve como de quem não queria. Algumas pessoas até foram muito honestas: “Eu não posso, não tenho condição.”. Mas assim... Não tinha ninguém nem para discutir aquele fato, as pessoas rachavam ali.

Carlos Alberto Francisco*Início no magistério: 1996*

Nasci em São Paulo. Mas se eu pudesse voltar no passado... a imagem que tenho de quando era pequeno... as casas, todas, com muros baixos... Eu morava num bairro, na periferia de São Paulo... Então, a imagem que eu tenho é que todos iam à casa de todos. Tinha alguns rituais... Os meus pais são bem religiosos e lembro que tinha que acompanhá-los em novenas, terços, sabe, essas coisas? E talvez por isso tenha ficado na minha cabeça, as pessoas se visitando. O espaço físico também era diferente. Por exemplo, perto da minha casa tinha uma área de lazer, um terreno vazio onde se jogava futebol. Eu brincava muito na rua. É uma imagem que carrega uma sensação de brincadeira. A minha infância foi de muita brincadeira. Década de 1970... Não senti o militarismo na pele. Década de 1980... No momento da passagem do militarismo para a nova república, lembro que consegui participar um pouco. Aquela coisa da campanha pelas diretas...

A profissão dos meus pais? O meu pai era comerciante e a minha mãe uma “dona de casa” típica.

Se minha mãe manifestou interesse por alguma profissão? Olha... Eu imagino que ela carrega algumas frustrações. Ela sempre fez artesanato, bolsas, portavasos... Os meus pais sempre participavam muito de comunidades na Igreja. Então, eu me lembro da minha mãe dando cursos, de graça, junto à comunidade. O lugar onde morávamos era bem pobre, perto de favela. E a minha mãe ia às casas da favela dar cursos para senhoras. Eu não sei... Acho que é cultural mesmo. Naquela época, a figura do pai de família ainda era muito forte. Eu me lembro da minha mãe trabalhando pra caramba em casa. Éramos quatro homens mais ela, então ela trabalhou bastante. Mas foi um trabalho não remunerado. Agora, eu acho que até hoje ela sofre um pouco com isso. Mas, em termos de trabalho remunerado, nunca vi a minha mãe manifestando algum desejo... Não sei se por submissão à situação, cultural mesmo, ou por outro motivo qualquer. Já o meu pai... era comerciante... Vendedor ambulante, daqueles que têm uma carro e um microfone. Vendia doce, bolacha... Ele trabalhou com isso uns 25 anos. Mas, aí, a situação começou a mudar, veio a violência, os assaltos e o grande poder econômico. Apareceram os grandes super-mercados, daí ele

não conseguiu competir... Aí, quando vim para Rio Claro, ele não teve alternativa, teve que largar a rua porque já estava sendo pressionado pela família e acabou assumindo um bar que tinha sido aberto por mim. Era um bar-mercearia, em casa, tipo uma garagem. Quando eu estava no ensino médio, segundo grau, eu trabalhava lá com a minha mãe. Ah! A minha mãe trabalhou comigo e era remunerado! Quando eu ia estudar, ela ficava no bar para mim. Era um trabalho remunerado. Engraçado, olha como é que...

Trajetória escolar... Eu sempre tive uma coisa de me lembrar dos professores, dos nomes deles... Não fiz pré-primário, fui direto para o 1º ano. Toda a minha trajetória escolar foi em escolas públicas. Eu estudei da 1ª à 4ª série numa escola chamada Maria Eugênia Martins. A professora da 1ª série se chamava dona Divina, a da 2ª série, dona Helena, a da 3ª série, dona Eugênia e a da 4ª série, dona Amarilda. Naquela época, eu não era bom em Matemática. Na 1ª série, quando eu ia armar a conta, a adição... lembro que eu não sabia fazer... acho que tive a sensação de que algumas pessoas que tinham feito pré já estavam muito familiarizadas. Lembro que eu fazia adição com pauzinhos. Mas tinha um monte de conta e na minha cabeça ficava aquilo: “Pô, mas como é que eu vou fazer isso aqui?”. Pauzinho, pauzinho, pauzinho... Quando eu estava terminando a primeira conta, todo mundo já tinha feito e eu... rezando para a professora não me chamar. Mas acho que eu prestava atenção... E perguntava para um garotinho: “Como que você fez isso?”, e ele falava: “Soma assim...”, mas na época não entendi nada, e quando era hora de ir para a lousa, ainda bem que não me chamavam. Eu me lembro daqueles probleminhas que pediam para descobrirmos o valor do quadradinho... Sofri um pouco com aquilo.

Como eram os professores primários? Eram professores mais rígidos, mais conservadores. A gente tinha uma relação meio misturada de medo e respeito. Eu acho que, no primário, na minha época, as aulas eram mais conservadoras, não me lembro de ter utilizado materiais concretos. Tinha algumas atividades artísticas, me lembro muito de campeonatos... Eu adorava campeonatos de futebol! Adotavam livros didáticos... As cartilhas eram muito presentes. A questão da tabuada... tínhamos que decorar. E tinha umas competições de quem falava mais rápido. E isso também acontecia em Português. Tinha algumas lições em que os textos eram meio sonoros. Um da maria fumaça, por exemplo: Piuí, piuí, café com pão, café com pão... Naquela

época, acho que eu apresentava um certo medo de perguntar, isso é uma coisa interessante porque pode demonstrar a relação que existia. Medo associado com respeito... Talvez associado com algum tipo de vergonha. Embora... eu tivesse vergonha para algumas coisas e, para outras, não. Mas eram professores respeitados. Não me lembro de muito estresse. Eu me lembro das filas... Cantar hino nacional. Às vezes tinha versos para fazer e eu ficava apavorado porque eu não queria... Algumas poesias... Então, tinha todo esse ritual. Batia o sinal, as professoras iam pegar os alunos nas filas e levavam para as salas. Por exemplo, a organização das carteiras, não me lembro de ter trabalhado em grupo. Isso é uma observação interessante.

Depois, mudei de escola, fui para uma escola que era tida como um pouquinho mais forte, E.E. Henrique D. Villares. Daí, repeti a 5ª série. Foi engraçado! Na mesma sala que eu tinha uns cinco, seis amigos da mesma rua, então, ao invés de estudarmos, ficávamos brincando, brincando, brincando... Naquele ano, tanto eu quanto os meus irmãos mudamos de escola e repetimos de ano. Foi engraçado! Depois de repetir a 5ª série, passei a gostar de estudar. Eu me lembro de alguns professores... um, do ginásio, marcou muito, chamava Sebastião. Tinha cara de bravo, era professor de Matemática. Tinha uma professora de Português, a Ioshi, japonesa, fantástica também. Eu também me lembro que nessa escola foi utilizado o caderno volante. Cada dia, um aluno tinha que escrever nesse caderno o que estava sendo dado na sala de aula. Por quê? Porque a direção controlava o que estava sendo dado. Por exemplo, chegava o meu dia de escrever, então, ao invés de usar os meus cadernos para copiar o que tinha sido dado nas aulas, eu escrevia nesse caderno volante. Era um caderno que continha tudo. Todas as aulas. Cada dia, era um aluno que fazia isso. Acho que era um tipo de controle. Devia ser começo da década de 1980. Por volta de 82, 83. Acho que era um resquício forte do militarismo, mas essa prática não durou muito. E... Foram uns professores muito legais. A maioria maciça... foi mulher. A escola, para mim, no primeiro grau, foi muito mais forte no sentido social, de compartilhar convivência, do que propriamente no ensino médio. Engraçado isso. No ensino médio, tive muitos amigos, mas o envolvimento foi maior no ensino fundamental. Tinha muitas atividades, eu acho... Não sei dizer especificamente por quê. Eu não queria sair dessa escola. Só saí porque não tinha ensino médio. Mas tentamos iniciar um colegial lá, só que não deu certo. Hoje, pensando nas concepções, era uma escola muito conservadora...

Acabamos fazendo encontros com os professores do primeiro grau, anos depois, para ver como é que todo mundo estava, a turma. Nós éramos bastante unidos.

Como foi o meu relacionamento com a Matemática? Até a 6ª série, foi difícil. Na 6ª série, eu me lembro que tive uma professora... que me marcou. Ela enchia a lousa e um fato marcante foram as expressões. Acho que eram aquelas expressões numéricas com chaves, parênteses, colchetes e não sei o quê. Nessas coisas eu me lembro que sofri bastante. Daí, ela ficou grávida, vieram algumas substitutas e complicou mais ainda, passei raspando. Da 7ª... Engraçado, todo mundo falava que a 7ª... Acho que por causa da maior presença de Álgebra na 7ª série, o pessoal falava: “Ó, 7ª série é difícil...”; mas acabei indo bem. Então, o professor Sebastião ficou na minha cabeça. Ele era meio bravo, mas todo mundo gostava muito dele. E... aí, foi indo e acho que deslanchou. Assim, pelo menos no desempenho... Ficou legal.

O professor Sebastião deu aula em que séries? 7ª e 8ª. Esse professor também era rígido, conservador. Eu me lembro que, com esse professor, a gente não tinha livro, escrevia muito no caderno. Tanto a parte de teoria como exercícios. Mas era aquele mesmo esquema, passava a teoria na lousa e fazíamos exercícios. Esse era o modelo que a gente tinha. E provas... Com esse professor fazíamos provas bimestrais e provas mensais. Era um professor com o qual eu contava muito. Quando fui para o ensino médio, às vezes, eu ia procurá-lo, perguntar algumas coisas. Então, tinha uma certa proximidade. É interessante. E depois, por coincidência, ele foi paraninfo da nossa turma de 8ª série. Não era muito comum ele ser chamado, porque as pessoas tinham medo dele. E a minha turma... Eu não sei... Acho que criou uma empatia com ele. Algumas vezes, com a minha turma, ele até se mostrou um pouco brincalhão. Eu me lembro também que, na época, estava nascendo a filha dele. Então, acho que ele devia estar num estado de graça. Mas ele foi uma pessoa que ficou marcada na minha lembrança. A partir dele, foi como se surgisse um marco para o meu bom desempenho em Matemática. Tive dificuldades com aquelas expressões na 5ª e na 6ª, mas... o relacionamento com a professora era outro, também. Então... E vale lembrar que, por causa da gravidez da professora, fiquei muito tempo com uma professora substituta. Isso deve ter dado uma certa colaborada... porque eu não tinha muita confiança naquela professora. Ela era professora de Biologia, Ciências. A gente não sentia muita firmeza. Acho que nós ficamos uns dois meses vendo expressões numéricas, sabe?

Acho que foi uma coisa meio empacada... E mesmo com uma outra professora, tive boas dificuldades. Acho que eu não gostava muito daquele jeito de encher a lousa... Por exemplo, com o Sebastião, a gente tinha uma certa liberdade. Quando acabávamos de copiar, levantávamos e sentávamos com alguém e íamos fazendo. Ele deixava a gente fazer isso, entendeu? A minha sala não era muito numerosa. Tinha essa vantagem... Acho que não tinha bagunça. Então... Não tinha grupos formados, mas a gente podia discutir uma dúvida, levantar, ia ver o outro e tal. Comparava resultados...

Depois, no segundo grau, mudei de escola de novo... Ela era um pouco mais afastada de casa, tinha que andar razoavelmente... No primeiro ano, comecei a estudar à noite por causa do futebol. Fui jogar futebol... Eu queria ser jogador de futebol! Mas sofri pra caramba porque, à noite, eu não conseguia estudar direito. O ensino noturno era difícil desde aquela época. Uma desorganização, muita bagunça.

E o futebol? Consegui jogar no juvenil da Portuguesa. Era um sonho ser jogador de futebol. Mas, depois, como eu estava meio insatisfeito, porque futebol era uma coisa superlúdica... aí, eu pensei... e se esse negócio não der certo? Então, como eu queria estudar mais um pouquinho, parei o futebol e mudei de período. E, quando mudei para a manhã, achei que ia me dar mal. Você pega o bonde andando e... Eu me lembrei... agora... quando você falou... Me veio à cabeça que eu morava num bairro afastado e essa escola ficava num bairro mais chique para a época, hoje já está tudo desandado. Mas, na época, era um bairro de classe média mais... Eu morava num bairro pobre e quando fui freqüentar essa escola no período da manhã... achava que as pessoas olhavam diferente para mim, como se fosse uma coisa de ter que conquistar confiança... “Nossa, esse cara é do Jaguaré!”... Mas, acho que isso depois passou, se dissolveu. Bom... Naquela época, na minha escola, ainda tinha a possibilidade de escolher área de exatas ou biológicas. Mudava o quê? A grade... Então quem fazia exatas tinha mais aulas de Matemática e, quem fazia biológicas, mais aulas de Biologia. Eu fui para exatas. Embora... gostasse de tudo, curti muito Biologia, Literatura... Gostava de estudar! A minha escola era interessante, tinha alguns laboratórios, laboratório de Física, algumas coisas... Só que, na época peguei muita greve, falta de professor, por causa de salário ruim. Participei de greve, como aluno, na praça da República. Na época, os alunos iam lá para dar uma força para os professores. E tinha uma coisa que acontecia comigo, sempre achei que ia ser professor. No ensino

fundamental, antigo primeiro grau, tinha uma coisa assim, eu olhava... Olhe que barato! Eu olhava para a escola e falava assim: “Eu ainda vou dar aula aqui!”. Não sei por quê.

Se foi por causa da visão que eu tinha dos professores? Eu acho que sim! A visão que eu tinha daquilo, o meu modelo. Mas, você vê que engraçado. Até hoje, quando passo lá em frente, quando vou visitar os meus pais, eu lembro disso. E isso aconteceu no ginásio, mais na 7^a e 8^a séries... Naquela época, eu gostava muito de poder explicar qualquer coisa para as pessoas, com essa visão da explicação. E aí tinha muito de Matemática... Poder explicar alguma coisa para alguém me dava prazer. Mas esse sentimento fica muito mais acentuado no ensino médio. Foi nessa época que comecei a dar aula particular. Eu gostava de dar aula particular.

Quem me indicava? Os alunos me procuravam... “Dá para ir na sua casa?”. E eu: “Dá!”. Eu adorava dar aula particular. Então, isso já deu uma influenciada bem grande, mas eu ainda não sabia o que ia fazer. Sabia que queria ser professor, mas gostava de muita coisa, gostava de Matemática, mas também adorava Biologia. Então... Mas como a demanda era em exatas, acabava ajudando as pessoas em Matemática, em Física... Eu me lembro de uma amiga que sofreu um acidente e a levavam em casa... E, aí, eu ficava lá, dando uma força para ela. Eu gostava muito, era uma coisa bem legal. Em frente da minha casa tinha uma professora de Matemática que, por ética, me indicou um aluno dela para que eu desse uma força. Achei tão interessante isso... Como era aluno dela, ela não quis dar aula particular para ele. E, ao mesmo tempo, esse aluno era pobre... Então, meio por isso que ela falou assim: “Se você quiser ajudar...”. Então, acabei ajudando, entendeu? E, aí, eu dava aula para esse rapaz, periodicamente. Lembro que eu abria o livro que ele estudava e a gente ia trabalhando algumas coisas. Interessante! Lembro de uma noite, uma luz muito fraca e o rapazinho... Ele era muito trabalhador, boa gente, mas uma vida muito difícil. Estudava... E aí, com as dificuldades dele... Não estou lembrando o nome, mas foi uma pessoa importante na minha vida. Então... Foi a época que eu comecei a exercer...

Se os professores incentivavam esse tipo de coisa? Não, acho que especificamente não. Eu até me lembro de uma professora de Biologia... Eu dei um seminário de bactérias, com uns amigos, e ela ficou... “Vai fazer Biologia!”. Eu falei: “Eu gosto muito, mas não sei...”. E, aí, acabei indo fazer Matemática, mas eu gostava de muita coisa. Fui fazer teste vocacional e deu professor ou médico. Mas, médico, eu vi

que não dava, era muita doação. Professor já era, mas médico seria mais doação ainda. Aí, eu não prestei. Mas já pensei em prestar...

Professores do colegial... Tive um número maior de mulheres como professoras, mas já aumentou o número de professores homens. Mas... Vou pensar por anos só para ver o que eu vou lembrando. 1º colegial, foi interessante porque, parte dele, estudei à noite... Quando saí da outra escola, a figura do professor era muito presente mas, no 2º grau, à noite, não me lembro muito bem da figura dos professores. À noite, tinha uma coisa assim, o cara trabalhava, era “coitadinho”. Então... Eu estava desanimado para estudar à noite. Não via muita coisa nova. Depois, quando fui para a manhã, na mesma escola, passo a lembrar mais dos professores. Como se fosse assim... Eu me lembro da professora de Português, da professora de Matemática... Tem até um episódio interessante... De manhã, eles adotavam um livro, acho que era do Bongiovanni, um antigo, laranjinha. E, quando eu cheguei, começo do segundo semestre, no 1º ano, tinha uma prova marcada e fiquei desesperado, desesperado, porque eu não tinha visto nada daquilo que estava rolando, era sobre função, inequação... E eu não entendia nada. E aquilo me deu um pânico geral. Mas, me lembro que fui estudar com a minha namorada, que estudava numa escola particular. E me “afoguei” no livro! Então... fui legal na prova. Legal? Acho que a minha nota foi 7, sei lá. Mas a maioria do pessoal foi mal, bem pior do que eu. E eu achei que a professora passou a me respeitar mais. Acho que ela tinha um pouco de preconceito, sabe? E, de alguma maneira, acabei surpreendendo... Era uma professora super-rígida, super-rígida. Eu me lembro que voltava para casa pensando nos exercícios de Matemática... Muitos, eu não sabia resolver e, às vezes, ia atrás do Sebastião... Mas, tinha um conjunto de professores bem interessantes. As aulas durante o dia eram, eu sentia, mais intensas do que à noite.

Se esse desafio foi maior na Matemática? Eu acho que foi mais na Matemática. O resto acho... Mas, depois, foi só isso aí que eu vi. Eu tenho uma personalidade muito... quando eu estou num ambiente novo, fico bem na defesa... E isso foi um exemplo de quando eu mudei... Aí, depois, alguns professores já não eram os mesmos. A professora de Matemática passou a ser outra nos dois anos seguintes. A professora de Português, que nós gostávamos muito, a Solidéia... A professora de Biologia... Então, professores muito interessantes. Eu estou tentando me lembrar do

professor de Artes, de atividades... Tinha Educação Artística. O professor Afonso foi de Química durante um período. E o professor de Educação Física, muito comprometido, já era um cara mais “prafrentex”, um cara bem politizado. Mas... era um grupo de professores interessantes. O que eu posso lembrar assim... Às vezes fazíamos excursões... 80% das disciplinas tinham livro didático. Os professores adotavam religiosamente o livro didático, que pegávamos emprestado de outras pessoas porque não tínhamos dinheiro para comprar. Mas, me lembro de muitos professores... Tinha um amigo, o Osvaldo, um exemplo muito interessante... Hoje, já não tenho tanto contato, mas ele foi uma das pessoas que sofreu muito com a Matemática. Repetiu dois anos só por causa de Matemática. No 3º ano, a gente o alcançou e aí nós fomos dando uma força para ele. E era engraçado porque ele tinha um talento para escrever, era bom demais, escrevia peças... Você vê a diferença daquela época para hoje. Atualmente, a gente já respeita mais a potencialidade que a pessoa tem. Mas, naquela época... E ele fazia trabalhos sempre excepcionais, sempre excepcionais. E, aí, virou um publicitário.

Bom... Já prestei vestibular em algumas outras coisas... Educação Física, na USP, por exemplo. Mas fui reprovado no teste de natação. Passei uma vergonha. Naquela época, natação tinha tempo, sabe? Então, pô! Só peguei gente que nadava muito melhor do que eu. Os caras... iam lá, voltavam, iam lá, voltavam e eu lá que nem um bobão. Tomei pau. Era peso 4, peso 6... Aí, Matemática veio na minha vida... Acho que foi porque eu me dava bem, porque, quando as pessoas se dão bem, elas têm um reconhecimento... E isso acaba, de algum jeito, incentivando a gostar um pouco. Mas, acho que a opção foi circunstancial. E eu queria fazer universidade pública. Aí, em 1989, vim para Rio Claro fazer Licenciatura em Matemática, na UNESP. Mas fiquei dois meses e voltei para São Paulo. Na época, pouquíssimos alunos ficaram no curso, no sentido de estudo, mesmo. Mas, eu, particularmente... na época, acho que arrumei uma desculpa... Quis ajudar o meu pai numa certa situação, mas era mais do que isso, acho que eu não estava agüentando o tranco de sair de casa, talvez imaturidade... Não estava relacionado com o curso em si... Então, voltei para casa e prestei novamente. Voltei em 1991. Fiz Licenciatura em Matemática na Unesp de Rio Claro de 1991 a 1995... Fiz em cinco anos. Aliás, foi a melhor coisa que eu fiz!

Por que escolhi a área de exatas? Como já falei... Acho que foi circunstancial... porque eu gostava, me dava bem, dava aula. Acabei indo nisso, mas eu me considero uma pessoa muito mais para humanas do que para exatas. Com toda clareza. Tanto que eu arrasto a Matemática para um... para tentar produzir um significado na minha vida. Que ela possa, de repente, colaborar com a reflexão desse mundo de meu Deus. Eu gosto muito de resolver exercícios, mas esse não é o meu maior prazer. Acho que é a figura do professor que me sustenta. Ela está vinculada com as relações humanas. Então, quer dizer, Matemática é o que eu decidi fazer e... agora, a minha pergunta é o que eu faço com essa Matemática nas relações humanas? Isso sempre me ocorre. Qual a leitura que eu faço daquele cara que está ali na minha frente e ele de mim, quando nós interagimos? Então, posso dizer que foi circunstancial porque, se eu fizesse História por exemplo, talvez tivesse o mesmo barato de ser professor. Acho que tenho mais tesão quando eu consigo arrastar a Matemática para as relações humanas.

Se Matemática é Ciência ou Arte? É... sei lá... Eu acho que as duas coisas ao mesmo tempo. Como Ciência, acho que ela vai fazer sentido enquanto for um agente de transformação social. Se ela servir na sala de aula... Não estou falando para pesquisa. É dentro dos meus afazeres. Se ela servir como um agente de transformação social, vai ser uma boa Ciência. Agora... acho que a Matemática tem uma característica artística muito legal, muito legal. Por exemplo, as características das pirâmides do Egito... Em alguns aspectos, a Matemática também demonstra um certo mistério. Você pega, por exemplo, pode ser que não tenha nada a ver, mas... um mapa astrológico, entendeu? Que tem Matemática. Música, por exemplo. Estou começando a aprender a ler partitura. Então, converso muito com o meu professor de música e ele fala: “A Matemática é uma Arte!”. E eu acho também. Esse professor tem um carinho especial pela Matemática, porque, através dela, ele consegue entender a música. Eu acho que a Matemática passa por diversos setores...

Qual era o perfil do aluno de exatas na UNESP? Você sabe que o pessoal com quem eu convivi... existe um preconceito de que a turma de exatas é mais séria, mas quando cheguei, me surpreendi. Eu gostava muito da minha turma, o pessoal tocava muito. Então, o perfil das pessoas... algumas pessoas talvez fossem um pouco mais preocupadas, mas de uma maneira geral a minha turma era descontraída.

Entrosamento com outros cursos? Sempre tem essa coisa de curso ser um pouquinho mais fechado, mas no meu caso, por exemplo, não. Eu tinha amigos em vários cursos, sempre me enfiar nas representações políticas da universidade, então você acaba conhecendo pessoas.

E os alunos em geral? Politicamente, as convicções eram diferentes, mas o compartilhar da vida era interessante. Talvez eu fosse o mais enfático, politicamente. Mas, acho que o pessoal acabava convivendo mais entre si. Quando a gente “toma pau” em algumas disciplinas, acaba passando por outras turmas, então você conhece... Mas a Matemática, de uma maneira assim... Tem a tendência de as pessoas que convivem mais ficarem mais juntas. Eu acho natural isso. Não essa coisa da rivalidade, mas é natural. É mais por esse lado.

Competitividade? Eu não sentia isso na minha turma.... Aliás, acho que era uma turma bem cooperativa. Estudávamos juntos. O problema era conseguirmos nos entender porque algumas pessoas já estavam num nível mais... talvez com maior facilidade pela história de vida. Por exemplo, eu tinha um amigo que tinha feito dois anos de engenharia. Mas... Nós ficamos uns dois ou três meses com os tais pré-requisitos...

Iniciação científica? Olha, eu tinha amigo que fazia iniciação científica. Eu mesmo tive uma oportunidade, comecei a trabalhar com o Carrera no 2º ano de faculdade. E acho que isso fez diferença para mim. Começar a participar de um grupo que não tinha um olhar simplesmente de sala de aula, no sentido de estudar uma matéria especificamente. Já eram outras coisas, era você com questões, com perguntas, investigações. Isso foi legal pra caramba!

Como conheci o Carrera? Através do Marcão. Ele me falou assim: “Ó, tem um grupo que trabalha com educação ambiental... Se você estiver a fim de participar...”, e eu aceitei. E foi aí que as coisas começaram... Acho que o grande diferencial na minha formação foi a iniciação científica, a oportunidade de fazer parte de um grupo de pesquisa, de um grupo de trabalho. Isso, para mim, foi demais! As ações que eu fui tomando, as atitudes frente à questão do ensino e aprendizagem de Matemática, foram norteados por aí. Hoje, não sei como é que o curso está, mas, na época, acho que ele falhava no sentido de demorar muito para oferecer, para os que pretendiam ser professores, um contato com a sala de aula. No meu caso, fui privilegiado, tive essa

oportunidade. Eu tinha amigos que faziam iniciação científica em Matemática, mas na questão da formação do professor, não era tão comum. Aí, foi indo... Então, acabei tendo o meu primeiro contato com sala de aula via esse grupo, mas com um outro olhar. Qual a visão do professor que a gente carregava até então? A de todos os que já tínhamos tido. Quando me formei na Licenciatura, participei de uma reunião com os coordenadores de curso. Vários professores estavam participando e eu tive essa oportunidade de falar o que eu achava que deveria mudar no curso. Mas, naquela época, eu não tive essa clareza... Se, desde o começo, você estiver ligado com um grupo de trabalho, um grupo de pesquisa, ou algum compromisso relacionado com a sua profissão, acho que isso dá um grande diferencial. Quantas leituras nós não fizemos, quantas sessões de orientações nós não tivemos... Poxa! Foi super, superinteressante. Depois, também, apareceu o G.P.A. (Grupo de Pesquisa-Ação em Educação Matemática) nessa história, que também foi uma experiência superlegal. Estar refletindo sobre as rotinas de sala de aula foi bárbaro. Procurar olhar para aquilo para comparar com o que os outros estavam fazendo, também.

Os professores da universidade? Na universidade... tinha bastante professor. Mas se parar para olhar... acho que... Não, eu tive mais professoras. Não... Acho que foi equilibrado! Mas, eram tradicionais. Eu acho que nos dois primeiros anos, com muita boa-vontade, mas tradicionais. Na época, eu saía sempre achando que, aula, aula, aula... Mas, o meu espaço de falar na sala de aula, enquanto aluno, era pequeno. Por exemplo, dos professores que eu tive, poucos trabalharam cooperativamente, para que as pessoas pudessem se ajudar, pudessem discutir idéias. Acho que seria um prato cheio, porque, na universidade, as pessoas já têm um grau de maturidade, não estão ali de bobeira. E, me lembro bem... eu, às vezes, com muita dificuldade de entender e não tendo a oportunidade... Poderia expressar através de uma pergunta, levantando a mão, tinha esse espaço. Mas, o espaço de trabalhar em sala de aula... Tive tanta dificuldade que, no começo, fiquei travado. E sempre falei, perguntei, mas, num período, fiquei travado. Então, se hoje eu pudesse... voltar para aquele momento pediria para esses professores mais espaço de trabalho em sala de aula. Por exemplo, sei lá... Que fosse num teorema, entender... “entendi aqui, aqui, isso aqui”; e outro me falar: “Não! Você usa isso aqui.”. Então... chego a me lembrar de algumas aulas... duas horas para demonstrar um teorema. Agora, se me perguntarem se o professor... porque isso eu

acho importante... se o professor estava compromissado com aquilo que estava fazendo, ele estava! Porque tenho notado, onde eu trabalho hoje, por exemplo, que o aluno percebe quando o professor está compromissado com ele. O compromisso do profissional. Se perguntar de Matemática, acho que nós vimos bastante Matemática. Então a gente não pode reclamar nesse sentido. Agora, por caminhos que poderiam ter sido mais proveitosos, no sentido das oportunidades que estavam lá. Foram muitas informações que não foram digeridas. Depois, a coisa vai indo... E isso não é só uma questão de disciplinas da Matemática, algumas disciplinas pedagógicas também não avançavam tanto, causando uma certa frustração.

Qual a importância do curso na minha profissão? Posso falar com a maior tranquilidade que o curso que fiz foi muito bom. Com profissionais sérios... Talvez eu tenha deixado de aproveitar alguns coisas por falta de, de... naquele momento, era a circunstância que eu vivia e não dava muito para berrar dos meus calos. Mas, acho que foi um curso de altíssima qualidade. Muitas vezes, eu comparo as formações. Mas, faltaram diferenciais para alguns... que, no meu caso, foram os trabalhos extra-classe. Sem querer puxar a brasa para minha sardinha, eu trabalhei com o Carrera, fiz Prática de Ensino e, para mim, isso foi fantástico! Eu já estava no GPA e no grupo de educação ambiental, então... eu me lembro de existir um palco onde as pessoas falavam das suas angústias. Eu me lembro que tinha uma garota que falava assim: “Gente... Vou trabalhar na escola e eu sinto que tem um ímã grandão que me puxa para fazer tudo como já está lá!”. Então, todo mundo conversava dos seus medos e das coisas legais, também. E esse palco, nessa disciplina, Prática de Ensino, especificamente, nós tivemos bastante. Agora, assim... Também acho que existiram outras disciplinas que possibilitaram algumas coisas nesse sentido. Mas, a que, efetivamente, levou os alunos para a sala de aula foi só no quarto ano. E acho que é tarde demais.

Obviamente, na minha profissão, não consigo separar a graduação, da iniciação científica, do mestrado... porque a coisa foi contínua. Por exemplo, eu me lembro da oportunidade de fazer parte da elaboração de alguns materiais de Matemática e como aquilo me amadureceu. Nesse processo todo, acho que fui incentivado à criatividade. Por exemplo, como me coloco profissionalmente? Quando vou exercer a minha fala no local em que trabalho, ela vem carregada de um monte de coisas que estão relacionadas a todas essas experiências. E algumas, obviamente, da graduação. Eu me

lembro de uma palestra em que eu não concordava com a pessoa, que falava assim: “Acho que tem que diminuir o número de aulas...”. E eu: “Mas como é que essa pessoa está falando que tem que diminuir o número de aulas? Ele deve estar maluco!”. Na época, acho que eu devia estar no 1º ou 2º ano. Depois, eu falei assim... Tem mesmo, porque as pessoas têm que estar mais envolvidas em projetos dentro da universidade, de modo que possam interagir mais com o que vem por aí. Normalmente, o discurso é assim: “Ah, a gente não sai preparado da universidade”. Não sai e nunca vai sair! Agora me ocorreu, por exemplo, uma falha da minha graduação. Não sei se foi uma superfalha ou se foi a estrutura da época... Eu me lembro que, para usar um computador, tive que usar aquele disquete grandão. E não utilizamos, por exemplo, softwares educacionais, softwares de ensino de Matemática. Então, essa foi uma lacuna seriíssima. Se você pensar em termos de década de 1990, já era para estar... E isso demorou... Era a época que o computador, quando chegava no departamento, ficava trancado numa sala, como até hoje em algumas escolas da rede, por motivos de segurança. Mas se você analisar, teve uma coisa boa nisso... um pouco do incentivo da autonomia na sua formação, você poder correr atrás. Por exemplo, hoje eu fuço, caso contrário, não sobrevivo. Agora... É difícil de falar dessas coisas com precisão. Acho que vou falar como o Caetano Veloso: “Ou não?”. No final da frase... ou não!

O que foi decisivo na minha escolha de ser professor de Matemática? Uai! Eu sempre fui uma pessoa idealista e está na minha veia... Acho que é uma herança cristã dos meus pais. Está na minha veia batalhar por uma vida melhor. E o fato de ser professor também me permite falar o que penso. Você pode imaginar quantas pessoas gostariam de falar o que pensam e não falam? E, mesmo sendo professores... Por exemplo, numa escola particular, já acho que a relação patrão-empregado é mais difícil. Agora, eu trabalho numa escola pública por opção, sou concursado... Eu estava dizendo isso para a minha esposa.. Eu sofro, tenho prazer, é uma coisa muito maluca! Você pode falar assim: “Poxa! Você está meio esquizofrênico!”. Porque é uma coisa esquisita, como se fosse um liquidificador. Mas, fundamentalmente, eu falo o que sinto e o que penso, tento ir lá criar uma coisa em que acredito. Então, isso me faz ficar vivo. Agora, é obvio, vamos falar de um monte de descontentamento e, nessa hora, é uma bosta! Então tem tudo isso. Mas esse é o valor social que a gente tem. Uma vez, eu fui bater um papo com os alunos da disciplina do Carrera e uma menina me perguntou:

“Por que você está dando aula na escola pública, se você tem mestrado?”. E, na época, não dei a melhor resposta. Depois, eu fiquei pensando... Tem uma coisa que me incomoda muito. Uma pessoa pergunta: “O que você faz?” e você fala: “Sou professor.”... “Professor de quê?”... “Professor de Matemática.”. A pessoa já olha com um pouco mais de respeito, não sei... Não me pergunte por quê. E não tem nada a ver, mas o cara olha. Aí, fala assim: “Onde você trabalha?”... “Dou aula na escola pública.”. Daí, ele fica quieto e, na testa dele, parece que está escrito assim: “Coitado!”. É a cultura do coitado e isso me incomoda muito. E quando me perguntaram aquilo na disciplina do Carrera eu devia ter respondido assim: “Se eu trabalhasse em Bangu III, ganhando 15 mil reais, você estaria fazendo essa mesma pergunta? Você estaria com dó de mim? Que valor representa o sucesso?”. Quer dizer... Ser professor é ser tudo isso, é desafio, é... Então eu acho que a influência na minha decisão de ser professor veio da escola. Eu já sabia que eu queria ser professor e como Matemática eu até ensinava algumas coisas...

Quando prestei Educação Física? Eu acho que prestei simultaneamente... Educação Física e Matemática. Eu me lembro que estava prestando Educação Física na USP e Matemática na PUC, em São Paulo... Eu me lembro que saí no meio do vestibular da PUC para ir fazer o teste na USP. E, na mesma época, prestei Matemática em Rio Claro. Então não tinha muita lógica. Por que é de se esperar que o cara tenha uma trajetória única? Não, não. Era tudo misturado. Então, sei lá, sopraram aqui no meu ouvido e eu acabei... E o fato de escolher Rio Claro foi olhar no mapa. Olhei no mapa e falei: “Bom... a cidade mais próxima de São Paulo...”.

Se tive apoio da família? Ah! Eu sempre tive apoio da minha família. Na realidade, acho que a minha escolha não iria provocar nenhum problema na minha família. Se eu escolhesse música, por exemplo, pela simplicidade dos meus pais... Quando eu entrei numa universidade, para eles, já era uma vitória. Eles só se surpreenderam, falaram: “Nossa! Matemática? Uma coisa tão difícil!”. Mas, na realidade, os meus pais nunca se meteram nos estudos dos filhos. Eles sempre acreditaram que a gente pudesse dar conta pela responsabilidade. Só perguntavam como é que estava a vida. Nunca perguntaram, por exemplo, se eu tinha tomado pau em alguma disciplina ou quanto tempo eu ia demorar.

Implicações político-econômicas? Eu já sabia que professor, no sentido econômico, não ganhava bem. Sabia que teria dificuldades. Agora, no campo político, todas. Porque era a causa. É muito doido isso! Acho que, naquela época, eu não iria tão longe... Sempre imaginei um processo diferente de ensinar Matemática, mas eu não tinha parâmetros. Mas, a causa educacional era minha. Então, por algum ponto de vista eu acho que essa era a implicação política.

Como era ser professor perante a sociedade? Já não estava valorizado. Aliás, já estava bem ferrado. Porque eu venho de greves... Eu me lembro que tive uma professora de Química que falava: “Pessoal, eu estou vindo, mas estou pagando para trabalhar. Venho de Santo André para cá por poucas aulas. Então, vou ter que ir embora porque não estou agüentando”. Toda essa situação, eu tinha uma boa idéia. Eu também tinha uma boa idéia como um professor poderia, diante de algumas situações, ganhar uma grana para sobreviver. Agora, o que eu não tinha na cabeça... e isso vale ressaltar, eu tinha idéia de ser professor mas não tinha idéia de que poderia ser um pesquisador. Então, quando veio a oportunidade de fazer o mestrado, eu acabei enxergando que existem outros caminhos, mas que lecionar, para mim, é um grande barato! Lecionar e produzir alguma coisa, futuramente. Essa coisa da pesquisa... Para um cara que fazia licenciatura, não existia essa dimensão, esse caminho. E, hoje, é uma possibilidade superinteressante. Você pode dar o seu recado em termos de relacionamento com aluno mas também pode produzir uma escrita que as pessoas possam ter contato com o que você pensa, que é uma voz.

O meu primeiro emprego? Olha, o meu primeiro emprego... como professor de Matemática em escola... Engraçado, porque foi tudo tão gradual. Na iniciação científica, eu passei a desenvolver projetos na escola e dei a minha primeira aula. Eu falei: “Mas, gente, eu vou conduzir essa aula?”. Eu me lembro das câmeras filmando, então aquilo me deixou assim... Se eu posso lembrar de estar debutando... foi naquele momento que comecei o trabalho na sala de aula. E, digamos assim, bem no início da universidade. Mas, eu não estava empregado na escola. Nos éramos um grupo fora da escola que ia lá para trabalhar com um professor de lá. Então, aquilo não era um emprego. Emprego, mesmo, foi quando eu assumi aulas que eram minhas, na Escola Agrícola, junto com o projeto de mestrado. Uma das condições para fazer o trabalho na escola era substituir o professor como um todo. Eu acho que foi lá, em... 1996, 97.

Se peguei algum outro tipo de substituição? Não, aí, eu pegava... Ah! Eu me lembro... ainda teve uma antes, no Ribeiro. É! Eu trabalhei... Acho que ali foi o primeiro, eu peguei substituição no segundo semestre. É! Isso foi bem no comecinho do mestrado, eu ainda não tinha bolsa. Foi logo que acabou a graduação. Eu substituí duas turmas da noite. Esse foi o meu primeiro emprego como professor, antes da Escola Agrícola. Eram duas classes de segundo ano, segundo grau. Acho que eu dava... oito aulas, quatro e quatro. Legal a pergunta! Eu não me lembrava... É, foi esse.

Como foram as aulas? O meu modelo de aula vem de todos os trabalhos que citei, que foram trabalhos diferenciados. Então, era sempre trabalho em grupo... Mas eram turmas muito difíceis, uma clientela com muita dificuldade, uns alunos até muito rebeldes...Tive que enfrentar grandes problemas de indisciplina. Acho que foi interessante, porque acabei concluindo o ano com eles, mas me lembro que era muito desgastante. Com o tempo, a gente vai aprendendo a dosar a energia. Sempre fiz atividades... Era um sistema que eu seguia. Não estou lembrando se, naquela época, eu já rodava atividade, se tinha material ou não, ou se usava a lousa. Porque, hoje, eu uso menos a lousa, bem menos. Mas, era trabalho em grupo direto.

Em que momento me percebi profissional da educação? Acho que quando estava na faculdade. Naqueles momentos em que passei a pensar sobre o sistema educacional, fazendo parte dos grupos de pesquisa. Acho que, ali, já comecei a me sentir um profissional, já comecei a perceber que era mais, era diferente, não era simplesmente ficar na faculdade, assistindo às aulas até me formar, para depois ser um profissional. Já tinha um procedimento que me levava a isso. Sem a participação nos grupos, acho que demoraria mais. E sabe por quê? Porque a prática estava muito longe de mim.

Outras experiências didáticas? Como direção, não tenho. Como coordenação, coordenação de área, aulas em faculdade... não! Tive a oportunidade de dar um curso intensivo na Universidade Estadual do Mato Grosso para alunos de Matemática, um projeto parcelado. Em curso de formação de professores também já tive oportunidade de dar alguns... Essa experiência passa por cursos, mini-cursos, semanas de estudos, cursos especiais junto a prefeituras, universidades. Mas foram muito mais fortes as experiências com formação de professores que envolviam pessoas que ainda não estavam formadas, os futuros professores. Eu sinto maior dificuldade com professores

que já estão trabalhando na rede. Por exemplo, uma vez tive uma experiência em Varginha. Então, você sente... Os professores estão lá fazendo o curso obrigados, daí passa por toda aquela descrença do processo educacional que a gente conhece e ocorre uma resistência muito maior. Mas... Em Sinop, Mato Grosso, dei um curso para professores do nível primário. E eles foram mais receptivos. Acho que o professor primário é muito menos engessado do que os professores tanto do fundamental quanto do médio. E eu também me coloco nisso. Os professores primários precisam ativar muito mais a criatividade da criança e são muito mais abertos para propostas novas. Mas, a minha amostra não é assim tão grande... Os professores... A questão da descrença é... O cara está há muito tempo tendo a mesma atividade... Aquela aula que não muda, naquele assunto que não muda. Acho que o cara cai numa rotina que massacra. A pessoa já não aprende mais nada, então acho que cai num... É a impressão que eu tenho... não é só a política salarial. Tem a ver com autoridade, figura do professor. O que o cara entende. E tem essa coisa de... “Ah! Você não pegou a minha época, hoje pode tudo”. Fica uma coisa desmedida, acho que eles sentem isso. Essa coisa do controle, também. Por que essas pessoas embruteceram na questão do aprender? Uma pessoa que saiu da universidade com todo o desejo de ensinar, seja lá com que concepção... E, depois, perde essa vontade no meio do caminho, de uma maneira tão forte, isso é assustador. Essas experiências com formação de professores... Me assusta um pouco trabalhar com professores na formação continuada. Foram experiências muito interessantes!

Agora, estou participando de um grupo internacional, junto com o Rômulo, para discutirmos, em conferências, as políticas educacionais. Já fomos duas vezes para os Estados Unidos. Eu, como professor de ensino médio e o Rômulo como pesquisador. Fui para equilibrar a parte prática da coisa, falar sobre as minhas impressões, as minhas leituras... Para mim, essa experiência foi interessantíssima! Eu acho que vão abrindo algumas portas e a gente vai vendo como é que vai... Essa foi uma experiência...

Quando? Em julho de 2001 e julho de 2002. Nesse grupo, tem pessoas do Egito, pessoas de alguns países. Não é um grupo grande, é um grupo pequeno. Mas discutimos como as políticas educacionais estão acontecendo nos diferentes países. Então, vamos pegar essas experiências e talvez criar um quadro comparativo,

aproveitar toda essa coisa. Só no último discutimos especificamente sobre formação de professores.

Se isso alterou a minha aula? Não. Não. Não mudou na sala. É mais uma voz. Você poder falar assim: “Lá nós existimos!”. Então, quer dizer, eu, como um professor, tentando representar... não, simplesmente, um interesse particular, que tem, mas... de repente, quem sabe os grandes, poderosos que estavam lá, pessoas da alta cúpula, possam sacar alguma coisa por recados nossos. Porque elas estão muito longe... Quem detém o poder está longe e não consegue perceber algumas coisas.

Autonomia... Funcionarização... A sensação que os professores têm é essa: têm que preencher papéis, responder a isso e... Eu sou péssimo para essa parte burocrática. Péssimo! Mas especificamente, falando sobre o professor da rede pública, ele tem uma margem de autonomia. Só que precisaria ser um pouquinho mais inteligente para usar dessa autonomia, porque nós temos uma certa liberdade para criar um trabalho. Eu, particularmente, crio um trabalho até certo ponto estimulado pela autonomia. Às vezes, pode faltar criatividade, mas autonomia, tem. Agora, precisa ver se a autonomia está dentro do professor, se ele se sente autônomo o suficiente para criar. O problema são as respostas. Por quê? Porque, criando, ou não, se você der uma resposta que não é a que o sistema espera, então... O sistema nos obriga a dar respostas. E respostas de acordo com o quê? Com a funcionarização. Então, você vai preencher papel. E, com isso, os professores estão deixando de falar da sua real situação para evitar essa penalização burocrática. Daí, nem sempre o discurso pedagógico é um discurso compatível com a prática. Se o cara, por exemplo, oferece uma recuperação... e certos alunos não avançam, vão falar: “Então, você está com problema, porque se você falou que fez isso, então como é que é?”. Existe uma ingenuidade do 100%. O 100% correto não existe, entendeu? Eu me lembro que, uma vez, no G.P.A., falei que estava com um problema acontecendo na minha cabeça... porque a gente vai mudando a prática pedagógica, mas alguns números não mudam. E eu comecei a ficar intrigado. Por quê? Porque visa à inclusão e não à exclusão. Só que, aí, você muda a sua prática, uma prática que vai atrás da promoção coletiva e muitas vezes você tem resultados catastróficos. Entendeu? Nós estamos lidando com seres humanos! Mas o sistema tem cobrado do professor atividades nesse sentido. E aí, por se cansar de estar dando essa resposta burocrática, o professor está deixando de falar

dos reais problemas dele. Aí, você fala: “Mas tal aluno tem um comportamento que precisa de uma atenção muito especial, porque eu não acredito que seja só comigo!”... E alguém fala assim: “Ah! Só com você?”... Outro fala assim: “Ele tem problema comigo, mas...”. Entendeu? Quer dizer que começou a criar essa cumplicidade e a coisa vai desandando. E a pior consequência, na minha opinião, é a funcionarização, que está levando à descrença. Imagine você tendo que fazer um relatório em que você não acredita, dando informações em que você não acredita, falando de um projeto que não saiu como você queria mas que, se você falar que não saiu como você queria, você vai tomar paulada. Então você vai falar que o projeto foi o quê? Uma beleza. Só que você não acredita. Então você imagina uma escola em que ninguém acredita. Entendeu? Então... A bola de neve vai indo aí... As pessoas não podem mais expor as suas fragilidades. E, em cima disso, começou uma reprodução de um discurso em que ninguém acredita. Em algumas reuniões de HTPC, perguntei para os professores: “Essa escola é a escola do seu filho?”... As pessoas responderam: “Não!”. Ninguém tem filho que estuda na escola! Então, tem alguma coisa errada! Quer dizer: é a reprodução do discurso daquilo em que não se acredita. Vamos parar... esperar um pouquinho, vamos começar a assumir as coisas que a gente tem. E em cima delas, vamos ver o que a gente faz, porque você tem uma certa autonomia... Antigamente, os professores reclamavam que todo mundo ficava cobrando o tal do conteúdo. Hoje em dia se cobra a criatividade. Olhe como mudou! Então, use a sua autonomia. Mas, aí, vem uma outra palavra que eu acho que é mais difícil: o compromisso. Aí, você perde, porque você tem o tipo de pessoa que quer e o que não quer; aí, depois, vem o que pode e o que não pode ser feito. Se pudesse, eu separaria em duas dimensões bem claras. Uma seria o consenso. Nós, aqui, somos uma equipe de trabalho e temos que entrar num consenso sobre o perfil da pessoa que nós queremos: é esse! E, agora, o que podemos fazer? Em que condições? Como? A gente pode chegar só até aqui! Ah! Está tudo bem, vamos avançar. Então, é isso daí que nós vamos ter que ver, depois.

Ser funcionário público sendo professor? Pô! Eu posso dizer que me sinto acéfalo como funcionário público. Com uma imagem degenerada, porque quando você fala de funcionário público, a imagem que a população tem é que todos são vagabundos. O jornal Nacional, por exemplo, passa essa imagem. Então, como funcionário público, não é fácil. Mas, também, existe uma cultura da omissão dentro do

funcionalismo público, que é uma coisa meio complicada. Eu acho que o funcionalismo público precisa passar por um processo de profissionalização, isso é o que falta. Se um professor, por exemplo, se omite, não acontece nada, entendeu? E quem sofre as consequências disso? Gosto de ser funcionário público porque, justamente, como já falei, posso dizer o que eu penso, isso é uma coisa que me traz conforto. Agora, as condições de infra-estrutura e de material humano, acho que estão precisando evoluir um pouco.

Ser funcionário público sendo professor... As coisas estão misturadas, eu acho. Mas acho que fica mais a figura do professor do que a figura do funcionário público. É engraçado isso, porque professor, realmente, tem uma posição diferente, de destaque, na sociedade. Talvez como médico, sei lá... Como professor, eu, até... às vezes, me sinto privilegiado, porque posso fazer coisas que os outros funcionários públicos não podem. E, ao mesmo tempo, me sinto não-privilegiado porque não posso falar assim: "Olha... estou achando que o meu trabalho vale mais... estou achando que eu sou mais profissional... estou achando que a gente precisa tratar com profissionalismo o trabalho!".

Se financeiramente o retorno deveria ser maior? Financeiramente, também. Mas, acho que deveria ter um plano de carreira que estimulasse mais, não só no sentido dos anos, porque eu vejo que a trajetória do professor tem um plano de carreira em sentido dos anos. Mas, também, deveria ter mérito profissional. Ter alguma coisa acontecendo, porque as pessoas caíram no marasmo. Eu sei que, com dez anos, vou ter dez por cento, com não sei quantos anos, vou ter a terça parte... Eu acho que é justíssimo a pessoa ter os seus direitos, porque o tempo faz parte da nossa trajetória. Agora, tem que ter alguns diferenciais... De poder falar: "O que me faz ser diferente daquele professor?". Se somos uma equipe, então, perfeito. Nesse caso, não vou falar coisas do tipo: "Ah! Porque eu tenho que ser mais do que o outro?". Daí, não! Mas, do jeito que as pessoas estão... fazendo o que querem. As pessoas não estão querendo trabalhar em grupo. E eu não sei... Essa é uma imagem que vem desgastada já há tempo. Talvez resgatar o prazer de trabalhar, acho que pode ser isso, porque a imagem do professor solitário, para mim, é a pior de todas.

Solitário em que sentido? O professor não compartilha a prática dele, não procura resolver os problemas junto com os outros, não quer ser incomodado, quer

continuar na mesmice dele. E alguns devem ganhar um dinheiro muito bom pelo que fazem, outros são profissionais. Precisamos ser mais profissionais em todos os sentidos, dentro da escola... Precisa um pouquinho mais de compromisso!

Mas... eu já trabalhei em escola particular... Acho que um ano.

Como foi essa experiência? Foi uma experiência bem atípica porque não era uma escola particular com cara de escola particular. Interessante, isso. Era uma escola vinculada ao sindicato da Saúde, trabalhava com adultos. Então, era tudo diferente, clientela diferente, proposta pedagógica diferente... que massacrava os alunos. Mas, do ponto de vista das relações humanas, foi interessante... E, do ponto de vista administrativo, foi uma experiência frustrante. Para comparar com a escola pública... Eu vejo assim... Se eu pudesse comparar aquela escola com a escola em que dou aula, atualmente... percebo que, primeiro, muda a maturidade da clientela, o fato da idade. Muitos alunos tinham parado de estudar por não conseguirem continuar os seus estudos. Por exemplo, eu tive uma aluna que tinha sido cortadora de cana, entendeu? Se eles quisessem levantar para ir embora, eles podiam levantar. Era outra relação.

Se era supletivo? Era um supletivo e depois virou à distância, só que tendo aula também. As aulas eram concentradas, o aluno fazia prova sobre um determinado módulo.

Se o aluno tinha que prestar alguma prova oficial? Não, na época, não. A escola já dava o diploma para a pessoa. Mas, depois, veio a legislação do ensino à distância e algumas coisas mudaram. Os funcionários da saúde, para se tornarem assistentes de enfermagem, precisariam ter, pelo menos, o 2º grau completo. Então, existia aquela demanda para fazer com que essas pessoas conseguissem terminar porque, senão, iam ficar todos desempregados.

Se destaque alguma experiência profissional? Você sabe o que eu acho? Eu acho que é uma atividade de poder, pô! De poder aprender, sabe? Eu acho que é isso! Nas relações humanas que, como professor, eu tenho possibilidade de vivenciar... A gente aprende coisas fantásticas. Às vezes, os alunos mostram, falam, têm certas atitudes que surpreendem muito. Você sabe que aquele aluno está passando por alguma coisa, sabe a reação dele... Lidar com pessoas! Se eu pudesse descrever, acho que seria isso. Acho que essa foi a experiência mais importante para o meu desenvolvimento profissional, porque me dá sensibilidade, me dá sacada, perceber o

outro, sabe? O relacionamento com as pessoas é que lhe dá... e mesmo com os profissionais que você trabalha. Não precisa ser só com os alunos, mas... O dia-a-dia na escola! Todo dia tem relação humana. Hoje, por exemplo, fui jogar futebol com os meus alunos. Então, quer dizer... Por quê? Porque é uma prática lá da escola. Mas assim... Olhar para aquele cara e falar assim: “Esse cara é uma porcaria em Matemática, mas pô! Ele joga tão legal!”. Quer dizer é uma coisa tão jóia isso! Por que jóia? Jóia, não de ele ir mal em Matemática, mas pô! Esse cara é um ser humano, uma pessoa! E quem sou eu para rotular esse fulano? Você entende? É isso que eu acho mais legal. E é impressionante que cada vez mais... não é uma coisa de resolver a vida da pessoa, de comprar os problemas dela. Mas é ter sensibilidade de olhar para o outro e saber que todo mundo... Pô! Eu, um dia, acordo e não consigo nem dar aula. Já ocorreu de eu falar assim: “Se eu levantar dessa cama... acho que vou morrer! Não dá mais!”. Sabe, quando você está saturado. E por quê? Porque eu sou uma pessoa. Só isso! E os alunos também são e todo mundo... Então acho que o básico é não ser por um motivo econômico. Não. É porque nós estamos vivendo lá, no mesmo passo. E, por causa disso, a gente tem que se entender mais. Por exemplo, num determinado dia, encontrei um aluno no corredor e perguntei: “E aí? O que você aprontou?”. Aí, ele desabafou, sem mais nem menos: “Não aprontei nada aqui na escola... Entrei num assalto, fui pego em flagrante, sou menor e posso estar indo para a FEBEM”. Então, aquilo me pirou! Demorou para cair a ficha, pensar o que fazer, no que falar. Quer dizer, pô, a vida daquele cara estava indo para o brejo. E era um rapaz absolutamente tranquilo. Aliás, era um bom aluno na minha disciplina. Então, você pega e fala assim: “Calma, aí! Calma, aí, que nós vamos pensar! Fica calmo que a gente vê...”. Depois, ainda falei para ele: “Se precisar, eu vou lá depor, falar para o juiz como você é na minha aula.”. Mas, depois, deu tudo certo, não precisei ir, deram uma chance para ele. Você encontra certas situações que, longe de mim falar que a Matemática é menos ou é mais, nessa hora é outra história. É a vida que está acontecendo. E é isso que me encanta. Agora, ensinar Matemática é a minha função.

Como deveria acontecer a profissionalização do professor de Matemática?

Eu acho que o indivíduo que entra na universidade tem que se engajar num grupo de estudos ou num trabalho de pesquisa. Acho que isso faz diferença. Quem vai dizer se sou um bom profissional ou não são os meus alunos, pessoas que trabalham comigo,

não eu. Procuro ter uma ética de comportamento que, pelo menos, vá ao encontro daquilo em que eu acredito. Mas, sem dúvida nenhuma que se libertar daquelas quatro paredes que estão lá na sala de aula da universidade e poder fazer com que as pessoas possam descobrir mais sobre as coisas que elas vão enfrentar... e poder compartilhar com os outros, nunca sozinho. Então, a profissionalização do professor de Matemática deveria acontecer na universidade com grupos de trabalho. A universidade oferecer trabalhos extra-sala-de-aula. Eu acho que o olhar e o contato com a sala de aula têm que ser logo no início, porque isso ajuda demais na profissionalização. Daí, o cara acaba tendo um maior senso de responsabilidade, um maior poder de análise, uma certa experiência quando tiver que enfrentar uma determinada situação. Agora, uma outra coisa, a profissionalização dos professores que já estão atuando passa por valorização. E, nisso, eu me incluo. Valorização de oportunidades! Então, você ter oportunidade para fazer cursos, para participar de grupos de trabalho, ter tempo para criar, tempo para ler... Um professor que não lê como é que pode falar que trabalha com educação, entendeu? Se estou em casa, tento ver o jornal na televisão para tentar me inteirar de algumas coisas, caso contrário, você vai sendo consumido pelo tempo. Eu dou 26 aulas, mas para uma pessoa que dá 33 aulas por semana, mais três fora da sala de aula, na escola, prepara aula, fazer coisa diferente e, ainda mais, descobrir o que está acontecendo, entender o que está acontecendo no mundo, esse cara, com certeza... Só se ele for um potente. Então, você vê que a profissionalização passa pela oportunidade. Eu acho que as oportunidades e a valorização, já no trabalho, são pequenas. E a velocidade de transformação do mundo é tão grande que, naturalmente, a gente já fica defasado. Agora, se você não tiver oportunidade de correr atrás, então... Tem professores que ainda não sabem mexer no mouse. E tem aluno que já mexe no computador inteirinho! A gente não consegue acompanhar a transformação do mundo. Chega um aluno e fala assim: "Professor, assisti na TV, no canal Fox, ao programa.... o senhor viu?". Pô cara! Eu não tenho TV a cabo! Quer dizer... Primeiro, eu preciso ter oportunidade. E aí, todo um conjunto de trabalho coletivo que, se não tiver, não vai. A profissionalização é constante, pô! Eu sou um privilegiado, tenho um computador... Mas, na época em que eu o comprei, ele era bom porque, agora, não tem nem memória, tem uma vaga lembrança. Não chega nem a ser pentium. Eu acesso a internet... É de deixar nervoso. Mas quer dizer... Pô! Preciso investir num computador.

Por quê? Porque não consigo mais rodar alguns programas. É um mundo consumista? É! Mas, eu preciso ter oportunidade também, mesmo trabalhando em escola pública, entendeu? A minha escola, apesar da localização, tem pessoas da periferia por causa da reorganização da escola, da época do Covas. Mas, tenho muitos alunos que mexem super-bem com computador. Por exemplo, na semana passada, estava trabalhando com o Cabri para resolver uns problemas de Geometria Analítica e o que eu fiz? Peguei uns alunos que estavam interessados e transformei-os em monitores para me ajudarem porque, senão, eu não agüentaria. Fisicamente, não agüento. Agora, você tem que ver os alunos explicando, sabe? Um ajudando o outro, são muito bons com tecnologia, são feras. Agora, a gente, não! A gente fica lá camelando, camelando para ver se aprende.

Violência na escola? É... eu não falei da violência... Violência e droga. Eu acho que é um problema sério.

Como lido com isso? Eu lido... Primeiro com a questão da sobrevivência. Você precisa ter muito tato para mexer com a questão da violência. Eu falo para os meus alunos que eles têm que olhar para quem está falando com eles e saber se essa pessoa está do lado deles ou não. Por que eu falo isso? Eu falo isso porque acredito que, com o meu compromisso, eu possa amenizar a violência. Agora, a violência social, que se instalou dentro da escola... Por exemplo, me lembro de ter sido, meio que ironicamente, ameaçado por um aluno. Então, a violência na escola é muito grande. Vejo muitos professores que, às vezes, saem chorando por tamanho desrespeito. Posso falar que tenho uma característica, não sei se é boa ou ruim, sou bem tolerante. Respiro fundo... E, às vezes, procuro fazer um “tête-à-tête”, uma abordagem individual com a pessoa. Eu me lembro de um episódio, no ano passado... Eu cheguei na escola e não sabia de nada... Cheguei para a reunião de HTPC, aí me falaram que um rapazinho tinha sido assassinado, na noite anterior, do lado de fora da escola, na frente... E, na escola, ninguém falava nisso. Estava todo um trabalho correndo normalmente e eu fiquei transtornado emocionalmente. Eu falei: “Não pode ser que a gente vai para a escola... para a sala de aula e não está acontecendo nada!”. Eu me lembro que peguei um monte de revista Veja, levei para as salas da noite em que eu estava entrando. E nós discutimos várias coisas. Mas noto, até por parte dos alunos, um receio de falar de determinadas coisas. Então, rola droga? Rola droga! Recentemente, a polícia foi lá e levou uns quatro alunos. Quer dizer, uma atitude que é,

do ponto de vista educacional, difícil. Absolutamente difícil. Agora, que a violência incomoda, pô! A violência incomoda. Eu vi, por exemplo, professor saindo e eu tendo que acompanhá-lo; ele estava péssimo porque o aluno tinha falado... “Eu vou matar você!”. Isso, eu ouvi bastante. Hoje mesmo aconteceu um episódio, que eu ainda estou descobrindo se foi ou não... O pneu do meu carro apareceu murcho. E eu acho... Joguei futebol e o meu time foi campeão. Então, não sei... A sala de que eu sou coordenador foi campeã.

Coordenador? É. Cada sala tem um professor coordenador. Ele cuida especificamente dos problemas daquela sala. E das coisas boas também. A sala tem problema de indisciplina, rendimento da sala como um todo. E eu vou representar aquela sala para a escola, entendeu? Também tem o aluno representante. Então... Eu estou suspeitando que algum aluno foi lá e murchou o pneu. Mas, não estou... Eu não sei se murchou ou se furou mesmo. Mas, normalmente, me relaciono bem com os alunos. Agora... Não é simplesmente essa coisa de dar tapinha nas costas. A gente tem uma relação sincera. Gosto de falar o que sinto de uma maneira tranqüila. Por exemplo, já aconteceu de aluno abrir um pacotão de maconha na minha aula e ficar oferecendo e eu... dei um toquinho do lado dele, para não chamar a atenção. Porque ele queria medir força comigo. Entendeu? Se eu falasse alto: “Ô, fecha isso aí, qual que é? Vamos para a direção!”. Mas, voltei para casa com um certo medo, porque eu tive que puxar o aluno para fora da sala de aula e tomar umas atitudes. Agora, é assim... Você vai tentando negociar uma sobrevivência lá dentro que também lhe permita exercer o seu papel de educador. Não é muito simples, não. Tem muito caso. Caso é o que não falta.

Algo mais sobre greves? A primeira lembrança que eu tenho das greves foi quando estava no primário. Por volta de 1979... Agora, não me lembro muito bem de quanto tempo durou. A greve de que eu me lembro de uma maneira muito forte, eu já citei... Aconteceu no 2º grau, antigo colegial. Essa greve durou bastante... Eu me lembro que alguns alunos, meus amigos... Nós fomos para a praça da República para fazer manifestação. E lá encontramos professores do ensino fundamental, inclusive. E sabe o que eu lembro? Eu me lembro que alguns professores tinham uma reação tipo assim: “O que você está fazendo aqui?”, sabe? É engraçado. Alguns... Então, eu me lembro bem, lá na Praça da República, um monte de gente. Acho que foi a primeira manifestação pública de que participei. Como aluno... Até como pessoa. Eu não me

lembro, na época, de ter participado, antes, de um movimento, de alguma causa. E eu me lembro que, naquela época, se falava tão mal do salário do professor. E como reflexo disso, não parava professor de certas disciplinas, principalmente, no período noturno. Eu fiz o colegial por volta de 1986, 87. Foram três anos.

Motivações... É interessante isso... Então, falando sobre as motivações, o que, de repente, me levava, já naquela época, porque novo assim... já tinha uma causa, não sei o que era. Estou me lembrando que eu participava de grupo de jovens, tinha alguns trabalhos comunitários. Então acho que... e também pela vivência... porque os meus pais são pessoas simples, pessoas do bem, mas nunca estiveram envolvidas em manifestos... Mas, a família da minha mulher, por exemplo, quando eu comecei a namorá-la... O contato com uma família mais progressista, com histórico, inclusive, de pessoas presas no período militar. Então acho que vem daí. Também tem a descoberta da música popular brasileira, para mim, também, através do meu irmão mais velho e... Muitas músicas associadas a essa coisa da atividade política e crítica. Acho que essas motivações... Participação, por exemplo no Centro Cívico escolar, na época do ginásio, ainda. Depois, passa para... Eu não lembro se era Grêmio Estudantil. Então tem essas participações. Em trabalhos comunitários, teatro. Acho que o meu irmão mais velho me influenciou bastante. Acho que vêm daí as motivações...

[Voltar sumário](#)

CAPÍTULO 5

TENDÊNCIAS

Vivemos em meio a redes de significação. É a interpretação, o sentido que atribuímos aos fatos, que os faz existir como tais. O que haverá de mais subjetivo e ao mesmo tempo mais culturalmente determinado, que a significação? (AUGRASS, 1997, p. 36)

Como historiadores orais, poderíamos analisar os silêncios, as hesitações, os lapsos, as emoções; enfim, várias seriam as possibilidades. Mas, neste trabalho, nos utilizaremos, essencialmente, do discurso dos entrevistados, apresentado sob a forma de textualização, para promover uma discussão a respeito da identidade cultural do professor de Matemática.

Portanto, neste capítulo, tomando como referencial as textualizações (apresentadas no capítulo anterior) e a teoria histórica proposta prioritariamente por Ariès (1990), e, em consequência, por todos os historiadores da Escola de *Annales*, forneceremos uma história baseada em depoimentos.

Tendências, segundo ARIÈS (1990)

Levando em consideração o tema da pesquisa, damos o nome de “tendência”¹ à variação, no tempo, de um fenômeno histórico – observado nos discursos e nas práticas – comum à maioria dos sujeitos da pesquisa e relevante para a Educação Matemática.

Em Ariès (1990), o autor nos mostra consequências da utilização da abordagem histórica que privilegia a mudança e a diferença:

- 1.) Ou a existência de um único sentido da história, um determinismo linear que se impõe como uma lei natural (o marxismo, o progresso...)
- 2.) Ou, então, vários sentidos sucessivos, um por cultura e por período, cada um deles com uma direção própria, sem que a passagem de uns para outros seja determinada por um modelo nem seja, de resto, explicável por uma teoria. (ARIÈS, 1990, p. 28)

¹ Michela Tuchapesk, em sua dissertação de mestrado, também trabalha com “tendências”, segundo Ariès (1990). Já em Baraldi (2003), a autora trabalha com tendências, mas fundamentada de outra forma. Ambas fazem parte do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática.

O primeiro item nos leva à *tendência de conservação*, ou seja, alguns acontecimentos tendem a se manter, mesmo variando a forma da sua apresentação. Afirmar, então, que a sociedade, na nossa pesquisa, é uma tendência de conservação significa que, na maioria dos discursos coletados de 1950 a 2000, a sociedade fez parte do processo de identificação com o magistério (via Matemática) e, apesar de ter sofrido variação no período, essa identificação permaneceu da mesma forma.

O segundo item nos leva à *tendência de mudança*, ou seja, alguns acontecimentos variam a forma da sua apresentação e denotam alguma mudança. Por exemplo, afirmar que a fragmentação do sujeito professor de Matemática, na nossa pesquisa, é uma tendência de mudança, significa que na maioria dos discursos coletados de 1950 a 2000, a fragmentação fez parte do processo de identificação do magistério (via Matemática) e, apesar de ter sofrido variação, essa identificação mudou, porém continua existindo de alguma outra forma. Ou seja, a fragmentação do sujeito professor de Matemática alterou a identificação do professor, no período considerado, mas não deixou de fazer parte do processo de identificação dos entrevistados com o magistério.

A abordagem histórica, proposta por Ariès (1990), está em consonância com o nosso trabalho e com a atualidade quando, segundo ROLNIK (2000), a subjetividade começa por ser apreendida como um sistema complexo e distante do equilíbrio pretendido pelo sujeito, sofrendo constantes bifurcações.

Como a subjetividade, atualmente, não é tida como fixa, estabelecida na infância e desenvolvida ao longo da vida, mas é constantemente desestabilizada por forças externas ao sujeito, não faz sentido um modelo identitário que busca o equilíbrio e despreza as singularidades. Assim,

Trata-se de apreender a subjetividade em sua dupla face: por um lado, a sedimentação estrutural e, por outro, a agitação caótica propulsora de devires, através dos quais outros e estranhos eus se perfilam, com outros contornos, outras linguagens, outras estruturas, outros territórios. (ROLNIK, p. 67, 2000)

Rauter (2000), ao discutir o retorno nietzschiano, reforça essa idéia:

Embora possamos vivenciar a repetição do mesmo em diversos momentos, esta postura ética [relacionada com a repetição] implica em ver, na repetição aparente do mesmo, o plano da diferença. O mesmo tomado como máscara, o igual como produzido pela diferença. Isto

implica a crítica da submissão da repetição ao modelo da representação, ao negativo e à identidade. Mas, não haveria possibilidade para os humanos de viver apenas o novo, o diferente – assim como seria impossível deixar de fazer história. (RAUTER, p. 31-2, 2000)

Ou seja, Ariès (1990), Rolnik (2000), Rauter (2000) e Hall (2000, 2002) são sensíveis a um movimento que envolve mudança e conservação.

Descentramentos e tendências selecionadas

O sujeito professor de Matemática, possivelmente, sofreu, enquanto “pessoa humana”, influência dos descentramentos propostos por Hall (2002), descritos no Capítulo 2. Mas, especificamente no ambiente escolar, os descentramentos foram provenientes de alterações na sociedade, reformas educacionais, imposições não-formalizadas (incentivo indireto à aprovação, por exemplo), proliferação de faculdades responsáveis pela formação de futuros professores, queda de salário.

No que diz respeito especificamente aos descentramentos relacionados às reformas educacionais, têm destaque as modificações que envolveram a massificação do ensino e, nesse caso, o término do admissão², em 1971, se constituiria em um descentramento.

Entretanto, a percepção de cada entrevistado dependeu de suas peculiaridades e do tempo de permanência no magistério. Por exemplo, os professores da década de 1950 lamentam mais do que os outros entrevistados, o término do admissão, pois eles participaram por mais tempo do processo que envolvia esse tipo de seleção. Um exemplo relacionado ao salário: a professora Regina, que estava em sala de aula desde 1968, afirma que, por volta de 1977, o salário do professor de Matemática já estava ruim, enquanto a professora Maria Sílvia, no magistério desde 1978, afirmou que o salário ainda era bom naquela época. Mas, tomando como referencial os depoimentos relacionados à permanência na escola enquanto professor — e, no caso de uma entrevistada fazendo, inclusive, menção ao tempo de escola — podemos fazer algumas relações.

² Em Souza (1998) (cuja autora é membro do grupo de pesquisa História Oral e Educação Matemática), Baraldi (2003) e Mori (1995) também podem ser encontrados relatos de professores a respeito da extinção do admissão.

De qualquer forma, com base nas textualizações, encontramos, segundo a nossa perspectiva, quatro tendências³: Sociedade, Prática x Teoria, Fragmentação do sujeito professor e Identidade magistério, que serão especificadas a seguir.

Sociedade

A maioria dos entrevistados manifestou algum tipo de expectativa de reconhecimento com relação à sociedade (ex-alunos, alunos, pessoas de uma forma geral). Assim, essa é uma tendência de conservação. Ou seja, apesar de a sociedade ter mudado a forma de ver o professor, os entrevistados ainda esperam (ou esperavam) algum tipo de reconhecimento; a identificação permanece.

Quando “*ser professor dava status*” (Améris e Clodoaldo), o retorno era quase automático; o professor tinha tratamento diferenciado, era, inclusive, *convidado para participar de eventos* (Clara).

Falar que era professor *soava bem* (Améris). O professor era *valorizado* (Clodoaldo), *respeitado* (Maria Sílvia), *um exemplo a ser seguido* (Regina); *tinha credibilidade, ganhava bem e era bem visto pela sociedade* (Regina). E, por ser respeitado pela sociedade, os pais não permitiam que os filhos cometessem *alguma “malcriadeza”* com os professores (Sérgio).

Os alunos, por sua vez, davam resposta *imediata* (Améris) ao ingressarem, muitas vezes sem cursinho, em universidades bem conceituadas; mesmo os que estudavam à noite correspondiam às expectativas de seus professores (Clara).

Alunos particulares também tiveram espaço nas falas dos entrevistados; alguns tornaram-se médicos (Améris e Sérgio), outros, juizes, promotores, advogados (Sérgio).

Enfim, o contato com ex-alunos é *gratificante* (Clodoaldo); a reação deles quando encontram ex-professores parece demonstrar que ainda existe algum respeito (Maria Sílvia).

Depois, quando ser professor já não dava o mesmo “status”, alguns entrevistados ainda encontraram certa forma de reconhecimento na fala ou manifestação de algum aluno. A professora Maria Lígia, por exemplo, sentiu-se

³ Em Mori (1995) podem ser encontradas menções à influência de ex-professores, a não-identificação com o magistério via curso Normal, alterações na conduta do professor com relação à disciplina e o quanto importante é para os professores o reconhecimento de ex-alunos.

recompensada pela reação dos alunos ao preferirem a Matemática, ao invés da Educação Física, depois que ela trabalhou com o computador em sala de aula. Uma outra situação, também descrita pela mesma professora, envolveu a divisão de uma classe; uma aluna, mesmo sendo separada da amiga, se conformou com a situação porque tinha ficado na classe sob responsabilidade da professora Maria Lígia – *"As minhas amigas estão todas no 31, mas, aqui, eu tenho a dona Lígia, ela vale por todas as minhas amigas juntas"*. Para essa professora, *não precisava nem aumento*, devido à felicidade que sentiu ao ouvir essa declaração da aluna.

Não poder cumprir o currículo, como antes, devido às imposições do governo, inviabilizando um possível ingresso em universidades, levou o professor Sérgio à tristeza; este mesmo professor chega a dar aula de graça para poder *olhar para um aluno e falar: "Lhe dei chance!"* – uma busca por um retorno através da realização de seus alunos.

Perceber uma aparência melhor no seu aluno também se constituiu num retorno para a professora Maria Sílvia. Se o aluno, depois de passar um ano na escola, pelo menos melhorasse a aparência, a professora já se sentia recompensada, *mesmo que não tivesse aprendido muito, só a mudança de aspecto dele tinha valido a pena* (Maria Sílvia)

O incômodo causado pelo menosprezo da sociedade, devido aos salários baixos (Carlos e Regina), também parece se constituir em uma busca por valorização, que não é, necessariamente, financeira.

O salário pode ser baixo, as condições precárias, mas se, pelo menos, um aluno manifestar algum tipo de reconhecimento, ou obtiver sucesso profissional, nossos entrevistados já se sentem valorizados.

Prática x Teoria

A tendência Prática x Teoria é de conservação, pois os entrevistados, de uma forma geral, não se identificaram com o magistério através da universidade (teoria), mas através de situações práticas, como, por exemplo, aulas particulares, grupos de pesquisa (ou de estudo) e cotidiano escolar. A maioria dos entrevistados, inclusive, se percebeu professor de Matemática mesmo sem ter terminado a Licenciatura.

Alguns se perceberam professores em situações peculiares, como foi o caso do professor Sérgio e da professora Maria Lígia, que se sentiam preparados para dar aulas de Matemática desde o curso científico. O professor Clodoaldo se sentiu professor de Matemática, *principalmente, depois de formado*, quando foi *para o ginásio vocacional de Americana*. A professora Maria Sílvia se percebeu professora na faculdade, em *uma aula expositiva, em Prática de Ensino*. O professor Sidnei optou pela licenciatura, no segundo ano, depois de ter dado aula como substituto. O professor Carlos sentiu-se professor quando passou a fazer parte de um grupo de pesquisa, enquanto aluno da universidade; quando percebeu *que era mais, era diferente, não era simplesmente ficar na faculdade, assistindo às aulas até se formar, para depois ser um profissional*.

Apesar da não-identificação, os entrevistados não menosprezaram o curso de Licenciatura em Matemática, apenas alegaram que, apesar do tipo de conteúdo trabalhado e a maneira como foi desenvolvido, o curso não era suficiente para o dia-a-dia na escola. A maioria dos entrevistados, inclusive, associou a universidade à capacidade de discernimento, aquisição de conteúdo.

A professora Clara acha que *o que se aprende na universidade não é passado no ensino fundamental*; o professor *apenas adquire mais segurança para saber do que estava falando*. Mas ela acredita que o professor tenha que saber mais do que ensina.

Já a professora Améris afirmou que teve *que estudar bastante para poder dar boas aulas*, pois o que ela aprendeu na universidade *era bem mais elevado do que o que ela tinha que dar*. Ela acha que *acaba adquirindo a capacidade de entender novas leituras*.

O professor Clodoaldo, então, relaciona o curso universitário à aquisição de conteúdo; a parte pedagógica ele acredita ter desenvolvido no vocacional.

Um comentário específico com relação às disciplinas foi feito pelo professor Sérgio: *a licenciatura tinha que ter outro enfoque*. Ele acredita que muitas das disciplinas que ele teve foram *desnecessárias* para a prática em sala de aula. Para ele, de que adianta aprender conceitos relacionados, por exemplo, com o R^n , e não saber Geometria Euclidiana; *a maioria dos professores sai da faculdade com dificuldade em Geometria* (Sérgio).

A professora Maria Lígia afirmou que, para ensinar, acabou se espelhando em seus ex-professores pois, na universidade, não aprendeu uma maneira de ensinar.

Mas o discurso dos três últimos entrevistados muda; apesar de acharem que podiam ter sofrido menos (Sidnei e Carlos) e que, no currículo, a prática estava muito longe (Carlos), mencionam a aquisição de conhecimento, conteúdo, como sendo positiva. Essa importância dada ao conteúdo teve como referencial as formações provenientes de outras universidades e que podem ser comparadas no dia-a-dia da escola.

Patrícia completou a formação Matemática enquanto aluna do bacharelado e não fez menção às disciplinas matemáticas; fez comentários somente com relação às disciplinas pedagógicas; apesar de terem sido importantes, eram mais teóricas e não levavam à compreensão do que *estava acontecendo na sala de aula* com exceção da matéria Prática de Ensino.

Essa diferença no discurso pode ser associada às mudanças ocorridas no ensino. A universidade, desde a sua implantação, parece não ter passado por mudanças curriculares drásticas, mas os outros níveis de ensino (principalmente o público), ao longo dos anos, passaram por muitas reformas, levando a uma diminuição radical nos conteúdos. Além disso, houve uma proliferação de faculdades que, nem sempre, primaram pelo conteúdo. Assim, os alunos passam a valorizar a aquisição de conhecimento adquirido em universidade pública, tomando como referencial colegas que não tiveram essa mesma chance.

É interessante notar que nem nas disciplinas pedagógicas os entrevistados se identificam como professores de Matemática – com exceção daqueles que tiveram Prática de Ensino diferenciada.

Como já mencionamos, o professor Clodoaldo desenvolveu a parte pedagógica no vocacional. A professora Regina afirmou que estudou a parte pedagógica depois de formada, visando a um concurso *porque, na faculdade, essa parte era dada meio no chute, não era muito exigida, mas para o concurso você tinha que saber*. A professora Lígia, para dar aula, se espelhou em ex-professores porque, na faculdade, apesar de ter psicologia, didática, *não aprendeu uma maneira de ensinar*. E a professora Patrícia, que tinha feito bacharelado antes da licenciatura, pensa *nessas disciplinas muito superficialmente; elas ficavam muito mais em questões estruturais da escola*.

Um outro “detalhe” se relaciona com a ênfase dada à pesquisa em Matemática, não ao ensino, em um curso de licenciatura. Não que professores não pesquisem, mas

parece que, desde o início, a licenciatura estava direcionada para formar pesquisadores que tivessem interesse em seguir a carreira acadêmica e não dar aulas no que equivaleria hoje ao ensino fundamental e médio.

O professor Clodoaldo menciona, inclusive, que percebia *um certo preconceito contra quem ia dar aula no ginásio ou no colegial*. A professora Maria Sílvia mencionou não sentir *uma preocupação do professor da universidade do tipo: “Estou formando professores para escola de ensino fundamental ou ensino médio”; a preocupação era de passar aquele conteúdo*. Já a professora Patrícia afirmou que seus professores nunca *falaram sobre a licenciatura com ela; sempre com a influência para o bacharelado*.

Numa tentativa de melhoria, a maioria dos entrevistados sugere uma maior aproximação com a sala de aula (prática) aliando, assim, teoria (universidade) e prática.

O professor Clodoaldo acha que *deveria haver um plano de carreira para o Ensino Fundamental e Médio, pois o professor começa e acaba sempre no mesmo estágio: dando aula*. Ele sugere, então, um plano de carreira onde fosse incluída a possibilidade de o professor continuar estudando e que as funções fossem sendo alteradas *à medida que fosse evoluindo; ter objetivos a curto prazo para motivar*. Mas, *continuando com a aula, pois isso também é importante*.

A professora Regina diz que *só a formação acadêmica não é o bastante*. Ela acha que o professor *tinha que ter condições de experimentar, porque só com a experiência se pode adquirir essa profissionalização. Tem que ter o diploma para poder exercer, mas não é o bastante, tem que ter experiência*.

A professora Maria Lígia afirma que a faculdade que ela fez não a preparou para a realidade atual do ensino; então, sugere que o futuro professor inicie logo a prática (dar aula) para perceber se realmente é isso que ele quer fazer.

Já a professora Maria Sílvia acha que *o professor teria que sair da universidade mais preparado para enfrentar uma sala de aula*, pois ele sai da universidade e só vai *aprender quando aparecerem os problemas*. A professora sugere, então, *um contato maior com a escola*.

O professor Sidnei pensa que a universidade possibilita que o professor entre na sala de aula, dá o título; mas ele *vai ser um profissional da educação a partir do momento que começar a viver aquilo, sentir aquilo*.

Para a professora Patrícia, o professor teria que estar na escola; *em uma escola, ou no máximo duas* para que, assim, ele *estivesse realmente de corpo e alma naquilo*, discutindo questões que envolvem o cotidiano escolar como, por exemplo, a burocracia; *que ela fosse conversada, discutida e aceita*.

O professor Carlos sugere o engajamento de futuros professores em grupos de pesquisa, enquanto estiveram na universidade. Assim, os futuros professores poderão *descobrir mais sobre as coisas que vão enfrentar e poder compartilhar com os outros, nunca sozinhos*. Segundo o professor, *o olhar e o contato com a sala de aula têm que ser logo no início, porque isso ajuda demais na profissionalização*.

Fragmentação do sujeito professor

Como já mencionamos, o sujeito professor de Matemática sofreu descentramentos de diversas ordens. Assim, muitos aspectos que, antes, eram relacionados com a identidade do professor de Matemática se fragmentaram: as exigências para ser professor, salário, a autoridade, conteúdo, questões sociais, a inversão do público para o privado. Então, tendo em vista que alguns acontecimentos variaram a forma da sua apresentação e apresentaram alguma mudança, fragmentação do sujeito professor é uma tendência de mudança.

Devido à complexidade dessa tendência, dividiremos o texto nos seguintes sub-ítem: Exigência para ser professor, Salário, Conteúdo – social, Público x Particular.

Exigência para ser professor

Entre as décadas de 1950 e 1960, apesar das poucas universidades, já existiam professores especialistas, formados em licenciatura em Matemática. Mas, *como a demanda era muito grande, no interior, ainda aparecia muita gente de outra profissão para dar aula* (Clara). Assim, podíamos encontrar engenheiro ou alguém da área de neolatinas dando aula de Matemática (Clara), ou ainda, pessoas com o curso normal (Maria Lígia). Na falta de professor, pessoas de outras áreas se aventuravam a dar aulas, como o caso mencionado pela professora Regina que teve aula de Matemática, no científico, com um dentista. Além disso, os professores concursados não eram necessariamente especialistas; *naquela época podia prestar concurso sem ter faculdade*. E, segundo a mesma professora (Améris), havia uma outra exigência para

dar aulas em escolas públicas: ter vinte e um anos, motivo pelo qual, essa professora, aos dezenove anos, iniciou sua carreira numa escola particular. Nessa escola, *bastava gostar da matéria e saber dar aula*. E ela *gostava muito, tinha uma boa dinâmica e, como já tinha feito o científico, conhecia a matéria*.

Depois, surgiu o CADES, uma autorização obtida junto ao governo, através da USP, depois de prestar uma prova. Os professores escolhiam o nível de ensino em que pretendiam dar aula (ginásio ou científico) e, depois de um mês de aula, faziam uma prova *difícilima* (Améris).

Com o tempo, aumentaram as instituições de ensino superior e, assim, em cidades próximas a grandes centros, não houve necessidade de pessoas sem universidade ou de outras áreas assumirem as aulas de Matemática.

Salário

Quando a professora Clara começou a dar aula, em 1956, *como efetiva do estado, dando doze aulas semanais, o salário dava para viver de uma maneira razoável*. Mas, segundo a professora, *se pensarmos em questão de cultura, compra de livros*, o salário nunca foi suficiente. Trabalhava-se bastante e nesse sentido, o retorno era pequeno.

Quando exercia o magistério com o certificado do CADES, a professora Améris permanecia a segunda-feira em Cordeirópolis, *terça-feira de madrugada*, ela *tomava o trem e ia para Dourado e ficava lá até sexta de manhã*, depois, *voltava para Rio Claro e dava mais duas aulas na sexta-feira, à noite*. E, segundo a professora, *todo esse deslocamento, o salário, na época, cobria e ainda sobrava dinheiro*. Essa mesma professora menciona a fala de um professor que tinha dado aula muito tempo no estado – Vitorino Machado - *ele dizia que o salário de professor era equivalente ao salário de um juiz, e que ele, quando começou, ganhava mais que um juiz*⁴. Mas, apesar de não ganhar como uma juíza, a professora Améris afirma que *o salário, comparado com o salário do Banco do Brasil, era maior*. Ela, inclusive, conseguiu construir a sua casa com o salário dela e do marido (que era funcionário do Banco do Brasil). Esse mesmo

⁴ Baraldi (2003) fez uma pesquisa que comprova essa afirmação, embora existam contestações de uma melhor contextualização, tanto em termos de carreira, quanto poder aquisitivo, da época.

salário levou a professora Améris, em 1974 (ou 1975), a desistir de trabalhar na UNESP que, na época, ainda não tinha uma situação estável.

O professor Clodoaldo, que iniciou no magistério em 1964, afirma que, naquela época, em relação à situação atual, o salário era melhor. Ele relaciona a queda salarial *à massificação do ensino, à criação dos cursos superiores de fim-de-semana e à aprovação em massa para alimentar estatísticas dos governos.*

Em 1968, com oito aulas no Estado, a professora Regina conseguia pagar as *despesas da república, alimentação, aluguel, luz*; outros gastos, o pai ainda tinha que ajudar. Mas, em 1969, com 24 aulas, ela não precisou *mais da ajuda do pai*. E, no início da década de 1970, *depois de formada*, quando retornou *ao ensino fundamental*, trabalhando com o maior número possível de aulas, a professora conseguiu, inclusive, comprar uma casa; *deu entrada e o restante foi financiado pelo sistema do BNH.*

Mas, no final da década de 1970, a situação já não era a mesma, levando a professora Regina a ingressar no curso de engenharia civil: *o salário decaindo e a sociedade mudando com relação ao professor* (Regina).

O professor Sérgio, que iniciou no magistério em 1971, afirma que o salário, na época, *não era demais*, mas era bom, pois ele conheceu uma pessoa *que deixou de ser funcionário de um Banco do governo (...) para ser professor.*

A professora Maria Lígia menciona que comprou uma casa em 1975 (1976). O salário dela mantinha a casa; o marido, que tinha um salário privilegiado, *nem precisava mexer no dinheiro dele.*

Em 1980, a professora Maria Sílvia, tomando como referencial o que recebe atualmente, ainda faz menção a um salário alto. Segundo ela, *dava para comprar mais coisa: Sabe quando você recebe o primeiro salário e parece que é um mundo de dinheiro? Então, realmente, dava para você comprar alguma coisa, se sentir aliviado* (Maria Sílvia). Essa professora ingressou em Mauá, gastava dinheiro com aluguel, alimentação, transporte, *o salário não era assim tão irrisório*; ela conseguia se manter *só com o dinheiro das aulas.*

Mas, foi na década de 1980 que, segundo a maioria dos entrevistados, a queda do salário foi grande. A professora Maria Lígia, devido a questões pessoais e ao valor irrisório do salário, acabou pedindo exoneração, inclusive, justamente na *época do Maluf.*

Segundo o professor Sérgio e o professor Clodoaldo, o salário ia aumentando, mas a jornada de trabalho também; aumentava também o número de alunos por classe. O professor Clodoaldo menciona que, nessa época, chegou a dar 44 aulas com salas superlotadas e salário baixo.

Nessa década, segundo a professora Patrícia, *começaram a surgir histórias de que a escola particular era melhor que a escola pública. Melhor por n coisas, porque os professores eram mais bem pagos, estavam mais felizes por estarem lá.*

O professor Sidnei, que iniciou em 1988, já sabia que o salário de professor não era suficiente, pois tinha o exemplo da mãe, que era professora. O dinheiro que ele recebia, como substituto, *era um dinheiro que ajudava no combustível do carro, fim de semana.* Depois de formado, a situação não era tão ruim porque ele tinha maior número de aulas no Centro Paula Souza que, na época pagava como escola particular. Mas, com o tempo e as mudanças ocorridas na política salarial do Centro Paula Souza, o professor Sidnei chegou a ficar *47 horas dentro de sala de aula.*

A professora Patrícia, que já sabia que o salário de professor não era suficiente, ficou *assustada com o primeiro pagamento.* O salário deu para comprar só uma blusa de presente para a sua mãe.

O professor Carlos também *sabia que professor, no sentido econômico, não ganhava bem. Sabia que teria dificuldades.*

Como mencionamos na primeira tendência, até uma certa época, ser professor dava “status”; o professor era *valorizado, respeitado, um exemplo a ser seguido.* E tudo leva a crer que tudo isso desmoronou na mesma época em que o salário começou a cair.

Segundo o professor Clodoaldo, *depois da metade da década de 1980, o próprio professor começou a se desvalorizar e a sociedade acompanhou o movimento.*

Na época, antes de pedir exoneração, a professora Maria Lígia conta que as pessoas queriam saber a profissão do marido dela; *se ele fosse professor também, então a gente seria um casal muito mixo. Agora, se ele não fosse professor, então, daí, eu podia ser alguém.* (Lígia)

A professora Patrícia (década de 1990) afirma que *para a sociedade, ela não era nada.* Quando ela encontrava com ex-colegas da escola, eles reagiam mal quando

comentava que estava dando aulas no estado, pois, como ela tinha sido boa aluna, esperavam que *ela fosse médica, por exemplo*. Essa professora, indo ao encontro de uma opinião do professor Clodoaldo, também afirma que *a própria comunidade do professor já estava lá embaixo, se menosprezando o tempo inteiro*.

Contudo, segundo, os professores Sidnei e Carlos, essa reação ruim ao falarem que eram professores do Estado era amenizada quando mencionavam que eram professores de Matemática; *a pessoa até recua, estala olho e fica assim: “Nossa! Matemática!”* (Sidnei); *“Professor de quê?”... “Professor de Matemática.”. A pessoa já olha com um pouco mais de respeito, não sei... Não me pergunte por quê* (Carlos).

Conteúdo – social

O discurso dos professores, tanto os que deram aula nas décadas de 1950 e 1960, quanto aqueles que estavam na escola nesse período, enquanto alunos, nos leva a conjecturar que, à medida que o conteúdo foi deixando de ter importância primordial, começou a surgir uma preocupação com relação às questões sociais.

As professoras Clara e Améris, que exerceram o magistério na época em que o conteúdo tinha importância primordial, já tinham preocupações com a reação dos alunos. A professora Clara, além da Matemática, às vezes dava *uma lição de moral, uma lição de esperança, uma lição de confiança*; às vezes, ela percebia que algum aluno *estava com problema e queria dar uma força para ele, dar uma encaminhada para levantar a moral dele*. Já a professora Améris procurava chamar, em separado, alunos que aparentavam estar com algum problema; *você tem que estar falando com os jovens, não é só a matéria da gente* (Améris).

O professor Clodoaldo afirma que, em 1964, num curso noturno, apesar do nível de conhecimento dos alunos ser mais baixo, a matéria que ele deu, hoje, demoraria quatro anos para ser cumprida.

Com a professora Maria Sílvia podemos perceber mudanças quando ela afirma que, em 1978, se o aluno *não tivesse aprendido muito, só a mudança de aspecto dele tinha valido a pena*. E, com o professor Sidnei, tais mudanças estavam mais evidentes; ele comentou que, ao ser chamado para dar a sua primeira aula, *a preocupação da escola naquele dia não era nem com o conteúdo porque o chamaram para dar aula de Ciências*. O mesmo professor menciona outra situação ocorrida na escola em que ele

dá aula atualmente: hoje, *o jovem está complicado e o professor é o único que fala não para ele, tenta colocar alguma regra*. Ele percebe, ainda, que, o conteúdo está *muito longe* dos alunos; *eles estão precisando de outras coisas*.

Parece que a entrada das questões sociais – em detrimento do rigor e do conteúdo apresentado – está imbricada com a disciplina, que envolve a autoridade do professor.

A professora Clara menciona que, na década de 1950, *quando o professor entrava, os alunos ficavam de pé, esperavam cumprimentar e mandar sentar*. E, pelo menos na aula dela, *nunca houve problema de disciplina*. Ela foi *sentir problema de disciplina no fim da carreira*, em 1982; *os alunos já estavam começando a enfrentar tudo e todos, começando a ser violentos*(Clara). E, como já mencionamos anteriormente, foi nessa mesma época que o salário começou a cair e a sociedade deixou de enaltecer o professor.

Os entrevistados (Carlos e Patrícia) que começaram a dar aulas em períodos posteriores à década de 1980, também mencionam dificuldades com disciplina; *eram turmas muito difíceis, uma clientela com muita dificuldade, uns alunos até muito rebeldes...Tive que enfrentar grandes problemas de indisciplina* (Carlos); *os alunos eram completamente desestruturados, com problemas sérios de violência na família, drogas. Eu tive alunos que utilizavam crack... Maconha era o mínimo. Dormiam na sala de aula... Vinham muito mais pelo social*. (Patrícia)

A professora Maria Lígia nos fornece um contraste; ela menciona o rigor dos professores da sua época de estudante, quando ela *tinha que estudar "muuuito" para passar de ano*. Hoje, ela percebe que o aluno não respeita nem professor, nem diretor, muito menos autoridades militares.

Atualmente, a disciplina é vista de outra forma; às vezes, o professor *faz de conta que não ouve, porque, se por qualquer coisa fizer um escândalo, piora* (Maria Sílvia); tenta *negociar uma sobrevivência dentro da escola que lhe permita exercer o seu papel de educador* (Carlos).

O professor Sidnei afirma que nunca teve *desentendimento com aluno*, mas procura *não entrar em situação de risco*. Na aula dele, apesar dos limites que ele coloca, há uma certa liberdade; *fica até meio complicada a questão de disciplina*

(Sidnei). O professor acha que, se não deixar os alunos, por exemplo, falarem do jeito a que estão acostumados, a aula *vai acabar ficando um lugar ruim para eles*.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas com a violência e as drogas na escola, a professora Patrícia afirma que essa experiência a fez perceber que *alguns alunos têm as suas limitações, não querem algumas coisas; que a escola hoje é outra coisa, mudou, e que o professor precisa mudar também; que a Matemática é um texto, uma ferramenta, que os professores têm para poder atingir, conversar com os alunos; que na escola acontecem muitas coisas e a Matemática não é a mais importante*. Segundo a professora, *a Matemática é um discurso* que lhe possibilita chegar ao aluno, mas ela não pode *fazer disso a sua meta principal*.

Esse movimento envolvendo a relação conteúdo-social também se relaciona com o sujeito professor de Matemática de uma outra forma. Nos discursos proferidos pelos entrevistados, percebemos que até a década de 1970 nossos entrevistados queriam ser professores, influenciados de maneira decisiva pela Matemática. Mas, a partir do depoimento do professor Sidnei, não há um consenso; a relação já não é direta.

A professora Améris afirma que, apesar de ter decidido depois do científico, desde pequena *achava que queria ser professora de Matemática*. O professor Clodoaldo, movido pelo prazer de dar aulas particulares, não teve dúvidas ao escolher licenciatura em Matemática; *queria ser professor de Matemática*. A professora Maria Lígia, desde o fundamental, já queria ser professora de Matemática. Tanto a professora Regina, quanto o professor Sérgio e professora Maria Sílvia, terminaram o científico, pretendendo ser professores de Matemática.

Já os professores Sidnei e Patrícia ingressaram no curso universitário movidos pela facilidade em Matemática, sem pensar em que, um dia, se tornariam professores.

O professor Sidnei, desde a 8ª série, pretendia ser engenheiro civil; *na Unesp, Matemática era a minha terceira opção; a primeira foi Engenharia Civil em Ilha Solteira e a segunda, Geologia, aqui em Rio Claro* (Sidnei). Como foi chamado devido à terceira opção e tinha facilidade em Matemática, iniciou o curso. Mas, só depois de ter dado aulas como substituto, enquanto universitário, resolveu ser professor.

A professora Patrícia pensou em Engenharia, Computação, mas acabou optando pela Matemática pela facilidade que tinha e por poder se manter próxima da família;

surgiu a Matemática, mas ser professor não era a coisa em que eu pensava. Não era, mesmo! (Patrícia)

Já o Carlos queria ser professor, mas essa escolha poderia estar relacionada a qualquer área, Biologia, História; ele chegou, inclusive, a prestar vestibular para Educação Física. Esse professor se considera *uma pessoa muito mais para humanas do que para exatas*; ele afirma que gosta de resolver exercícios, mas esse não é o seu maior prazer; *é a figura do professor que me sustenta. Ela está vinculada com as relações humanas. Então, quer dizer, Matemática é o que eu decidi fazer e... agora, a minha pergunta é: o que eu faço com essa Matemática nas relações humanas?* (Carlos)

Público x Particular

O depoimento da professora Améris exemplifica a importância da escola pública na década de 1950. Segundo essa professora, era muito difícil entrar em escolas públicas; para prestar o admissão *não adiantava fazer um mês de cursinho, tinha que fazer de fevereiro a dezembro, caso contrário não conseguiria passar*. Acredito que a questão do público era tão forte para a professora (e possivelmente para muitas pessoas da época) que, ao responder sobre o seu primeiro emprego, ela não hesitou: foi em uma escola pública, depois de fazer o Cades. Mas, em momento anterior da entrevista, a professora já tinha mencionando que tinha dado aula no ALEM (escola particular).

O professor Clodoaldo vivenciou a diferença que existia entre escolas públicas e particulares. No ginásio (atual fundamental), ele estudou num colégio de cônegos, pois era próximo da sua casa, mas, quando ingressou no científico, foi *reprovado, tal era a diferença de nível do ginásio e do colegial*.

A professora Regina, depois de afirmar que sempre estudou em escolas públicas, menciona que, na cidade onde ela morava, freqüentavam escolas particulares aqueles *que tinham sido expulsos da escola do Estado; faziam um ano lá, depois pleiteavam de novo outra vaga no Estado*. Na época, *se o aluno repetisse duas vezes consecutivas numa escola do Estado, era jubilado, expulso da escola compulsoriamente*.

Estudar em escolas públicas também foi uma peculiaridade do professor Sérgio. Segundo esse professor, *elas eram as melhores; ia para a particular quem não*

conseguia acompanhar a pública.(Sérgio). A professora Maria Lígia menciona, inclusive, que alguns alunos mudavam de cidade se percebiam que iam ser reprovados no 3º ano do científico; *sempre tinha uma escola que dava o diploma sem você freqüentar*(Maria Lígia).

Nas narrativas dos professores Clodoaldo e Patrícia, encontramos argumentos para conjecturar que a inversão do público para o particular aconteceu, também, na década de 1980. A professora Patrícia menciona, inclusive, que não se lembra se o ensino na escola pública era bom ou ruim, mas ela entrou *na fase da escola particular*. Quando ela estava na 6ª , 7ª séries começaram a surgir histórias de que a escola particular era melhor que a escola pública. Então, em 1986, ela foi para uma escola particular.

Os professores Sérgio e Sidnei mencionam uma das conseqüências dessa inversão: a dificuldade de acesso de alunos de escolas públicas a universidades bem conceituadas.

O professor Sérgio se sentiu *um infeliz* ao ver que seus alunos não conseguiam entrar numa faculdade. Então ele e outros professores montaram um projeto, numa tentativa de auxiliar seus alunos.

Segundo o professor Sidnei, de 1988 a 1995, ele ainda *encontrava alunos no colégio público que tinham esperança de fazer uma universidade*. Ele teve alunos que prestaram Matemática e ingressaram. Mas, nos dias atuais, *o aluno, infelizmente, não tem mais a base para prestar uma faculdade*; principalmente se for pública.

A escola pública está desacreditada, inclusive pelo professor. E o professor Carlos ilustra essa situação, ao perguntar, numa reunião na escola pública onde ele trabalha, se os professores tinham seus filhos em escolas públicas: nenhum tinha filho em escola pública.

Identidade Magistério

Essa tendência é caracterizada como sendo de conservação, pois envolve características encontradas na maioria das textualizações: são aquelas que o sujeito professor de Matemática ainda mantém. E, assim como a tendência fragmentação, será dividida em subitens, a saber: experiências com o ensino, prazer, autonomia, influência de ex-professores e professor x funcionário público

Experiências com o ensino

A maioria dos entrevistados teve experiências associadas, de alguma forma, com o ensino, muito antes de iniciarem a licenciatura.

Antes de ingressarem na universidade, alguns dos entrevistados, quando estavam cursando o atual ensino médio, tiveram experiências significativas com aulas particulares: Clara, Améris, Clodoaldo, Sérgio, Carlos. Já a professora Maria Lígia começou a dar aula particular quando estava na 7ª série, aos treze anos.

Os professores Clodoaldo (na época do científico) e Sidnei (na época do fundamental) se reuniam com seus colegas para estudar e eram eles que tiravam dúvidas relacionadas com Matemática.

O professor Carlos, desde a 7ª, 8ª série, *gostava muito de poder explicar qualquer coisa para as pessoas, com essa visão da explicação.*

Além disso, as professoras Clara, Améris, Regina, Maria Lígia e Patrícia, e os professores Clodoaldo, Sérgio e Sidnei iniciaram no magistério público, antes mesmo de concluir a licenciatura e desde o primeiro dia, já se sentiram professores - com exceção da professora Regina, que se sentiu profissional depois de formada.

Prazer

Nos seus discursos, todos os professores demonstraram prazer em estar, ou ter estado, em sala de aula.

A professora Clara afirmou que *gostava muito de trabalhar com adolescentes; era uma satisfação pessoal!* Se ela tivesse que escolher de novo, acha *que escolheria o magistério outra vez.*

Apesar da falta de retorno do governo, a professora Améris se sente *realizada* na sua profissão; *acho que fiz muito pelos alunos, fiz muito pelo Estado, mas a recompensa monetária foi desastrosa, isso que é duro!* (Améris)

Os professores Clodoaldo e Sérgio decidiram ser professores de Matemática, pelo prazer que eles sentiam ao ensinar.

A professora Regina pensa que cumpriu a sua *missão*. Sentiu-se realizada como professora e trabalhou *até o último dia como se fosse o primeiro*, com *muito empenho*.

Desde quando dava aula particular, a professora Maria Sílvia se sentia realizada ao conseguir passar para o outro alguma coisa que ela sabia.

O professor Sidnei repetiu várias vezes que não era pela parte financeira que ele estava em sala de aula, presumindo-se que foi o prazer em dar aula que o manteve ali.

A professora Patrícia afirmou que gosta muito da escola pública, tem *paixão*. E que, se sair, sentirá muito.

O professor Carlos, como já mencionamos, gosta de resolver exercícios, mas é sustentado pela figura do professor que está vinculada com as relações humanas; o seu maior prazer reside aí.

Autonomia

A autonomia, para os entrevistados, de uma forma geral, está relacionada com sala de aula. Então, o governo pode fazer os programas, criar mecanismos burocráticos – enfim, qualquer imposição – que, aos olhos dos nossos entrevistados, só terão alguma influência na autonomia, caso haja interferência direta no ambiente da sala de aula.

Para a professora Clara, autonomia era poder fazer a sua aula da maneira como queria. Então, apesar de o programa vir “*de cima*”, ela podia desenvolvê-lo da maneira que podia e *como os alunos acompanhavam*. Na opinião dela, os conselhos de classe interferiram na sua autonomia. Nos conselhos de classe, passaram a ser discutidas as reprovações e, assim, alguns alunos eram encaminhados para a recuperação. E a professora põe em dúvida essas interferências e a possibilidade de um aluno, que não aprendeu em um ano, aprender em uma semana. *Isso acho que mexeu com a nossa autonomia, não tínhamos mais como aferir o que o aluno tinha aprendido* (Clara).

A professora Améris, no início de sua carreira, *tinha um roteiro a seguir; era de acordo com o governo, o mínimo que você teria que dar*. Mas, se o professor quisesse *dar mais coisa, mudar a ordem*, podia. Ela afirma que nunca sentiu *nenhum tipo de repressão por parte do governo*. Foi no final de carreira (década de 1980), quando ela tinha que fazer papeletas para informar a situação dos alunos, que sentiu interferência na sua autonomia.

O professor Clodoaldo menciona algumas imposições do governo, afirma que *chegou uma época que era mais importante a burocracia do que a parte pedagógica*, mas não menciona se isso o incomodava ou, não.

Na época da ditadura, segundo a professora Regina, os professores tinham que cumprir 75% do programa que *tinha que ser seguido, considerando a seqüência imposta, independente de a escola ser pobre, rica, de periferia, de centro, não tinha diferença*. Em compensação, os professores tinham a liberdade de *utilizar a metodologia* que quisessem, *só havia controle de conteúdo*. Foi depois que acabou a ditadura, que foi dada essa abertura de poder fazer um planejamento de acordo com a situação sócio-econômica, com a localização da escola, com os interesses, de acordo com tudo. Entretanto, os professores não conseguiam usufruir, de imediato, dessa liberdade, pois nunca tinham feito tal coisa; *mas, com o tempo, fomos nos adaptando* (Regina). A professora menciona, ainda, que *tirando especificamente o programa, havia um certo controle com relação à aprovação; era sugerido sutilmente que se promovesse o máximo possível*.

A professora Maria Lígia acha que a autonomia do professor vai depender da direção e do professor. Porém, o que mais a incomoda, atualmente, é a *indisciplina geral na escola*.

Os professores Maria Sílvia , Sidnei, Patrícia e Carlos são unânimes com relação à autonomia dos professores nas escolas em que trabalham.

A professora Maria Sílvia acha que *o magistério ainda é uma das profissões em que se pode ter autonomia; nem a burocracia afeta o meu dia-a-dia na sala de aula*. Já a professora Patrícia afirma que o que falta na escola pública é dinheiro; se ela dissesse que teve *algum limite para trabalhar dentro de sala de aula*, estaria mentindo. O professor Carlos afirma que o professor da Rede pública de ensino *tem uma margem de autonomia*; ele particularmente faz *um trabalho até certo ponto estimulado pela autonomia*.

Influência de ex-professores

A maioria dos entrevistados mencionou algum tipo de influência de ex-professores. Mas a professora Maria Sílvia , apesar de também ter sofrido influência de

uma ex-professora, foi a única a ter influências da família, que, aliás, parecem ter sido as maiores.

Desde pequena, a professora Maria Sílvia ajudava a família a conduzir um negócio que envolvia cálculos mentais (fazer troco). O pai fazia cálculo mental *com perfeição* e a professora acha que isso *marcou bastante*. Além disso, o irmão mais velho *se formou professor de Física, depois, o outro, professor de Matemática*. Então, a professora Améris, sua professora no ginásio e científico, foi mais um incentivo para que a professora Maria Sílvia seguisse o magistério, em Matemática.

A professora Améris escolheu a área de exatas, *possivelmente, por influência da professora de 3ª e 4ª séries, que parecia gostar muito de Matemática*.

A professora Regina gostava demais de um professor de Matemática do ginásio (atual ensino fundamental); *ele era muito caprichoso, um dos professores mais bem organizados em lousa, com material. E essas coisas me chamaram a atenção* (Regina). A professora afirmou que se identificou com ele.

O professor Sérgio escolheu a área de exatas *possivelmente influenciado pelos seus professores de Matemática*. Segundo o professor, ele *era aluno que gostava e como gostava, sabia, então era incentivado pelos professores*.

Já mencionamos anteriormente que a professora Maria Lígia se espelhou nos seus ex-professores quando começou a dar aulas no Estado. Mas ela deixou “no ar” se a professora do ginásio – Oneide Beraldi – exerceu, ou não, uma influência vital.

O professor Sidnei foi influenciado pelo professor de Matemática da 8ª série – professor Hermini – tanto é que ele, assim que deu a primeira aula no Estado, foi procurá-lo para contar a novidade. Segundo o professor Sidnei, as aulas dele talvez *tenham alguma a ver com as aulas que vivenciou com o professor Hermini*.

Já a Patrícia se divertia com a professora da 3ª série primária. A tal professora *fazia chamada oral de tabuada e dava presentes*; a professora Patrícia, inclusive, chegou a ganhar uma agendinha. Foi justamente na época do primário que a professora Patrícia brincou de professora: *E, normalmente, era de Matemática* (Patrícia). Além dessa situação, a professora Patrícia se identificou com o professor de Matemática que deu aula da 5ª à 7ª série. Quando ela foi para o Anglo, também se identificou com o professor de Matemática da 8ª série. Mas ela menciona que não era só a influência dos professores; *ela gostava mesmo do ato* (de fazer, por exemplo, um

monte de exercícios de Matemática). De um modo geral, *o contato com o professor, por mais que fosse tradicional, era uma coisa importante* para ela.

O professor Carlos, ao contrário de outros alunos, não teve muitas dificuldades na 7ª série; então *o professor Sebastião ficou na cabeça dele*. Sempre que o professor Carlos tinha dificuldade, podia contar com ele.

Professor x funcionário público

Dos dez entrevistados, seis não relacionam a carreira de professor à de funcionário público.

A professora Améris afirma que *todo mundo chamava de professor*; as pessoas não consideravam os professores *como funcionários públicos*.

A professora Regina acha que *a sociedade não vê o professor como uma pessoa que não trabalha, que engana, que enrola*.

A professora Maria Sílvia faz uma diferença entre funcionário público e professor. Segundo ela, o professor *é um funcionário público que não tem como se acomodar*.

Tomando como referencial *a visão que se tem do funcionário público*, aquele que tem salário todo mês, tem estabilidade, *faz se quer*, o professor Sidnei acha complicado mencionar professor como sendo um funcionário público. Segundo esse professor, a partir do *momento em que o professor entra na sala de aula com o objetivo de passar um conteúdo, encontra uma série de problemas*. Nestas condições, *é impossível o professor estar dentro da sala de aula sem trabalhar*. O professor Sidnei acha que *dá mais trabalho você entrar na sala e não trabalhar do que entrar e fazer alguma coisa*.

A professora Patrícia afirmou que sempre se *preocupava com a aprendizagem*. Nunca se preocupou *com o fato de ser funcionária pública*.

Já o professor Carlos, apesar de achar que *as coisas estão misturadas*, ainda acha que *fica mais a figura do professor do que a figura do funcionário público*.

Finalizando o capítulo

Ficam, assim, explicitadas as tendências que, na nossa perspectiva, se sobressaem nos depoimentos dos nossos colaboradores e são básicas para a compreensão do processo de identificação do professor de Matemática com o seu

que-fazer. No próximo capítulo, discutiremos a questão da fragmentação do sujeito professor de Matemática, a partir de alguns autores os quais, de certa maneira, nos facilitarão uma reflexão mais aprofundada das Tendências apresentadas neste capítulo.

[Voltar sumário](#)

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos efêmeros. Corajosos. Medrosos. Em movimento e em repouso; à procura... ousando e recuando, experimentando o prazer, a alegria, o medo e a solidão. Vivemos as fraturas das certezas, buscamos a luz para afugentar os fantasmas – ou os maus espíritos. Pensamos e sentimos. Nos arriscamos. Nesses riscos, nessas arranhaduras, abrimos espaços – frestas e fissuras por onde se oxigena o nosso ser, tão desejoso de sentir, em sua plenitude, a experiência de estarmos vivos. E nessa experiência – em que as palavras, os sons, as imagens, os sentimentos têm ressonância em nosso ser mais íntimo – dançamos! (ELZIRIK, 2000, 105-06)

Monstros culturais e identidades

Para manter o “Homem” vivo, monstros eram criados para incentivar a mesmice grupal. Em Cohen (2000) o autor menciona episódios da Bíblia que eram utilizados para coibir, por exemplo, a mistura racial; entre eles, um episódio do *Gênese*, muito utilizado na Idade Média, que se refere aos “*filhos de Deus*”, que tinham relacionamento com as “*filhas dos homens*’ com uma raça de gigantes maus”.

Os monstros são aqui, como em toda parte, representações convenientes de outras culturas, generalizados e demonizados para impor uma concepção estrita da mesmice grupal. Os temores de contaminação, impureza e perda de identidade que produzem histórias como o episódio do *Gênese* são fortes e reaparecem de forma incessante. (COHEN, p. 46, 2000)

Em Cohen (2000) podemos encontrar outros exemplos:

- uma outra passagem da Bíblia: os hebreus, tendo em vista a colonização da Terra Prometida, imaginam os habitantes aborígenes de Canaã como gigantes ameaçadores;
- as anciãs de Salém foram condenadas à fogueira por serem acusadas de relações sexuais com o demônio negro, mas o autor suspeita que, na realidade, “elas morreram porque cruzaram uma fronteira diferente, uma fronteira que proíbe às mulheres administrar propriedades e viver vidas solitárias, independentes” (COHEN, p. 47, 2000);

- no século XIII, alguns judeus da Inglaterra foram condenados à fogueira por serem acusados de roubarem crianças para fazerem pães ázimos com o seu sangue; outros foram expulsos do país e tiveram suas propriedades confiscadas, justamente na época em que o Estado e o comércio lhes deviam muito dinheiro; “Os nazistas alemães simplesmente levaram essas antigas tradições de ódio ao extremo, inventando uma Solução Final que diferia das perseguições anteriores apenas por uma eficiência tecnológica” (COHEN, p. 34, 2000);
- alguns mercadores medievais, possivelmente, criavam monstros para desencorajar outros exploradores;
- no século XIX, quando os americanos expandiam fronteiras, os nativos foram desempossados e explorados devido, entre outras motivações, a histórias relacionadas a seqüestro de mulheres brancas, que, segundo diziam, eram tomadas como suas esposas;
- a pele negra foi associada ao fogo do inferno, facilitando, assim, a inserção da escravidão;
- os dinossauros do Jurassic Park mostraram que a curiosidade pode ser punida.

Os monstros, criados nas diversas culturas, corporificam o diferente, o indesejável, aquilo que deve ser banido; o monstro pode policiar e advertir com relação a possíveis investidas. “Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, econômica, sexual.” (COHEN, p. 32, 2000) Por meio dos monstros, então, podemos visualizar tentativas que visam à imobilidade, incentivo à mesmice, medo do que o diferente pode causar.

Mas, existe uma relação ambígua entre as pessoas e os monstros; ao mesmo tempo que o monstro transmite medo, ele atrai, desperta fantasias e, apesar das constantes lutas, acabamos nos colocando ao lado deles: “O monstro é o fragmento abjeto que permite a formação de todos os tipos de identidade – pessoal, nacional, cultural, econômica, sexual, psicológica, universal, particular (...); como tal, ele revela sua parcialidade, sua contigüidade” (COHEN, p. 53, 2000)

As identidades precisam do diferente para poderem constituir-se; não são unificadas, estão em constante mudança, não são nunca constituídas a partir de

práticas singulares, “mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos”. (HALL, p. 108, 2000) E, por serem construídas dentro do discurso,

precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional - isto é, uma mesmice que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua identidade - pode ser construído.” (HALL, 2000, p. 109)

Ou seja, os monstros, mencionados em Cohen (2000), possuem características fundamentais na constituição de identidades. Assim, as relações binárias homem/mulher, branco/negro, razão/emoção, verdadeiro/falso, professor/aluno ou professor/sociedade acabam perdendo o sentido, porque

o pensamento binário e dicotômico não consegue dar conta dessa trama [categorias binárias embaralhadas]. O “outro” não pode ser, sempre, facilmente identificado ou isolado. Participamos, todos, de muitos arranjos e ocupamos diferentes e múltiplas posições. O outro pode, portanto, estar muito próximo, pode nos cercar e conquistar. Podemos, enfim, nos transformar no “outro”. (LOURO, p. 127, 2000)

Refletindo sobre o sujeito professor de Matemática

No capítulo 2, com base na discussão promovida em Hall (2002), a respeito da identidade cultural, nos perguntamos como teria ficado a identidade do professor de Matemática. Manteve-se una ou estaria fragmentada?

As textualizações sugerem que o sujeito professor de Matemática passou por vários descentramentos que levaram à fragmentação da sua identidade. Isso não significa que o sujeito professor de Matemática não seja oblíquo, transversal e parcial em suas crenças e verdades; essa identidade é constituída a partir disso. As tendências mostram que, apesar dos descentramentos, algumas características permaneceram,

embora parcialmente. A identidade apenas deixou de ser una, estável, previsível; tornou-se uma *“celebração móvel”*: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais os professores são representados ou interpelados no sistema cultural em que vivem (HALL, 2002).

Assim, podemos considerar a identidade como o *ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam* interpelar o professor de Matemática, falar-lhes ou convocá-los para que assumam seus lugares *como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que os constroem como sujeitos aos quais se pode falar.* (HALL, 2000)

Portanto, perceber essa fragmentação e a impossibilidade de um dia vir a ter uma identidade estável – passível a qualquer alteração externa – é de fundamental importância para que os “monstros”, ao invés de terem conotação negativa, passem a ser nossos aliados. Caso contrário corremos o risco de “morrer” enquanto professores de Matemática, uma vez que as nossas *suturas* revelam que, assim como os “monstros”, somos compostos por fragmentos.

Da mesma forma, os Centros de Matemática, os Centros de Educação, as Licenciaturas em Matemática, enfim, todos os cursos responsáveis pela formação do professor de Matemática, devem, também, estar dispostos a encarar a diferença como uma aliada. Além disso, devem promover mais reflexões a respeito de questões relacionadas com o dia-a-dia escolar, pois só o conteúdo, desprovido da prática, não é mais – e talvez nunca tenha sido – suficiente para que o professor de Matemática exerça o magistério.

[Voltar sumário](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, J. Nós e o espelho. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz ; Casa de Oswaldo Cruz ; CPDOC-FGV, 2000. p. 105 - 112.

ARIÈS, P. *O Tempo da História*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

_____. Uma nova educação no olhar. In: ARIÈS, P.; DUBY, G.; LE GOFF, J. *História e Nova História*. Lisboa: Editorial Teorema, 1990. p. 24 - 35.

AUGRASS, M. História oral e subjetividade. In: VON SIMSON, O. R. de M. (Org.). *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas, SP: UNICAMP/CMU, 1997. p. 27 - 36.

AZEVEDO, F. de. *A transmissão da cultura*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.

BARALDI, I. M. *Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção*. 2003. 240f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro, SP, 2003.

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, A. (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras ; Secretaria Municipal de São Paulo, 1992. p. 19 - 32.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COHEN, J. J. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, T. T. da. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 24 - 60.

CUNHA, L. A. *A Universidade temporã: o ensino superior da colônia à era de Vargas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

DAMATTA, R. Brasil, dois mil: um exercício de profecia. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz ; Casa de Oswaldo Cruz ; CPDOC-FGV, 2000. p. 23 - 28.

ELZIRIK, M. F. O poder das palavras. In: FONSECA, T. M.; FRANSCISCO, D. J. (Org.), *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 99 - 108.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

FERNANDES, P. J.; DUARTE, M. das G. dos S.; RODRIGUES, H. de B. C. Para uma história do institucionalismo no Brasil: polêmicas relativas à História Oral. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. de B. C. (Org.). *Clio-Psyché paradigmas: Historiografia, psicologia, subjetividade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2003. p. 77 - 96.

FERREIRA, M. de M. História Oral e tempo presente. In: MEIHY, J. C. S. B. (Org.), (Re) *Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. p. 11 - 21.

GARNICA, A. V. *História Oral e Educação Matemática: um inventário*, 2004. Não publicado.

GATTAZ, A. C. *Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola*. São Paulo: Xamã, 1996.

GIANNOTTI, J. A. *A universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

HAIDAR, M. de L. M. *O ensino secundário no Império brasileiro*. São Paulo: Grijalbo; Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

HALL, S. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T.(org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes: 2000.

HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1989.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOUTARD, P. Desafios à História Oral do século XXI. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz ; Casa de Oswaldo Cruz ; CPDOC-FGV, 2000. p. 31 - 45.

LE GOFF, J. *Reflexões sobre a História*. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. A história nova. In: LE GOFF, J. (Org.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 25 - 64.

LEMME, P. *Memórias*. São Paulo : Cortez ;Brasília, DF : INEP, 1988. v. 1 e 2.

LE VEN, M. M.; FARIA, E. de; MOTTA, M. H. de S. História Oral de Vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, O. R. de M. (Org.). *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas, SP: UNICAMP/CMU, 1997. p. 213 - 222.

LOURO, G. L. Por que estudar gênero na era dos cyborgs? In: FONSECA, T. M.; FRANSCISCO, D. J. (Org.). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2000. p. 121 - 128.

MATTOS, L. A. *Primórdios da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora LTDA., 1958.

MEIHY, J. C. S. B. (Re) Introduzindo a História Oral no Brasil. In: MEIHY, J. C. S. B. (Org.). *(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. p. 1 - 9.

_____. Desafios da História Oral Latino Americana: o caso do Brasil. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz ; Casa de Oswaldo Cruz ; CPDOC-FGV, 2000. p. 85 - 97.

MORI, N. N. *Memória e identidade: a travessia de velhos professores através de suas narrativas orais*. 1995. 258f. Tese (doutorado em Psicologia Escolar) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

NAGLE, J. *Educação e sociedade na primeira República*. São Paulo: EPU; Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

OLIVEIRA, D. N. de. Caos, filosofia e ciência. In: Galeno, A., CASTRO, G. de; SILVA, J. C. da (Org.). *Complexidade à flor da pele: ensaios sobre Ciência, Cultura e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 81 - 94.

PAIVA, V. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo : Edições Loyola, 1987.

PRADO JR., C. *Evolução Política do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

_____. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

PINTO, A. V., *A questão da Universidade*. São Paulo: Cortez; Autores associados, 1986.

PORTELLI, A. Memória e diálogo: desafios da História Oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz ; Casa de Oswaldo Cruz ; CPDOC-FGV, 2000. p. 67 - 71.

RAUTER, C. A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust. In: FONSECA, T. M.; FRANCISCO, D. J. (Org). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 27 - 43.

ROLNIK, S. Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. In: FONSECA, T. M.; FRANCISCO, D. J. (Org). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 63 - 69.

SODRÉ, N. W. *Síntese de História da Cultura da Brasileira*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1972.

SOUZA, G.L. D. *Três décadas de Educação Matemática: um estudo de caso da baixada santista no período de 1953-1980*. 1998. 279f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade do Estado de São Paulo, Rio Claro, SP, 1998.

THOMSON, A. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Org.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz ; Casa de Oswaldo Cruz ; CPDOC-FGV, 2000. p. 47 - 65.

XAVIER, M. E. S. P. *Poder político e educação de elite*. São Paulo: Cortez ; Autores Associados, 1980.

_____.; RIBEIRO, M. L.; NORONHA, O. M. *História da Educação: A escola no Brasil*. São Paulo : FTD , 1994.

[Voltar sumário](#)

Anexo I : ROTEIRO PRINCIPAL (utilizado na primeira entrevista com todos os professores)

»»» **FATOS HISTÓRICOS:** Sempre que possível falar sobre fatos históricos relacionados com as perguntas.

NOME COMPLETO :.....

- 1) Local de nascimento? Como era o Brasil na época?
- 2) Qual a profissão dos seus pais?
- 3) Quando e como foi a sua trajetória nas escolas que equivaleriam ao ensino fundamental e médio? Citar as escolas que frequentou e o "tipo" de professor que teve.
- 4) Porque escolheu a área de exatas ? Para você Matemática é Ciência ou Arte?
- 5) Fez curso superior ? Qual? Em que ano? Quando concluiu o curso?
 - 5.1) Qual era o perfil do aluno de exatas na época ?
 - 5.2) E com relação aos professores de Matemática, qual era o perfil ?
 - 5.3) Qual a importância do curso na sua "futura profissão"?
- 6) O que foi decisivo na sua escolha por ser professor de Matemática?
 - 6.1) Houve apoio dos familiares?
 - 6.2) Quais eram as implicações político-econômicas desta decisão?
- 7) Qual foi o seu primeiro "emprego" como professor de Matemática? Quando ? Escola? Série? Matéria ? Alunos?
- 8) Em que momento da vida você se percebeu como um profissional da educação? Em que ambiente? Quando estava cursando a Faculdade ou na escola dando aula?

- 9) Cite outras experiências didáticas distintas da atividade docente relacionadas com ensino fundamental e/ou médio, como por exemplo direção de escola, coordenação, coordenação de área, aulas em faculdade, etc.
- 10) Estou estudando aspectos referentes a profissionalização do professor de Matemática. E, uma das vigas mestras desta profissão é a sua "funcionarização". Na sua opinião, qual a margem de "autonomia" que o professor tem dentro dos limites de sua profissão?
- 11) Você é (foi) funcionário público e/ou (foi) trabalha em escola particular? Como é para você ser (ou ter sido) um funcionário público (ou um funcionário de uma escola particular) sendo professor?
- 12) Dentro das suas diversas experiências profissionais quais as que você destaca como a mais importante no seu desenvolvimento profissional?
- 13) Na sua opinião como deveria acontecer, ou acontece, a profissionalização do professor de Matemática?

Anexo II : Roteiro individualizado professora Clara

- 1.) Na pergunta dois do primeiro roteiro, quando perguntamos sobre a profissão de seus pais, acabamos dando maior ênfase para o seu pai. Segundo o que foi dito naquela primeira entrevista a sua mãe não trabalhava fora mas, em algum momento ela manifestou interesse por alguma profissão?
- 2.) Gostaríamos de saber um pouco mais das professoras do primário e do fundamental.
- 3.) Com base na seguinte afirmação: *"Eu era muito boa aluna, achava tudo muito fácil. Gostava muito de ir na escola."*(p.04, transcrição) Gostaríamos de saber:
 - 3.1) Quando a matemática se tornou fácil para a senhora?
 - 3.2) O que a senhora considera ser bom aluno?
- 4.) Já na pergunta três, quisemos saber sobre o "tipo" de professor que a senhora teve no que equivaleria ao ensino fundamental e médio. Gostaríamos de aprofundar esta questão perguntando sobre a formação desses professores. Eram engenheiros, por exemplo?
- 5.) Segundo a primeira entrevista(p. 06 transcrição) era um professor que a indicava para as aulas particulares. Gostaríamos de saber quando iniciou essa prática e de que série era esse professor?
- 6.) *"ENTREVISTADOR: Mas o salário, no mês que recebia, se tivesse que comparar com outro profissional o professor ganhava bem?"*
ENTREVISTADO: Eles diziam que ganhava". (transcrição p. 13)
PERGUNTA: Quem dizia?
Outro trecho relacionado com salário:
"ENTREVISTADO: O salário era pouco, mas era muito divertido trabalhar."
(transcrição pág. 13)

PERGUNTA: Os dois últimos trechos estão relacionados com a questão salarial. Gostaríamos de explorar mais esta questão. A senhora teria um referencial com relação ao salário. O comércio por exemplo compensava mais do que ser professor?

7.) *“Quando o professor entrava os alunos ficavam de pé, esperavam cumprimentar e mandar sentar. E nunca houve problema de disciplina. Pelo menos na minha aula, nunca. Fui sentir problema de disciplina aqui no fim da minha carreira. Porque os alunos já estavam começando a enfrentar tudo e todos, começando a ser violentos.”(transcrição, p. 13-14)*

PERGUNTA: A senhora conseguiria precisar a época?

8.) Gostaríamos de explorar mais a relação professor - funcionário público. Entre outras coisas, a entrevistada percebeu quando(época) a decadência do professor perante a sociedade.

9.) **ENTREVISTADOR:** A senhora não sentiu vontade de seguir na carreira acadêmica?

ENTREVISTADO: Algumas vezes (**PERGUNTA: Quando???**) eu fiquei tentada, mas eu gostava muito daquela faixa etária do colegial.” (transcrição p. 26)

11.) Com relação ao Vocacional como foi o seu ingresso?

12.) E, com relação ao GEEM, gostaríamos de saber:

12.1) Quando e como foi o seu ingresso no grupo

12.2)Quais eram os problemas que o ensino Matemático enfrentava na época?

12.3) Segundo o material fornecido pela senhora o GEEM também dava cursos. Falar um pouco sobre isso

12.4)As experiências do GEEM alteraram a sua rotina de sala de aula?

12.5) O GEEM existia somente em São Paulo?

12.6) O GEEM era composto somente por Matemáticos?

- 13.)** Em um momento da entrevista a senhora citou que trabalhou em escola particular(transcrição, p. 23). Gostaríamos de saber como foi essa experiência?
- 14.)** No decorrer da sua trajetória escolar (primário, fundamental, médio ou no superior) a senhora teve mais professores ou mais professoras?

Anexo III: Roteiro individualizado professora Améris.

Primeira parte: perguntas que não tiveram as respostas gravadas devido à problemas técnicos com o gravador

4.) ... Para você Matemática é Ciência ou Arte?

5.) Fez curso superior ? Qual? Em que ano? Quando concluiu o curso?

5.1)Qual era o perfil do aluno de exatas na época ?

5.2) E com relação aos professores de Matemática, qual era o perfil ?

5.3)Qual a importância do curso na sua "futura profissão"?

6.) O que foi decisivo na sua escolha por ser professor de Matemática?

6.1)Houve apoio dos familiares?

6.2)Quais eram as implicações político-econômicas desta decisão?

7.) Qual foi o seu primeiro "emprego" como professor de Matemática? Quando ?
Escola? Série? Matéria ? Alunos?

8.) Em que momento da vida você se percebeu como um profissional da educação? Em que ambiente? Quando estava cursando a Faculdade ou na escola dando aula?

Segunda Parte: perguntas baseadas na transcrição da primeira entrevista

1.) Como era Rio Claro na época de infância e/ou período escolar?

2.) Segundo o que foi dito na primeira entrevista a sua mãe não trabalhava fora de casa. Mas, em algum momento ela manifestou interesse por alguma profissão?

3.) Com relação a pergunta três do primeiro roteiro, quisemos saber sobre o "tipo" de professor que teve no que equivaleria ao ensino fundamental e médio. Gostaríamos

de aprofundar esta questão perguntando sobre a formação desses professores. Eram engenheiros, por exemplo?

4.) Ainda com relação a pergunta três do primeiro roteiro, perguntamos necessariamente sobre a sua trajetória nas escolas que eqüivaleriam ao ensino fundamental e médio. Mas no decorrer das entrevistas percebemos que seria interessante perguntar também sobre o ensino primário. Então:

4.1) Como eram os professores primários? Formação, maneira de lidar com os alunos.

4.2) Na época, as classes de primário eram separadas por sexo?

4.3) A senhora lembra da professora da quarta série?

5.) Como era a professora do cursinho de admissão? Formação, maneira de lidar com os alunos. Esse cursinho era pago? Quais as matérias exigidas?

6.) No decorrer da sua trajetória escolar(primário, fundamental, médio ou no superior) a senhora teve mais professores ou mais professoras?

7.) Ao longo do tempo, para nos referenciarmos ao ano em que os alunos estavam cursando, os termos foram se alterando. Por exemplo, primeira série ginasial se tornou quinta série. E a matéria mudou? Existiam diferenças de currículo?

8.) A senhora afirmou que desde pequena já havia desenvolvido gosto pela área de exatas. Mas seria possível precisar a época? Não teria ocorrido alguma influência do seu pai, que foi técnico em eletricidade, no que diz respeito ao interesse pela área de exatas?

9.) Segundo uma das suas falas a escolha pela profissão de professora de Matemática teria acontecido na fase adulta, mas quando?

10.) Na época em que a senhora queria iniciar como professora do Estado, qual a idade exigida? No ALEM não havia essa exigência? Quanto tempo ficou esperando

para poder lecionar? Nesse meio tempo, lecionou, deu aula particular ou exerceu alguma outra profissão? Além da idade o CADES teria sido uma exigência a mais ?

- 11.) Ainda com relação ao CADES. O curso era de um mês período integral(manhã e tarde)? O que se aprendia no curso? Como eram as provas, orais, escritas? Essas provas estavam relacionadas com o curso(CADES) ou dependia do que tinha visto na escola (ginásio e colegial)?
- 12.) Num momento da entrevista a senhora afirmou que o seu grande desejo seria dar aula no colégio, e não no ginásio. Na época do CADES a senhora já tinha esse desejo?
- 13.) Depois de obtida a autorização (CADES), para escolher as aulas, a serem ministradas, havia alguma lista classificatória? O inspetor era um professor? Quais as suas funções?
- 14.) Como foi na época de início de carreira. Tinha liberdade de escolha de conteúdo? E metodologia? Como era o governo, interferia?
- 15.) Naquela época havia uma idade estipulada para entrar na faculdade?
- 16.) Na primeira entrevista a senhora utilizou a expressão "bom aluno". O que seria, para a senhora, um bom aluno?
- 17.) Assim que a senhora ingressou no Magistério existia uma distância muito grande entre o que se aprendia na faculdade e o que se ensinava no colegial por exemplo?
- 18.) Quando a senhora deu aula no Puríssimo? Quando a senhora se aposentou?

Anexo IV : Roteiro individualizado professor Clodoaldo

1) Na pergunta relacionada com a profissão dos seus pais, gostaríamos de alguns esclarecimentos:

- com relação ao pai: era descendente de portugueses? Qual geração?
- com relação a mãe: apesar de não trabalhar, ela chegou a demonstrar interesse por alguma profissão?

2) Com relação a pergunta três do primeiro roteiro temos algumas dúvidas:

2.1) Porque estudou em escola de cônegos?

2.2) Na primeira entrevista quisemos saber sobre o "tipo" de professor que teve no que eqüivaleria ao ensino fundamental e médio. Gostaríamos de aprofundar esta questão perguntando sobre a formação desses professores. Eram engenheiros, por exemplo?

2.3) Perguntamos necessariamente sobre a sua trajetória nas escolas que eqüivaleriam ao ensino fundamental e médio. Mas no decorrer das entrevistas percebemos que seria interessante perguntar também sobre o ensino primário. Então como eram os professores primários? Formação, maneira de lidar com os alunos. Tinha exame de admissão? Se fez, participou de algum curso para isso? Como que era esse exame com relação a Matemática?

2.4) Ao perguntarmos sobre a escola e a postura dos professores de Matemática da época, a resposta foi a seguinte : "O professor de matemática era bom, mas dentro do estilo da época." Gostaríamos de saber qual era o estilo da época e se existia alguma diferença entre as escolas (pública e de cônegos) que freqüentou?

3) Com relação a pergunta quatro, gostaríamos de um esclarecimento: o senhor ia bem em Matemática desde que época?

4) Na época que o senhor fez colegial tinha o curso Normal na escola?

5) Com relação a pergunta cinco do primeiro roteiro:

5.1) Na turma da faculdade tinha mais homens ou mulheres?

5.2) O senhor não teve vontade de ir para a pesquisa ao invés de ir para o magistério? Porque?

5.3) O senhor se lembra quem(gênero) foi para o magistério?

6) Com relação a salário:

6.1) O senhor mencionou que pegou uma época que o salário já não era tão bom, em que o senhor se baseia para fazer tal afirmação?

6.2) Além disso o senhor afirma que em relação ao salário atual o que se recebia naquela época era melhor, mas como era o salário na época? Citar algum referencial da época.

7) Como o senhor, e a sociedade em geral, via os professores?

8) A primeira escola que o senhor trabalhou era pública ou particular? Lembra o que ensinou de Matemática? Além disso, o estágio estava vinculado a faculdade?

9) O senhor afirmou ter tentado fazer pós. Essa tentativa foi em que área?

10) No que diz respeito às experiências fora da sala de aula, o senhor falou sobre a participação em projetos de elaboração de material didático (UNICAMP e UNESP).

Gostaríamos de alguns esclarecimentos:

10.1) Como era o trabalho nestes projetos?

10.2) Qual o significado deste trabalho para a sua carreira profissional?

10.3) Trabalhar nestes projetos mudou a sua maneira de dar aula ? Como era a sua sala de aula?

11) O senhor se lembra quando teve início o processo de burocratização do ensino ?

12) Como foi para o senhor ter sido funcionário de uma escola particular sendo professor?

13)Numas das suas respostas, o senhor afirmou: "Acho que tinha que investir (...) na escola pública.". Mas investir como?

14)No decorrer da sua trajetória escolar(primário, fundamental, médio ou no superior) você teve mais professores ou mais professoras?

15)Falar sobre o Ginásio Vocacional. Perguntas mais específicas:

15.1) O vocacional acabou quando? Sabe os motivos?

15.2) As pessoas que conseguiram trabalhar no vocacional era recém formados?

15.3) Antes de prestar concurso no Estado o senhor trabalhava no vocacional e recebia do estado(comissionado). Quando o Vocacional acabou o salário permaneceu o mesmo? E depois de prestar concurso, qual a diferença salarial?

Anexo V : Roteiro individualizado professora Regina

- 1.) Na primeira entrevista, quando se referia a permanência dos seus irmãos na escola, você utilizou a expressão "acostumaram com a escola". O que você quis dizer com isto?
- 2.) Os seus pais vieram para o Brasil trabalhar na lavoura e depois conseguiram obter uma granja. Mas independente desta profissão, eles não teriam manifestado algum interesse por outro ofício?
- 3.) Existia escola particular no local onde você morava(infância)? Em caso afirmativo, como era a procura? Quem ia para escola particular?
- 4.) Para ir da quarta série para a atual quinta série você fez alguma prova(admissão)? Em caso afirmativo, como que era esse exame? Fez cursinho? Quem ministrava? Era pago?
- 5.) O colegial era na mesma escola que fez primário e ginásio?
- 6.) Na pergunta três do primeiro roteiro, quisemos saber sobre o "tipo" de professor que teve no que eqüivaleria ao ensino fundamental e médio. Gostaríamos de aprofundar esta questão perguntando sobre a formação desses professores. Por exemplo, no colegial você afirmou que teve aulas com um dentista. Isso era comum nos outros graus de ensino também?
- 7.) Você afirmou ter dado aula de trigonometria no lugar de um professor de Matemática (dentista)do colegial, esta foi a única vez que essa situação aconteceu? Essa prática era usual na época?
- 8.) Num certo momento da primeira entrevista você mencionou que teve dificuldades no primário devido a adaptação com o idioma. Mas em Matemática não tirava menos que noventa e nove. A que você atribui essa "facilidade"? Em geral, como eram os

professores primários? Formação, maneira de lidar com os alunos. E especificamente com a Matemática ?

9.) Gostaríamos esclarecimentos com relação a seguinte afirmação: *"Eu queria ser professora. O meu pai... o meu pai não."* pág. 05 (transcrição)

10.) Você afirmou que a sua mãe teria escolhido o seu nome em função de uma outra pessoa, que era professora. Em que época a sua mãe contou esse fato a você?

11.) Na época da graduação, a Física e a Matemática na época eram juntas? E em Presidente Prudente?

12.) *"Você saber para você mesmo é uma coisa, você passar "pro" outro e muito diferente. Essa capacidade que eu adquiri na faculdade, de você entender e passar. Isso é importante. Isso eu aprendi na faculdade."* (pág. 10, transcrição). Porque você acha que foi na faculdade que você adquiriu a capacidade de "passar"? Não estaria relacionado com o fato de ter dado aulas ao mesmo tempo que fazia graduação?

13.) Como eram os alunos da primeira sala que você deu aula?

14.) Quando você começou a dar aulas em limeira, deixou as aulas de Itirapina?

15.) Você, na sua trajetória "profissional", chegou a assumir algum outro cargo além de professora? Cargo de coordenação por exemplo.

16.) Trabalhar a noite foi uma opção pessoal?

17.) Durante as ditadura você tinha alguma autonomia? De que tipo?

18.) Quando a ditadura "caiu" como ficou esta questão(autonomia)? Quando você sentiu que a autonomia começou a "sumir"?

19.) Perguntas relacionadas mais especificamente com salário:

- a.) Como era enquanto aluna de graduação(referencial)?
- b.) Como era a relação entre o salário como professora e o valor da bolsa mestrado(qual o curso)? E com relação a faculdade de Bauru?
- c.) Depois de formada, quando retornou ao ensino fundamental, o salário aumentou em relação a época que era aluna da graduação?
- d.) Com a "queda" da ditadura como ficou o salário?
- d.) Quando houve a necessidade de fazer cursos obteve algum auxílio do Estado?
- e.) Na época em que cursava engenharia, não teve vontade de largar tudo(aulas no Estado) por causa do salário baixo? Como fazia para preparar as aulas?
- f.) Apesar de ter começado a dar aulas particulares só depois de aposentada, como você vê a relação entre o valor destas aulas e o salário do Estado?

20.) Abaixo perguntas específicas a trechos da transcrição:

"Na época que eu comecei dar aula, no começo, anos setenta, (PERGUNTA: Você está considerando o emprego em Itirapina, quando estava no terceiro ano, em 1968) realmente a ditadura vinha com aquele programa a cumprir."(p. 23, transcrição)

"Na minha época não tinha ficha individual de aluno não tinha, tinha caderneta, lógico, tinha. O programa que você cumpriu tinha que estar lá, tudo registrado, tudo direitinho. E aí, nos últimos anos (PERGUNTA: Quando mais ou menos?), eu já... a gente tinha que fazer, no final do ano a gente tinha que fazer um relatório dos alunos, do porque tinham sido reprovados. ."(p. 24, transcrição)

"Quando eu decidi ser professora, era uma coisa, era uma profissão muito boa na época. Ganhava bem, era quista, bem vista pela cidade. Mas nos últimos anos já mudou muito" (p. 25, transcrição) (PERGUNTA: Quando mais ou menos?).

21.) No decorrer da sua trajetória escolar(primário, fundamental, médio ou no superior) você teve mais professores ou mais professoras?

Anexo VI: Roteiro individualizado prof. Sérgio Pedroso

- 1.) Na pergunta dois do primeiro roteiro, quando perguntamos sobre a profissão de seus pais, acabamos dando maior ênfase para o seu pai. Segundo o que foi dito naquela primeira entrevista a sua mãe não trabalhava. Mas, em algum momento ela manifestou interesse por alguma profissão?
- 2.) Na pergunta três, quisemos saber sobre o "tipo" de professor que teve no que equivaleria ao ensino fundamental e médio. Gostaríamos de aprofundar esta questão perguntando sobre a formação desses professores. Eram engenheiros, por exemplo?
- 3.) Ainda na pergunta três, perguntamos necessariamente sobre a sua trajetória nas escolas que equivaleriam ao ensino fundamental e médio. Mas no decorrer das entrevistas percebemos que seria interessante perguntar também sobre o ensino primário. Então como eram os professores primários? Formação, maneira de lidar com os alunos. Tinha exame de admissão? Como que era esse exame? Matérias exigidas? Quem mantinha o cursinho que visava a prova de admissão? Professores?
- 4.) Tomando como referencial uma afirmação sua [a saber : *"eu tive grandes professores vou citar o caso de Matemática, por exemplo. Grandes professores de Matemática. Me lembro perfeitamente. Não tive um que eu me lembro hoje que poderia dizer que foi ruim. Todos que passaram pela minha vida eu achei muito bons."* (p.2, transcrição)] gostaríamos de saber o que é para o senhor ser um bom professor?
- 5.) Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a relação entre a matemática e a arte .
- 6.) O senhor se importaria de disponibilizar o convite de formatura?

- 7.) *"O meu curso foi muito bom. Eu tive base para muitas coisas que ... Teve muitas matérias que eu acho que foram até desnecessárias (PERGUNTA: Quais matérias?) pra minha atuação como professor em nível fundamental e médio. Algumas desnecessárias mas muitas contribuíram (PERGUNTA: Quais?) bastante para gente compreender alguns fatos que a gente, na época, tinha dificuldade para entender."* (p.7, transcrição)
- 8.) Todos os colegas de colegial conseguiram entrar na faculdade?
- 9.) *"Foi uma opção mesmo. Eu também não via muita, assim, não tinha, não via muita coisa pela frente, assim para fazer uma pós graduação. Eu não me interessei por isso. Achei que seria um **sacrifício** que não valia a pena. Devo estar pagando por isso, mas achei que isso não valia a pena."* (p. 9, transcrição) (Porque sacrifício?)
- 10.) Em que época o salário começou a "cair"? Se possível citar referencial.
- 11.) Na época de ingresso o senhor citou a situação do professor Sidinei como exemplo de que o salário era bom. Mas quando o salário começou a baixar o senhor não teve vontade de ir para uma outra profissão?
- 12.) O senhor iniciou no particular quase em conjunto com a escola particular, então teve a oportunidade de acompanhar a relação salarial entre tais instituições. E aí?
- 13.) *"E hoje para a gente, por exemplo, cumprir um currículo que a gente programou, para a gente cumprir aquilo a gente tem muita dificuldade, porque o curso fica mais voltado para o aluno que tem dificuldade do para o aluno que tem facilidade. Então você fica amarrando aqueles alunos que poderiam deslanchar mais. Você fica segurando, não tem como você permitir que ele vá. É muita coisa prendendo a gente, no sentido de não deixar avançar. Eu não sei se peguei o ponto."* (p. 14, transcrição) (O senhor se lembra quando iniciou esse processo?)

14.) No decorrer da sua trajetória escolar (primário, fundamental, médio ou no superior) você teve mais professores ou mais professoras?

15.) No nosso primeiro contato o senhor em nenhum momento citou a questão da violência escolar. Daí saiu uma entrevista no jornal cidade sobre o Batista: instalação de câmeras de televisão de circuito interno. Gostaria que o senhor falasse um pouco a respeito.

Anexo VII: Roteiro individualizado professora Maria Lúcia

- 1.) Na pergunta dois do primeiro roteiro, quando perguntamos sobre a profissão de seus pais, acabamos dando maior ênfase para o seu pai. Segundo o que foi dito naquela primeira entrevista a sua mãe não trabalhava fora e não havia terminado o primário. Mas, em algum momento ela manifestou interesse por alguma profissão?
- 2.) Já na pergunta três, quisemos saber sobre o "tipo" de professor que teve no que equivaleria ao ensino fundamental e médio. Gostaríamos de aprofundar esta questão perguntando sobre a formação desses professores. Eram engenheiros, por exemplo?
- 3.) Ainda na pergunta três, perguntamos necessariamente sobre a sua trajetória nas escolas que equivaleriam ao ensino fundamental e médio. Mas no decorrer das entrevistas percebemos que seria interessante perguntar também sobre o ensino primário. Então como eram os professores primários? Formação, maneira de lidar com os alunos. Tinha exame de admissão? Como que era esse exame?
- 4.) No decorrer da sua trajetória escolar(primário, fundamental, médio ou no superior) você teve mais professores ou mais professoras?

Anexo VIII: Roteiro individualizado professora Maria Silvia

1) *“Para os meus pais ser professora seria ótimo, então foi muito bem aceito.”(p.15, transcrição)* Falar um pouco mais a respeito

2) Falar um pouco mais sobre as professoras primárias.

3) *“ENTREVISTADOR: (...) Pra você Matemática é Ciência ou Arte?*

ENTREVISTADO: Eu acho que é a mistura dos dois.

ENTREVISTADOR: Então, aí como você vê Matemática como ciência e como você vê Matemática como arte. Como você visualiza essa relação?

ENTREVISTADO: Eu acho que... como... eu acho que ela seria uma ciência e a forma de passar tem que ter um pouco de arte também, né? Pra passar a Matemática acho que tem um pouco de arte, né? Eu acho que é isso que acontece.” (p. 9, transcrição)

Falar um pouco mais sobre a relação entre Matemática e Arte

4) Por quantas greves passou? Datas? Falar um pouco sobre elas(motivações repercussões, etc.)

5) Todos os seus irmãos foram para as exatas?

Anexo IX: Roteiro individualizado professor Sidnei

- 1) *“Quando eu decidi que ia terminar a faculdade, que eu gostava da Matemática, é aqui que eu ia ficar, foi no final do primeiro ano. A oportunidade de começar a lecionar apareceu na metade do segundo ano.”* PERGUNTA: O trecho frisado não deveria ser substituído por segundo ano?
- 2) Ter participado do projeto relacionado com a interdisciplinaridade mudou o seu modo de atuar na sala de aula?
- 3) Por quantas greves passou? Datas? Falar um pouco sobre elas(motivações repercussões, etc.)

Anexo X: Roteiro individualizado professora Patrícia

- 1) Gostaríamos que você falasse um pouco mais sobre os professores do pré – primário e os da 5^a a 7^a sétima série.
- 2) Numa das suas falas você afirma que na escola particular não havia agressividade por parte dos professores e *que "Na escola pública eu lembro de uma agressividade maior dos professores."* Pergunta: Essa agressividade que você menciona aconteceu inclusive da 5^a a 7^a série?
- 3) *"A única coisa que eu me lembro da infância ãã... era brincar de professora, na lousa e era sempre, normalmente, Matemática."* PERGUNTA: Você se lembra em época aconteceu isso?
- 4) Porque escolheu a área de exatas ? Para você Matemática é Ciência ou Arte?
- 5) *"Comecei no noturno numa escola de periferia. Um noturno bastante pesado. E nisso... junto a licenciatura, Porque? Porque eu queria saber o que é ser professor? Porque eu nunca tinha parado para pensar no que era ser professor."* **PERGUNTA:** Fazendo a licenciatura você conseguiu descobrir o que é ser professor?
- 6) *"Naquela época eu já não tinha mais expectativas com notas, tinha expectativa com relação ao mundo que eu estava, eu queria tentar entender o mundo que eu estava. Então a licenciatura foi muito importante, apesar de eu ter críticas com relação às matérias pedagógicas."* **PERGUNTA:** Você poderia falar um pouco mais sobre essas disciplinas?
- 7) Tomando como referencial a questão de datas de início, as aulas no ensino fundamental vieram antes do início da Licenciatura? Então a primeira conversa com o Baldino aconteceu quando você já tinha iniciado a licenciatura? E, no que diz respeito às intenções, quando aconteceu o desejo pelo ingresso na licenciatura?

- 8) Todos os alunos que ingressaram com você na Matemática tiveram bolsa de Iniciação Científica?
- 9) Gostaríamos que você falasse um pouco sobre o perfil dos professores específicos da licenciatura.
- 10) No decorrer da sua trajetória escolar(primário, fundamental, médio ou no superior) você teve mais professores ou mais professoras?
- 11) Por quantas greves passou? Datas? Falar um pouco sobre elas(motivações repercussões, etc.)

Anexo XI: Roteiro individualizado professor Carlos

- 1.) Como eram os professores primários?
- 2.) O professor Sebastião deu aula para você em que séries? Falar sobre este professor
- 3.) Por quantas greves passou? Datas? Falar um pouco sobre elas(motivações repercussões, etc.)
- 4.) *“E tinha uma coisa que acontecia comigo, eu sempre achei que ia ser professor. Sabia? Engraçado isso.”* . PERGUNTA: Desde quando surgiu esse desejo?
- 5.) Falar mais sobre:
 - 5.1) professores do colegial
 - 5.2) experiências relacionadas com a formação de professores.
- 6.) Como foi a sua experiência com a escola particular?

[Voltar sumário](#)

AUTORIZAÇÃO

Eu, SIDNEI LUIZ RIANI SENEME, denominado **entrevistado**, autorizo SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA, denominada **entrevistadora**, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP/Rio Claro, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, a utilizar, em sua Tese de Doutorado em Educação Matemática, os dados obtidos na entrevista realizada com a minha pessoa. A **entrevistadora**, garante ao **entrevistado**, a possibilidade de efetivar correções de informações e/ou acréscimos de detalhes não ditos durante a entrevista propriamente dita, via leitura da transcrição da fita k-7 (que contém a fala do **entrevistado**). A **entrevistadora** entende, ainda, que a manutenção deste direito será imprescindível para a preservação da privacidade do **entrevistado**. E, se um dos itens arrolados anteriormente não for respeitado, e o **entrevistado** entender que a sua privacidade não foi preservada, o mesmo poderá embargar a transcrição e a entrevista, impedindo que estas compareçam na Tese de Doutorado da **entrevistadora**.

Rio Claro - SP, 08 de out. de 2002.

.....
Entrevistado

.....
Entrevistadora

AUTORIZAÇÃO

Eu, AMÉRIS DE LOURDES VITI BETTI , denominada **entrevistada**, autorizo SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA, denominada **entrevistadora**, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP/Rio Claro, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, a utilizar, em sua Tese de Doutorado em Educação Matemática, os dados obtidos na entrevista realizada com a minha pessoa. A **entrevistadora**, garante a **entrevistada**, a possibilidade de efetivar correções de informações e/ou acréscimos de detalhes não ditos durante a entrevista propriamente dita, via leitura da transcrição da fita k-7(que contém a fala da **entrevistada**). A **entrevistadora** entende, ainda, que a manutenção deste direito será imprescindível para a preservação da privacidade da **entrevistada**. E, se um dos itens arrolados anteriormente não for respeitado, e a **entrevistada** entender que a sua privacidade não foi preservada, a mesma poderá embargar a transcrição e a entrevista, impedindo que estas compareçam na Tese de Doutorado da **entrevistadora**.

Rio Claro - SP, 02 de abril de 2002.

.....
Améris de Lourdes Viti Betti
Entrevistada

.....
Sílvia Regina Vieira da Silva
Entrevistadora

AUTORIZAÇÃO

Eu, CARLOS ALBERTO FRANCISCO, denominado **entrevistado**, autorizo SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA, denominada **entrevistadora**, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP/Rio Claro, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, a utilizar, em sua Tese de Doutorado em Educação Matemática, os dados obtidos na entrevista realizada com a minha pessoa. A **entrevistadora**, garante ao **entrevistado**, a possibilidade de efetivar correções de informações e/ou acréscimos de detalhes não ditos durante a entrevista propriamente dita, via leitura da transcrição da fita k-7 (que contém a fala do **entrevistado**). A **entrevistadora** entende, ainda, que a manutenção deste direito será imprescindível para a preservação da privacidade do **entrevistado**. E, se um dos itens arrolados anteriormente não for respeitado, e o **entrevistado** entender que a sua privacidade não foi preservada, o mesmo poderá embargar a transcrição e a entrevista, impedindo que estas compareçam na Tese de Doutorado da **entrevistadora**.

Rio Claro - SP, 17 de Outubro de 2002.

.....
Entrevistado

.....
SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA
Entrevistadora

AUTORIZAÇÃO

Eu, CLARA BETANHO LEITE , denominada **entrevistada**, autorizo SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA, denominada **entrevistadora**, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP/Rio Claro, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, a utilizar, em sua Tese de Doutorado em Educação Matemática, os dados obtidos na entrevista realizada com a minha pessoa. A **entrevistadora**, garante a **entrevistada**, a possibilidade de efetivar correções de informações e/ou acréscimos de detalhes não ditos durante a entrevista propriamente dita, via leitura da transcrição da fita k-7(que contém a fala da **entrevistada**). A **entrevistadora** entende, ainda, que a manutenção deste direito será imprescindível para a preservação da privacidade da **entrevistada**. E, se um dos itens arrolados anteriormente não for respeitado, e a **entrevistada** entender que a sua privacidade não foi preservada, a mesma poderá embargar a transcrição e a entrevista, impedindo que estas compareçam na Tese de Doutorado da **entrevistadora**.

Rio Claro - SP, 23 de abril de 2002.

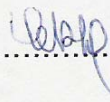
Clara Betanho Leite
Entrevistada

Silvia Regina Vieira da Silva
Entrevistadora

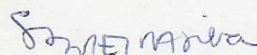
AUTORIZAÇÃO

Eu, CLODOALDO PEREIRA LEITE, denominado **entrevistado**, autorizo SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA, denominada **entrevistadora**, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP/Rio Claro, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, a utilizar, em sua Tese de Doutorado em Educação Matemática, os dados obtidos na entrevista realizada com a minha pessoa. A **entrevistadora**, garante ao **entrevistado**, a possibilidade de efetivar correções de informações e/ou acréscimos de detalhes não ditos durante a entrevista propriamente dita, via leitura da transcrição da fita k-7 (que contém a fala do **entrevistado**). A **entrevistadora** entende, ainda, que a manutenção deste direito será imprescindível para a preservação da privacidade do **entrevistado**. E, se um dos itens arrolados anteriormente não for respeitado, e o **entrevistado** entender que a sua privacidade não foi preservada, o mesmo poderá embargar a transcrição e a entrevista, impedindo que estas compareçam na Tese de Doutorado da **entrevistadora**.

Rio Claro - SP, 03 de abril de 2002.



.....
Entrevistado



.....
Entrevistadora

AUTORIZAÇÃO

Eu, LÍGIA MARIA VENTURI GIANNOTTI, denominada **entrevistada**, autorizo SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA, denominada **entrevistadora**, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP/Rio Claro, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, a utilizar, em sua Tese de Doutorado em Educação Matemática, os dados obtidos na entrevista realizada com a minha pessoa. A **entrevistadora**, garante a **entrevistada**, a possibilidade de efetivar correções de informações e/ou acréscimos de detalhes não ditos durante a entrevista propriamente dita, via leitura da transcrição da fita k-7 (que contém a fala da **entrevistada**). A **entrevistadora** entende, ainda, que a manutenção deste direito será imprescindível para a preservação da privacidade da **entrevistada**. E, se um dos itens arrolados anteriormente não for respeitado, e a **entrevistada** entender que a sua privacidade não foi preservada, a mesma poderá embargar a transcrição e a entrevista, impedindo que estas compareçam na Tese de Doutorado da **entrevistadora**.

Rio Claro - SP, 02 de Abril de 2002.

.....
Lígia Maria Venturi Giannotti
Entrevistada

.....
Sílvia Regina Vieira da Silva
Entrevistadora

AUTORIZAÇÃO

Eu, MARIA SILVIA ISLER, denominada **entrevistada**, autorizo SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA, denominada **entrevistadora**, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP/Rio Claro, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, a utilizar, em sua Tese de Doutorado em Educação Matemática, os dados obtidos na entrevista realizada com a minha pessoa. A **entrevistadora**, garante a **entrevistada**, a possibilidade de efetivar correções de informações e/ou acréscimos de detalhes não ditos durante a entrevista propriamente dita, via leitura da transcrição da fita k-7(que contém a fala da **entrevistada**). A **entrevistadora** entende, ainda, que a manutenção deste direito será imprescindível para a preservação da privacidade da **entrevistada**. E, se um dos itens arrolados anteriormente não for respeitado, e a **entrevistada** entender que a sua privacidade não foi preservada, a mesma poderá embargar a transcrição e a entrevista, impedindo que estas compareçam na Tese de Doutorado da **entrevistadora**.

Rio Claro - SP, 26 de outubro de 2002.

..... Maria Silvia Isler

Entrevistada

..... Sandra Vieira

Entrevistadora

AUTORIZAÇÃO

Eu, PATRÍCIA ROSANA LINARDI, denominada **entrevistada**, autorizo SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA, denominada **entrevistadora**, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP/Rio Claro, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, a utilizar, em sua Tese de Doutorado em Educação Matemática, os dados obtidos na entrevista realizada com a minha pessoa. A **entrevistadora**, garante a **entrevistada**, a possibilidade de efetivar correções de informações e/ou acréscimos de detalhes não ditos durante a entrevista propriamente dita, via leitura da transcrição da fita k-7 (que contém a fala da **entrevistada**). A **entrevistadora** entende, ainda, que a manutenção deste direito será imprescindível para a preservação da privacidade da **entrevistada**. E, se um dos itens arrolados anteriormente não for respeitado, e a **entrevistada** entender que a sua privacidade não foi preservada, a mesma poderá embargar a transcrição e a entrevista, impedindo que estas compareçam na Tese de Doutorado da **entrevistadora**.

Rio Claro - SP, 05 de AGOSTO de 2002.

Patricia Rosana Linardi
.....
Entrevistada

Silvia Regina Vieira da Silva
.....
Entrevistadora

AUTORIZAÇÃO

Eu, SÉRGIO PEDROSO, denominado **entrevistado**, autorizo SILVIA REGINA VIEIRA DA SILVA, denominada **entrevistadora**, aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da UNESP/Rio Claro, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza, a utilizar, em sua Tese de Doutorado em Educação Matemática, os dados obtidos na entrevista realizada com a minha pessoa. A **entrevistadora**, garante ao **entrevistado**, a possibilidade de efetivar correções de informações e/ou acréscimos de detalhes não ditos durante a entrevista propriamente dita, via leitura da transcrição da fita k-7(que contém a fala do **entrevistado**). A **entrevistadora** entende, ainda, que a manutenção deste direito será imprescindível para a preservação da privacidade do **entrevistado**. E, se um dos itens arrolados anteriormente não for respeitado, e o **entrevistado** entender que a sua privacidade não foi preservada, o mesmo poderá embargar a transcrição e a entrevista, impedindo que estas compareçam na Tese de Doutorado da **entrevistadora**.

Rio Claro - SP, 09 de abril de 2002.

.....
Sergio S. Pedrosa
Entrevistado

.....
Sonia Regina da Silva
Entrevistadora

CONVÊNIO: MEC-PREMEN-DEF/UNESP-IGCE - Departamento de Matemática e Estatística.

PROJETO: Novos Materiais para o ensino de Geometria (5ª a 8ª séries).

DIRETOR:

Mário Tourasse Teixeira

COORDENADOR

Luiz Roberto Dante

EQUIPE DE ELABORAÇÃO:

Améris de Lourdes Vitti Betti

Anízio Perissinoto Júnior

Carmem Luiza Peña Gonzales

Clodoaldo Pereira Leite

Eurides Alves de Oliveira

Geraldo Perez

Luiz Antonio Rodrigues

Luiz Roberto Dante

Maria Lúcia L. Wodewotzki

Mário Tourasse Teixeira

Rut de Rogatis Ceron

Sérgio Pedroso

DESENHOS: Maria Elid Bertoni

Departamento de Matemática e Estatística
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
UNESP-CAMPUS DE RIO CLARO
13.500 - Rio Claro - SP.

2 Aprender de cor

É sabido que o ponto crucial de todo empreendimento educacional ou de pesquisa científica é o elemento humano, o professor ou o cientista. É deles que, em primeiro lugar, e fundamentalmente, dependemos para impelir para a frente a educação nacional e as nossas fronteiras da ciência e da tecnologia. Para obtermos os frutos de uma nova reforma educacional, dependemos de bons professores e melhores cientistas. A nova orientação imprimida pelo GEEM apresenta outras conquistas importantes de caráter lógico e psicológico. Aprender de cor, sem compreender, e exigir essa receita para crianças ou jovens, não constitui recomendação didática para professores de matemática, ou de qualquer outra disciplina ou área de estudo de nossas escolas, evidentemente. Foi para tais atitudes que impedem a plena realização mental e emocional de nossos alunos, que se desenvolveram grupos de Estudos do Ensino de Matemática — GEEM, apontando novos e surpreendentes aspectos da nova matemática, em consonância com os grupos de estudos americanos (SCHOOL MATHEMATICS STUDY GROUP—MSG, University of Illinois Committee on School Mathematics—UICSM...) e comissões europeias sob liderança de famosos matemáticos como GATTENO, L. FELIX, STEINER, PAPY os quais lançaram os fundamentos desse movimento renovador do ensino da Matemática.

Em São Paulo

Em São Paulo, a partir de 1962, o Grupo de Estudos do Ensino de Matemática foi precursor dessa nova orientação, demonstrando aos professores secundários, aos pedagogos em geral, alguns dos aspectos mais importantes da nova Matemática que despontava com riqueza de sugestões e possibilidades de libertação mental de nossas crianças e jovens. Era a nova compreensão de que a Matemática, como qualquer outra ciência, jamais poderia ser compreendida como um corpo de conhecimento complexo, acabado nos seus fins e meios; ao contrário, os resultados demonstrados pelo grupo nascente na capital paulista,



São Paulo

FOLHA ILUSTRADA

2ª FOLHA DE S. PAULO

São Paulo, sábado, 25 de setembro de 1971

matemática moderna em



DESENVOLVIMENTO — Prof. Oswaldo Sangiorgi manipulando os famosos "jogos lógicos" do Prof. Dienes que constituem a maior fonte do desenvolvimento do raciocínio lógico da criança

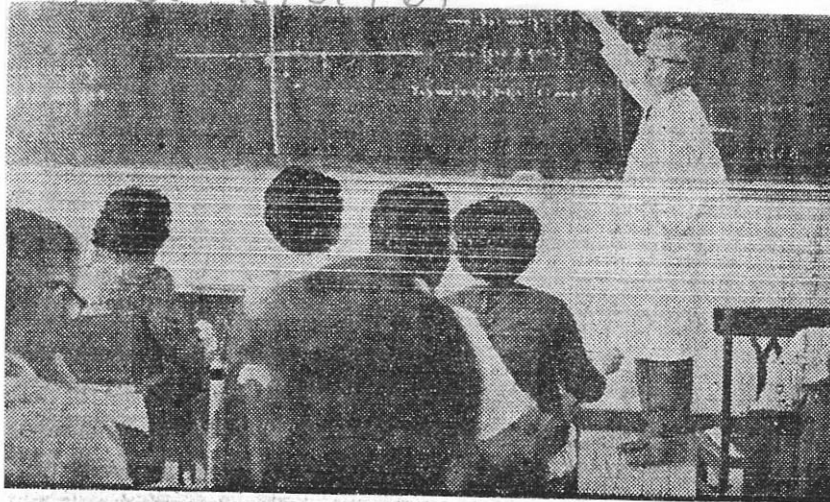


1 — Cooperação — Os jogos (material concreto) e o trabalho em equipe (troca de idéias) facilitam a tarefa do observador.



2 — INTERAÇÃO — A noção a estudar se apresenta sob forma de diferentes situações concretas e de jogo de regras estritas

3 — INTERPENETRAÇÃO — aprendizagem da Matemática da Língua e das Artes Plásticas



Na Universidade Mackenzie, professores ensinam a professores matemática moderna

Matemática moderna em curso de férias

Novo Curso de Férias de Matemática Moderna está sendo ministrado, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Mackenzie, a professores brasileiros e do exterior, pelo Grupo de Estudos do Ensino da Matemática (GEEM), coordenado pelo professor Osvaldo Sangiorgi.

O curso, em dois estágios, destina-se aos que se estão iniciando nas novas técnicas de ensino da Matemática, e àqueles que se estão aperfeiçoando nesse campo.

O PRIMEIRO

No primeiro estágio os professores, em regime de tempo integral, fazem exercícios e trabalham em grupos, sob orientação. Para esses grupos já falaram vários conferencistas, especialmente convidados, como os profs. Omar Catunda (sobre o ensino da Geometria Moderna) e Douglas Belomo (sobre probabilidades).

Entre os participantes estão o sr. Evaldo Behrmann, professor de Português, que pretende adaptar as estruturas matemáticas às estruturas gramaticais. Há também uma professora do Pará, que veio com os dois filhinhos.

POR IDADE

A idade dos participantes do primeiro estágio é de 22 a 30 anos, do 2.º estágio de 25 a 30. Neste segundo estágio há um professor português, Francisco da Costa Felix, formado pela Universidade de

Lisboa e com curso de aperfeiçoamento em Londres. Interessa-se pela Matemática Moderna para melhor compreensão da Lógica e da Filosofia.

Os cursos do GEEM foram criados em São Paulo em outubro de 1961. As atividades didáticas começaram em 1962, através de convenios com o Ministério da Educação e Cultura, que os adotou como modelo. Professores do GEEM dão cursos de inverno em outros Estados.

O atual curso está sendo ministrado, no primeiro estágio, pelos profs. Benedito Castrucci, René Charlier, Osvaldo Sangiorgi, Lucila Bechara, Douglas P. Bellomo, Clara Betanho Leite e Silvio de Lima Nepomuceno. No segundo estágio, pelos profs. Irineu Bicudo, J. H. Jacy Monteiro, Carlos Callioli, Albert Hoppmann, Alesio De Caroli, Renate Watanabe e José Bezerra Leite. No segundo estágio ensinam-se os seguintes tópicos: Álgebra Moderna, Matrizes, Álgebra Linear, Topologia e Introdução

10 anos de

J.PENTEADO

Completa dez anos de atividades ininterruptas de ensino e renovação da Matemática no meio educacional do país, o GRUPO DE ESTUDOS DE ENSINO DA MATEMÁTICA — GEEM, de São Paulo. Representa um marco que vem propiciando, nesse período de tempo, condições para não só reformular o ensino daquela disciplina, mas o professor, peça fundamental nesse processo renovador. É o grupo pioneiro em toda a América Latina na reformulação do ensino dessa importante área escolar, talvez um dos fatores essenciais do progresso e da sobrevivência das nações modernas no sistema de competição internacional por mercados e influências.

Se quisermos sobreviver, realmente, como nação in dependente nesse gigantesco sistema competitivo mundial, com independência de atitudes, a mais promissora forma de aumentar o capital humano empregado pelo país será o estímulo que se faça e o apoio que se der ao desenvolvimento de iniciativas educacionais científicas e sérias do porte do GEEM, pois representará a garantia de aumento crescente do pensamento criativo de nossa juventude, de nossas práticas educacionais ainda tão tradicionais.

Grupo Pioneiro

Como movimento renovador, o GEEM serviu de base ao progresso do ensino da Matemática, despertando em todo território nacional novos centros semelhantes de estudos, atingindo atualmente a expressiva cifra de mais de 10.000 professores identificados, através de cursos de aperfeiçoamento, com os princípios e as diretrizes metodológicas adotadas nesse campo de transformação da técnica de pensar e de dirigir o pensamento lógico e matemático de nossas crianças e jovens. Mas esta atividade, que tem muito de apostolar, que exige pertinácia, sacrifício individual, desprendimento e alto espírito de investigação científica, não se concretizou, de modo admirável, nesse longo período, senão com o empenho de professores dedicados e treinados constantemente no estudo e na pesquisa em nível verdadeiramente universitário.

CONT DO 2

tência de novas e surpreendentes formas de compreender os conceitos matemáticos, contando agora com a colaboração de psicólogos, pedagogos, matemáticos de variada especialização, lógicos, todos enfim de formação científica e renome universitário nas suas especialidades. Reestruturaram nosso universo de compreensão, e por ser criativa a mensagem, seus efeitos estão aí: milhares de professores com nova orientação didática para o ensino da Matemática, auxiliados por rica literatura, deixando longa e velha aritmética de Trajano e o aprendizado insuportável que abrangia mais memorização, mecanização de conceitos, com problemas insolúveis e cada vez mais difíceis, num processo dedutivo de ensinar e não aprender que contrariava a própria estrutura e desenvolvimento natural da mente humana. Não era sem razão, que deveria existir muito de autenticidade no aluno considerado "muito inteligente", como registram as crônicas da vida escolar, quando não estudava... O novo quadro pedagógico vem criando condições para o treinamento e a formação de ambiente para a criatividade, nível que está exigindo o máximo de prioridade nas grandes e poderosas nações do mundo moderno e que, por isso mesmo, deveria merecer a mais séria e decidida consideração por parte de nossas autoridades públicas e instituições privadas, interessadas no ensino e na produtividade social.

Os fundadores

Na abertura desse novo caminho, participaram desde os primeiros momentos, os profs. Omar Catunda, Abrão de Moraes, Benedito Castruoci, L. H. Jacy Monteiro, Renate Watanabe, Willie Maurer, Zeno Georgean, Francisco Hoffmann, Alcides Boscolo, Ubiratan D'Ambrosi, Leonidas Hegenberg, Douglas Bellomo Volpe, Camilo Rambaud,



Clara Betagno, Mario Omura, Migual Feitosa, Luiz Mauro Rocha, Manhúcia Liberman, Anna Franchi, R. Freitas, Almerindo Bastos, Joel Martins, Domingos Viegiani, Luiz Magalhães Araujo, Geraldo Pascon, Silvio de Lima Nepumoceno, Arnot Crespo, Paulo Rage Zaher, Rubens Zapatter, Myho Dobashi, Osvaldo Guimarães, Thiago Lendro e numerosos outros em vários Estados do país.

O professor Dienes

Como um dos pontos altos das comemorações dos dez anos de atividades do Grupo de Estudos do Ensino da Matemática de São Paulo, é a visita que, a convite desse mesmo Grupo, fará o matemático e psicólogo, nascido na Hungria, Z. DIENES, atual diretor do CENTRO DE PESQUISAS PSICO-MATEMÁTICA da Universidade de SHERBROOKE, Canadá. Ensinou matemática na Universidade de Londres, onde veio a se doutorar. Foi professor da Universidade de Southampton, quando então começou a ampliar seu interesse pela matemática pura e para o estudo da lógica e da psicologia, detendo-se mais particularmente nos problemas da cognição. Participante ativo do movimento renovador do ensino da Matemática, o prof. Dienes realizou cursos nas Universidades de Harvard e Columbia, nos Estados Unidos e Adelaide, na Austrália, onde realizou interessantes experiências com crianças de 6 a 11 anos, de grande repercussão nos meios pedagógicos. Sua estada em São Paulo compreenderá também numa série de experiências ao vivo sobre suas pesquisas sobre a aquisição da lógica pelas crianças de poucos anos, a introdução do número, partindo das propriedades dos conjuntos e como se pode conduzir a aluno à noção de potência e suas indicações para aplicações práticas dos números nas situações que implicam medidas de comprimento, de peso, da capacidade, de tempo, de superfície e, ao mesmo tempo, a iniciação à geometria. Esses exercícios práticos, como observa o Prof. Dienes, em um de seus livros já traduzidos pela Editora Herder, ele os denomina de "jogos", experiências que provocarão modificações radicais nos programas de ensino. Na realidade, espera que os professores se esforcem para mudar a "situação de ensinar" (teaching situation) tradicional em "situação de aprender" (learning situation). Boa parte do trabalho que fundamenta sua pedagogia da matemática é executada por crianças trabalhando em grupinhos, e

também individualmente. Dessa maneira, o matemático, "double" de pedagogo e de psicólogo, que ora nos visita, cria condições para que as crianças sejam incentivadas naturalmente para aprender a matemática por ela mesma e não para "brilhar ou suplantá-las" seus colegas de curso nos resultados.

Essa maravilhosa pedagogia em que a criança não deve "receber um ensino", mas "aprender", "adquirir por seu próprio esforço", por tentativas, como faz o aprendiz em relação a seu "futuro ofício", merecerá de nós um novo comentário.

Cursos

O GEEM, de São Paulo, como início de suas

comemorações de dez anos de aniversário, está convidando seus associados e todos os interessados para as palestras e demonstrações que o Prof. Dienes fará em São Paulo. Serão realizadas na Universidade Mackenzie, pela manhã, nos dias 4, 5 e 6 de outubro próximo: à tarde, no Colégio Dante Alighieri e no Colégio Santa Cruz, havendo algumas sessões, nos dias 5 e 6, às 17.30, na U.S.P. As inscrições para todas as sessões de estudos, a serem realizadas pelo professor visitante, podem ser feitas na sede do GEEM, na Universidade MACKENZIE, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, até o próximo dia 30 do corrente, das 10 h às 12 h e das 12 h às 18 h; e nas 4ªs e 6ªs feiras, das 20h às 21 h 30.



Cooperação — Prof. ZOLTAN P. DIENES, Diretor do CENTRO DE PESQUISAS EM PSICO-MATEMÁTICA, da Faculdade de Ciências da Universidade de SHERBROOKE

PREMEN - MEC/IMECC - UNICAMP
Projeto: Novos Materiais para o Ensino da Matemática

Projeto Financiado com recursos do projeto prioritário
nº 34 do Plano Setorial de Educação 1972 - 1974.

Diretor:

Ubiratan D'Ambrósio

Versão experimental elaborada por:

Afira Vianna Ripper
Almerindo Marques Bastos (coordenador)
Luiz Roberto Dante
Maria Aparecida Mendonça Jordão

Maria Célia Garbi
Maria José Piason Breglio
Marineusa Gazzetta Soares
Renato Alvares Scanavini

Versão definitiva elaborada por:

Afira Vianna Ripper
Clodoaldo Pereira Leite
Divina Aparecida de Aquino
Gilberto Luis Moraes Selber
Yeda Nice Gonçalves
Luiz Roberto Dante

Maria Aparecida Mendonça Jordão
Maria Célia Garbi
Maria José Piason Breglio
Maria Luiza do Prado Zamanon
Marineusa Gazzetta Soares
(coordenadora)

Desenho da capa:

Darius Augustus Corbett Jr.

Composição e Artes:

AM Produções Gráficas Ltda.

IMECC — UNICAMP
C.P. 1170
13.100 Campinas — S.P.